

BRENDA REID

A Casa da Poeira e dos Sonhos



Lafonte



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Sumário

[Sinopse](#)

[DIVINA](#)

[ILHA DE CRETA, Grécia](#)

[VERÃO DE 1936](#)

[Anthi](#)

[Divina](#)

[Anthi](#)

[Divina](#)

[Anthi](#)

[Divina](#)

[Anthi](#)

[Divina](#)

[Anthi](#)

[Divina](#)

[Anthi](#)

[Divina](#)

[Anthi](#)

[Divina](#)

[Anthi](#)

[Divina](#)

[Anthi](#)

[Divina](#)

[Anthi](#)

[Divina](#)

[Anthi](#)

[Divina](#)

[Anthi](#)

[Divina](#)

[Anthi](#)

[Divina](#)

[Anthi](#)

[Divina](#)

[Anthi](#)

[Divina](#)

[Anthi](#)

[Divina](#)

[Anthi](#)

[Divina](#)

[Epílogo](#)

[Ruratoga, próximo a Auckland, Nova Zelândia](#)

[JANEIRO DE 1972](#)

[Anthi](#)

Sinopse

Uma casa em ruínas, o mundo em guerra... num pequeno vilarejo, tudo o que ela realmente precisava para viver. Um jovem diplomata inglês e sua esposa são transferidos para Atenas. Hugh adora o estilo de vida glamoroso da embaixada, mas sua esposa começa a ficar cansada da rotina de festas intermináveis e eventos sociais. Quando ele é enviado a Creta para resolver uma questão política, o casal muda para uma casa decadente, de propriedade da família dele. Evadne logo se apaixona pela ilha e pelos moradores locais e decide continuar lá mesmo depois que o marido retorna a Atenas. Enquanto tenta reformar a casa que está caindo aos pedaços, ela inicia uma sólida amizade com Anthi, uma moça do povoado, e com Christo, um jovem empreiteiro que se torna um parceiro na tarefa de recuperar a casa. Mas as nuvens escuras da guerra estão se aproximando, e a pacífica ilha vai se tornar palco de violência nos dias que virão.

Sem nada a perder, todos acabam tomando novas atitudes em relação ao amor e à amizade como se aquela fosse a última oportunidade da vida deles...

Onde estão suas tardes despreocupadas, suas manhãs resplandecentes com a luz do sol? Suas fontes, seus campanários ao crepúsculo, suas igrejas esmaecidas sob o luar? Onde estão suas casas brancas agora, seus ventos suaves e suas águas, Suas alegres multidões no verão, seus filhos e filhas bronzeados? Um único momento ardente queimou a todos eles, quando telhados e paredes foram despedaçados, E os lançou numa espiral flamejante ao céu e às portas do Paraíso...

... Deixem-nos viver juntos e em paz numa segunda era de ouro, Com honra, liberdade, renome e sabedoria, como os famosos gregos de outrora!

George Psychoundakis
The Cretan Runner

DIVINA

ILHA DE CRETA, Grécia

VERÃO DE 1936

Vi a velha casa dos Orfanoudakis pela primeira vez numa tarde quente, ensolarada, quando só se ouviam o coxar de um sapo solitário e o canto das cigarras. A aldeia ao nosso redor dormia. Tínhamos levado uma semana para chegar à ilha, vindo de Atenas num hidroavião. E depois mais cinco horas enveredando por uma trilha estreita montanha acima, com o mar de Creta aos nossos pés. Vencemos o último trecho do percurso numa carroça puxada por um jumento, conduzida pelo pescador Petros.

Acompanhavam-nos a mãe do pescador, dois de seus seis filhos e um caixote cheio de galinhas cacarejantes. Ao pararmos na praça da aldeia, Petros apontou para a casa, a casa da família de Hugh, uma construção majestosa que dominava uma fileira de moradias pequeninas e brancas, cujas janelas se assemelhavam a buracos de ratos. Subi os degraus da rua larga correndo e me detive diante da edificação.

Estava dilapidada, sim, mas com certeza nada que não pudesse ser consertado. Encantada, virei-me para Hugh, porém ele lutava com a bagagem.

A moeda de prata que subitamente surgiu em sua mão arrancou abraços, beijos e gritos acolhedores de “*Kalos orisate*” do pescador e de sua família.

Voltei depressa para ajudar meu marido, mas meus préstimos foram rechaçados com um aceno.

— Venha ver, é linda! — gritei, entusiasmada, observando-o esfalfar-se com o peso das malas, o rosto afogueado coberto de suor. — De fato é velha — prossegui. — Acho que continua como na época de seu avô.

— Bisavô — ele murmurou, ofegante.

Abraçando a mim mesma, eu pulava de pura alegria, e tanto que meu chapéu de palha caiu e rolou rua abaixo.

De repente, Hugh, ainda arfante, estava ao meu lado.

— Deus do céu, Evadne, não podemos ficar aqui. Este lugar é uma ruína! Olhei para as venezianas ao longo da fachada do terraço, sem quaisquer resquícios de tinta e dependuradas num ângulo precário. A porta da frente, no entanto, ostentando uma única dobradiça, me dava as boas-vindas, assim como os gerânios vermelhos que floresciam numa enorme ânfora de pedra na sacada do segundo andar.

— Oh, não seja um pessimista ranzinza. Uma demão de tinta, alguns pregos, e pronto.

Com um suspiro desanimado, ele pôs a bagagem no chão.

— Esta, Evadne, deveria ser a nossa lua de mel. Estamos casados há dois anos e nunca tivemos um tempo só para nós. E agora você vem dizer-me que devo começar a martelar e pintar? — Bem, Petros disse que não há hotéis por aqui, portanto é melhor fazermos o melhor possível diante das circunstâncias, não? De qualquer maneira, aposto que o interior é magnífico.

Aos meus olhos, pelo menos, já era.

Os degraus até a porta da frente, gastos pelo tempo, estavam cobertos de ervas daninhas escuras, e das rachaduras brotava um capim amarelado.

Resistindo a todas as minhas tentativas de ajudá-lo, Hugh, vermelho devido ao esforço e movido por uma teimosa determinação, venceu os degraus lentamente. Ao cruzar a soleira da porta, de pedras lascadas e quebradas, um tremor estranho e pungente me sacudiu. O sol brilhava radiante, todavia, dentro do imenso cômodo, reinava a penumbra e o frescor. Os raios solares, filtrados pelas venezianas das janelas, lançavam uma luz quase romântica sobre o recinto, de modo que por alguns instantes aquela sala, a despeito de suas vigas desmoronando e paredes brancas desmantelando-se, revelou-se repleta de todos os sonhos que eu já havia tido e, acredito, dos que ainda viria a ter.

Abri caminho por entre pedaços de palha, restos de ninhos de pássaros e montanhas de pó. Ali jaziam as lembranças de vidas vividas em sua plenitude, e, no entanto, somente as cigarras lá fora pareciam vivas.

Esta manhã, foram os mosquitos que me acordaram, com seu zumbido insistente, execrável e lamuriento. Estendo o braço para o lado, os lençóis ainda quentes e úmidos por causa do calor da noite, e só deparo com o vazio. Nenhum corpo ocupa o espaço.

Aos tropeções, levanto-me e subo a escada instável, usando uma corda como corrimão. Do terraço, avisto os primeiros sinais da aurora irromper no céu.

Também avisto Hugh numa espreguiçadeira ao ar livre, a cabeça inclinada para trás, a boca aberta, o ronco suave quebrando o silêncio. Preciso de apenas um segundo para tirar a camisola e me enfiar no vestido que usei ontem, jogado no chão junto com os outros. Nada de guarda-roupa.

Graças a Deus pelo piso de pedra... Nada de tábuas rangendo enquanto me esgueiro de casa. De vez em quando paro e agoço os ouvidos; os roncoss continuam leves e regulares. Meu marido consegue dormir em qualquer lugar. Recordo-me, num baile da embaixada, de encontrá-lo encostado numa parede do salão, rodeado de senhoras tagarelas que nem se tinham dado conta de que ele já não lhes prestava atenção.

Faz dez dias que subimos a trilha na montanha, e para mim cada dia foi um prazer. Os aldeões nos abriram os braços e os corações. Creio que, pela primeira vez na vida, sinto-me verdadeiramente em casa. No início, éramos apenas uma curiosidade. Ninguém aqui na ilha tinha visto alguém inglês antes. Eles pelejaram

com nossos nomes, mas logo foram derrotados por “Hugh” e “Evadne”, e acabamos virando “You” e “Divina”.

Ri-me disso, embora meu marido reagisse com uma ponta de rabugice.

— Essa gente deveria saber que Evadne era uma deusa grega! Lembrei-me do que ele havia me contado: tratava-se da filha de Poseidon, detalhe que todos ali demonstravam ignorar.

— Aparentemente, não nesta parte de Creta.

— Deve ser o jeito como eles conseguem pronunciar. Não acredito, nem por um momento, que a estejam chamando de “Divina”. Apenas soa assim.

Quanto a mim, ficaria bastante satisfeito com um simples “sr. e sra. Timberlake”.

Acho que qualquer pessoa de fora, mesmo de outra ilha, é alvo de comentários e motivo de assombro. Alguns dias atrás, uma vizinha largou a vassoura e me pegou pelo braço.

— Atenas? — Irini indagou. — Você veio de Atenas? — Quando expliquei que de fato eu tinha morado lá, ela roçou a manga do meu vestido.

— Igual ao da minha sobrinha, que visitou Atenas uma vez.

Embora ainda seja bem cedo, não estou sozinha ao subir a trilha, pois inúmeros aldeões também se encontram a caminho de suas hortas nos limites do povoado, e me cumprimentam alegremente: *Yiassou, Kalimera*.

Com um ou outro, troco comentários sobre o tempo, apesar de até então este permanecer imutável: sempre límpido e ensolarado. A cada passo, o céu se aclara um pouco, e no horizonte já despontam os primeiros raios de sol.

Estará quente daqui uma hora, e daqui a três o calor será insuportável.

A estrada onde fica nossa casa avança íngreme, a despeito dos degraus largos, dando voltas e mais voltas. Perto do topo, ergue-se um *kafenion* denominado Il Piperia, o pátio à sombra da enorme e vetusta pimenteira, justificando o nome do estabelecimento.

Este é o único pedaço da ilha que Hugh parece apreciar.

Meu marido senta-se com os homens para jogar cartas, gamão e, desprezando o café típico da ilha, doce e encorpado, farta-se do vinho local, ou *raki*. Para mim, a bebida tem gosto de xarope para tosse. Certa vez sugeri acompanhá-lo e acabei repelida com zombaria: — Somente homens, minha cara. É um clube estritamente masculino.

E lá se foi ele, sem notar que toda mulher por quem passava fitava horrorizada suas pernas nuas e se benzia freneticamente três vezes, como se tivesse cruzado com o capeta.

Um pouco mais adiante, a estrada bifurca-se em direção à escola e então serpenteia por outras regiões. Conforme a descrição de Petros, um agrupamento de casas constitui a parte elevada da aldeia, Pano Panagia, quase fechada em si mesma, encarapitada acima de todo o resto como que mantendo um olhar

vigilante. Então há Mesa, a parte central, de longe a mais extensa, onde nossa casa se encontra fincada numa das extremidades. Mais embaixo fica Kato, firmemente plantada no sopé da colina. Contemplo o que me cerca com prazer. Dois grandes feixes de montanhas circundam esse paraíso, as encostas se estendendo suavemente. Cada curvatura na terra é como uma carícia, cada pedaço de paisagem emoldurado por ciprestes e oliveiras.

Ao chegarmos aqui, vindo da embaixada em Atenas, eu já me havia apaixonado pela ilha. E nesta aldeia, Panagia Sta.

Perivolia, e na casa antiga na qual nos instalamos, encontrei um lugar que desejava chamar de lar.

Entretanto, ontem Hugh recebeu uma carta perguntando como gostaríamos de regressar a Atenas: de balsa ou de hidroavião? E eu não quero ir embora.

Em Atenas, e na embaixada, parece não existir outro assunto a não ser a guerra e o chanceler alemão, Hitler. Num instante ele é um amigo, no outro, o inimigo. Aqui na aldeia, a vida é bem mais simples, regulada apenas pelo sol e pela lua, pelas estações e pelas colheitas. Tenho me empenhado em conversar com alguns vizinhos e sei que, se tivesse a oportunidade, poderia conhecê-los de verdade, ser feliz aqui, mas Hugh mal pode esperar para voltar à sucessão de festas e recepções que deixamos para trás. Ele ama aquilo tudo.

Estou nas colinas agora. Ainda não é possível divisar a aldeia lá embaixo, e o sol já resplandece no céu. Será um dia muito, muito quente.

Vem-me à cabeça que eu deveria ter trazido um chapéu segundos antes de tropeçar numa pedra escondida sob um arbusto espesso. Desabo no chão.

Uma queda horrível e desajeitada. Torço o tornozelo.

Oh, caramba! Procuo me levantar e torno a cair. Meu tornozelo está luxado.

Consigo me pôr de quatro e espiar os arredores. Encontro-me numa das antigas trilhas de cabras que salpicam esses montes. Não obstante, apesar de minha vista alcançar quilômetros, não há sinal de ninguém. Não tenho ideia de onde estou. Esforço-me para calcular há quanto tempo estava andando. Uma hora? Mais? E em qual direção fica a aldeia? Os pássaros cantam, e ao longe, em algum lugar, tilinta a sineta de um rebanho de cabras.

— Olá, olá! Tem alguém aí? Porém, quem diabos iria escutar aquele guincho mixuruca? Torno a gritar por socorro, dessa vez em grego.

— *Atrape mou!* — Repito, tão alto quanto sou capaz: — *Atrape!* — De novo afundo-me no desespero. — Oh, diabos, maldição, será que ninguém vai me *atrape?* O sol me castiga. Estou zozna e enjoada devido à queda.

Sinto-me assustada e sozinha, à beira do pânico.

E então:

— Olá! — Após breve pausa, soa a mesma voz, saída do nada: — Onde você está? Um milagre. Há alguém por perto, e falou em inglês! Ergo o braço o máximo possível e aceno.

— Olá! — grito. — Estou aqui! Vejo-a correr na minha direção e deter-se, perplexa.

— *Panagia mou!* Não tenho certeza se chamar pela Virgem Maria irá me ajudar muito agora, penso. Mas pelo menos ela está ali.

É uma moça jovem, provavelmente da minha idade, porém pequenina.

De constituição atarracada, tem um rosto vivaz, radiante, a pele bronzeada e as faces rosadas características de quem passa bastante tempo ao ar livre.

Sua figura imediatamente me lembra de uma das estudantes de enfermagem que treinei, cujo riso fácil alegrava o dia de todos.

Conversamos num misto de grego e inglês e, a despeito da tontura, sorrio.

— Desculpe, não sei seu nome. Ninguém na ilha fala inglês.

Como você conhece o idioma? — Anthi — ela responde. — Forma abreviada de Rodianthi.

Explicarei sobre o inglês depois. E você é Divina, não? Todo mundo a conhece.

Uma onda de vertigem me engolfa e baixo a cabeça, pressionando-a entre as pernas.

— Você fica aqui. Vou deixá-la por alguns minutos para buscar meu cavalo. Ele está amarrado mais no alto na montanha.

— Você vai voltar, não vai? Anthi permanece muito ereta, imóvel.

— Você ainda não me conhece, Divina. Quando me conhecer, saberá que nunca quebro minha palavra.

— Você é um anjo. Espero que possamos vir a ser amigas.

Pareceu uma eternidade, mas provavelmente Anthi não levou mais de vinte minutos até retornar, o cavalo e as cabras gravitando ao seu redor.

Estou com os olhos fechados, procurando proteger o rosto do sol.

— Divina? Levanto a cabeça. Anthi tira seu chapéu de palha e tenta colocá-lo em mim. Tarefa difícil, pois meus cabelos são anelados e rebeldes e, com o calor, espetam-se em todas as direções.

— Cubra o rosto com o chapéu, se não conseguir fazê-lo parar na cabeça. Você já está ficando queimada. — Ela tira um pesado fardo de capim da sela e o joga no chão de qualquer jeito.

— Desculpe-me, mas suas cabras estão me atacando! — E enquanto a jovem se apressa a afugentá-las, uma delas começa a comer meu vestido e outra a lambem meu pé esfomeadamente.

— Sinto muito — diz Anthi, quando os animais se afastam, as sinetas tocando. Ambas desatamos a rir.

Por fim, com sua ajuda, ponho-me na sela. Anthi acomoda-se na garupa.

— *Entax?* — pergunta ela. — Tudo bem? — *Entax.* — Tudo. Quase.

E assim voltamos para casa, eu me sentindo bem mais confortável do que se estivesse sozinha.

Não conversamos muito a caminho de sua casa. Imagino que Divina esteja sentindo dor, embora não reclame, pois, ao segurar as rédeas ao seu redor, noto-a rígida. O suor escorre-me aos borbotões pelo rosto e pescoço, ensopando o algodão fino de minha roupa. Apesar de seus protestos, obrigo-a a usar o chapéu. Ela precisa de orientação sobre como se vestir neste clima; sem chapéu, com um vestido delicado de linho, com camadas sobrepostas em tons suaves de verde e cinza, além de uma anágua de seda. Tudo muito bonito, sem dúvida, e com certeza caro, mas inadequado para um passeio nas colinas num dia como o de hoje.

Olho-a, essa estranha, e no entanto aparentemente maravilhosa criatura, a quem chamam de Divina, como alguém saído de uma fábula para as colinas de Panagia. Os cabelos brilhantes, dourado-avermelhados, emolduram-lhe as faces numa cascata de ondas e cachos. Deve ser difícil penteá-los.

Creio que é um pouco mais velha que eu, porém tem uma aparência jovem.

Seus olhos, que me fitam de vez em quando, são da cor da grama tenra da primavera. Tem pernas e braços longos. A despeito de toda a elegância, reparo que as mãos agarradas ao cabeçote da sela são ásperas, mãos que trabalham.

Da praça da aldeia, e do pequeno salão que funciona como nosso centro comunitário, cavalgamos até os degraus que conduzem à casa de Divina. Tão logo fazemos a curva, vejo a figura esguia de seu marido, e, ao nos aproximarmos, noto a ansiedade toldar a fisionomia bonita. Atrás dele estão os irmãos Kanavakis, Spiro e Katis, dois dos maiores bebedores de *raki* do vilarejo.

Ambos compõem um contraste esquisito com o inglês alto e loiro, como pastores morenos e gordos junto a uma estatueta de porcelana. Ele desce os degraus correndo, sinalizando para os outros o seguirem.

— Minha querida, o que aconteceu? Os três pelem, desajeitadamente, para apeá-la do cavalo.

— Sinto-me uma verdadeira tola — diz Divina —, mas tropecei e torci o tornozelo. Provavelmente teria morrido se Anthi não tivesse me resgatado.

O marido a carrega para casa e ela me sorri. Já tem um aspecto melhor, só de se encontrar nos braços dele.

— Venha, Anthi, precisamos de uma bebida. Nós a merecemos! Amarro Astrapé na rua e subo os degraus.

Creio ter estado na velha casa dos Orfanoudakis quando criança, contudo esta permaneceu vazia e fechada durante anos.

Ninguém na aldeia demonstra conhecer sua história. Sabe-se apenas que pertencia a uns ingleses que agora iriam habitá-la.

Deixo escapar um suspiro ao entrar; a sensação é de que me embrenhei numa

caverna, tamanha a penumbra e o bolor, tão grande o frescor depois do calor intenso lá fora. O cômodo onde estamos é imenso. Quase não enxergo a prensa de lagar no outro extremo do aposento e o que talvez sejam móveis empilhados num canto, além de uma camada de pó, que parece centenária, levantar-se a cada um de nossos passos. À medida que meus olhos se acostumam às sombras, percebo a beleza desvanecida existente ali, a qual o riso de Divina é capaz de trazer à vida.

O pé-direito alto é sustentado por vigas, atravessadas por ripas de bambu que apresentam rachaduras, o estuque despregado movendo-se gentilmente ao sabor da brisa. A poeira provoca cócegas no meu nariz, e disparo a espirrar.

O inglês a quem ela chama de “You” sorri ao depositá-la cuidadosamente numa cama de campanha num canto do salão.

— Vejo que você está chocada — o marido comenta —, mas minha mulher insiste que fiquemos aqui, no meio dos escombros.

— Pare de reclamar e prepare um café para nós. Sirva conhaque para nossos convidados também.

Os irmãos Kanavakis, lançando olhares embaraçados em minha direção, despedem-se com uma reverência apressada e voam para a porta, murmurando “até logo”. Creio que já beberam conhaque sufi ciente ali pela manhã e estão prontos para alguns tragos extras na Piperia. Com a partida de ambos, sinto-me estranhamente sozinha. Existe uma intimidade tácita entre esse casal de ingleses. Enquanto se movimenta pela cozinha improvisada, ele conversa com a esposa por sobre o ombro.

You é bonito, com os cabelos claros caindo sobre os olhos e o rosto barbeado. Não estou acostumada a isso. Mas o realmente esquisito são suas calças curtas, pela altura dos joelhos, expondo as canelas. Como eu nunca vi as pernas nuas de um homem antes, viro-me rapidamente, enrubescendo.

Meu marido, Manolis, se despe no escuro, ou às vezes dorme vestido. Sem dúvida, nenhum grego usaria uma calça tão reveladora.

Sento-me no chão, perto de Divina, e You nos serve conhaque em xícaras. De súbito dou-me conta de que passei a maior parte da manhã fora e tenho tarefas me aguardando.

Engulo o conhaque e levanto-me. Divina segura minha mão.

— Prometa-me que voltará em breve? — Voltarei. Voltarei mesmo.

Cavalgo na direção do horizonte azul e ensolarado. As aves marinhas estão voejando para o interior da ilha. Avisto a aldeia lá embaixo, abrigada na encosta da montanha.

Gosto dessa moça, Divina, espero que fique conosco. Já não é mais possível enxergar sua casa, somente a fileira de ciprestes das redondezas.

Aquelas árvores foram plantadas por meu tataravô e sempre me fazem pensar em meu pai, pois ele as amava. Ainda sinto muito a sua falta. Meu pai gostaria de

Divina. Sei que sim.

Lembro-me de, aos oito anos, ouvi-lo, certa noite, dizer à minha mãe que eu era especial... diferente... não só de meu irmão e irmã, mas de todas as outras crianças do vilarejo. Interessada, recorro-me de prestar atenção na conversa.

— Ela sabia ler aos quatro anos — argumentou meu avô. — E com cinco já fazia contas. Isso é especial.

Minha mãe retrucou algo, que não consegui escutar, e riu.

Meu pai trovejou, veemente: — Nunca! Aquela menina permanecerá na escola. Irá para a faculdade em Heraklion, se estiver ao nosso alcance. Viajará pelo mundo. Será uma mulher orgulhosa de si. Você e Ririca (minha irmã) lhe confeccionarão um enxoval, caso Anthi o deseje.

Ela fará coisas melhores do que qualquer um de nós.

No entanto, quando eu tinha dez anos meu pai morreu, e seus sonhos morreram junto com ele. Minha mãe e meu tio me arranjaram o que julgavam um bom casamento quando completei dezesseis anos. Tornei-me esposa de Manolis Manadakis aos dezessete, mãe de Despina aos dezoito, meu filho Constantinos nasceu depois de somente seis meses e meio na minha barriga e então, aos vinte e um, dei à luz minha linda Voula.

Estou em casa agora e, ao passar pelo cômodo dos animais, a porta balança perigosamente, forçando a dobradiça quebrada.

Há semanas peço a Manolis para consertá-la. Hum! Quando o inferno congelar! Desmonto, a sensibilidade entre as pernas me incomodando. Massageio-me delicadamente. Meu marido estava bêbado ontem à noite, e a lembrança de suas investidas violentas ainda me dói.

Deve haver maneiras melhores de demonstrar amor do que provocar tamanho desconforto. Pelo menos sinto-me limpa.

Aprendi a me levantar tão logo ele acaba e me lavar, eliminando todos os vestígios de sua porcaria.

Manolis já está roncando mal sai de cima de mim, e se eu tomar tais cuidados não haverá mais bebês.

Cheguei muito tarde a casa. Os longos dias de verão, quando não ajudo na escola, são preciosos. Não estou acostumada à ociosidade. Após terminar de pôr as abelhas nas colmeias, buscarei Despina e Voula. Ambas foram até a casa da vizinha, Maria, brincar com a filha dela, Athena. Voula é pequenina demais para brincar, mas adora a companhia da irmã.

Com certeza já deve estar com fome, querendo mamar.

Como se presentindo minha presença, ouço-a chorar.

Entro rapidamente na casa de Maria e seguro-a no colo. Seus olhinhos escuros me fitam, seus lábios se entreabrem num sorriso. Vou levá-la para perto das abelhas e alimentá-la sob as oliveiras.

Suas formas roliças, suaves e cálidas, são como um pedacinho do céu em meus

braços; o cheirinho de bebê, os cachos de seus cabelos, escuros e sedosos, e aqueles olhos aveludados, os quais eu poderia admirar o dia inteiro.

Sou bem-aventurada por ter minhas meninas; ambas vieram ao mundo rindo, um riso que dá a impressão de nunca cessar. Até Manolis, quando sóbrio, se queda a contemplá-las, como se abismado por essas belezinhas serem o resultado de sua cópula colérica entre os lençóis molhados com seu suor.

Ao me inclinar sobre Despina, meu chapéu, socado na minha cabeça, cai no chão. Apanho-o e aspiro um perfume tênue, delicado. Divina! Lembro-me dos cabelos dourados dela, tão diferentes dos meus, que parecem uma maçaroca espetada. Na época em que me casei, comparavam-se a uma grinalda reluzente. Agora ostentam fios brancos. Vinte e dois anos de idade e com cabelos iguais aos de minha avó! Enquanto caminho até as colmeias, recordo-me de como eu era rechonchuda na época do meu casamento, com curvas fartas e arredondadas, e como meu noivo demonstrava apreciá-las. Mas não tardei a aprender a me transformar naquilo que ele não gostava, a fim de ser deixada em paz.

Portanto, atualmente assemelho-me mais a uma cenoura que a um pêssego; meu corpo é rijo, firme, esguio. Prefiro-o assim, com músculos devido ao trabalho, e macio... bem... hum...

flácido... na região do abdômen, por causa das gestações. Meu corpo, meus cabelos, meus pensamentos e meu coração, esses são meus. Esta é quem eu sou.

Divina

— Mulherzinha engraçada.

— É só o que você tem a dizer? Pois eu a achei especial, e ela realmente me salvou a vida. Se não fosse por Anthi, eu ainda estaria caída numa encosta da montanha, esturricada pelo sol.

Hugh atravessa a sala com passos largos e me dá um tapinha gentil na cabeça.

— Oh, querida, por favor, não se exalte. Fiquei preocupado, sim, mas o que eu poderia fazer? Além de não ter nenhuma ideia do rumo que você tinha tomado, ambos sabemos que a enfureceria se eu sáísse correndo à sua procura. — Seu olhar, meigo e carinhoso, suplica por compreensão e perdão.

— Por favor, vamos para casa.

Ele está literalmente de joelhos agora, com um desespero silencioso estampado no rosto.

— Casa? Onde é nossa casa? — indago suavemente, percebendo o quanto a simples ideia de sair dali, daquela aldeia, o anima.

E é este o problema, que às vezes parece pequeno, apenas uma divergência insignificante entre nós; e em outras revela-se imensuravelmente grande.

Não quero regressar a Atenas e à vida na embaixada. Meu marido, sim.

Esta bela casa antiga, aninhada na encosta da colina, com suas pedras banhadas pelo sol que se derrama sobre as montanhas e o mar de Creta, é exatamente onde desejo estar.

Vejo-a no futuro, adornada por tapetes e tapeçarias, decorada com mobiliário antigo e confortável, e crianças enchendo seus aposentos de risos.

Hugh a vê somente como a ruína que é agora. Não enxerga nada além dos buracos no telhado. As vigas do teto, que vislumbro cobertas pelo azul profundo e vívido da nova pintura, ele vê apenas como verdadeiras arapucas, prestes a despencar a qualquer instante. Da varanda, contemplo o mar calmo e penso em nadar, enquanto Hugh olha para baixo e vê a perigosa trilha de jumentos como a única rota de saída.

Reconheço que precisamos tomar uma decisão em breve.

Estremeço ante a perspectiva de retornar à vida na Embaixada Inglesa em Atenas, supostamente nosso lar.

Tínhamos chegado à Grécia um ano antes, após um curto período servindo em Paris, e me dediquei a tudo o que se esperava da mulher de um diplomata. Aprendi grego. Frequentei reuniões e chás na companhia de outras esposas. Participei de debates infundáveis sobre cabeleireiros e costureiras.

Na realidade, estava tão entediada que por um triz não fugi de lá.

Li todos os livros da biblioteca da embaixada... hum... bem, não exatamente... passei batido pela prateleira onde ficavam os manuais de carros.

O grau de excitação entre as esposas atingiu o clímax por ocasião da abdicação do rei. A mulherada se reuniu ao redor do rádio para escutar o discurso à nação, proferido do Castelo Windsor, tagarelando feito maritacas.

De fato, fazia dias que sabíamos que a renúncia aconteceria, de modo que achei difícil partilhar tamanha empolgação.

Também abundavam as incessantes especulações sobre Wallis Simpson: seus cabelos, roupas, sapatos, a linha da cintura.

Tudo isso me fez sentir a mais pavorosa das esnobes, como se fosse, de alguma maneira, melhor do que minhas colegas, o que simplesmente não é verdade. Entristece-me, sinceramente, termos tão pouco em comum.

Eu adoraria possuir uma amiga. Para começar, nenhuma delas nunca trabalhou.

Nunca, jamais, ganhou o próprio dinheiro. Bem, Nancy, mulher de Malcolm Fitzwilliam, acompanhou uma tia-avó idosa numa viagem ao Peloponeso no ano anterior ao seu casamento, mas não creio que isso conte.

Quando destacaram meu marido para vir a Creta a fim de resolver algumas manifestações que andavam ocorrendo junto ao túmulo de Venizelos, nas cercanias de Chania, acreditei que minhas preces haviam sido atendidas. A princípio ele cogitou empreender a viagem sozinho, mas receio que, diante do meu estardalhaço, resolveu me trazer também.

O rei pedira auxílio ao embaixador inglês numa situação potencialmente complicada, e coubera a Hugh a importante tarefa de conduzir uma manobra política para o rei, que havia regressado pouco tempo antes ao país depois de doze anos no exílio. Pensar em nós dois... em mim, pelo menos... envolvidos no mundo real me empolgou. Era o que eu sempre tinha sonhado que faríamos.

Infelizmente, uma mera esposa não passava de um pequeno estorvo — “Despache-a para as compras, ou para bater pernas num museu. Depois mande-a ao salão de beleza e depois almoçar”. Mas eu tinha vontade de me integrar, ou pelo menos de entender o que acontecia ao meu redor. Antes de deixarmos Atenas, li tudo o que me caiu nas mãos sobre a história contemporânea do país. Sabia da importância de Venizelos, morto pouco antes e enterrado ali, em Creta, a ilha onde nascera.

Comecei a perceber a tensão existente no ar quando tocavam no nome dele, o homem que tentara transformar a Grécia numa democracia, mas que deparara com a forte oposição dos monarquistas e travara acirrados embates com o general

Metaxas, comandante escolhido pelo rei. Gostei do jeito do tal Venizelos, e quando disse isso a Hugh, a reação dele foi fria.

— Não se envolva com coisas que lhe escapam à compreensão, querida — admoestou.

Na realidade, eu me julgava mais entendedora do assunto do que alguns de seus colegas, porém, naturalmente, não comentei nada. As opiniões de uma mulher

são tidas como de pouca ou nenhuma importância. Foxy, por exemplo, parecia intrigado por Venizelos ter sido enterrado tão depressa.

— Seria de se imaginar que a uma pessoa de tal importância fosse concedido um enterro de chefe de Estado — eu o ouvi comentar com meu marido certa noite, quando jogavam sinuca na embaixada.

— É uma época perigosa, meu velho — retrucou Hugh, acertando a bola vermelha do outro. (Lembrei-me de permanecer em silêncio e não dar mostras de que tinha notado a jogada. Só se tolerava a presença feminina no salão de jogos por condescendência.) — Não se esqueça de que até recentemente os comunistas detinham o equilíbrio do poder aqui. O importante agora é manter o povo feliz. Não levá-lo a recordar de como Venizelos era um bom camarada. Todas aquelas reformas sociais que ele empreendeu já constituem um memorial sufi ciente, não? Proporcione-lhe um funeral grandioso no centro de Atenas e corre-se o risco de que a situação saia do controle.

Já é bastante ruim tê-lo enfiado em Creta, onde continua causando problemas da sepultura. E quanto a você, minha cara, sem muitas perguntas.

Pelo menos iremos embora logo. Com sorte, resolveremos o assunto rapidamente e teremos a lua de mel que ainda não conseguimos desfrutar.

Eu ansiava por algum tempo sozinhos. Algum tempo para dedicarmos um ao outro, sem a intromissão de reuniões, festas ou jantares. Obviamente, não cabe a mim ressaltar o fato, pois meu marido ficaria magoado. Hugh ama a vida em Atenas e passa a maior parte de suas horas jogando, porém ele continua sendo meu amado e, com certeza, sempre será.

Não obstante, ao alcançarmos Chania o problema revelou-se mais ou menos solucionado, de forma que decidimos viajar pela ilha e visitar a antiga casa que pertencia à família dele fazia muito tempo. Um dos irmãos do avô de Hugh tinha se casado com uma herdeira grega, dona de duas residências em Thessaloniki e uma em Creta. Como viajar era muito mais difícil antigamente, nunca puseram os pés aqui. Imagine só! Um casal ocupara a propriedade durante anos, em tese para cuidar de sua conservação, e quando ambos morreram, o local permaneceu fechado, desmoronando lentamente, até agora. Como Hugh não tinha irmãos, acabou herdando o imóvel. Que sorte a nossa! Desde que entrei ali pela primeira vez, me senti feliz, como se aquela fosse a minha casa, o meu lugar.

Depois de Atenas, onde a vida girava em torno de uma sucessão infundável de formalidades, chegar à ilha foi como chegar ao paraíso, para mim. Os moradores são maravilhosamente acolhedores e amáveis. Existe muita pobreza fora das cidades, mas aonde quer que fôssemos, cobriam-nos de presentes; o que possuíam devia ser partilhado com os visitantes.

Ah, e a beleza das colinas ao nosso redor? Creta só passou a fazer parte da Grécia há cerca de vinte anos, uma costa voltada para os Bálcãs, e outra para o lado árabe da África.

E vê-se a história descompromissada em cada pedra e pilastra rachada.

Ao redor de cada esquina, não somente flores de perfume adocicado, mas também alguma fenda repentina sobre um calçamento da antiguidade, preservado Deus sabe por quanto tempo, enquanto rebanhos de cabras o calcam com as patas.

— Ajude-me a levantar e ir para o terraço. Aposto que nos sentiremos melhor contemplando o mar.

Hugh praticamente se desdobra entre me arrastar e me carregar para fora. Foi penoso, mais do que supus a princípio, pois meu braço também está bastante dolorido. Contudo, ainda que de um jeito improvisado, achamo-nos ao ar livre agora.

Encontro-me numa das espreguiçadeiras entalhadas, e meu marido num banco duro, de espaldar alto, que dá a impressão de ser tremendamente desconfortável. Virando-se, ele sorri para mim, um daqueles seus sorrisos especiais, e embora esteja sentindo dor, retribuo o sorriso.

— Melhor assim, não? Você poderia me fazer a gentileza de trazer uma aspirina para mim? Dali a uma hora, continuávamos no terraço. A dor tinha passado, e Hugh cochilava.

A primeira vez que o vi, ele estava dormindo. Bem, não exatamente dormindo, mas sim inconsciente, sendo levado do centro cirúrgico para a enfermaria do hospital onde eu trabalhava. Enquanto empurravam a maca, reparei que seus pés estavam para fora. O dr. Timpson Carter tinha lhe extraído o apêndice, e o paciente ficaria sob meus cuidados no decorrer dos próximos dez dias.

— Um, dois, três — contaram os auxiliares de enfermagem antes de erguê-lo e colocá-lo na cama, sem que seus pés tampouco se encaixassem bem.

A enfermeira-chefe não tardaria a aparecer e ficaria furiosa se a enfermaria, ou qualquer um dos pacientes, não estivessem em ordem. Por mais que tentasse, eu simplesmente nunca conseguia fazer nada certo aos olhos dela.

Eu era uma das enfermeiras mais jovens no Greenbridge Hospital, e sem dúvida a enfermeira-chefe participara da comissão que me havia selecionado.

Aliás, não entendo por quê, pois parece que ela só enxerga defeitos em mim. Eu havia passado em todas as provas do primeiro ano e amava minha profissão. Entretanto, estava longe de ser impecável e certinha como minha chefe gostaria. Na realidade, nunca me julguei muito boa em nada. Cresci à sombra de minha irmã perfeita. Sou desajeitada, enquanto Daphne é elegante. Meus cabelos são ruivos e ondulados, e os dela, castanhos e sedosos. Se na minha pele as sardas surgem ao primeiro indicio de verão, a de minha irmã conserva sempre o aspecto de porcelana, com um leve toque rosado.

Em qualquer esporte sou um desastre, e dou a impressão de ter dois pés esquerdos e joelhos tortos ao dançar, ou seja, uma causa perdida. A melhor coisa que me aconteceu foi ter sido enviada para o colégio interno.

Em Maple House, conheci uma porção de meninas comuns e imperfeitas, e finalmente me senti integrada. Nunca mais voltei a morar em casa, o que gerou um certo alívio, já que eu não ficaria mais lá plantada, à toa, sem receber convites para festas ou bailes.

Após a morte de meu pai, minha mãe tinha ainda menos tempo para nós. Membro de vários comitês de instituições beneficentes, ela constantemente promovia bazares e feiras.

Organizadora regional das atividades da Cruz Vermelha, achava que um bando de estranhos em qualquer salão de igreja tinha sempre necessidades maiores do que as minhas.

— Para pessoas como nós, o dever nunca está concluído — ela dizia.

— É o esperado de alguém na minha posição. Minha vida não me pertence.

Intimamente, eu me perguntava a quem pertenceria...

definitivamente, não a mim.

Minha mãe sempre parecia estar andando na direção oposta à minha, sempre para longe de mim. Eu a chamava, ela olhava por sobre o ombro, às vezes sorria, mas seguia em frente.

Lembro-me de que era um belo dia de primavera quando Hugh Timberlake entrou em minha vida. A maioria dos pacientes da enfermaria era composta por pessoas idosas, variando entre os mal-humorados e enfadados aos realmente infelizes e lamurientos. Hugh não se enquadrava em nenhuma das categorias. O engraçado é que demorei a prestar atenção nele e, quando o fiz, percebi como era bonito. Tinha cabelos claros e revoltos, que ameaçavam cair-lhe nos olhos, nariz reto, clássico, e a pele era levemente bronzada, como se ele se expusesse ao sol com frequência. Um homem muito atraente.

Reuni as anotações e as coloquei no prontuário aos pés da cama. Hugh Timberlake: até o nome dele era romântico. Notando- o falar com dificuldade, aproximei-me e me inclinei para ouvi-lo.

— Desculpe, enfermeira, acho que vou...

E antes de terminar a frase, ele vomitou em meu jaleco limpo. Eu estava tão absorta mergulhando nas profundezas daqueles olhos verdes que me esqueci completamente de uma das primeiras regras básicas da enfermagem: sempre se acerque de um paciente no pós-operatório com uma bacia. E eis que ali estavam a enfermeira-chefe e a irmã de caridade. Eu me aprumei, ajeitando o lençol delicadamente. Eu era mais alta que elas, e sabia que isso as contrariava muito.

— Que sujeira é essa, Tyler? Aprume-se, menina! — Como num colégio de meninos, tratavam-nos pelo sobrenome.

— Desculpem-me, irmã... senhora... — murmurei, endireitando os ombros e os joelhos.

A enfermeira-chefe arqueou uma sobrancelha e a madre balançou a cabeça antes de se afastar.

Manter-se limpa e arrumada, assim como todo o ambiente da enfermaria, constituía um dos quesitos principais, de suma importância, para as enfermeiras. E era exatamente onde eu tropeçava, dia após dia. Se havia um pouco de sangue ou vômito por perto, os vestígios sempre apontavam para mim. Certa vez, na enfermaria de ginecologia, uma comadre emborcou.

Naquele momento, eu estava a metros de distância, mas posso jurar que a urina se esgueirou e escorreu direto para meu avental limpo. O fato é que apareceu uma mancha amarelada no tecido, e não consigo pensar em outra explicação para ela ter surgido ali.

Também enfrentei problemas com meus cabelos, ruivos e rebeldes.

Mesmo quando os prendo no alto da cabeça com uma batelada de grampos sob a touca engomada — aquele semicírculo austero de linho ao qual damos forma todas as manhãs — eles escapolem e eu acabo com fios grudados no rosto, ou pior, voejando pela enfermaria. Resolvi cortá-los, mas de nada adiantou, pelo contrário. Parece que ficaram ainda mais espetados.

Os pacientes caçoam de mim constantemente. Numa ocasião, um deles encontrou um grampo no fundo da xícara em que havia tomado chocolate quente.

Com as minhas mãos tudo bem, embora elas sempre pareçam grandes demais para mim.

— Suas mãos são a parte mais graciosa do seu corpo, Evadne — minha mãe costumava dizer, com desespero na voz.

Devo ser mesmo muito sem graça, refleti, olhando meus dedos compridos e largos, se isto é mais bonito que o meu rosto.

Hugh Timberlake permaneceu duas semanas hospitalizado e quase não passou um único momento sozinho. Estava sempre rodeado de mulheres.

Algumas eram enfermeiras. Muitas vinham de outras alas quando a mãe não estava por perto, só para vê-lo. Era raro ter pacientes jovens, bonitos e com todos os dentes originais, internados no Greenbridge. Já as visitantes, jovens e lindas, vinham em bandos e flutuavam ao redor dele feito borboletas. A enfermeira encarregada precisava tocar o sino, que indicava o fim do horário de visita, umas três ou quatro vezes antes que as moças finalmente resolvessem ir embora, acenando com as mãos de unhas bem-tratadas, lançando beijinhos com os lábios impecavelmente recobertos por batom, e os vestidos de boa qualidade e bom gosto farfalhando faceiramente.

Certo dia, a mãe veio visitá-lo. Sabia que era a mãe, porque ele a apresentou a mim. Sentada ao lado da cama, ela ficou o tempo todo segurando a mão dele.

— Mãe, esta é a enfermeira Tyler.

Fiquei vermelha. Não imaginava que Hugh Timberlake soubesse meu nome.

Encantadora, ela sorriu ao apertar minha mão e agradecer por cuidar tão bem de seu filho.

Tornei a enrubescer, claro, e comentei que era apenas uma dentre muitas. Minha mãe a consideraria uma mulher bonita. Era muito parecida com o filho, os mesmos olhos verdes, o sorriso simpático. Depois da morte do marido, ela voltara a se casar e agora morava na Irlanda. Fora à Inglaterra resolver algumas questões familiares e aproveitara para ver o filho antes de regressar à Irlanda no dia seguinte. Ela ficou lá até o último minuto das duas horas de visita, e beijou Hugh na testa antes de partir.

— O marido dela cria cavalos — Hugh me explicou na manhã seguinte, enquanto eu trocava os lençóis da cama. — E tem cara de cavalo também. Não entendo o que minha mãe viu naquele sujeito. Ela ficou arrasada quando meu pai morreu. Foi tão injusto... Ele lutou e sobreviveu à guerra, para depois morrer de complicações de uma gripe. Um verdadeiro herói. Era major do regimento East Surrey e foi condecorado com a Cruz George na batalha de Ypres. E agora ela está casada com esse sujeito maçante.

— Talvez sua mãe precise de companhia. Devia estar se sentindo só.

— Sabe que eu nunca pensei nisso? Que perspicácia a sua.

Provavelmente você tem razão. Eu estava longe, em Winchester, portanto ela não tinha ninguém para conversar.

Quando eu era escalada para o turno da noite, Hugh Timberlake às vezes me persuadia a me demorar alguns momentos junto de sua cama e conversávamos baixinho. Até que, uma noite, ele falou: — Vou sair daqui amanhã de manhã, e ainda não sei seu primeiro nome.

— Evadne — murmurei, ciente de que ele estava sorrindo.

— É um belo nome. Evadne, filha de Poseidon, o deus dos mares. Você sabia? — Não — sussurrei, refletindo que nunca mais esqueceria.

E então fiquei ocupada na noite seguinte, e claro que quando fui lá ele já tinha ido embora, e um padre idoso e mal-encarado tinha tomado seu lugar, usando um colarinho de clérigo sobre a gola do pijama e com um grande crucifixo na cabeceira da cama.

Cerca de uma semana depois, fui com Maisie, uma das outras enfermeiras, tomar chá no Copper Kettle, na Greenbridge High Street. Uma regalia para nós, pois costumávamos frequentar restaurantes populares.

Estávamos nos deliciando com sanduíches de pepino, quando Maisie olhou por sobre o meu ombro, na direção da entrada, e prendeu o fôlego, arqueando as sobrancelhas.

— Não olhe agora — advertiu ela —, mas aquele paciente acabou de entrar. O bonitão, que tem um monte de amigas.

Gelei, sem coragem de me virar. Só conseguia pensar que, graças a Deus, estava usando um vestido de minha irmã e meias decentes. Ele passou rente a nós, quase roçando na minha cadeira, e sentou-se a uma mesa do outro lado do salão. Sozinho.

A garçonete levou o cardápio para ele, descartado de imediato. Escutei-o dizer: — Só quero uma xícara de chá, por favor. Darjeeling, se tiver.

Ele deu um de seus sorrisos encantadores e a jovem se afastou depressa, ruborizada e agitada. Nesse momento, Hugh Timberlake nos avistou.

— Ele está acenando — sussurrou Maisie. — O que devemos fazer? Enquanto hesitávamos, vi-o levantar-se e caminhar na nossa direção.

— Olá, meninas. Que surpresa agradável! Posso lhes fazer companhia? Antes que me ocorresse algo para responder, Maisie já estava de pé, vermelha como um pimentão.

— Aqui, sente-se na minha cadeira. Tenho uma aula de anatomia em vinte minutos.

E ela partiu, deixando antes um xelim sobre a mesa.

Juro que não consigo me lembrar de nada do que conversamos naquela tarde. Só sei que meia hora se passou em um segundo, até um gritinho estridente ecoar atrás de mim.

— Hugh, querido! — esganiçou uma linda moça. — Eu sinto tanto! Eu me atrasei muito? — Num instante ele estava de pé, os braços femininos enlaçando-o pelo pescoço. — Desculpe, desculpe, meu anjo...

Não consegui ouvir o resto, porque estava ocupada demais tentando me levantar sem derrubar a pequena cadeira dourada.

— Sente-se aqui — ofereci, sentindo o rosto arder. — Eu já estou de saída.

Encontrava-me a caminho da porta, quando a garçonete me abordou.

— Desculpe-me, senhorita, são um xelim e nove *pence*, se não se importar.

De algum jeito, consegui enfim escapar dali. Hugh insistiu em pagar para mim e Maisie, argumentando que minha amiga já havia deixado um xelim.

Caminhei pela Greenbridge High Street numa espécie de torpor. Que ridículo pensar que aquilo poderia significar algo! Hugh fora apenas educado, conversando comigo enquanto esperava a namorada. Procurei não pensar mais nele, e à medida que os dias transcorriam entre horas de sono e noites trabalhando, concentrei-me nas provas que se aproximavam.

Certo dia, a madre me puxou pelo braço quando meu turno estava para começar.

— Arrumei um trabalho para você, Tyler. Auxiliar a brigada St. John amanhã à tarde. Acontecerá uma festividade ao ar livre na propriedade de lady Troutbeck, uma espécie de festival — esclareceu ela, frente ao meu espanto. — Há falta de pessoal para trabalhar. Geralmente eles nos fazem doações vultosas no Natal, portanto a enfermeira-chefe a liberou. Alguém irá buscá-la às duas horas na residência das enfermeiras.

Antes que me ocorresse uma pergunta, descobri-me alvo de um daqueles olhares terríveis, medindo-me de alto a baixo.

— Procure se apresentar decentemente, sim? Uniforme limpo, inclusive os punhos das mangas. E pelo amor de Deus, penteie o cabelo! Na tarde do dia

seguinte, eu me encontrava longe da minha melhor forma. Sabia que, pela manhã, tinha passado de raspão numa importante prova oral sobre fraturas. Sou péssima em ortopedia, e os dois examinadores, de cabelos grisalhos e fisionomias carrancudas, não se mostraram nem um pouco impressionados com meu desempenho.

Para completar, o padre tinha sofrido um acesso de vômito na noite anterior e fui obrigada a lavar e dar um jeito de secar meu uniforme às cinco e meia da manhã! Agora, faltando cinco minutos para as duas da tarde, ele continuava úmido e amarrotado, mas não me restou alternativa senão vesti-lo.

Com uma dúzia de grampos grandes, consegui prender os cabelos num arremedo de coque no alto da cabeça, mas quando me olhei no espelho notei que alguns fios já despencavam rumo ao pescoço. Provavelmente, quando eu chegasse ao meu destino, já estaria descabelada.

E então, por mais incrível que pareça, e por uma irônica obra do destino, deparei com Hugh Timberlake no hall. Ele sorriu ao me ver, e eu sorri também, sem jeito e lutando para prender os cabelos de novo.

— Você está esperando alguém? — achei que devia perguntar.

— Você — respondeu ele. — Estou esperando você.

Pega totalmente de surpresa, perguntei, com ar apalermado: — Eu? Você estava... esperando por mim? — Creio que é você quem vai trabalhar na tenda dos primeiros socorros no festival, não é? Vim buscá-la.

Ele fez uma mesura exagerada, me ofereceu o braço e me conduziu através da grande porta de carvalho.

Sendo ele vários centímetros mais alto que eu, peguei-me erguendo a cabeça para fitá-lo nos olhos. Um aroma ténue e excitante, um misto de charuto e água de colônia, emanava de seu corpo. E de sob os punhos da camisa imaculadamente branca, onde brilhavam abotoaduras de ouro, notei vestígios de pelos dourados, igualmente sedutores.

— Não tenho certeza se eu... — comecei, mas ele pôs um dedo em meus lábios e me levou até a calçada.

Estacionado junto ao meio-fio estava um sedã cinza-prata.

Ele abriu a porta do passageiro, e quando eu estava prestes a entrar no carro, a porta desprendeu-se, desabando no chão. No mesmo instante pensei que a culpa fosse minha.

— Oh, perdão...

Rindo, e aparentemente tranquilo, Hugh pegou a porta e a encaixou de volta nas dobradiças.

— Ela despenca pelo menos uma vez por semana. Este carro é uma lata velha.

Só então reparei nos amassados, arranhões e em alguns pontos com a pintura descascada no belo automóvel.

Envolto em uma nuvem de fumaça escura e malcheirosa, zarpamos da

residência das enfermeiras e subimos a Greenbridge High Street.

— Devo lhe contar a verdade, Evadne? Respondi com um movimento afirmativo da cabeça, o que foi um erro, pois meu coque acabou de se soltar de vez e meus cabelos caíram para todos os lados.

— Dora comentou que não havia pessoas suficientes para trabalhar na barraca de primeiros socorros. Então sugeri que telefonasse para o hospital e pedisse à amiga dela, a enfermeira- chefe, para lhe dar folga esta tarde.

— Por que eu? — perguntei, tentando desajeitadamente refazer o coque. Ao me lembrar de que havia deixado a touca em cima da cômoda, por pouco não desatei a chorar.

Por um brevíssimo momento, ele pôs a mão no meu joelho.

— Pare de se preocupar com o que quer que seja que a está preocupando e me dê um de seus belos sorrisos.

— Um dos meus belos sorrisos? — repeti, perplexa.

Hugh Timberlake riu.

— Você é uma criatura estranha, srta. Poseidon. Não tem a menor ideia de como é adorável, não é? Balancei a cabeça, atônita, e a última mecha de cabelos se libertou de um grampo de metal enorme, que voou direto para o colo do motorista.

Mal percebi a tarde passar, tão atordoada que estava. Dora revelou-se lady Troutbeck, na casa de quem Hugh estava hospedado quando adoecera e fora levado ao hospital.

Somente horas depois, quando me reuni às duas moças alegres e gorduchas da barraca de primeiros socorros, foi que me senti mais à vontade.

Juntas, abanamos e fizemos sentar senhoras idosas e desfalecidas necessitando de saís, aplicamos amônia em picadas de vespas e colocamos ataduras em crianças que caíam de balanços ou do carrossel.

À medida que a multidão foi se dispersando, o movimento em nossa pequena barraca por fim cessou. Com a intenção de me apresentar à anfitriã, Hugh me conduziu ao terraço. Recostada numa *chaise-longue* estofada com tecido listrado brilhante, lady Troutbeck, luxuosamente vestida numa profusão de seda colorida e agarrada a um copo vazio, lançou-me um sorriso vago enquanto continuava conversando com um grupo de moças bonitas que a rodeavam.

— Gim demais e *aquilo* de menos, creio eu — observou Hugh, levando-me até uma mesinha no gramado, agora quase deserto. — Espere aqui. Não se mova.

Minutos depois, ele reapareceu com duas taças de champanhe. Permanecemos ali uma eternidade, até quase o sol se pôr. De repente, dei-me conta da passagem do tempo.

Levantei-me de um salto.

— Tenho de voltar. Meu turno começa dentro de uma hora.

Hugh fora uma companhia envolvente, agradável e, mais do que qualquer coisa,

me fizera rir. Quer estivesse falando sobre seu trabalho como servidor público iniciante em Whitehall, ou sobre sua família, espalhada pelo mundo inteiro, ou sobre minha vida no hospital, tudo era alvo de seu humor refinado. Ele parecia tão à vontade consigo mesmo que, em instantes, eu me senti relaxada e feliz. Conforme acontecera nas longas noites no hospital, conversamos a respeito de assuntos sérios também.

Hugh estava trabalhando duro para ingressar no Ministério de Relações Exteriores e desejava trabalhar no exterior; almejava tomar parte do esforço para apresentar uma face positiva da Grã-Bretanha ocupando um cargo numa embaixada.

Segurando-me pelo braço, levou-me até o carro.

— Querida filha de Poseidon, quando a verei outra vez? — Durante as próximas duas semanas, estarei no turno da noite.

— Que tal amanhã à tarde, então? — Supostamente, eu deveria dormir durante o dia, ou...

— Amanhã à tarde, então. Você pode dormir pela manhã.

Irei buscá-la às duas horas. — Ao entrarmos no carro, dessa vez sem sobressaltos, ele acrescentou com um sorriso: — A propósito, gosto dos seus cabelos soltos.

A partir daquele dia, eu me encontrava com Hugh sempre que conseguia escapular do hospital. Estava vivendo num mundo curioso, dividida entre a vida e a morte: curativos e declínio, ou bailes e coquetéis. Correr de uma vida para outra, além de ser estranho para mim, provou-se exaustivo. Às vezes, ao chegar à residência das enfermeiras, quando praticamente me arrastava escada acima, eu me perguntava quanto tempo mais aguentaria aquela confusão antes de começar a dançar pela enfermaria com um copo na mão ou perguntar ao *maitre* do Claridges se sua barriga tinha sido aberta naquele dia.

Era como se Hugh tivesse me resgatado de uma existência maçante e previsível. Parecia que, longe de ser invisível, eu era notada, e até admirada.

E o mais importante de tudo: eu me esquecera de mim mesma. Já não ficava com os joelhos tortos ou os ombros caídos.

Estava tão ocupada olhando para o mundo, que não me lembrava de olhar para mim.

Fora esse o maior presente que Hugh me havia dado: eu mesma. Já não me importava apenas como os outros me viam.

Através dele, minha confiança crescera. Ele me dizia que eu era linda. Não demonstrava achar que minhas mãos fossem meu melhor atributo.

Em todos os lugares aonde íamos, encontrávamos conhecidos dele.

— Você tem tantos amigos — comentei certa noite, quando voltávamos em seu carro cinza-prata para a residência das enfermeiras.

Hugh ergueu a mão num gesto de desdém.

— Você ainda não conheceu meus amigos de verdade. Bem, Dora Troutbeck é uma companheira de fato.

Não sei por quê, mas me senti desconfortável. Pois não fora justamente Dora Troutbeck quem dera a impressão de não gostar de mim? Ela era sempre charmosa e amável, porém sob os trajes vistosos existia uma superfície rígida. Uma amêndoa açucarada, assim eu a imaginava; rosada ou amarelada por fora e dura por dentro. Costumávamos frequentar sua casa, constantemente cheia das pessoas resplandecentes que ela e Hugh adoravam.

Afastei os pensamentos, as dúvidas.

Aprendi a caminhar ereta, a contemplar o mundo ao meu redor e nele me perder. Não havia razão ou espaço para a vergonha ou o embaraço.

E nem por um segundo questioneei o que estava vivendo, não me perguntei se era o que eu queria. Por que o faria? Eu nunca havia considerado a felicidade no meu projeto para o futuro, jamais a tinha experimentado antes, e portanto só tinha que agradecer a Hugh por tudo o que estava vivendo.

E quando certa noite, sob o céu estrelado, ele me pediu em casamento, achei que não poderia existir alegria maior e respondi, sem pensar duas vezes: — Sim, claro!

— Falta muito para chegar, mamãe? A pergunta de Despina me pega de surpresa. Eu estava sonhando acordada, lembrando-me dos momentos passados na companhia de Divina na residência Orfanoudakis, alguns dias atrás, esperando que voltássemos a nos ver em breve.

— Você sabe que estamos chegando quando dá para ver nossa casa do alto da colina.

— Estou com calor, mamãe, muito calor. — Sua voz é pouco mais que um gemido.

Deixo escapar um suspiro, mas não me dou o trabalho de responder.

Voula está dormindo, amarrada num xale às minhas costas, e se o ritmo de minhas passadas se alterar por um segundo sequer, ela acordará e abrirá um berreiro, e isso seria demais da conta, porque aqui, a uma curta distância dos campos que deixamos para trás, não há sombra nem abrigo e não posso parar para amamentá-la no meio do caminho.

— Por favor, mamãe, por favor, me deixe montar em Astrape? Só um pouquinho? — Vespoula *mou*, você sabe que não é possível. Você tem sete anos e é pesada demais para o velho Astrape. O coitadinho já está sobrecarregado, assim como nós.

Levávamos sacos cheios das folhas de tabaco que tínhamos acabado de colher. Acho que escolhi o dia mais quente do ano para a colheita. Saímos de casa ao alvorecer, nós três, enquanto Manolis ainda dormia. Fizemos apenas um intervalo para comer pão, queijo e fruta, e trabalhamos até agora.

Fitando o sol implacável sobre nossas cabeças, calculo que sejam quatro, cinco horas. Não há tempo para descansar.

— Quantas curvas na estrada ainda faltam, mamãe? Através do suor que me obscurece a visão, contemplo seu rostinho, tão crispado e úmido quanto o meu.

— Não muitas, *koritsaki mou*, e então você avistará nosso jardim e os cravos, que balançarão ao vento para lhe dar as boas-vindas.

Manolis está apascentando as ovelhas hoje. O que significa ficar sentado à sombra de uma romãzeira, com um cantil de *raki* a seu lado. Pobre homem, como é dura a sua vida! O tabaco não vai esperar, de modo que temos de colhê-lo em seu lugar.

As aves marinhas circulam no céu, grasnando esfomeadas, um lembrete de que ao chegar em casa terei de fazer o jantar.

Como hoje não colhi couve, nem espinafre, nem legumes, o preparo da refeição demorará ainda mais.

Possuímos uma das maiores fazendas de toda a Panagia.

Eis a razão de minha mãe ter arranjado esse casamento. Eu? Eu estaria feliz com

um jardim, duas cabras e meia dúzia de galinhas.

Às vezes, temos condições de contratar empregados temporários, de vilarejos vizinhos, para nos ajudar. Entretanto, o grosso do trabalho recai sobre Manolis e, claro, sobre mim. Além do trigal e das minhas abelhas, cultivo regularmente uma horta, onde planto alface, rabanete, cebolinha, tomate, abobrinha e favas. Tenho a sorte de nosso quintal rodear a casa; a maioria dos aldeões é obrigada a andar todo dia até seu canteiro, nos limites do povoado.

Como se não bastassem as plantações de trigo e milho, os pinheiros e as ovelhas, Manolis e seu irmão, Stelios, são donos de mais oliveiras do que qualquer um das redondezas e, o que não é comum nessa região, de muitas e fartas videiras. O vinho tinto que produzem anualmente é rico e encorpado.

Stelios é quem pisoteia as uvas. Desde menino, no fim de cada verão, o requisitam até em lugares distantes, como Palio Kastro, para passar o dia esmagando uvas para familiares e amigos. Seus pés são mágicos.

Sou considerada melhor do que muita gente, creio eu, e um dos motivos, pelo qual me sinto merecidamente orgulhosa, é meu cavalo, Astrape.

O único cavalo das redondezas, e é meu, só meu! Astrape é minha fuga. Em meus sonhos, pego Despina e Voula e galopo para além das colinas, para nunca mais voltar. Vamos para a Índia, África, as Américas, para onde quisermos. No entanto, faz muito tempo que Astrape não galopa para lugar nenhum, e seu nome, que significa “relâmpago”, acabou virando motivo de brincadeira. Talvez outrora, suas longas pernas fossem velozes, mas agora ele é um animal de meia-idade, uma montaria confortável e segura, até para uma criança.

Passamos pela casa do padre. Vejo-o lá fora, gordo, atarracado e bonachão feito um sapo. Seus olhos percorrem meu corpo quando o cumprimento.

Bode velho e lascivo! — Boa tarde, padre Yannis — murmuro, mas ele está ocupado demais olhando para meus seios para me responder.

Minha mãe o acha maravilhoso, e culpo a ambos por meu casamento.

Lembro-me bem da noite em que tudo começou.

Minha mãe tinha passado o dia na cozinha, preparando a festinha de aniversário de minha irmã. Ficar em frente ao fogão quente não a favoreceu em nada. Estava com o rosto afogueado, e o nariz brilhava como um farolete.

Ela é uma mulher bastante magra: pelo menos é o que gosta de aparentar.

Costuma enrolar o corpo em ataduras sob a roupa. Sei disso porque a vi, certa noite, quando ela pensou que eu estivesse dormindo.

Ririca é parecida com minha mãe, na aparência e na personalidade. É ossuda no viço da juventude. Mamãe a está sempre protegendo, e me estapeia com força se me atrevo a falar que o nariz de minha irmã parece um pregador de roupa.

À noite, todos os meus tios chegaram com suas esposas e filhos. Os homens, como de costume, sentaram-se à mesa, e as mulheres e as crianças se espremeram a um canto. Por volta das nove horas, o *raki* corria solto, e as

risadas ecoavam em nossa confortável sala de estar. Até a Virgem no *iconostasis* na parede dava a impressão de sorrir.

Ouviu-se um barulho lá fora e o padre Yannis entrou, esfregando as mãos e cumprimentando os presentes. Atrás dele, vinha o velho Manadakis, outro sujeito gordo e feio, cantor na igreja e amigo do padre. Perguntei-me o que ele estaria fazendo ali. Além de não ter nenhuma ligação com minha família, meu pai nunca simpatizara com ele.

Agarrando-me pelo braço, minha mãe me arrastou para a cozinha. O cômodo parecia uma fornalha; o forno grande, escavado na parede, havia ficado aceso por horas a fio, assando tortas de queijo, tortilhas de espinafre, uma enorme travessa de *pastitsio* e uma cabra inteira, assada em honra ao aniversário de minha irmã. No meu aniversário, tive de me contentar com duas tias e suas filhas, que vieram tomar café e comer biscoitos de amêndoa.

— De agora em diante, você ficará comigo aqui. Deve aprender a desempenhar as tarefas femininas e começará pela cozinha.

Ela marchou de volta para a sala, e quando eu ia segui-la, levando uma bandeja com bolinhos de mel, Ririca estendeu a mão, detendo-me.

— Quer saber por que você vai aprender a cozinhar? — indagou, com um sorrisinho irritante nos lábios.

— Obviamente você pretende me contar.

— Você vai se casar com o filho do velho Manadakis. — A satisfação dela em me comunicar aquilo era tal que tive ganas de socá-la.

— Tenho treze anos. Não vou me casar com ninguém.

— Quando completar dezesseis, boba. — Ela riu. — Escutei mamãe e tio Lukas conversando ontem à noite. É por isso que o padre o trouxe aqui hoje.

Fiquei furiosa. Não só porque ia me casar, mas também porque minha irmã sabia e eu não.

Mamãe estava nos chamando para comer, portanto não me restava nada a dizer no momento. Atentamente, espiei o homem sentado junto ao padre Yannis, tentando me lembrar de como era seu filho. Esperava que tivesse uma aparência melhor que a do pai. Observando-o, todo suarento e seboso, só conseguia pensar numa imensa gota de azeite. Seus braços, apoiados sobre a mesa, pareciam cobertos por um tapete, tão espessa era a camada de pelos escuros. Quando rodeei a mesa para servir a comida, seu bafo me atingiu: um misto de alho e incenso regado a um litro de *raki*... asqueroso! Mais tarde, os dois filhos de Manadakis apareceram para levá-lo para casa. Ainda bem, pois de tão bêbado, o velhote não se aguentava em pé. Os recém-chegados traziam instrumentos musicais consigo, lira e acordeom, pois tinham ido tocar numa festa de casamento numa aldeia do outro lado da montanha, no dia anterior. Prontamente atenderam aos apelos por um pouco de música. Tocaram bem, antigas canções cretenses que Stelios, o mais jovem, cantou com uma voz límpida e sincera.

Fitei-o, curiosa. Achei-o até bonito, de um jeito rude. Era moreno, com um bigode fino de fios castanho-dourados, crespos nas pontas. Mal olhei para seu irmão, muito mais velho. Naquela idade, já devia estar casado, com vários filhos. Depois que todos partiram, ajudei minha mãe a levar travessas, pratos e copos para a cozinha. Ririca já fora para a cama. Contar o dinheiro e os presentes que ganhara certamente a tinha deixado esgotada.

— Quando deve ser meu casamento? — perguntei à minha mãe, de um modo tão casual como se indagasse sobre o tempo.

Conforme imaginei que aconteceria, ela me encarou, atônita.

— Como assim? — Como assim? Meu casamento com o filho de Manadakis, ora. Alegrei-me por conseguir permanecer fria e desinteressada, quando minha vontade era gritar e bater o pé no chão de ódio.

— Como é que você sabe? — Ririca me contou, mamãe — retruquei docemente, ciente de que isso a enfureceria. Daí o prazer de dizê-lo.

Suas palavras seguintes, contudo, me encheram de pavor.

— Você se casará com Manolis Manadakis quando completar dezesseis anos.

— Manolis?! Fiquei sem ar. Manolis era o irmão mais velho! Devia haver algum engano.

— Não posso me casar com Manolis! Ele é velho demais! — Ele só tem quarenta anos, Anthi, uma ótima idade.

Apenas um pouco mais velho que eu. — Minha mãe sorria presunçosa agora, tendo recuperado sua vantagem sobre mim.

— Então por que você não se casa com ele? — revidei e, por um momento, pensei que ela fosse me bater.

— Chega! Vá para a cama agora, e amanhã a primeira coisa que vai fazer será me ajudar a arrumar e limpar esta bagunça.

Então terá sua primeira aula de culinária.

— Mas amanhã é o dia em que ajudo na escola...

— Existem prioridades. Limpar e cozinhar são muito mais importantes. Quando você tiver tempo, se sobrar algum, poderá continuar a ajudar na escola. — Ela virou-se, caminhou até a porta, parou e me olhou por sobre o ombro. — Isso por enquanto.

Talvez depois...

— Depois o quê? — Caberá ao seu marido decidir.

E então ela se afastou.

Arrasada, fui atrás dela. No decorrer de poucas horas, minha vida tinha virado de cabeça para baixo. Meu futuro estava decidido, e todos os meus sonhos e esperanças estavam perdidos.

*** Voula está acordada, contorcendo-se desconfortavelmente às minhas costas.

À frente, já consigo ver nosso portão, e alguém sentado perto dele, na grama.

Uma gota de suor, presa à sobranceira, desliza até meu olho e turva minha visão. Mas é ela, sim! ... Divina veio nos visitar! Nossa aparência deve estar um horror. Vejo-a levantar-se e caminhar sorridente ao nosso encontro, o sol ressaltando os reflexos dourados e avermelhados de seus cabelos e iluminando lhe o rosto. Sinto-me repentinamente feliz.

— Deixe-me ajudá-la. — Depressa, Divina tira o fardo das costas de Despina, que sorri de alívio e prazer. — O que é isso? Para onde vocês estão levando as sacas? Dê-me outra, você parece exausta.

Andamos até a figueira. Largo o fardo e suspiro, endireitando as costas.

Nesse exato momento, Voula abre a boca e chora como se estivesse há uma semana sem comer.

Uma hora depois, as meninas estão alimentadas e Astrape farto de água.

Numa panela, em fogo brando, pus para cozinhar cenouras, alho-poró e cevada, temperados com um pouco de azeite e endro. Estamos novamente à sombra da figueira agora, trabalhando nas folhas de tabaco. Divina nos auxilia como se fosse parte da família.

Depois de Despina vistoriar cada folha, atrás de pulgões, ela a passa para Divina, que a perfura com uma sovela. Cabe a mim costurá-las umas às outras, formando longas tiras que posteriormente secarão ao sol, penduradas perto do celeiro, até o outono, quando Manolis, utilizando uma máquina de Stelios, as juntará em fardos. Depois ele irá para Sitia, a fim de vendê-los.

Um bom dinheiro será arrecadado com essa safra. Manolis gosta de guardar seu dinheiro fora da ilha, em bancos ingleses. Insiste que é para o dote das meninas, porém acho que muito é desperdiçado no jogo.

Divina põe-se a balançar Voula nos joelhos enquanto canta uma melodia inglesa engraçada, sobre porquinhos e cavalos.

Minha filha dá risada, encantada.

Tenho a sensação de ter descoberto uma recente e súbita felicidade.

Apesar do calor, tudo parece envolto numa espécie de luminescência. Os penhascos que nos cercam irradiam um brilho dourado devido às flores das giestas, e gaviões flutuam no ar, emitindo seus guinchos agudos.

Claro que essa tarde alegre, de sonho, não poderia durar.

Despina se levanta de repente e corre pelo jardim, o *gyro*.

— Papai! — grita.

Manolis rumo para onde estamos. Embora não ande como um homem que labutou o dia inteiro sob o sol escaldante, como nós, traz nos ombros uma ovelha morta, de cuja boca aberta num ricto escorre um filete de sangue que pinga nos pés dele metidos em botas. Com as pernas afastadas, planta-se à nossa frente e encara Divina.

— Papai, já é Páscoa de novo? Vamos comer ovelha assada? Ele permanece imóvel, ignorando a filha mais velha, que não para de pular de tanta excitação e

de puxá-lo pela perna folgada de sua *vraka*.

— Esta é *kyria* Timberlake.

— Sei quem é, esposa, tenho olhos. — Ele fez uma breve e lenta inclinação de cabeça na direção da visita. — Seja bem-vinda.

Entretanto, sua voz soa tão fria que é difícil acreditar na sinceridade de suas palavras. Mas como o homem supersticioso que é, pensa que se não se oferecer hospitalidade a um estranho, a carne que comer se transformará em carne humana em sua boca.

— Presumo que minha mulher tenha lhe oferecido um refresco? — Sim, obrigada.

Ele acena outra vez com a cabeça antes de se virar de chofre e caminhar para o celeiro, onde há uma haste presa à trave transversal. Habilmente, ele pendura a ovelha, o gancho varando a cabeça do animal.

Eu o enxergo através do olhar de Divina. Meu marido parece extenuado e cheira ainda pior. Espero que não chegue muito perto dela. O corpo outrora atarracado tornou-se gordo. Os olhos escuros, ainda profundos, jazem encovados em meio às rugas oleosas de seu rosto. Os pelos no peito flácido estão embranquecendo. Não sei de que cor seriam os de sua cabeça, pois não existe um único fio ali. Desde que regressou de Sitia, seis meses atrás, infestado de piolhos... sem dúvida contraídos na cama de alguma prostituta... até mesmo ele percebeu a necessidade de raspar a cabeça a fim de não passá-los para a família.

— Por que você trouxe uma ovelha? O que aconteceu? — Ainda não sei o que aconteceu. Mas comeremos carne boa por algum tempo, portanto não quero ouvir reclamações.

Deixo escapar um suspiro. Não tinha a menor intenção de reclamar.

Como se para ressaltar sua brutalidade, Manolis tira a enorme faca do cinto e testa o gume da lâmina no polegar, arrancando uma gota de sangue: está afiada o suficiente. Com um único movimento, abre a ovelha de alto a baixo. As entranhas do animal se derramam no chão, formando uma poça escorregadia. Despina e eu estamos acostumadas à visão; somos fazendeiras, e morte violenta faz parte de nossas vidas diárias.

Divina, contudo, fechou os olhos. Com certeza, ela nunca viu algo assim antes. Aproximo-me e tomo sua mão entre as minhas.

Sinto-a apertá-las com força.

— Obrigada. Acho que é hora de deixá-la e à sua família e voltar para minha casa. Quando podemos nos encontrar novamente? — Se você me convidar, irei visitá-la amanhã — respondo depressa.

— Vou acompanhá-la em parte do caminho agora, pois tenho de checar as abelhas antes do pôr do sol.

— Posso ir também, mamãe? — Todas nós iremos, *koritsaki mou*.

— Espere, espere.

Despina corre até o *gypo* e volta, ligeira, trazendo um pequeno embrulho que, com certeza, devia ter arrumado mais cedo. Num pedaço de rede de pesca, forrada com folhas de repolho, estão aproximadamente uma dúzia de morangos. — Para você — diz, tímida, ao entregar o pacote a Divina.

Esta sorri e se inclina para beijá-la.

Divina está linda hoje, os cabelos semicobertos pelo chapéu de palha.

Traja um vestido de algodão que, apesar de simples, deve ter sido confeccionado com o melhor tecido disponível em Atenas.

A roupa molda elegantemente seu corpo curvilíneo, e aposto que não foi nenhuma costureira de aldeia quem a coseu.

Ela se despede de Manolis, que se vira por um instante e lança uma cusparada no chão, o catarro misturando-se à sujeira aos seus pés. Então resmunga algo que talvez fosse um “adeus”, embora eu duvide.

Carregando Voula nas costas, como de hábito, caminhamos juntas num confortável silêncio. Sinto-me como se fôssemos amigas há anos.

— Você imagina qual teria sido o problema daquela ovelha? Encolho os ombros.

— Seja o que for, não serei informada. Tudo o que sei é que meu marido não ficará nada feliz. Cada animal do rebanho é precioso e ele precisará observá-los atentamente para se certificar de que nenhum outro revela sinais de doença. Ovelhas saudáveis não caem mortas sem motivo.

Também é provável que seja um aviso para Manolis. — Perigava de dizer mais do que pretendia quando notei a expressão perplexa de Divina. — Meu marido não é um sujeito popular nestas bandas. Oh, naturalmente possui amigos com quem costuma beber no The Brothers, um *kafenion* na divisa de Pano Panagia. Mas não são muitos, e ele consegue fazer inimigos com facilidade. Manolis é monarquista, quando a maioria das pessoas por aqui é republicana.

— Você está insinuando que alguém que discorde da opinião política de seu marido iria, num gesto deliberado, causar mal às suas ovelhas? — A ideia parecia aturdi-la.

— É possível. — Apesar de achar que já tinha falado bastante, reparei que Divina continuava demonstrando interesse no assunto.

— Não sei lhe explicar exatamente. Um dia vou apresentá-la ao meu *pappous*, meu avô, que lhe contará mais detalhes.

Ela tinha morado em Atenas, estava a par da nossa política. Creio que meu *pappous* gostaria de conhecê-la.

Expliquei-lhe que o general Metaxas havia ignorado os comunistas completamente e, segundo os boatos, mandara muitos de seus líderes para a prisão. A maioria dos homens em Panagia ficou contente quando os comunistas conquistaram o poder, mas não meu marido e seus amigos. Eles ainda erguem um brinde ao rei alegremente.

— Não posso lhe contar mais. Não sei quanto à Inglaterra, mas aqui não é

apropriado uma mulher se envolver nessas questões. Cabe-lhe simplesmente seguir a inclinação do marido e não questionar nada. Mas meu pai e meu avô sempre trataram minha irmã e a mim como iguais ao meu irmão, e conversavam conosco sobre assuntos de Estado. Minha irmã não demonstra o menor interesse, ao contrário de mim.

Dou de ombros e sorrio. Voula dá risada atrás de mim, como se concordasse.

— Eu adoraria conhecer sua família, se você quiser nos apresentar.

— Oh, sim — respondo, ansiosa. — Acho que você gostará de meu *pappous* e *yaya* tanto quanto eu.

Continuamos caminhando. Sobre nossas cabeças, algumas nuvens esparsas, compassivamente, filtram os raios de sol, mitigando o calor escaldante.

Um gavião rodopia no ar, e Despina, com seu aguçado olhar de criança, aponta para ele, rindo.

— Vejam, ele pegou alguma coisa! Ela tem razão. O pássaro traz algum bicho, agora certamente morto, preso no bico cerrado. Observamo-lo voar para longe.

— O gavião vai levar o jantar para sua casa, para sua esposa e filhotes, assim como papai faz com a gente.

Eu não podia desiludir Despina. Para ela e a irmã, o pai é como todos os outros das famílias que conhecem: o provedor, o chefe da família. Minha filha há muito já está dormindo quando o pai resolve voltar para casa à noite, o que raramente acontece, e ao contrário do gavião, nunca trás comida para nós.

Quando o sol começou a se pôr no horizonte, nossos caminhos se separaram.

Dali, de junto à oliveira torta, seguimos rumos diferentes.

Minhas abelhas estão colina acima, e a casa de Divina fica na parte baixa de Panagia. Ela nos abraçou e repetiu o convite para irmos visitá-la no dia seguinte. Despina a teria acompanhado naquele mesmo instante, pensei, notando sua desolação. Até Voula pareceu triste quando nossa nova amiga se despediu com um beijo. Subimos a colina penosamente até as colmeias, sabendo, cada uma de nós, que tínhamos algo pelo que esperar com ansiedade.

Divina

Embaixada Britânica, Atenas Minha querida, Sinto terrivelmente a sua falta, e só estamos longe um do outro há poucas semanas. Tenho dificuldade para dormir todas as noites, em parte devido ao calor infernal, mas principalmente porque sou assaltado pela dúvida se fiz a coisa certa ou não. Por que lhe dei ouvidos quando você implorou para ficar aí sozinha? Deveria ter me demitido da embaixada e permanecido a seu lado, na sua preciosa ilha. Porém, ambos sabemos que eu teria enlouquecido depois de mais uma semana no meio dessa gente.

Acho-a maravilhosa, querida, por conseguir aguentar os campônios constantemente. Eu já teria perdido a calma há tempos e os posto para fora, ou ainda pior, lhes dado um tiro com aqueles seus trabucos imprestáveis.

A viagem para cá durou uma eternidade, levando-me a desejar que tivesse sido possível vir de hidroavião. A tripulação do barco velho e barulhento era simpática, em especial o capitão. Um tipo bastante persuasivo, aliás, no que dizia respeito ao consumo de raki, sendo impossível lhe dizer não. Não me recordo muito da noite passada a bordo, exceto de cair na pequena escada para as cabines, batendo o joelho com força. E também acordei no meio da madrugada com a cabeça embaixo da cama.

Sei que lhe prometi, minha amada, e vou parar com o hábito agora que retornei ao gabinete. Porém, a verdade é que a saudade de você é tanta que um ou dois copos de raki após o jantar realmente me fazem sentir um pouco melhor.

Tudo anda sombrio aqui, e a sensação geral é que esse sujeito, Hitler, vai acabar indo longe demais e então qualquer coisa poderá acontecer. Certamente isso deve lhe parecer muito distante, pois você se encontra em seu pequeno paraíso. De qualquer modo, vou lhe escrever quando puder e aguardarei, ansioso, uma carta sua, caso consiga enviá-la.

Foxy e Janet mandam lembranças, e eu, muita saudade, meu anjo.

Seu marido, que a adora, Hugh Ele tem razão: aqui, sob a luz das estrelas numa noite quente de verão, Atenas e aquela vida parecem de fato muito distantes. Gosto de me sentar ao ar livre, com a casa antiga e caindo aos pedaços atrás de mim. Fiz a coisa certa? Sem dúvida não me sinto solitária, embora sinta muito a falta de Hugh.

Anseio ver suas longas pernas perambulando pela aldeia ao meu lado. É uma pena meu marido não partilhar do meu sentimento.

Amo toda essa “gente”, são todos muito gentis comigo e me sinto à vontade na companhia deles. Tem-se a impressão de que cada fazendeiro ou funileiro possui a aparência de um deus grego, seus nomes saídos diretamente dos livros de história: Hércules, Aquiles, Pércles. Maravilhoso! Fora um dia desolador quando Hugh anunciou o fim de nossa estada no pequeno vilarejo e disse que deveríamos

regressar a Atenas. No início aceitei a notícia e comecei a fazer as malas. No entanto à noite, no terraço, envolta pelo suave manto azul da noite, quase caí em prantos.

— Vamos, querida, você sabe que este realmente não é o seu lugar.

Você sai para um passeio e por pouco não quebra o pescoço! Ele estava rindo.

— Oh, como posso fazê-lo entender? Sinto-me mais em casa aqui do que em Atenas. Sinto-me deslocada lá. Sim, as outras esposas são simpáticas, mas, francamente, não temos nada em comum. Estou farta de cabeleireiros fuçando nos meus cabelos e não vou querer uma roupa nova por, no mínimo, nos próximos dez anos. Suponhamos que haja uma guerra com a Alemanha. Eu ficaria muito mais segura aqui do que lá, não? Embora eu soubesse que estava apelando, Hugh não podia discordar do argumento.

— Você acha que ficaria bem sozinha na ilha? Diga-me, é o que você quer? — Oh, querido, com certeza eu preferiria que você ficasse também, mas reconheço que isso é impossível. Você tem responsabilidades em Atenas, já eu não.

— Bem, isso é verdade. Preciso retornar o quanto antes.

— Você poderia vir para cá quando obtiver licença, e talvez então a casa já esteja habitável, pronta para recebê-lo. É o que eu adoraria fazer. Se conseguir contratar ajuda local para cuidar da reforma, acho que ficaria feliz de vir passar os feriados na ilha.

Observando-o passear o olhar pela sala de estar, enxerguei-a com seus olhos. Tudo ali estava dilapidado, escangalhado, e precisava ser consertado ou refeito. A melancolia reinante pesava até sobre mim. Por um momento perguntei-me se não estaria completamente louca por considerar a possibilidade de morar ali sozinha. Mas foi um pensamento fugaz; quando a luz do luar se derramou sobre as velhas vigas, a esperança me inundou.

Despedir-me de Hugh foi desesperadamente triste. Era cedo, e as galinhas de Irini pareciam os únicos outros seres vivos acordados. Ele partiu na carroça de Petros, na companhia de cinquenta quilos de batatas. Mostrou-se animado enquanto o veículo puxado pelo velho e alquebrado jumento sacolejava praça afora. Acenou e sorriu o tempo inteiro, até sumir de vista. Sei que devia estar sendo difícil para ele, e ao vê-lo dobrar a esquina, as lágrimas assomaram aos meus olhos. Imaginei se meu marido não estaria chorando também. Sequei as lágrimas rapidamente e caminhei devagar para a casa.

O primeiro dia de minha nova vida estava começando.

Descendo a colina, para além da nascente onde todas as mulheres lavam roupa, eu havia descoberto uma igrejinha chamada Panagia Sta. Perivolia, como a aldeia. O nome significa “A Virgem no Jardim”, e como está sempre vazia, costume visitá-la a qualquer hora. É tão cheia de paz...

Hoje à noite, Anthi vai trazer uma pessoa para opinar sobre a reforma da casa. Eu adoraria poder fazer tudo sozinha, porém não possuo as habilidades

necessárias. Mas pretendo observar e aprender. Imagino como Hugh vai ficar impressionado ao ver que sei instalar uma máquina de lavar, consertar um vazamento ou construir um muro! Anthi se tornou uma grande amiga. Eu gosto muito dela, e também das filhas, meninas lindas. Já não posso dizer o mesmo quanto ao marido, Manolis.

Tenho vontade de perguntar a ela o que a levou a se casar com aquele homem. Tenho quase certeza de que foi um casamento arranjado. Por aqui é assim que as coisas acontecem: os pais decidem com quem os filhos vão se casar, e tudo gira em torno de interesses, dotes e terras.

Acho difícil acreditar que ela tenha escolhido aquele sujeito.

É provável até que ela nem tenha sido consultada. Que horror! Anthi parece estar tão feliz quanto eu com a nossa amizade. Nós nos vemos quase todos os dias. Ela é bem diferente das outras mulheres do vilarejo.

Isto é, elas são todas muito gentis, mas não têm muito assunto. Depois dos cumprimentos e das perguntas de praxe, do tipo “Como tem passado?”, “Como estão as coisas?” etc., a conversa morre. Como que para provar que isso é verdade, Irini esteve aqui hoje, veio trazer algumas frutas de seu pomar: limões, laranjas e figos. Nos sentamos na varanda e falamos sobre as estrelas...

Tentei conversar sobre o vilarejo, sobre os costumes locais, sobre a minha capelinha, mas era como se eu estivesse falando com uma porta. Já ficou claro para mim que qualquer outro assunto que não seja sobre crianças ou o cardápio do almoço e do jantar é exclusivamente para os homens.

Ela não ficou muito tempo, claro, disse que não podia se demorar, que tinha de voltar logo para dar de comer às galinhas e cuidar das crianças, e foi-se embora. Vai demorar para Anthi aparecer por aqui de novo, então fui caminhando pela grama até a minha capela. É tão fresco lá dentro, e se eu deixar a porta aberta posso avistar o mar lá embaixo. Vejo dois barcos pequenos a distância; eles mal se movem, a água está tão calma...

Hugh gosta de se sentar e contemplar o céu; eu gosto de ficar olhando para o mar.

Ele conhece bem os pássaros, e aponta para eles o tempo todo, querendo me explicar e compartilhar comigo seu conhecimento.

Todos os meus pensamentos parecem se mover na mesma direção: Hugh. Ele fez tanto por mim que nem posso reclamar, mas tem uma coisa que ele não fez, e que me incomoda demais: me dar um filho.

Meus olhos se enchem de lágrimas quando penso nisso.

Geralmente, dou um jeito de me distrair com outra coisa para parar de pensar, porque esse é o lado do nosso casamento que é sombrio, doloroso, e que sinto ter de manter em segredo — até de mim mesma.

Tempos atrás, quando ele me “salvou” pela primeira vez — pois essa é a maneira como vejo a minha vida antes de conhecer Hugh e seus amigos —, eu

me preocupava que as únicas pessoas que pareciam ser seus amigos de verdade eram lady Troutbeck e seu grupo. Oh, ele conhecia muita gente, sem dúvida, mas a maioria era superficial, fútil.

Eles riam da minha dedicação aos pacientes e achavam que o trabalho de enfermeira era uma brincadeira. A vida deles se resumia a beber champanhe, fumar cigarros Sobranie e ir a corridas de cavalos e a boates.

No princípio, eu me encantei com esse estilo de vida; amava cada minuto, e comecei a me achar ridícula por gostar tanto de meu trabalho.

Hoje me envergonho quando me lembro de como eu desvalorizava algumas enfermeiras e pacientes em busca de casos engraçados para contar a eles.

Em pouco tempo, aprendi a transformar uma senhora de idade com problemas de audição e um senhor gago em motivo de risadas.

— Conte mais, Divina — eles pediam, enquanto o champanhe rolava solto. — Conte mais casos engraçados sobre esse lugar.

“Esse lugar” era aonde eu ia todos os dias: o hospital; onde vidas nasciam e outras acabavam.

Sem dúvida, eu tinha momentos de desconforto e mal-estar, geralmente na hora de dormir. Mas isso não era suficiente para me impedir de comprar uma roupa nova para cada festa e evento e repetir em cada ocasião social minha deplorável atitude.

E então, de repente, estávamos casados e viajando para Paris, para Hugh assumir seu cargo na embaixada; sem nem mesmo termos alguns dias para a lua de mel. Mas eu tinha certeza de que quando Hugh tivesse outro tipo de emprego, a nossa vida se assentaria. Na verdade, o que isso significaria para mim era algo em que eu não parei para pensar. Eu achava que as esposas dos funcionários de embaixadas tivessem lá a sua importância, mas, com exceção das aulas de francês, era uma monótona rotina de cabeleireiros, modistas e festas.

Eu nunca soube ao certo o que Hugh fazia todos os dias.

Não ficávamos sozinhos tempo suficiente para eu descobrir.

E havia a questão... “cama”.

Eu amo Hugh, muito, e não tenho vergonha de dizer, com paixão.

Gosto do corpo dele, do equilíbrio perfeito da pele macia com os músculos rijos, das pernas longas, dos quadris estreitos e bem-formados. Chego a invejar o traseiro dele, especialmente quando vejo o meu próprio, largo e redondo, no espelho.

Os pelos claros no peito dele são um grande atrativo para mim. Toda vez que passo os dedos naqueles pelos, sinto uma dorzinha e um princípio de umidade entre as pernas.

A primeira noite que dormimos juntos, em nossa suíte no Savoy, foi um desastre. O dia havia sido frenético. Nosso casamento estava marcado para o meio-dia, num cartório no centro de Londres.

Seria uma coisa simples, apenas nós, alguns amigos de Hugh, lady T, é claro, e três garotas a quem eu chamava de Minky, Mouse e Boo, que normalmente iam a toda parte com ela. Eu tinha convidado duas colegas enfermeiras, Maisie e uma outra, mas elas não puderam tirar folga. Minha mãe também não pôde ir, tinha um compromisso importante, me disse. Mas desconfio que era só um jogo de *bridge* ou um bazar da Cruz Vermelha.

Fiquei chateada, mas não deixei que ninguém percebesse, só minha irmã Daphne.

Fiquei triste também porque a mãe de Hugh não pôde ir.

Ela tinha sofrido uma queda do cavalo na semana anterior e quebrado o tornozelo. Me escreveu uma carta, que eu vou guardar com imenso carinho para sempre, dizendo como estava feliz por Hugh ter me escolhido, em vez de uma das garotas fúteis e volúveis de Londres com quem ele costumava andar. “Eu sei que você vai fazê-lo feliz”, escreveu. Ela pareceu ser tão simpática quando a conheci no hospital que eu adoraria ter a chance de conhecê-la melhor.

Minha mãe tinha mandado o dinheiro para o vestido, pelo menos, e eu e Daphne percorremos a Harrods de cima a baixo; acabei comprando um azul-claro, de crepe e renda, todo esvoaçante, que custou 16 libras, o que era muito mais do que eu já havia pagado por um item só, em toda a minha vida.

Desde o início, o casamento não foi como tinha imaginado.

Para começar, cheguei primeiro, o que não era para ter acontecido. Então Foxy, que era o padrinho de Hugh, chegou esbaforido, dizendo que tinha se desconstruído de Hugh na noite anterior e que também não tinha conseguido achar as alianças em lugar nenhum.

Eu fiquei ali, parada, parecendo... e me sentindo... uma tonta. Eu ia começar a chorar, mas Daphne segurou minha mão e disse para eu não me preocupar. Na hora achei que era muito fácil para ela falar, não era ela que tinha sido largada no altar, ou no cartório, no caso! O juiz, um homem surpreendentemente parecido com Clark Gable, foi muito gentil, mas disse que havia outros clientes esperando e que não podia atrasar mais os horários, e por que não íamos até uma lanchonete ou padaria para tomar um café.

E então, finalmente, Hugh chegou, parecendo frustrado e infeliz. Ele me abraçou, pediu um milhão de desculpas, mas o carro de lady Troutbeck não quis ligar de jeito nenhum, e eles não conseguiram achar um táxi, e então eles tinham vindo a pé, desde o apartamento dela.

Lady Troutbeck estava ali, logo atrás dele, parecendo ainda mais surpreendente que de costume. Tinha tingido os cabelos de preto e usado uma maquiagem branca no rosto, com sombra preta ao redor dos olhos. Achei que ela estava parecendo um urso panda, mas o pessoal todo elogiou muito, acharam que ela estava fabulosa.

Eu me perguntava por que Hugh tinha ficado no apartamento dela, antes de mais

nada. Ele me havia dito que ia tomar uns drinques com Foxy e alguns amigos no Savile Club, que iria dormir cedo.

— Não quero estar de ressaca no dia do meu casamento, não é, amor? — ele comentara comigo, na véspera.

Nós todos nos esprememos dentro da sala apertada e impessoal, no cartório. Por um momento, me senti grata por minha mãe não estar ali. Ela teria torcido o nariz, e não teria se preocupado em disfarçar, pelo contrário, teria feito algum comentário sarcástico.

Era necessário ter duas testemunhas para o casamento civil, e Hugh havia escolhido Foxy e Jack Timberlake, seu tio. Eu não conhecia tio Jack, na verdade não conhecia nenhum parente de Hugh.

Por fim, Foxy chegou, mas onde estava tio Jack? — Deve estar preso na fila para a barca de Calais — disse Hugh —, ou onde quer que ele tenha passado a noite, que certamente neste país não foi. Então pedi a Dora para ser testemunha no lugar dele, e ela concordou.

Ela é um doce, não é? Claro que era gentil da parte dela aceitar, assim tão em cima da hora, mas por que será que o meu coração afundou até as sapatilhas de balé, especialmente tingidas para combinar com o vestido...? O matrimônio foi oficiado tão rápido que fiquei me perguntando se tinha sido válido e se estávamos mesmo legalmente casados. Mas Hugh se voltou para com uma expressão tão terna e amorosa que eu quase chorei outra vez.

No entanto, estar ali ao lado da extravagante lady T, com sua estranha maquiagem e echarpes e vestido Balenciaga, eu me senti como uma moça caipira visitando Londres pela primeira vez.

Bem, era isso que eu era, não é? Na verdade, eu me senti como a enfermeira tímida que eu era, diante da superiora; e eu que achava que esse tempo já tinha ficado para trás...

Lady Troutbeck contorceu o rosto num sorriso, assinou o registro junto com Foxy e depois me deixou ali, perto de um vaso de gladiolos que alguma alma sensível havia colocado na sala vários dias antes, pois estavam completamente murchos, e saiu para o ar fresco de outubro, sorrindo calorosamente para todo mundo, menos para mim.

Hugh... o querido Hugh... pegou meu braço e, inclinando-se, me beijou e disse que me amava. Todos os sentimentos negativos que estavam me perturbando se desfizeram, naquele momento.

— Logo estaremos a sós, Evadne, e então vou poder lhe dizer e mostrar como você é importante para mim.

Ele passou o braço pela minha cintura e me levou para fora, em direção ao círculo de admiradores de lady Troutbeck.

— Desculpem-me por interromper esta animada reunião — disse ele, rindo —, mas acho que podemos continuar lá no Ivy, tomando champanhe, o que acham?

— Sim, senhor, capitão! — exclamou Foxy, e todos nos dividimos em dois ou três táxis que estavam parados no ponto logo ali, do outro lado da rua.

Bem mais tarde, conseguimos começar a nos despedir do grupo, que se tornava cada vez mais barulhento.

— Ah, não vá ainda, Hugh...

— Só mais um drinque...

— Estraga-prazeres...

— Evadne, deixe-o ficar um pouco mais e se divertir...

E outros comentários e apelos do tipo, de tal modo que me senti como a bruxa malvada atraindo o pequeno João para a casa de doce. Mas Hugh não deu nenhum sinal de estar disposto a ficar, e assim fomos embora para o Savoy, de mãos dadas.

Quando chegamos lá, e Hugh preencheu o registro... “Sr. e Sra. Timberlake”, que emocionante! ..., o rapaz da recepção avisou: — Com licença, senhor, tem um cavalheiro esperando para falar com o senhor.

Nós nos viramos na direção que ele apontava, e um homem robusto, de terno e gravata, se levantou de uma das poltronas e veio em nossa direção.

— E então, rapaz! — ele cumprimentou Hugh, abraçando-o e batendo nas costas dele. — Onde é a festa? Não me diga que cheguei tão atrasado que também perdi a festa...

— Tio Jack Que bom vê-lo! Achamos que tivesse se perdido. Evadne, este é meu tio Jack. Tio Jack, esta é minha noiva... minha esposa, agora.

O tio de Hugh apertou minha mão com tanta força que achei que meus dedos fossem se quebrar. E, ainda por cima, ficou sacudindo meu braço, para cima e para baixo.

— Minha querida, você é linda! Hugh, seu danadinho, você soube escolher, hein...?! — Ele ainda sacudia o meu braço, e eu já estava achando que ele ia se desprender do meu ombro a qualquer momento. — Venha cá, deixe-me beijar a noiva...

Privilegio de tio, não é mesmo? E então fui envolvida num abraço de urso e ganhei um beijo molhado no rosto. Desvencilhei-me com jeitinho e olhei para o tio de Hugh. Ele tinha olhos pretos pequeninos, e a parte branca dos olhos era rosada e parecia ter consistência de gelatina. Os cabelos eram escuros e ralos e estavam penteados no alto da cabeça, com quilos de brilhantina. O homem recendia a água de colônia e tinha um bigode fino, que mais parecia um daqueles disfarces comprados em uma loja de truques de magia e fantasias, como se estivesse prestes a cair a qualquer instante.

De repente, me dei conta de que devia ser tingido.

Aquele era um homem vaidoso, e eu antipatizei com ele à primeira vista.

Aparentemente, tio Jack realmente havia se perdido em Calais, e tinha perdido a barca para Dover. Mas ele sabia que em algum momento nós iríamos para o

Savoy, e decidi ir nos esperar lá.

— Você tem tempo para um último drinque? Não me diga que vai mandar seu velho tio embora sozinho, hein...

Hugh me endereçou um olhar aflito, e eu percebi que não tinha alternativa a não ser ajudá-lo.

— Querido, pode ir — falei. — Eu vou para o quarto e espero você lá.

Então me afastei depressa e acenei de longe para tio Jack, antes que ele me desse outro beijo molhado.

A verdade era que eu não estava gostando nem um pouco daquela situação. Eu tinha esperado o dia inteiro, ansiosa pelo momento em que ficaria a sós com Hugh, e agora aquele velhote asqueroso se apossava do meu marido e o levava para longe de mim, justamente quando eu achava que merecia ficar sozinha com ele.

Nada me restava fazer a não ser subir para o quarto sozinha e esperar.

Deitei-me na enorme cama de casal e olhei ao redor do quarto suntuoso.

Era o lugar mais luxuoso que eu já tinha visto na vida.

Bocejei e, logo em seguida, devo ter adormecido, porque quando acordei já estava escuro.

Fiquei deitada, quieta, por alguns segundos, e então estiquei o braço e percebi que Hugh estava ali, ao meu lado, dormindo.

— Hugh — chamei baixinho.

A única resposta foi um ronco gutural, que deve tê-lo acordado.

— Ah, querida, me desculpe...

As cobertas foram afastadas, e meu novo marido se sentou na cama e acendeu o abajur. Ainda bem que ele fez isso, porque no mesmo instante percebi que não estávamos sozinhos no quarto. Horrorizada, vi um vulto adormecido no sofá, em frente à cama.

Tio Jack estava encolhido embaixo do sobretudo de Hugh, ressonando alto e babando no braço do sofá.

Hugh passou a maior parte do resto da noite me pedindo desculpas.

Eu me sentei com os joelhos dobrados, encostada à cabeceira da cama, com as cobertas puxadas até o pescoço. Não chorei, só sentia desespero. Ele não tivera a intenção. Ficara com pena do tio. Não podia dispensá-lo tarde da noite, sem ele ter para onde ir. Achou que eu não me importaria.

Não havia palavras que expressassem como eu me sentia, então nem tentei. Fiquei ali, emudecida.

Quando o dia amanheceu, Hugh finalmente conseguiu acordar o tio e convencê-lo a se levantar. Tio Jack saiu trôpego para o corredor, acenando com a mão.

— Será que podemos nos encontrar mais tarde para tomar o café da manhã? — perguntou ele, enquanto se afastava. — Acho que não, não é? Bem, até qualquer hora, então...

Aquele não era o melhor jeito de começar a vida de casados, mas de alguma forma, no final do dia seguinte, Hugh já tinha conseguido me fazer rir do ocorrido.

Fomos para Paris naquela mesma semana, e eu comecei a idealizar um novo começo de vida ao lado do meu amado Hugh.

Não sei ao certo como eu tinha imaginado que seria a vida na embaixada.

Para mim, o mais importante era que eu ia morar em Paris, ia conhecer a Torre Eiffel, o Sena, o Louvre e todos os lugares de que tinha ouvido falar, mas a vida na embaixada, em si, era o mesmo que estar na Inglaterra.

Todo mundo falava inglês o tempo inteiro, a não ser quando estava com os franceses, que eram considerados mais como estrangeiros enjoados que só sabiam fazer exigências.

O café da manhã consistia em ovos e bacon ou *kedgeree*, o almoço era cordeiro assado e repolho, com molho de hortelã, é claro, e o jantar era bife com purê de batata e ervilhas.

Sempre que eu podia, dava uma escapulida mais cedo, ia até um daqueles cafês com mesinhas na calçada e pedia café com leite, *croissant* ou pão com geleia. Eu falava francês nas lojas e mercados, e quando o tempo estava bom, caminhava sozinha nas lindas alamedas e *boulevards*. Quando não estava, visitava igrejas, museus e galerias de arte.

Ninguém parecia sentir a minha falta na embaixada. Hugh não era um diplomata do alto escalão, por isso ninguém reparava se eu estava lá ou não. A triste verdade é que nem o próprio Hugh se importava que eu sasse sem dar explicações.

Eu comparecia a todos os almoços e jantares importantes, claro. A minha impressão era que havia mais coquetéis e eventos do que dias na semana, e Hugh me encorajava o tempo todo a ir ao salão de beleza para arrumar o cabelo e fazer as unhas. Em pouco tempo, eu não aguentava mais aquela rotina.

Às vezes, eu encontrava mendigos na rua, principalmente nas escadarias das igrejas e catedrais. Eu dava esmola todas as vezes, porque achava um absurdo ir todos os dias ao cabeleireiro quando havia mulheres e crianças passando tanta necessidade.

Era com as crianças que eu ficava mais aflita, e cada vez aumentava mais o meu desejo de ter um filho. Hugh dava risada quando eu tocava nesse assunto com ele.

— Já está enfasiada, meu amor? Minha companhia já não é suficiente para você? Teremos muito tempo para pensar em filhos quando eu estiver mais estabilizado. É muito cedo, ainda.

Mas eu estava infeliz e muito insatisfeita com a frequência com que fazíamos amor.

E então Hugh foi transferido para a Grécia, para Atenas, e eu esperei e rezei

para que, dessa vez, a nossa vida entrasse nos eixos. No entanto, com exceção do idioma, nada mudou, nem mesmo a comida.

Noite após noite, eu ia para o quarto sozinha, me deitava sozinha e tentava dormir, sozinha. Eu tenho sono leve, e acordava no instante em que Hugh entrava no quarto, na maioria das vezes, de madrugada.

Lembro-me de uma noite, quando fazia cerca de um mês que estávamos lá, em que eu, sentindo-me triste e solitária, tentei excitá-lo. Comecei a acariciá-lo, gentilmente a princípio, e depois com mais ardor. Passei a seguir o trajeto das minhas mãos com os lábios, sentindo o cheiro e o sabor do corpo dele.

Eu estava nervosa; aquilo era novo para mim, tomar a iniciativa daquela maneira... E se ele ficasse bravo? No entanto, para minha surpresa e alegria, ele murmurou o meu nome e me abraçou. Eu o senti enrijecer, e o ritmo da respiração dele acelerou; ele estava ofegante, e começou a retribuir as minhas carícias.

Eu estava muito excitada, estava pronta para fazer amor; fazia semanas, meses desde a última vez.

Hugh se inclinou sobre mim, e quando o membro dele encostou na minha virilha, ele gemeu e então murchou. Estendi a mão para ele e comecei a acariciar o membro flácido, tentando estimulá-lo de volta à vida.

Com um movimento brusco, ele empurrou minha mão e começou a se acariciar sozinho. A expressão dele era de frustração e raiva, conforme ele movia vigorosamente a mão para cima e para baixo. E então, de repente, quando ele ainda nem estava totalmente teso, ele ejaculou na minha perna.

— Desculpe-me, meu amor. Desculpe-me...

Quando olhei para Hugh, percebi que ele estava chorando.

Acariciei-lhe as costas, enquanto ele afundava a cabeça no travesseiro, soluçando baixinho.

— Não faz mal — eu o tranquilizei. — Não fique chateado.

Haverá muitos outros dias e noites.

Mas lá no fundo eu tinha o pressentimento de que aquilo era apenas o começo de um problema que iria nos atormentar por muito tempo, porque não era a primeira vez que acontecia. Nas últimas poucas ocasiões em que havíamos tentado, ele não conseguira também. Algumas vezes, parecia que ele nem se dava conta. Às vezes ele chegava ao orgasmo, às vezes não, e segundos depois se virava de costas para mim e segundos depois já estava roncando.

E eu ficava ali, olhando para o teto, sentindo-me só e infeliz, até finalmente adormecer também.

Nós nunca conversamos a respeito. Se eu tentasse abordar o assunto da nossa intimidade, Hugh me olhava com expressão chocada e tratava logo de mudar o rumo da conversa para algum assunto da embaixada, ou então contava uma piada, que era a maneira que o fazia sentir que tinha me feito rir.

Ele até tentava de novo, geralmente depois de um coquetel, mas o resultado era sempre o mesmo.

Durante o dia, Hugh se comportava normalmente, e sempre no dia seguinte a uma noite frustrada ele era particularmente atencioso e gentil comigo. Me comprava flores, ou bombons, o que, na verdade, era inútil, porque a embaixada, por si só, já parecia uma floricultura das mais chiques, e eu evitava comer chocolates para não engordar.

A recusa desinteressada de Hugh de conversar a respeito do que estava se tornando um grande problema na nossa vida me deixava arrasada. A única resposta dele era beber cada vez mais, todas as noites, e cair na cama, às vezes sem condições nem ao menos de dizer boa-noite.

Acredito que fosse o remorso que me abalava, tanto quanto a falta de sexo. Eu ficava para morrer quando via o olhar triste de Hugh, os lábios curvados para baixo e a atitude humilde dele ao se dirigir a mim. Eu amava o Hugh que eu tinha conhecido, aquele que tinha me encantado, e o queria de volta; o homem simpático, brincalhão, e acima de tudo seguro de si e descontraído.

Ele jurava que tudo ficaria bem quando tivéssemos a oportunidade de estar sozinhos, sem tanta gente à nossa volta o tempo todo. Por isso depositei todas as minhas esperanças naquela casa, naquele vilarejo; aquele período que viveríamos ali seria a lua de mel que não havíamos tido.

Mas depois de algum tempo vivendo em Panagia, sem o risco de sermos interrompidos ou importunados por quem quer que fosse, Hugh ainda continuava me evitando, noite após noite.

Dormíamos numa cama velha e decrepita, quebrada em vários pontos, e o colchão... se é que se podia chamar assim ...

cheirava a estábulo. E se um de nós se mexesse, dormindo ou acordado, corria o risco de escorregar para o chão.

Aquela não era a intimidade confortável e aconchegante com que eu havia sonhado.

Agora ele tinha voltado para Atenas, para aquele mundo de pessoas que pareciam alienígenas para mim. Eu imaginava os risinhos estridentes das mulheres, as gargalhadas debochadas dos homens, os flertes, os coquetéis, e o pior de tudo, a possibilidade de ir para a cama com quem estivesse mais perto, sem se lembrar de absolutamente nada no dia seguinte. Eu sei que esse tipo de coisa acontece, e me sentia doente só de pensar que Hugh pudesse agir assim.

Então eu dizia a mim mesma para parar de pensar naquelas coisas. E minha mente, já habituada a obedecer ao coração, se voltava para pensamentos mais alegres.

— Ei! — chamou uma voz. Em seguida gritou o meu nome: — Divina! Divina! Então um rostinho miúdo espiou para dentro da porta da capela. Era Despina, a filha mais velha de Anthi.

— Divina, você está aí? Eu saí das sombras para a claridade que entrava pela porta.

— Búú! — exclamei.

Ela deu um gratinho e pulou para trás, rindo.

De mãos dadas, atravessamos o matagal até o vilarejo, onde, do lado de fora da minha casa, Anthi nos esperava, em companhia de Voula e de um homem.

Aquele devia ser Yorgo Babyottis, o marceneiro e empreiteiro.

Ele segurava o chapéu nas mãos, girando-o sem parar pela aba.

Era mais franzino e mais velho do que eu tinha imaginado, com um rosto enrugado como uma noz e olhos surpreendentemente azuis. Tinha um bigode bem cuidado e aparado, e logo percebi que ele devia ter sido muito bonito quando jovem.

Como para provar isso, ele me percorreu com os olhos de cima a baixo, como se estivesse me avaliando. Se bem que era um olhar automático; ele devia fazer aquilo com todas as mulheres, eu deduzi.

Ele estendeu a mão morena e enrugada, e eu a apertei e sorri.

— *Yia* — murmurou, inclinando a cabeça.

Nós todos olhamos para o amplo exterior da casa. Eu vi as rachaduras e as irregularidades das pedras gastas pelo tempo.

Em uma das extremidades do telhado, algumas telhas pendiam soltas. Senti uma súbita apreensão quando olhei para as colunas da varanda, que pareciam perigosamente perto de desabar.

Lembrei-me dos dias e noites em que Hugh e eu nos sentávamos ali, correndo o risco de aquilo desmoronar sobre nossas cabeças.

— Venha, vamos dar a volta na casa e vou lhe mostrar o que precisa ser feito.

Acredito que Yorgo Babyottis esteja impressionado com Divina, assim como todas as outras pessoas do vilarejo. Ela e You são tratados como se tivessem vindo de alguma parte da lua. Vir de Atenas para cá já é estranho, mas escolher morar por estas redondezas, atravessando o mar da Inglaterra, foge à compreensão de qualquer um.

Caminhamos juntas ao redor da casa. Despina ficou para trás. Fiquei preocupada quando vimos a quantidade de trabalho pela frente. Acho que Yorgo estava encantado, embora procurasse não demonstrar. Ele concordava com tudo que Divina queria, e isso me preocupava. Yorgo se vislumbra com trabalho por um bom tempo, no vilarejo onde morava. Enquanto isso, Divina só tinha em mente um sonho se tornando realidade.

Yorgo parou à nossa frente, virando a aba do boné de um lado e para o outro.

— *Kyria* Divina, claro que posso fazer esse trabalho para a senhora. Tenho muita experiência em reformas desse tipo.

Olhei para ele perplexa. Ele passava a maior parte do tempo fazendo ataúdes para pessoas de idade que morriam no inverno.

Eu tinha levado Divina até ali, mas a avisei que Yorgo era um homem do interior, não muito acostumado com tarefas inovadoras como o resto dos aldeões. Mas talvez ele conhecesse alguém que pudesse resolver tudo para ela. Isso era um problema. Eu não conhecia ninguém nas redondezas que fizesse aquele tipo de serviço. Os homens consertavam e reformavam suas próprias casas quando necessário, quer fosse um buraco no teto, quer fosse a simples construção de uma edícula fora de casa, quer fosse uma nova demão ou duas de *isvesti* branca e espessa.

Era certo que Yorgo Babyottis queria aquele trabalho, mas eu não podia deixar que minha mais recente amiga o contratasse sem antes conversarmos seriamente. Naquele exato momento ele dizia a ela que poderia reparar as janelas, portas e venezianas.

— Yorgo, quem vai ajudar você com o trabalho pesado? — perguntei.

Ele trocou o peso do corpo de uma perna para a outra e assumiu um ar preocupado.

— Quando quer que eu comece, *kyria*? Ocorreu-me que o chapéu dele iria se desgastar inteiro se ele não parasse de retorcê-lo.

Todos nós viramos para olhar para Divina.

— Acho que o quanto antes.

— Excelente — disse ele. — Temos apenas de esperar pelo retorno do marido de *kyria* Divina para que eu possa acertar o preço com ele e começar imediatamente.

Minha amiga ainda sorria, embora estivesse um pouco tensa. Percebi que ela precisava de ajuda.

— Yorgo, *kyria* Divina é uma senhora inglesa, — comecei cautelosa — e na Inglaterra eles agem de maneira diferente. São as mulheres que tratam de tudo em relação à casa, portanto é de *kyria* Divina que você terá as respostas e decisões. O marido dela está fora, no momento, a trabalho.

Você irá combinar tudo com ela... ou comigo — acrescentei em tempo.

Divina deu mostras de ter gostado da minha interferência na situação difícil, bem como da ajuda com o idioma. O grego falado em Atenas é muito diferente da língua falada nos vilarejos.

Yorgo finalmente foi embora. Por fim, ele entendeu como as coisas se arranjariam e aceitou Divina como a pessoa responsável pela casa. Mesmo assim ele ainda desceu as escadas balançando a cabeça em dúvida.

De passagem, ele comentou que o sobrinho, Christo, filho de sua irmã, moradores de um vilarejo próximo a Sitia, queria ser arquiteto. O rapaz queria ganhar dinheiro para ajudar a mãe viúva a pagar seus estudos.

— Vou falar com minha irmã. Talvez o filho dela possa vir me ajudar um pouco. Não que eu precise — ele se apressou a acrescentar. — Costumo trabalhar sozinho, mas é bom ajudar a família de vez em quando.

Para mim, Yorgo iria precisar de toda a ajuda possível. Eu me sentia responsável por tê-lo apresentado a Divina para fazer os reparos na casa.

Apreendi que ela era uma mulher que confia rápido nas pessoas, talvez rápido até demais.

Ela queria adiantar parte do pagamento para Yorgo, mas eu a impedi.

— Yorgo, você tem de dar a *kyria* Divina uma lista de tudo o que você vai precisar e o preço de cada item. Só então ela lhe dará o dinheiro para as compras. Você entendeu? Yorgo concordou. Não que ele fosse desonesto, mas com o bolso cheio de dinheiro, se transformaria num risco ambulante.

Com a cabeça tonta de muito *raki* não seria difícil ceder ao primeiro comerciante, comprando mais laços e roupas do que tijolos e cimento.

Depois de se despedir dele, Divina saiu para me encontrar na varanda.

— Anthi, sei que você se sente responsável, mas saiba que a escolha e a decisão foram minhas. Você ainda não viu, mas sei ser firme quando preciso. Prometo que o sr. Yorgo me achará tão austera como se lidasse com qualquer homem. — Ela me enlaçou e abraçou com força. — Minha querida amiga, confie em mim. Voula acordou fazendo barulho naquele instante. Ela estava dormindo numa das caixas de Divina e estava com fome.

Eu a peguei no colo e, sentada na cama de armar, abri minha blusa para dar de mamar. Toda a vergonha que eu sentia em desnudar meio seio em frente a estranhos havia desaparecido.

Divina era uma presença tão tranquila que Voula logo se acalmava. Algumas

vezes, quando ela ficava inquieta, Divina a segurava e a embalava em seus braços, cantando uma música que, segundo me disse, era especial para bebês. Eu gostava de ver minha amiga ninando Voula.

Ela não tem filhos, e isso me intriga. Como uma mulher que parece gostar tanto de bebês não tem seus próprios filhos? Naquele dia, voltei para casa pensando na minha amiga e seu marido de calças engraçadas, que ficava feliz em deixá-la sozinha sabe-se lá por quanto tempo. Meses? Anos? Já era tarde da noite, e eu ainda estava acordada. A meu lado, Manolis roncava alto. Se ao menos ele também se ausentasse durante meses ou anos, eu ficaria bem feliz! Antes de termos filhos, nosso casamento não era tão ruim.

Se bem que aos dezesseis anos, eu tinha coisas melhores a fazer na vida do que dedicar meu tempo ao meu marido. Mas ele não ficou aborrecido por eu ter continuado a ajudar na escola.

Contanto, claro, que eu tomasse conta dele e da casa.

Comecei a gostar de cozinhar como minha mãe me havia ensinado. E fiquei feliz por não ter demorado muito em me tornar melhor que ela. Minha massa era mais leve e crocante; meu cordeiro assado, mais doce e suculento; as frutas que eu picava, desidratava ou conservava em licor eram mais leves e saborosas.

Eu adorava fazer essa magia acontecer.

Um punhado de farinha, uma caneca de óleo, açúcar ou sal com ervas, com meus dedos mexendo e misturando, resultavam em delícias que os vizinhos ou a família, que vinham nos visitar, elogiavam mais do que os acepipes de minha mãe. Isso a deixava furiosa, tanto que ela não me forçava a entrar na cozinha, ao contrário, queria me manter longe dali, de tão maldosa que era.

Foi ela também que me ensinou a tecer e costurar, e mais uma vez meus dedos finos e ágeis trabalharam as lãs e fibras de cânhamo transformando-as em formas bonitas bem mais depressa do que as peças curtas e toscas de minha mãe.

A graça disso tudo me encantava tanto que eu implorava por mais aulas, mas minha mãe me expulsava de casa, dizendo: — Vai, vai, você será mais útil na escola do que aqui, vai! Ririca me substituiu no fogão. Por achar que eu tinha me tornado uma mestra nessas habilidades com muito pouco esforço, ela imaginou que não teria dificuldade para fazer o mesmo.

Mas ela era irremediável. Eu costumava me esconder atrás da porta da cozinha e cobrir a boca com a mão para não rir, enquanto minha mãe ralhava com os insignificantes esforços de Ririca. O *pastitsio* pesado, que eu tanto gostava de fazer e consistia em deliciosas camadas de *macaroni*, molho e carne, era jogado para as galinhas e cabras junto com as tortas de queijo abetumadas e conservas em vinagrete. As massas estragadas eram rejeitadas até pelos animais e permaneciam nas baias até que, bem pisoteadas, tornavam-se parte de seus leitões.

Como de costume, vi meu marido poucas vezes antes de nos casarmos, e nunca fiquei sozinha com ele. Quando chegou o dia da cerimônia, eu já não aguentava mais minha mãe, as irmãs dela e Ririca dando gritinhos e risinhos pela casa enquanto cosiam e bordavam meu enxoval. Eu teria ido à igreja só para marcar presença, tamanha era a importância que eu dava àquilo tudo. Sempre que podia, eu me refugiava na casa dos meus avós.

Eles eram as únicas pessoas que gostavam de me ouvir falar sobre a escola, a colheita, a debulha de grãos e tudo que se relacionava com o trabalho na lavoura. Quando eu ia visitá-los, costumava me sentar em frente à lareira, observando meu avô entalhar uma arca de madeira para mim com material que ele trazia dos pinheirais. Aqueles dois velhinhos eram as pessoas que eu mais amava no mundo. Logo eu me tornaria a esposa de Manolis Manadakis, e ficava me perguntando se conseguiria amá-lo pelo menos um quarto do que amava meus avós. Ou, quem sabe, um décimo... Eu achava que não. Eu os olhava sentados lado a lado, o forte amor que um sentia pelo outro sempre presente em cada movimento, em cada suspiro. De vez em quando, um ou outro percebia meu olhar e esboçava um sorriso, os olhos cheios de afeição.

Aquele era o único amor no mundo que eu tinha certeza de existir.

Foi minha avó quem me preparou para a minha noite de núpcias, quem me explicou o que meu marido esperaria de mim.

Fiquei estarelecida.

— Verdade, *yaya*? Os homens se comportam como os animais na natureza? — Bem, sim, minha filha. Os bebês humanos são concebidos como qualquer outra criatura da Terra.

Tentei imaginar a proximidade, a intimidade com Manolis Manadakis, mas era difícil. Eu chegava a tremer só de pensar que dividiríamos a mesma cama.

No começo, não foi tão ruim. Eu achava que Manolis possuía algumas características compensadoras. Por exemplo, ele tinha olhos lindos, de um castanho aveludado, que a princípio me encaravam gentilmente.

Acredito que ele até gostasse da minha companhia. Eu dava risada à toa, de tão contente que estava por ter saído da casa da minha mãe. Adorava ter a minha própria casa, e como já fazia bastante tempo que a mãe de Manolis tinha falecido, ele até achava bom ter quem se encarregasse das questões domésticas, e eu me sentia à vontade para fazer o que quisesse.

As exigências conjugais dele eram rápidas, sem muito alarde. No começo era dolorido, mas depois que me acostumei às investidas dele, ficou mais fácil. Havia momentos em que Manolis me tocava com os dedos para facilitar sua entrada. Sem querer, roçava no ponto mais sensível do meu corpo, e eu me sentia varrer por uma onda de arrepios, porém não passava disso. Ele logo começava com as investidas e geralmente concluía o ato depois de umas dez, mas havia noites melhores, quando ele conseguia em quatro ou cinco estocadas. Além daquelas

raras carícias, eu não sentia prazer, mas por que eu esperaria sentir algo mais? Era uma manhã fria de inverno, e eu tinha ido ao moinho triturar trigo para fazer pão quando senti o primeiro enjoo. O episódio se repetiu algumas vezes, e meus seios incharam e ficaram macios, e eu soube então que estava grávida. Minha avó tinha me dito que seria assim, e nove meses depois fui torturada por dores durante um dia inteiro, que se agravaram mais e mais durante a noite. Manolis foi buscar *kyria Glykeria*, e ela se apressou a chegar de pronto, usando um avental branco e asseado e trazendo a filha, Tassia, que sorria inexpressiva. As duas colocaram água para ferver e transformaram em tiras um lindo lençol de linho que minha tia tinha bordado com todo o esmero. As dores eram excruciantes, parecia que alguma coisa me rasgava por dentro, e eu gritei.

Tassia se sentou muda a meu lado. Ela é apenas um amontoado de pele e ossos, coitadinha. Ninguém sabe ao certo a sua idade, mas dizem que é retardada. *Kyria Glykeria* deu uma olhada por baixo da minha camisola e deu umas batidinhas em mim com uma almofada embebida em urtiga.

Eu tinha ouvido falar que cozinhar pedaços de pano com urtiga sob a luz da lua cheia garantiria o parto tranquilo de um menino. No entanto, quinze minutos depois nasceu uma linda menina, Despina.

Logo voltei para o trabalho na cozinha e na lavoura.

Despina estava sempre no meu colo ou do meu lado. Manolis parecia gostar dela, tanto quanto um homem normal gostaria de uma menininha, eu pensava.

Ele estava ansioso para voltar a fazer amor comigo, e, apesar das fortes dores que eu sentia a princípio com as penetrações, nunca pensei em protestar.

Não demorou muito para que eu engravidasse de novo e Manolis ficasse encantado.

— Dessa vez você terá um menino — disse ele, com tanta convicção que até eu passei a acreditar que seria mesmo.

Um dia, porém, os movimentos dentro da minha barriga cessaram, e naquela noite comecei a sentir dores terríveis. Então minha bolsa se rompeu, enchando o chão de pedra junto com sangue. O bebê estava previsto para nascer dali a três meses. Era cedo demais.

Enquanto eu chorava, Manolis, com ar preocupado, atravessou as montanhas no vento frio para buscar *kyria Glykeria*.

Como da primeira vez, ela trouxe Tassia, que mais uma vez se sentou a meu lado, enquanto eu suava em bicas e mordida uma tira de pano para abafar os gritos.

Logo que amanheceu, o bebê nasceu. Era um menino, de fato, mas enrugado como um velhinho, e já estava morto quando o expeli.

Tassia foi mandada para dar a notícia a Manolis, que estava sentado perto da lareira no andar térreo da casa. *Kyria Glykeria* continuava a fazer pressão na minha barriga, enquanto eu sentia dores lancinantes, as piores que já havia

sentido. Ouvi a voz de Manolis lá de baixo: — Não! Não! — gritou ele, repetidas vezes.

Tassia se esgueirou de volta para dentro do quarto com os olhos arregalados de medo e reassumi o lugar a meu lado. A placenta não demorou a sair. *Kyria* Glykeria tratou de puxá-la e a enrolou, junto com o bebê morto, em mais um dos lençóis de minha mãe. Coberta pelo manto sombrio do pesar e os cabelos empapados de suor, assisti a tudo da minha cama. Percebi que *kyria* Glykeria ia saindo do quarto murmurando alguma coisa e levando uma trouxa consigo.

— Por favor, deixe-me segurá-lo — pedi em um sussurro.

— Oh, minha criança — ela respondeu, virando-se surpresa. — O que isso lhe trará de bom? É melhor não passar muito tempo com os mortos. Deixe que eu faça o que é necessário.

— Ele é meu filho, deixe-me segurá-lo! Ela encolheu os ombros e me passou a trouxa com tudo o que tinha saído do meu ventre junto com o bebê. Desembrulhei com cuidado e, com o coração tomado pela tristeza e os olhos marejados, me despedi: — Olá e adeus, rapazinho. Pelo menos você nunca conhecerá o mal. Faça uma boa travessia, meu Constantinos.

Tassia estendeu os braços para pegar o bebê com os olhos brilhantes de excitação. Deixei que ela o segurasse, pois estava fraca demais e muito triste para resistir. Meio sem jeito, ela embalou o bebê nos braços, mas quando começou a cantarolar, a mãe o pegou de volta.

— O que você pensa que está fazendo? Criaturas como essa são a semente do demônio e trazem má sorte! Ela embrulhou o recém-nascido e o enfiou numa sacola grande.

Enquanto ela me limpava, ouvi a porta da frente bater.

— Seu marido foi afogar as mágoas no *kafenion*. Quem pode condená-lo por isso? Ele me disse que contou a todo mundo que teria um filho. Todo homem quer um filho varão. É natural.

— *Kyria* Glykeria passou a me limpar com uma infusão de espinheiro-alvar e pedra-ume.

Eu sabia que Manolis me culparia pela tragédia. Enterrei a cabeça no travesseiro e me debulhei em lágrimas. Chorei por ter perdido meu menininho e pelo vazio que seria a minha vida dali em diante.

Logo fiquei sozinha no quarto de novo. Em um dos cantos jazia vazio o minúsculo berço entalhado em plátano feito por *pappous*. O silêncio parecia para mim o símbolo da esperança perdida. Não restou sequer um suspiro, um sorriso, riso ou energia, somente uma opressiva sensação de fracasso: o fracasso de gerar um filho. Não haveria volta ao passado, nem perdão.

Aos olhos de Manolis, eu não tinha somente falhado em dar a ele o filho tão desejado, mas também, como minha não perdeu tempo em me dizer, segundo a superstição local, dar à luz um natimorto era o mesmo que dar vida ao mal.

Alguma coisa tão torpe tinha brotado da semente dele que era como se eu tivesse concebido um *vrikolax*, um vampiro, portanto não era de se surpreender que Manolis estivesse tão horrorizado.

Desse dia em diante passamos a viver vidas separadas, embora sob o mesmo teto. Minha pequena Despina corria entre nós dois, indiferente à pouca atenção que recebia do pai. Não demorou para que ele começasse a vir para casa apenas para comer e dormir. Vez por outra tirava a lira da parede e a levava para a mula que o aguardava do lado de fora. Acredito que, nessas noites, ele e Stelios tocavam em algum casamento ou festa no vilarejo vizinho. Às vezes ele voltava dias depois, cheirando a bebida e tabaco, o bigode desgrenhado e as faces escurecidas pela barba por fazer.

No vilarejo, ninguém falou comigo sobre Constantinos, nem mesmo *papa*. Não que isso me surpreendesse, pois a má sorte, assim como a má saúde, é considerada contagiosa, então as pessoas tratam de afastar até a lembrança, e ninguém toca no assunto. Desde o nascimento de Constantinos, Manolis quase não me procurava na cama. Eu não me importaria se ele não me tocasse nunca mais. Eu fazia questão de colocar Despina para dormir e me deitar antes que ele voltasse do jogo de cartas ou do bar.

Houve vezes em que ele usou meu corpo. Eu era apenas mais um item da rotina diária dele: lavar-se, trabalhar, comer, beber, usar o banheiro e fazer amor comigo; uma existência bem simples.

Uma noite eu me descuidei, virei para o lado depois que ele tinha se satisfeito e caí num sono profundo. Nove meses depois Voula nasceu calmamente numa noite de inverno, depois de um breve trabalho de parto. Ela já saiu do meu corpo sorrindo.

Manolis desapareceu por três dias depois do nascimento da filha.

Outra menina. Outro fracasso.

Essa é a minha vida. Há muita coisa que me deixa feliz, e eu agradeço por isso. Minhas filhas têm sido minhas únicas amigas. Mas agora tenho Divina também. Depois de amarrar Astrape e desmontar Voula, percebo que Despina está cantarolando bem baixinho.

— Divina, você é divina...

Algo assim. Faço um carinho na cabeça dela conforme seguimos para dentro de casa.

— Acho que você gosta da nossa nova amiga, pequenina.

Ela vira o rosto para mim.

— Ah, mamãe, ela é adorável! É *divina*! — E logo se afasta repetindo o refrão:

— *Divina, você é divina...*

Eu estava cortando legumes quando Manolis chegou a casa; ele falou com as crianças e me ignorou. Nenhuma novidade.

Mas depois que coloquei as duas para dormir, ele me puxou quando passei pela

mesa.

— O que você tinha para tratar com Yorgo Babyottis hoje? — Eu o levei para *kyria* Timberlake. Ela precisa de ajuda para reformar a casa.

— Ela por acaso precisa de um caixão? — indagou ele com um riso debochado. Ignorei a brincadeira de mau gosto.

— Tem muito trabalho de marcenaria para ser feito na casa, e achei que Yorgo pode indicar um faz-tudo para ela.

— Então você se empenha em arrumar serviço para os comunistas do nosso vilarejo, é isso? Eu suspirei. Se Manolis quisesse, ele conseguiria transformar aquela simples conversa numa desagradável discussão. Me fiz de desentendida.

— Comunista? Yorgo é comunista? — Você não é tola, esposa, e conhece o poder de persuasão dele, imagino.

Se tivesse me consultado antes, como seria o certo, eu teria indicado alguém melhor que Babyottis.

Voula começou a chorar, no andar de cima. Salva pelo gongo, virei-me e corri escada acima até ela. Pouco depois ouvi a porta bater. Manolis tinha saído de casa, e eu suspirei contra o pescocinho de minha filha.

— Obrigada, pequena — sussurrei, enquanto ela soltava o ar preso em seu corpo minúsculo e adormecia em seguida.

Mais tarde, sentei-me para admirar os últimos raios de sol e me lembrei do que Manolis tinha dito. Claro que eu sabia das tendências políticas de Yorgo. No nosso vilarejo, todo aquele que não fosse monarquista era automaticamente tarjado como comunista.

Yorgo foi amigo do meu pai, e meu avô é padrinho da filha dele. Ele também é um bom artesão. A madeira ganha vida depois de tratada por aqueles dedos fortes. Não sei muito sobre o trabalho de construtores nesta área, mas vou conversar com a esposa de Yorgo quando formos lavar roupa juntas. Afrodite é uma mulher gentil e sensível, que ficará feliz em saber que o marido será o responsável pela renovação de uma das maiores casas de Panagia Sta. Perivolía. A luz da manhã banhava o topo da colina enquanto as meninas e eu seguíamos montadas em Astrape, no dia seguinte, carregando uma trouxa de linho surrado presa à sela.

Passamos de vagar ao longo da cadeia de montanhas em direção à fonte, as vinhas, as alamedas de oliveiras e, por último, a Igreja de São Nicholas. Sempre que passo por aqui não consigo deixar de olhar para cima.

No alto de uma das montanhas, aquela que parece tocar o céu, localiza-se a pequena Igreja de S. Cosme e S. Damião, muito pouco usada. *Pappous* me disse que meu pai queria ter sido enterrado lá, mas minha mãe insistiu que ele ficasse na Igreja de Santo Atanásio, maior e mais majestosa, onde ela possuía um túmulo reservado. Hoje em dia ela nunca o visita, eu e as meninas somos as únicas que passam por lá.

Sorrio ao me lembrar de ter descoberto, pouco depois do acontecido, que minha mãe enterrou meu filho, Constantinos, na pequena igreja no topo da montanha. Não duvido de que ela o queria o mais distante possível do nosso vilarejo. Contudo, ela não poderia saber o quanto me faria feliz com isso. Cosme e Damião sempre foram meus santos favoritos, e senti que o pequeno espírito de Constantinos olharia por nós.

O ar parado me possibilita ouvir a balbúrdia das mulheres, jovens e mais velhas, e já sei que estou perto do córrego.

Desmonto e puxo Astrape pelo caminho ladeado de árvores.

Conforme eu esperava, Aphrodite já estava na fonte de água, esfregando e enxaguando as roupas da família.

Como de costume, ela nos cumprimentou, interrompeu o que estava fazendo, enxugou rapidamente as mãos no avental e abraçou Despina com ternura.

Aphrodite gosta das minhas filhas tanto quanto ama as dela. Quando conto as novidades, ela ri alto, balançando a barriga sob o tecido apertado do vestido.

— Meu Yorgo? Será que ele acha que há um grupo de trabalhadores braçais na Piperia apenas aguardando o chamado dele? Ele terá de falar com a irmã em Sitia. — Aphrodite fez uma careta. — Ele não vai gostar nada disso, pois não fala com ela há semanas. Mas não se preocupe, ele não irá decepcioná-la. — Em seguida, me examinou de cima a baixo. — Quem é essa sua nova amiga? Dizem por aí que ela veio de Atenas, e que antes esteve em Paris, na França.

Eu corei. Sabia que estavam falando sobre Divina na cidade, mas eu não gostaria de fazer parte do grupo de fofoqueiras. Ela tinha se mostrado aberta e carinhosa comigo. Eu não retribuiria a gentileza com mexericos sobre sua vida. Além disso, eu não sabia muito mais do que os fatos principais, ou seja, que ela tinha vindo da Inglaterra, passara pela França, depois por Atenas e por fim chegado ao nosso vilarejo.

Conforme me pus a trabalhar, percebi que as mulheres à minha volta falavam sobre ela, mas apenas para elogiar sua beleza e seu sorriso fácil.

A maior parte dos comentários era sobre o marido de Divina, You.

Elas tinham ficado surpresas ao ver as pernas dele descobertas no vilarejo e se renderam aos risinhos como se fossem garotas.

Eleni Peridakis elevou a voz acima do burburinho para me chamar:

— Ei, Anthi, que tipo de marido é o inglês? Por que ele deixou aqui uma mulher bonita como sua amiga e foi para Atenas? Antes que eu pudesse responder, outra mulher perguntou: — Ele anda em Atenas com as pernas de fora também? — Ele a deixou ficar sozinha naquela casa caindo aos pedaços? — indagou outra.

Dei de ombros. Não vejo motivo para encorajar tantos comentários, por isso deixei que perguntassem até que se cansassem do assunto e voltassem a falar da parca colheita de trigo que, eu sabia, era um problema sério para muitas ali. Sem a venda do trigo, não haveria como comprar outras provisões e também não

restaria o sufi ciente para moer e fazer o pão de todo dia. Com a pouca oferta, haveria mais escambo em vez de comércio legal. Fiquei triste por elas. Nós tínhamos bastante, obrigada, *Panagia mou*.

Está um dia lindo de outono com resquícios de verão no ar.

Passamos para buscar Divina em casa. Vamos fazer um piquenique nas montanhas para comemorar o último dia de liberdade. As aulas começam amanhã, e Yorgo Babyottis deve iniciar o trabalho na casa de Divina.

Amarro Astrape do lado de fora da casa dela. Um gavião plaina no ar conforme andamos juntas na direção dos arbustos secos.

— Enquanto Yorgo estiver ocupado na minha casa, será que posso ir visitá-la na escola? De súbito uma ideia me ocorreu: — Não só visitar, por que não vem me ajudar e ensinar inglês para as crianças? — Você acha que eu posso? — Acho que é uma ideia maravilhosa. Os alunos terão a chance de conversar em inglês com uma inglesa de verdade! Comecei a rir de felicidade. Deliciei-me em pensar que minha amiga estaria a meu lado na escola. Eu tinha certeza de que o professor iria concordar, que só poderia achar que seria ótimo para as crianças.

Depois que meu pai morreu, foi do professor que aprendi o prazer conferido pelas palavras e pela língua. Sempre que a aula terminava, eu continuava na classe e ele me ensinava inglês. Eu era uma estudante ávida, ansiosa para aprender tudo o que podia do mundo além desta ilha. Apesar da imaginação do meu pai, eu não teria chances de estudar fora daqui.

Ninguém destas redondezas foi para a universidade em Haraklion. E ir mais longe ainda, como Atenas, por exemplo? Ah! Nem em sonhos...

Imagine só uma garota do interior em lugares como esses! Que ideia...

No entanto, minhas filhas irão. Juro, aconteça o que acontecer. O conhecimento será a riqueza que elas herdarão de mim. E do jeito que o pai delas bebe, pode ser a única coisa que reste.

Naquela época, segui o curso natural da vida e continuei na escola, ajudando o professor com o crescente número de crianças que vinham aprender. Não era nada oficial, claro. O professor tinha feito diversos pedidos para as autoridades, mas suas requisições iam sempre para debaixo da pilha.

E agora Divina podia vir e se tornar assistente não oficial também.

Não é uma sorte?

Divina

Atenas, novembro de 1936 Minha querida Evadne, Penso em você o tempo todo, e a saudade chega a doer.

Às vezes gostaria de voltar correndo para Creta e ficar com você, mas preciso me lembrar de que minha vida agora é aqui em Atenas. E que mundo diferente é este! Às vezes parece que Atenas é um país separado, uma parte da Europa, como Londres, Paris ou Roma. E a Grécia em si, Creta e as outras ilhas, ainda parte dos Bálcãs. São duas civilizações, tentando coexistir lado a lado.

Alguns fatos que estão acontecendo alarmam o embaixador.

Outro dia, os restos mortais do rei Constantine e da rainha Sophia, da antiga família real, foram exumados e trazidos para cá para serem enterrados na antiga propriedade, Attica. Como eu, você também teria achado uma providência razoável. Mas desde então, por toda parte, tem havido rumores de dissidentes.

Houve um incêndio horrível em Atenas, provavelmente ateadado por comunistas, que matou muita gente, inclusive crianças.

Houve também outros incidentes. Tivemos sorte em Chania pelo problema com Venizelos ter sido abafado logo. Todo dia há boatos de levantes contra o governo, e até aqui os sinais de pobreza estão aumentando.

Em Panagia ninguém nos falou sobre isso, mas a desastrosa safra de trigo deste ano debilitou o país. Houve uma greve geral, e todos os serviços daqui faliram. Teve um dia em que só os meninos engraxates trabalharam!

Mas até eles se deram mal, pois os clientes não saíram de casa.

Ah, como eu queria que você estivesse comigo agora, assim conversaríamos sobre tudo isso! Minha querida, você se lembra de como costumávamos bater papo à noite? Sei que ultimamente não foi o que fizemos, mas a culpa foi minha, eu sei, sempre com outras coisas a fazer.

Mas tenho de ficar aqui e ganhar os xelins que pagarão os tijolos e ardósias para consertar as antigas ruínas destruídas da casa. E você parece estar feliz aí.

Espero que seja só isso, meu anjo, e que você não esteja contente por estar longe de mim.guardo ansioso por notícias, guardo suas cartas na gaveta do meu criado-mudo e não canso de relê-las.

Seu marido que a adora, Hugh — Ah, Yorgo, o que você fez? Na minha frente, o homenzinho enrugado sacudia a cabeça rapidamente.

Ele estava coberto de gesso cinza, da cabeça aos pés. Bem, não era apenas pó de gesso, mas havia também flocos, pedaços e até placas em cima dele. E o gesso continuava caindo do teto e das paredes da minha sala de estar em cima do homem ali parado.

— *Kalimera, kyria* — começou ele, parando de balançar a cabeça e me fitando através dos cílios duros de poeira. — Achei que tínhamos de começar bem

rápido e não perder tempo.

Terminei o ataúde de *kyrios* Manos antes de ir para o *gypo*... Ah! Ele se calou de repente e saiu correndo na direção da porta, tropeçando na escada, que caiu no chão de onde tinha sido precariamente apoiada numa viga, a qual veio ao chão junto com a maior parte do teto. Apenas as imponentes vigas de carvalho resistiram, formando um esqueleto da construção que um dia existira ali.

Ignorando o fato, que momentos antes poderia ter matado a nós dois, ele inspecionava um saco que tinha ficado debaixo de um amontoado de cascalhos.

— Ah, sim! — exclamou Yorgo, quando um martelo grande caiu no chão.

Em seguida ele se levantou, segurando três pepinos nas mãos sujas.

Atravessou o que deveria ser uma parede e parou diante de mim.

— É para a senhora — ofereceu, e acho que sorriu... era difícil ter certeza. — Estão frescos, bem fresquinhos mesmo. Colhi hoje de manhã. Amanhã trarei tomates.

Eu morava numa casa em ruínas, mas pelo menos tinha três pepinos. Foi impossível não sorrir também, embora o desânimo dominasse meu coração.

Vai ser difícil escrever para Hugh com entusiasmo sobre a obra aqui em casa, e estou prestes a entrar em pânico, na dúvida de ter tomado a decisão mais acertada.

Com os pepinos nas mãos, olhei para cima devagar.

— Por quê, Yorgo? Era necessário mesmo destruir todo o teto? Por quê? — Ora, para ver como era o forro.

— E como é? — Material de boa qualidade. Bambu, como eu previa, um cânhamo excelente e lã de ovelha, tudo bem antigo, claro, datado de séculos atrás. E tem mais, este será um lugar quente no inverno e fresco no verão. Perfeito.

— Agora que você já demoliu tudo, o que pretende fazer? Yorgo ficou um tempo com cara de espanto antes de responder: — Agora, *kyria*, colocamos tudo de volta.

E assim foi o primeiro dia das obras.

Todo fim de tarde ele me acompanhava ao longo do pouco que ainda estava em pé. Com muito orgulho e prazer, ele me mostrava a casa quase totalmente devastada. Todas as manhãs eu pensava se conseguiria viver mais um dia no meio daqueles escombros. Certo dia, o espaço que, com muito otimismo, eu chamava de quarto tinha tantas pilhas de madeira que eu mal enxergava minha cama. Sem dar muita importância a isso, Yorgo encolheu os ombros e virou-se para sair. Só que dessa vez tinha sido demais para mim. Surpreendi-me puxando-o de volta pela manga do suéter sujo. Ele arregalou os olhos, olhando para minha mão em seu ombro. Retirei a mão depressa.

— Chega, Yorgo. Já aguentei o suficiente. Tudo que vejo é você demolindo minha casa. Agora quero que me mostre pelo menos um sinal de que ela será

reconstruída. Você não pode trabalhar sozinho assim, precisa trazer alguém para ajudá-lo.

Como acha que vou dormir na minha cama hoje à noite se ela está praticamente enterrada nesse entulho todo? Yorgo me olhou tão desapontado que pensei que fosse chorar.

— Venha comigo — ele me chamou num murmúrio e me conduziu para fora da casa, onde havia um cipreste antigo no jardim.

Ali estava minha cama com um pé quebrado. Sobre a colcha havia três gatos e um filhotinho enrolados dormindo sobre o que imagino que fosse meu travesseiro.

— Viu só? Já fiz a mudança para você — ele anunciou e tocou os gatos.

Fechei os olhos e contei até cinco.

— Você acha que vou dormir embaixo de uma árvore, Yorgo? Ele inclinou a cabeça, triste ao perceber que eu não tinha achado a ideia muito boa. Imaginei as engrenagens da cabeça dele funcionando rápido.

— Não é frio — ele tentou explicar. — Não terá vento esta noite, nem chuva.

— Não, Yorgo. Você precisa consertar a cama e levá-la de volta para dentro de casa. Acho melhor eu dormir na cozinha esta noite.

Yorgo ainda não havia mexido nessa parte da casa... ainda.

Então, com a minha ajuda, foi o que ele fez.

Naquela noite, levei uma cadeira para fora e me sentei para admirar as estrelas. Uma melodia lamurirosa vinha do vilarejo, uma canção antiga que falava de um amor abandonado havia muito tempo. Foi um momento de tristeza para mim, pois me vi desprotegida e sem esperança. Senti uma saudade dolorosa de Hugh e me arrependi de ter insistido para que ele fosse embora.

Parecia impossível que um dia eu tivesse acreditado que, sozinha, poderia transformar aquelas ruínas em um lar para nós dois. Lembrei-me dos meus sonhos animados de pendurar tapeçarias nas paredes e ouvir vozes felizes de crianças ecoando pelos cômodos espaçosos. Onde Hugh estaria agora? Parecia que fazia muito mais tempo do que apenas alguns meses que ele estava distante. As cartas que eu recebia me deixavam ansiosa por mais notícias. Se fosse o inverso, o que eu estaria fazendo em Atenas agora? Na certa, deitada em nossa cama. Olhei para o céu, vendo uma nuvem passar na frente da lua, e ouvi o pio de uma coruja.

Chega de autopiedade, disse a mim mesma. Amanhã vou ajudar Anthi na escola, e a esperança refletida nos olhos das crianças irá me animar.

A escola do vilarejo é um verdadeiro núcleo de felicidade para mim, e me considero sortuda por estar aqui. Venho vários dias por semana, e agora as crianças já se acostumaram com minha presença e parecem gostar de mim.

A escola fica em uma construção térrea de pedra cinza- clara. As janelas da frente são pequenas como se fossem tocas de coelhos. Aliás, como todas as casas

por aqui. O sol não entra, então, mesmo no auge do verão, as salas são frescas. O edifício todo é circundado por uma varanda larga, e na primavera e no outono muitas aulas são dadas ali. Eu adoro a vista aqui de cima, adoro ver o vilarejo aninhado numa curva ao pé da colina; as oliveiras de troncos nodosos, algumas delas com mais de mil anos, conferem uma sensação de solidez e segurança. Olhando para cima, avisto a Capela de S. Cosme e S. Damião, lá no pico mais alto, dando a impressão de proteger tudo em volta e abaixo.

Kyrios Tsimbanakis, o professor que dirige a escola, é um homem gentil e alegre. Quem porventura venha a conhecê-lo fora dali vai mesmo imaginar que ele é um professor. Ele é muito respeitado em Panagia por controlar as crianças sem apelar para a violência. Basta uma palavra de reprimenda para que a classe inteira faça silêncio absoluto.

Há cerca de trinta crianças na escola e, aos poucos, foram divididas em três grupos. O professor cuida dos alunos mais brilhantes, que também são os mais velhos. Anthi toma conta do grupo intermediário, e a esposa de *kyrios* Tsimbanakis, que todos chamam de *kyria* Tirsa, é responsável pelo grupo dos mais novos, alguns com apenas dois anos de idade.

A escola se tornou o centro da comunidade, junto com a igreja. As mães deixam os bebês e as crianças pequenas com *kyria* Tirsa para irem trabalhar na lavoura. Logo a pequena Voula, que está começando a andar, estará entre os alunos, caso Anthi não consiga ajuda de alguma vizinha para ficar com ela.

Fui recebida nesse grupo feliz com alegria e interesse. A educação é o que há de mais importante em vilarejos como Panagia. Ensinar as crianças a falar inglês não tem preço.

Ficou decidido que qualquer criança que mostrasse habilidade para aprender inglês, de qualquer um dos três grupos, poderia me procurar.

O acordo funcionou para mim também. Posso estar em casa com Yorgo Babyottis sempre que achar necessário. Essa ideia me faz sorrir, porque quanto mais tempo eu ficar longe de Yorgo e da minha casa, melhor.

É a primeira vez, depois do meu casamento, que me sinto eu mesma de novo. Aqui estou eu, executando um trabalho. As crianças são um deleite para mim. Sem exceção, os olhinhos brilham ante o desafio de novas palavras neste estranho idioma que é o inglês. Elas adoram dizer uma frase inteira e ouvir um “muito bem!” de mim, uma mulher que até pouco tempo atrás se sentia inútil.

Só há um menino que me preocupa. Ele é surdo-mudo, filho de um pastor, e ambos vivem numa caverna na encosta da montanha. Eu soube que a mãe do garoto morreu há três anos.

Todas as manhãs, o pai, Manos, traz o filho para a escola e vem buscar à tarde. Presume-se que Dimitri tenha dez anos de idade, mas nem Anthi, nem *kyria* Tirsa sabem ao certo.

Ele não tem certidão de nascimento.

Ele é quieto, mas receptivo. Não tenho certeza se aprende ou lembra o que ensino de inglês, mas *kyria* Tirsa acha que ele está feliz aqui, por isso tem o direito de vir quando quiser e passar uma hora comigo.

Dimitri é muito magrinho, parece só pele e osso, sem músculos no corpo franzino. Os olhos castanhos parecem enormes no rosto dele, e volta e meia, mechas do cabelo escuro e encardido escorregam da testa, atrapalhando-lhe a visão.

Certa manhã cheguei à escola antes de todo mundo. Yorgo tinha me acordado ao raiar do dia com novidades animadoras: ele havia encontrado alguns trabalhadores para vir ajudá-lo na obra.

Fiquei exultante durante a hora seguinte e não consegui dormir mais.

Por isso decidi caminhar sob os ainda fracos raios de sol e pegar a estrada para a escola, que serpenteava por entre o arvoredo. Chego tão cedo que está tudo deserto. Passo pela área onde as crianças costumavam brincar, onde reina o silêncio, rompido apenas pelo canto dos pássaros. Na varanda vejo alguém encolhido. É Dimitri.

Apresso o passo e ele se retrai quando tento tocá-lo. Ele coloca os braços sobre a cabeça, mas pela manga rasgada da camisa, vejo sangue seco nos braços e alguns arranhões e cortes.

Nos joelhos, aparentes pelo rasgo na *vraka* surrada, que mal lhe cobre as pernas, vejo hematomas roxos e amarelos.

Ouçoo o riso de um grupo de crianças começando a chegar, a voz de Anthi e risos. Viro-me depressa e aceno com urgência, sem querer estressar Dimitri ou chamar a atenção das crianças.

Assim que ela vê o garoto todo encolhido, apressa-se a dizer: — Fique com ele mais um pouco. Vou buscar ajuda.

Ela volta logo em seguida, com o professor.

Eu me afasto para o lado. Dimitri permanece imóvel no canto. Seu desejo de desaparecer parece palpável. As crianças não param de brincar, deixando a impressão de que não notaram nada de errado. O professor pega Dimitri com todo o cuidado, como se ele fosse um passarinho ferido, e o carrega pela porta de trás.

Mais tarde, Anthi está estranhamente relutante em falar sobre o incidente.

— Não foi nada. Vamos ficar com ele aqui durante o dia e mais tarde o professor o levará para o pai — informou ela por fim.

Percebi uma atmosfera diferente na escola. Talvez fosse apenas minha imaginação, mas tudo parecia mais silencioso.

Poucas crianças correndo e brincando no pátio, a maioria reunida em pequenos grupos. Quase não se ouvem risadas.

Fui até a sala de *kyria* Tirsa, e Dimitri estava lá, ainda encolhido, sobre uma cama de armar parecida com as que eu tenho em casa.

Anthi tinha me acompanhado e se ajoelhou ao lado do garoto, afagando-lhe a cabeça. Em seguida olhou para mim.

— Você é enfermeira, Divina. Será que pode ajudá-lo? Curvei-me diante da pequena figura imóvel e de olhos fechados.

Quando o toquei com cuidado, ele abriu os olhos e os fechou logo em seguida, ao me ver.

Com todo o carinho, dobrei-lhe as mangas da camisa e virei o braço dele de um lado e do outro para examinar. Ele não demonstrou nenhuma tensão. Fiz o mesmo com as pernas, e quando terminei Dimitri se encolheu de novo como num casulo onde se sentia em segurança.

— Não tem nenhum osso quebrado, o que é bom. Os hematomas estão feios, mas se curarão sozinhos. Já os cortes são profundos, e é preciso cobri-los. Fique com ele mais um pouco, eu já volto.

Corri até minha sala e remexi na única gaveta da mesa. Por via das dúvidas, eu tinha trazido nos primeiros dias um estojo de primeiros socorros.

Ainda não tinha aberto até aquele dia. Havia ali iodo, gaze e algumas compressas. Voltei para onde estava Dimitri e Anthi o virou para me ajudar.

Limpei os ferimentos nas pernas e os cortes no braço. Sei que o iodo arde quando aplicado sobre a carne viva, mas ele não se encolheu nem gemeu, continuou imóvel até eu terminar os procedimentos.

Conforme revivia minhas antigas habilidades, senti a raiva me dominar.

— Não acredito que ele tenha se machucado assim em um simples tombo, Anthi. Acho que ele apanhou muito. Quem foi o responsável? O pai? — falei em inglês para que apenas ela me entendesse.

— Não foi o pai dele, imagine! Não sei quem faria isso com uma criança, mas precisamos descobrir.

— Vou para a minha sala. As crianças logo estarão de volta.

Mas ninguém quis ter aula de inglês naquele dia, e eu fiquei sozinha.

Esperei um pouco, empilhei meus livros e saí.

Ao voltar para casa, pelo mesmo caminho que eu tinha ido de manhã, observei as montanhas que reverberavam qualquer som. A imagem da ovelha morta, suspensa no jardim de Anthi, me veio à cabeça, seguida pelo som da faca afiada que o marido dela, sorrindo de prazer, passou pela barriga do animal, dilacerando-lhe as tripas. A morte não era total desconhecida naquelas paragens. Tremi involuntariamente, como se tivesse sido atingida por um vento frio.

Subi o caminho até a minha casa um pouco relutante; podia ouvir vozes e risadas altas.

— *Yiassou, kyria* — chamou Yorgo assim que entrei em casa. — Agora a obra vai terminar logo, logo. Está feliz? Olhei à minha volta e não notei diferença nenhuma. Havia entulho pela sala inteira, e o ar estava espesso de tanta poeira. De onde eu estava, podia ver minha cama ainda na cozinha, agora decorada por

algumas painéis de cobre antigas e dois gatos. Mas Yorgo não estava sozinho. Havia outros homens por ali.

Reconheci dois deles como companheiros de drinques de Hugh no *kafenion* no dia em que tinha me acidentado: os irmãos Kanavakis. Acenei com a cabeça, cumprimentando-os, e tentei esboçar um sorriso. Havia outros dois perto do lagar. Sobre o topo da montanha de entulho na sala havia agora longas pranchas de madeira e duas escadas altas encostadas à parede.

Os pedreiros começaram a se movimentar tão logo perceberam quem eu era. Um deles pegou a escada e levou-a para o outro lado do cômodo, outro trocou as tábuas de lugar e um terceiro alcançou uma vassoura rudimentar e começou a varrer o chão, apressado. Na verdade, o que ele fazia era basicamente trocar os montes de entulho de um canto para outro.

Yorgo continuou imóvel, arrastando um pé e o outro no chão. Pela expressão do meu rosto, garanto que ele percebeu que não fiquei muito impressionada com o que estava vendo.

— Agora que tenho gente para me ajudar, vamos terminar o trabalho bem rápido, *kyria*. Veja só — disse ele, apalpando o braço de um dos irmãos Kanavakis, que na hora flexionou o biceps avantajado. — Sinta como ele é forte.

— Tenho certeza de que ele é, Yorgo — concordei exasperada e me afastei dos dois. — Mas na verdade não os vejo fazendo nada.

— *Kyria*, claro que não estão fazendo nada neste momento, porque é horário de almoço. Eles precisam de um intervalo.

— Intervalo de qual atividade? — Ora, uma pausa para pensar por onde vão começar, quem vai fazer o quê, esse tipo de coisa.

Esperei que ele continuasse, mas acho que suas desculpas tinham acabado.

— É preciso refletir muito antes de começar a trabalhar numa casa grande como esta. E como sabe, uma *kyria* estudada como a senhora, pensar é um trabalho extenuante. Vamos começar às quatro horas... quero dizer, vamos recomeçar.

Estava quente. Além de cansada, eu não podia argumentar mais contra aquela lógica de um vilarejo da ilha de Creta. Não sei de onde surgiu uma cadeira surrada, mas me deixei cair ali.

Todos eles se sentaram no chão, no meio da poeira.

De repente, dos bolsos dos homens surgiram garrafas de vinho, pães, frutas, queijo e uma faca com aparência letal.

Comemos juntos e em silêncio. O vinho acabou depressa, três garrafas foram esvaziadas entre eles quando Spiros Kanavakis tomou a palavra: — Quantos anos tem, *kyria*? — Qual a idade do seu marido? — indagou outro homem.

Enquanto eu me atropelava com as respostas àquelas perguntas inesperadas, Yorgo interrompeu: — E qual a idade do seu rei? Nem precisei dizer nada porque eles entraram numa discussão dos prós e contras da monarquia. Lembrei-me de Hugh dizendo que aquilo era tudo com que as pessoas de Atenas se

preocupavam.

— Deve ter uns quarenta anos — eu disse bem alto. Todos pararam de brigar e olharam surpresos para mim. — O rei da Inglaterra tem uns quarenta anos.

— Por que veio para cá?

— Por que está sozinha? — Por que seu marido a deixou aqui? — O que seu marido faz? — Quanto ele ganha? Fiquei desnorteada com aquele súbito interrogatório, mas me lembrei de que Anthi já tinha me dito que todo mundo ali sempre fazia perguntas de cunho pessoal, principalmente quando se tratava de estrangeiros.

— Quanto ganha o seu primeiro-ministro? — Yorgo quis saber, com os olhos brilhando sobre o espesso bigode.

— Ah, acredito que alguns milhões de dracmas, mas não tenho muita certeza.

— Hum. Suponho que ele possa pagar para ter carne enlatada nas refeições pelo menos duas vezes por semana, se quiser — comentou o mais moreno dos homens, chamado Petros, e depois deu de ombros.

— Provavelmente sim, pelo menos duas vezes — respondi apressada, lembrando-me das mesas abarrotadas de comida nos banquetes da embaixada.

As perguntas foram morrendo até ficarmos em silêncio.

Dois dos homens saíram da casa e deitaram-se sob o cipreste, obviamente achando que era seu direito depois do almoço. Os outros aos poucos foram saindo, murmurando promessas de voltar para ajudar no dia seguinte.

Yorgo e eu ficamos sozinhos no meio do entulho, agora ainda pior com o acréscimo de cascas de queijo, caroços e cascas de frutas. Eu estava prestes a tentar racionalizar com Yorgo e forçá-lo a fazer um planejamento apropriado, quando a campainha tocou. Olhei para a porta e sabia que havia alguém ali que eu nunca tinha visto antes.

A sala estava tão suja que foi difícil ver o visitante em detalhes, mas naquele exato instante um raio de sol bateu no vidro e iluminou o rosto dele. Foi então que o desconhecido me viu e sorriu. Ele era moço, talvez tivesse a mesma idade que eu.

Segurava dois baldes cheios de água ao entrar e se aproximar, ainda sorrindo. Ao chegar à minha frente, ele colocou os baldes no chão sem derramar uma gota sequer, secou a mão na *vraka* e estendeu-a para mim.

— *Kalispera, kyria* Timberlake — cumprimentou ele formalmente em voz baixa.

— A senhora tem uma bela casa. Será uma honra trabalhar aqui.

Tive a impressão de que o raio de sol que o tinha iluminado antes o acompanhara até ali. Segurei a mão dele e a apertei, sentindo-lhe a força e a temperatura mais elevada da pele.

Era um rapaz alto e magro, mas a primeira coisa que notei foi o perfume, uma fragrância fresca, de natureza. Só então me dei conta de que a maioria dos habitantes do vilarejo tinha o cheiro de seus animais. Eu já tinha me acostumado

a isso, e não era tão desagradável como se poderia pensar. Mas aquele homem tinha um aroma particular, limpo, doce.

Yorgo borboleteava ao redor dele esbanjando felicidade.

— Este é Christo, filho de minha irmã. Ele vai deixar sua casa linda. Ele é inteligente e... e...

— Chega, tio — disse Christo. — *Kyria* Timberlake sabe que há muito trabalho a ser feito aqui. Vou tentar ajudar, mas vai demorar um pouco. Muita coisa precisa ser reconstruída de maneira adequada.

Fiquei feliz ao ouvir aquilo. Tive a certeza de que aquele homem não derrubaria paredes, ao contrário, começaria a erguê-las.

E como se eu tivesse verbalizado meus pensamentos, Christo disse: — Primeiro precisamos levantar essas paredes e o teto de novo. — Ele olhou ao redor com aqueles olhos de um azul tão profundo quanto os do tio, parcialmente escondidos pelos óculos de aro fino. — Vamos colocar tábuas apoiadas nas duas escadas para termos um andaime, assim chegamos até o teto e começamos por lá. Precisamos fazer cimento. — Ele apontou para os baldes. — Mas, antes, a senhora me mostraria o resto da casa, *kyria*, e me contaria o que pensa em fazer aqui? — Com todo o prazer — respondi.

Eu tinha esperança de que ele entenderia o que eu queria dizer quando falava de cores, texturas e sentimentos.

Seguimos juntos para a cozinha contígua à sala, que não estava em condições muito melhores, mas pelo menos o teto enegrecido pela fumaça e as vigas estavam intactas. Yorgo ainda não tinha feito nada ali.

Expliquei meus receios a Christo e ele balançou a cabeça.

— Não é necessário. Meu tio achou que era importante demolir um cômodo para descobrir como estava a estrutura e reconstruir.

— É uma pena que ele tenha escolhido justamente a sala para fazer esse teste.

— Mas do ponto de vista estrutural, é o cômodo mais importante da casa. Se aquele teto estiver em boas condições, todo o resto estará também.

— E o quarto de dormir? — perguntei conforme descíamos pelas escadas. — Todo o resto também depende dessa estrutura? Ele sorriu e ficou pensativo.

— Bem, vou avaliar primeiro e depois respondo, mas acho que a destruição ali foi um equívoco.

— Fico feliz que admita isso — eu disse e ele arqueou uma sobrancelha com ar de indagação. — Bem, agora sei que posso confiar em você porque acredito que esteja me dizendo a verdade.

Christo riu alto.

— Talvez, se continuarmos com a inspeção, eu seja sincero quanto aos erros do meu tio, mas espero que não seja esse o caso.

— Nem eu. Tomara que esta casa fique pronta logo para eu poder aproveitá-la do jeito certo. Seu tio acha aceitável que minha cama fique sob o cipreste, lá

fora.

— Bem... — Ele riu de novo. — Sempre durmo sob um céu estrelado quando venho da cidade para estas montanhas. É possível dormir bem e tranquilamente aqui. Não há perigo.

— Mas minha amiga Anthi me contou sobre os lobos daqui, e pelo que ouvi dizer, eles representam um risco real.

Mais uma vez, Christo não conteve o riso.

— Lobo é coisa dos pesadelos das nossas avós. Já faz anos que não há lobos por aqui. Se fosse o caso, eles seriam caçados e virariam refeição. Foi um inverno ruim, e o povo daqui é esfomeado.

— Você se hospeda com seu tio aqui no vilarejo? — Não, não, prefiro ficar sozinho e ser independente.

Durmo lá em cima. — Ele apontou para as montanhas.

Percebendo minha estranheza, explicou: — Em uma caverna.

Juro que é um lugar muito confortável, aquecido, seco e limpo.

Devo ter feito uma expressão de perplexidade, porque ele ofereceu: — Se quiser, posso levá-la até lá para mostrar.

— Ah, não, acredito em você.

— A maioria dos pastores por aqui dorme em cavernas. Isso não é de se estranhar neste canto do mundo.

Lembrei-me de Dimitri, o filho do pastor que tinha apanhado, e contei a história a Christo, que franziu a testa.

— Acho que conheço a família dele. O pai e o avô lutaram contra os turcos. O tio e a família foram trazidos para cá com o êxodo entre a Turquia e a Grécia. A senhora conhece um pouco da nossa história? Respondi que sim com um sinal de cabeça, embora aquilo não fosse muito claro para mim. Eu sabia que havia acontecido um levante que separara as famílias.

— Se estiver interessada, deve pedir a alguém para lhe contar. Talvez seu marido, quando voltar.

— Quem sabe você não me conta enquanto estiver aqui trabalhando na casa.

— Seria uma honra, *kyria*. Mas é muito difícil para mim manter a imparcialidade. Não sou monarquista e acredito que talvez haja mais do que duas versões da história.

— Você pode me chamar de Divina? É assim que me conhecem por aqui.

— Meu tio a chama de *kyria* Divina, então acho melhor eu fazer o mesmo.

Andamos pela casa, e eu notei que ele prestou atenção a tudo. Vez por outra meneava a cabeça ou murmurava “hum- hum”.

— Presumo que você tenha vindo da Inglaterra para Atenas e de Atenas para cá, não é? — Ah, você já sabe bastante a meu respeito.

— Nem tanto, só sei de onde você veio — Ele encolheu os ombros.

— Seu marido está em Atenas, não é? — Sim.

— Não há muitos segredos por aqui, *kyria* Divina. Todo mundo sabe de tudo. Nunca duvide disso.

— Não tenho segredos.

— Mesmo assim... O povo se encarrega de inventar alguma coisa, se não tiver nada para contar.

— Pensei que, por ser de Sitia, você não fizesse parte disso.

— Claro que não acredito nas coisas que ouço no *kafenion*, mas estamos em um lugar simples, ninguém escreve cartas nem lê jornais. Sendo assim, o conhecimento vem das conversas, e é claro que quem conta um conto aumenta um ponto, e no final do dia é bem possível que o vilarejo inteiro acredite que seu marido é parente próximo do primeiro-ministro da Inglaterra.

Ri muito daquele absurdo e acrescentei: — E é óbvio que come carne enlatada em todas as refeições, não é?

— Claro que sim — ele assentiu, baixando a cabeça. — Eles se encontram para lavar a roupa, nas lojas, no campo, na escola, e as histórias são contadas e repassadas ao pé do ouvido.

Algumas vezes o conto é verdadeiro, mas se por acaso alguém estiver com espírito vingativo ou apenas por maldade acrescentar coisas, nasce uma fofoca. Depois, com o tempo, outra história interessante aparece e a anterior é esquecida com o furor da novidade.

Enquanto conversava, Christo subiu como um atleta nas minhas caixas de madeira. E pensar que aquilo era o meu armário e a minha cômoda...

Mesmo que parecesse saber exatamente o que fazia e ter muito equilíbrio, a situação não era muito confortável. Como se pudesse ler meus pensamentos, ele se adiantou: — Não se preocupe, não vou estragar nada. Eu sonhava ser artista de circo quando era pequeno, e praticava subindo em árvores, por isso escalar aqui é fácil. — Christo desceu com a mesma facilidade com que tinha subido.

— O teto está firme aqui. Este cômodo era usado para abrigar animais e ninguém os submeteria a risco algum, pois são as criaturas mais importantes do lar. Seria mais fácil deixarem a avó na chuva do que permitir que um animal sofresse. Eles são valiosos demais. É bom que seu quarto seja aqui embaixo, onde será fresco no verão e quente no inverno.

Ele fez uma pausa antes de prosseguir: — Como quer que sua casa fique, *kyria* Divina? Quer que seja bem moderna? Prefere piso de mármore e bordas douradas nas escadas? Gosta de papel de parede, brocados, esse tipo de coisa? Talvez queira revestir estas paredes antigas com um *isvesti* novo e tirar essas pedras velhas e encardidas.

— É assim que você me vê, Christo? Como alguém que prefere tijolo a pedra? Piso de mármore em vez de madeira? — Precisa me dizer, *kyria*, não a conheço bem ainda.

Respirei fundo, percebendo que aquilo era visivelmente um teste.

— Não terei animais na cozinha, disse você pode ter certeza. E se minha avó fosse viva e viesse me visitar, ela seria tratada no mínimo igual às cabras e certamente dormiria dentro de casa.

Enquanto eu falava, ele se aproximou da parede e apalpou uma pedra grande e protuberante.

— Venha até aqui, *kyria* Divina. Toque esta pedra. O que sente? Antes de responder, eu obedeci e passei a mão pela superfície rochosa.

— Sinto o calor do sol de verão lá fora e a força do mar, tão próximo. Sinto que esta pedra faz parte da estrutura desta casa há muitos, muitos anos.

— Exatamente — ele concordou e eu notei que ele estava de olhos fechados enquanto mantinha a mão espalmada na pedra.

— Você sente os sonhos que habitaram aqui durante esses anos? Consegue perceber a dor de uma vida longa demais? — Uma vida pode ser longa demais? — perguntei.

— Se o coração e a mente sobreviverem à força dos membros, então a resposta é sim.

Houve uma pausa na conversa, e demos um passo para trás, sem desviar os olhos um do outro.

— Acredito que sentimos as mesmas coisas, *kyria* — disse ele. — Acho que não vamos usar mármore nem dourados, certo? — Exatamente. Você deixará esta casa tão bela quanto costumava ser? Houve um dia em que alguém sonhou em como esta casa iria ficar, ainda que fosse para os animais.

— Então devemos realizar esse sonho. Mas antes, vamos procurar meu tio para verificar se ainda sobrou queijo. Estou com fome.

Conforme voltávamos pelos cômodos, tentei explicar como era importante que a casa ficasse pronta até a volta de Hugh.

— Quero morar aqui, mas acho que meu marido precisa de muita persuasão.

Na sala, Yorgo estava tentando equilibrar a escada contra a parede.

Christo se apressou a ajudá-lo.

— É assim, tio — disse ele, mostrando como a escada devia ser posicionada para amparar a tábua do andaime.

Tive a impressão que de uma hora para outra o clima da sala tinha mudado. De repente a presença daquela estrutura indicava que o trabalho iria começar e que a destruição tinha terminado. Logo eles estavam carregando baldes cheios de entulho para fora e jogando no barranco.

— Vamos devolver essas pedras para a montanha de onde vieram — explicou Christo.

Os dois trabalharam juntos pelo resto da tarde. Christo percebeu que eu me sentia inútil apenas observando-os.

— Quer ajudar, *kyria* Divina? — Ah, sim, claro — respondi imediatamente. — Diga-me em que posso ser útil.

— Não é isso. Este trabalho não é adequado para uma dama. Você deve descansar.

— Mas descansar do quê, exatamente? E onde que eu poderia me dar esse luxo? Não fiz nada o dia todo. Eu *quero* ajudar. Por favor...

Até o final do dia, nós três tínhamos tirado pelo menos metade do entulho, e a sala, embora ainda suja, recebeu os raios de sol que se infiltravam pela janela, conferindo-lhe um ar diferente.

Às seis da tarde estávamos sujos, grudentos e exaustos, o que não nos impediu de experimentar a sensação gratificante do dever cumprido. Peguei uma garrafa do vinho da região, *raki*, água e cortei algumas romãs. Nos sentamos no terraço, admirando o pôr do sol e bebendo, como se aquilo fizesse parte da nossa rotina.

Acredito que a chegada do sobrinho trouxe novas energias a Yorgo.

Ele ficou feliz por Christo assumir a liderança das obras, mediante a maior e evidente experiência no assunto.

— Ah, Christo, você ainda não comeu. Faz horas que me disse que estava com fome.

— Eu me esqueço de comer quando começo um trabalho — informou ele, levantando a mão e desprezando meu protesto. — É sempre assim. Meu tio me dará algo de comer hoje à noite.

— Aphrodite está assando pombos, bem robustos. Teremos uma festa. — Yorgo riu e esfregou as mãos.

Acho que de repente ele percebeu que eu estava ali e que provavelmente jantaria sozinha, por isso me olhou sem graça.

— *Kyria* Divina, talvez queira...

Eu levantei a mão e impedi que ele continuasse.

— Já tenho planos para o jantar, obrigada, Yorgo. Lembre-se de que você me traz salada fresca todos os dias. Além disso, tenho ovos, queijos, muitos bolos de Irini e seu primo.

Yorgo ficou de pé e apertou minha mão com firmeza.

— Até amanhã, *kyria* Divina.

Depois que eles foram embora, a sala ficou vazia de repente. Eu estava sozinha. Corri para fora e fiquei observando-os descer a montanha, distanciando-se de mim e sendo envolvidos pela névoa. Yorgo montava seu velho burrico, e Christo andava ao lado dele. A cena parecia uma pintura, dois aldeões dirigindo-se para o horizonte.

Enquanto eu estava ali, Christo se virou. Não pude ver a expressão do rosto dele, mas as lentes dos óculos refletiram os últimos raios de sol. Ele estava bem distante, mas mesmo assim acenou para mim, e eu retribuí o gesto, embora relutante.

Mais tarde, bem mais tarde, tive dificuldade para relaxar.

Havia muita coisa passando pela minha cabeça. Todos os eventos do dia lutavam

por supremacia na minha mente.

Volta e meia Dimitri tomava conta dos meus pensamentos.

Eu estava preocupada e confusa. Gostaria muito de falar com Anthi, mas não iria até lá àquela hora da noite. Tenho de admitir que por mais que tenha afinidade com ela e as crianças, não gosto do marido, Manolis, por isso não arriscaria ser alvo de seu desdém chegando à casa do casal depois do escurecer.

Talvez no dia seguinte eu fosse até a casa dela e ela me desse notícias de Dimitri. Deitei em minha cama na cozinha e imaginei como seria dormir a céu aberto. Ouvi os últimos sons do vilarejo. Em algum lugar distante um galo confuso se arriscava a proclamar o amanhecer, um cão latiu sem razão aparente e alguma outra criatura uivou para a lua. Pelo menos agora eu sabia que não era um lobo, e sorri.

Bocejando, procurei meu lenço embaixo do travesseiro e toquei num pedaço de papel. Era a última carta de Hugh, que comecei a ler sonolenta, mas as palavras se embaralharam, por isso larguei de lado e voltei a fechar os olhos.

Meus pensamentos ainda estavam na casa e nas minhas esperanças, meus planos para ela. A última coisa que me lembro de ter pensado foi em Hugh chegando e exibindo uma expressão de espanto com tudo o que eu tinha conseguido fazer.

As montanhas estavam cobertas pela neblina, que as vestia como um véu de noiva. Os últimos raios de sol se esforçavam para incutir um pouco de calor, mas eu já tremia um pouco.

Voula dormia presa por um xale às minhas costas. Coloquei a mão para trás e senti que ela estava quentinha, pela temperatura do rosto. Despina tinha ido para casa com Athena e os amigos.

Eu sabia que Maria ficaria com ela até eu voltar.

À minha frente o professor seguia com Dimitri nos braços, incitando o cavalo a prosseguir. Se bem que se tratava de um animal mais jovem e mais forte que Astrape, por isso precisava ser guiado para enfrentar as pedras e os riachos que atravessavam o caminho. Pobre Astrape, sempre tropeçando, mas tentando valentemente acompanhar o outro animal. Era um trabalho inglório, pois por mais que eu o forçasse, a distância dos animais só fazia aumentar, e o professor aos poucos desaparecia na névoa.

Entretanto, eu conhecia bem o caminho até a caverna do pai de Dimitri, e o importante era levá-lo até lá depressa, isto é, se Manos estivesse em casa.

Para dizer a verdade, eu não deveria estar ali. O professor tinha me dito para ficar com minhas filhas.

— Eu me arranho melhor sozinho — ele dissera. — Não é preciso duas pessoas para levar o garoto para casa.

Mas eu estava curiosa e precisava saber o que tinha acontecido. Se a cidade era perigosa para uma criança, talvez fosse para todas.

Era raro Manos não ir buscar o filho na escola. Será que tinha acontecido alguma coisa de errado? Que eu saiba, ele nunca levantou a mão para o menino.

Nas cavernas do complexo de montanhas que os pastores chamavam de lar, eu poderia jurar que ninguém encostaria um dedo no menino. Eles formavam uma comunidade solidária e coesa que já vivia longe do vilarejo havia muitos anos.

Eles desciam para a civilização apenas para procurar trabalho, eram pessoas diligentes e honestas. Contudo, os aldeões demoraram muito para confiar neles. Alguns desses pastores tinham vindo da Turquia na troca populacional, deixando para trás seus lares e um trabalho árduo para retribuir algo àquela ilha que consideravam como sua.

Alguns lutaram contra os albaneses e vieram parar aqui com nada além de andrajos sobre o corpo. De um jeito ou de outro, a maioria deles vinha para cá para começar uma nova vida. Alguns tinham escolhido viver essa existência solitária e lúgubre sem depender de ninguém para seu bem-estar.

Em consequência consideravam-se irmãos entre si. Se alguém machucasse um, feriria a todos.

É por isso que tenho quase certeza de que quem atacou Dimitri veio de fora dessas montanhas sombrias. Se alguém tivesse passado por ali teria vindo do vilarejo de Panagia. Caso houvesse um intruso a notícia se espalharia com o vento. Era época das caravanas de ciganos, e muitos têm chegado por aqui: tanoeiros, carpinteiros e artesãos, oferecendo cadeiras feitas à mão, afiadores de facas, vendedores de legumes vindos da ilha de Rhodes, vendedores de bolos, balas, fitas e linhas. Mas esse pessoal é nosso velho conhecido, pois vem comercializar em Panagia há anos. Não haveria motivo para machucar o filho de um simples pastor das cavernas.

As brigas nesta região eram simples. Havia também aquelas que duravam anos, até gerações, mas os motivos eram claros: entre as mulheres, quase sempre a fofoca girava sobre o volume do dote; entre os homens, sobre propriedades ou limites de terras. Diferentes opiniões políticas sobre a realeza podiam dividir famílias inteiras durante anos.

Mas nada disso se aplicava aos moradores das cavernas.

De que adiantaria entrar em um confronto sobre o rei ou como governar um país? Balancei a cabeça e gentilmente bati nas ancas de Astrape para completarmos o último quilômetro. O pobrezinho pelejava para continuar andando sobre as pernas cansadas, tentando bravamente não desistir. Fiz um carinho no lombo dele. Sabia que Astrape nunca iria me decepcionar enquanto tivesse forças para respirar.

À minha frente não havia sinal do professor e seu precioso passageiro.

Um leve cheiro de madeira queimada sinalizou que nos aproximávamos das cavernas. Quando ficou mais forte, puxei as rédeas, e Astrape relinchou e balançou a cabeça.

Fiz com que ele parasse perto de um pinheiro, inclinado pelo vento, e vi o cavalo do professor, amarrado a um tronco próximo. Estava quase invisível pela névoa da tarde, mas Astrape seguiu até o velho amigo e parou ao lado dele, paciente e exausto.

Dali em diante, segui sozinha. Por sorte, meus passos eram seguros pela trilha rudimentar, pois andava por ali desde criança.

Ouvi a voz do professor, apesar de ele estar falando baixinho. Com cuidado, fui em frente até a entrada de uma caverna.

A luz tremeluzente de uma lanterna a óleo iluminava o interior. Era um ambiente simples, mas espaçoso; mesmo assim senti que do lado de dentro estava mais quente. O professor colocou Dimitri no chão, e não pude ver direito a figura do pai, enrolado em um cobertor sob uma pedra saliente.

Continuei observando quando Manos estendeu o braço para o filho, que chorou ressentido ao estender a mão para tocar o pai. Foi então que vi que Manos estava ferido e ensanguentado.

— Teria sido melhor deixá-lo na escola esta noite.

— Foi você que o levou hoje de manhã? — perguntou o professor com voz branda.

— Isso mesmo. Eu não podia fazer nada por ele aqui. Vejo que vocês fizeram curativos.

— É verdade. A moça inglesa que visita a escola já foi enfermeira. Não quer me contar o que houve aqui ontem à noite? Presumo que alguma coisa aconteceu, não? Manos não respondeu logo, mas fez uma pausa e olhou em volta da caverna pouco iluminada. Devo ter me movido, porque ele me viu e chamou: — Quem está aí? Quem é você? Eu dei um passo à frente e me coloquei no fecho de luz. Segurando Dimitri com um abraço apertado, Manos me encarou, e eu vi na hora que não apenas seu braço estava machucado e inchado, mas o rosto também.

— O que está fazendo aqui? — exigiu ele.

— Por favor, você sabe quem eu sou — respondi com delicadeza. — Sabe que cuido de Dimitri na escola, eu estava preocupada com ele.

Manos continuou em silêncio. Percebi que estava bravo e desconfiado.

O professor não parecia feliz com a minha presença.

— Talvez seja um assunto de Manos somente, aqui não é lugar para você.

Fiquei chocada, mas ele estava certo. Claro que eu não deveria estar ali, por isso me virei para sair na mesma hora.

— Talvez isso não seja da conta de ninguém — disse Manos, e eu parei.

— Estamos aqui apenas para tentar ajudar — interveio o professor.

— Talvez não queiramos sua ajuda.

— Mas Dimitri precisava de ajuda, não? — indaguei, olhando de um a outro.

— Se está pensando que bato no meu filho, saiba que está errada. Mesmo que fosse verdade, você não tem que me criticar e fazer fofocas.

Como era tão malquistada ali, eu precisava me defender.

— Oh, por favor, nunca acreditamos nisso e certamente não permitiríamos que fosse alvo de rumores. Viemos aqui porque o conhecemos e sabemos que você não machucaria Dimitri. Vejo que você também apanhou. Não há nada que possamos fazer? Manos soltou uma risada alta.

— Você? — indagou ele, virando o rosto.

Houve um longo silêncio, e vi que Dimitri tinha adormecido em segurança nos braços do pai, com um fio de baba escorrendo pelo canto da boca. Ele parecia tão vulnerável... Senti uma pontada no coração de vê-lo com o rosto ferido, os cortes começando a cicatrizar. Ele é uma criança que não sabe se defender.

— Vamos, Anthi, não vamos mais perturbá-los.

Quando o professor se virou de costas para partir, Manos falou de novo, ainda balançando devagar o garoto nos braços.

— Não é a primeira vez que somos ameaçados aqui. Desde que sumiu a primeira ovelha do vilarejo, alguns aldeões se viraram contra nós. Somos os alvos mais óbvios. Temos muito pouco, mas lá embaixo — disse ele, apontando

para o pé da montanha —, se some alguma coisa, somos logo apontados como culpados! Caso um animal morra de maneira suspeita, somos responsáveis. Isso não é justiça. Desde que o prefeito morreu, é cada um por si, e não há ninguém para nos defender.

Quando pensei em ovelhas, uma imagem violenta me veio à cabeça.

Lembrei-me do meu marido abatendo um carneiro, as tripas pulando para fora.

Eu não sabia que tinha havido outros.

Do lado de fora, uma coruja piou. Perto dali, ouço um bater forte de asas e um gorgear alto de uma ave sendo aprisionada. O silêncio abrupto que veio a seguir evidenciou que a coruja tinha imobilizado sua presa. Fiquei em pé, mas incapaz de me mover.

Senti como se um punhal de gelo tivesse sido fincado no meu coração, e um frio correu por minha espinha.

Abri a boca, mas a voz não saía. Minha garganta estava seca, como se eu tivesse ficado exposta ao sol da montanha.

— E Dimitri? — consegui perguntar por fim.

Manos olhou para o menino, que dormia pacificamente em seus braços, e lhe fez um carinho na cabeça. Senti que o olhar dele me cortou como aço frio.

— Eles vieram ontem à noite, e ele estava no caminho.

Simples assim.

Ele caiu num silêncio teimoso, deixando claro que queria que fôssemos embora.

Nos viramos para sair, pois não tínhamos mais nada a fazer ali.

Não falamos até alcançar os cavalos. A escuridão tinha caído enquanto estávamos na caverna, acompanhada por uma brisa fria. Puxei o xale, cobrindo Voula melhor, e tremi.

Nós nos separamos ao chegar ao pé da montanha. O professor virou seu cavalo para outro vilarejo próximo dali, e eu me pus na direção de minha casa em Pano Panagia. Antes de ir embora, ele me cumprimentou com a mão quente e forte.

— Tirsa e eu tomaremos conta deles amanhã. Dimitri precisa de sapatos e curativos limpos. Tirsa pedirá a Divina para ajudá-la a cobrir as feridas.

— O acha que realmente aconteceu aqui, professor? — Não procure encrenca quando está tudo calmo. Você ouviu o que ele disse? Deixe por isso mesmo. Eu avisei a você para não vir.

— Uma das ovelhas que ele falou veio do meu rebanho, mas não foi uma morte natural. Manolis não é um homem de perdoar e esquecer, será que...

— Você sempre teve uma imaginação muito fértil. Esqueça esse assunto. Aceite a versão de Manos e deixe o assunto de lado.

Tome conta de suas filhas.

Assim dizendo, ele se foi.

Preciso conversar com alguém que conheça bem o vilarejo e seus habitantes.

Alguém que se importe com os moradores das cavernas e não os acuse de roubo

de ovelhas. Não descarto meu marido totalmente, ele é a primeira pessoa que me vem à mente como autor de um ato tão deplorável.

O céu está límpido, mas nem as estrelas distantes podem me ajudar.

Ouçõ a voz do pastor ecoar da igreja. Claro, pois hoje é dia da missa em memória de Andreas Mamadopolous, o prefeito. Ele foi um homem bom e poderoso para Panagia, e muitos sentiram sua morte. A cerimônia de hoje é especial, celebrada noventa dias após a morte. Meus avós estão lá. *Pappous* era amigo íntimo de Andreas. Muita gente quer que ele seja o próximo prefeito.

Embora relutante, ele aceitou desempenhar tarefas menores até que outra pessoa seja indicada para o cargo.

Andreas e ele são vistos como homens honrados. Preciso pedir a ele que faça justiça com a população das cavernas. Ao esporear *Astrape*, olhei para o céu de novo. Ali estava ela, a mais brilhante das estrelas, sempre a primeira a aparecer no céu.

— Obrigada, *papa* — murmurei.

Fiquei bem atrás na igreja, junto com outras mulheres.

Perscrutei o ambiente e me delicieei com o perfume rico do incenso. A igreja estava lotada.

Andreas era um homem popular, e parecia que o vilarejo inteiro viera para a missa.

Olhei para os presentes, primeiro para os homens. *Manolis* não estava ali. Logo localizei meu *pappous*, vestido como sempre para eventos daquele tipo, de chapéu e com uma echarpe vermelha no pescoço. Mais atrás, junto com outras mulheres, estava *yaya*. Nossos olhares se cruzaram e ela sorriu para mim.

Papa Costas, amigo antigo de Andreas, cantou a prece de encerramento da cerimônia. Eu tinha chegado bem a tempo.

As pessoas se posicionaram em círculos perto da entrada da capela e algumas pegaram minha mão ou me beijaram para dar as boas-vindas.

Muitos quiseram saber sobre a saúde de minha mãe, e eu me limitei a murmurar alguma coisa em resposta que espero que tenha sido o suficiente.

Minha avó apressou-se a vir para o meu lado e pegou meus dedos frios em sua mão. Senti o calor reconfortante daquele toque. Quando levei a mão dela ao meu rosto, percebi que suas unhas estavam escurecidas. Ela puxou o braço no mesmo instante, cruzando-os atrás do corpo.

— São as amoras — explicou ela. — Mais tarde lhe dou um vidro de geleia.

Em seguida ela ergueu os braços e murmurou alguma palavra carinhosa para *Voula*, que estava se mexendo e balbuciando alguma coisa.

— Venha cá, minha menininha. Deixe-me segurá-la, *Anthi*, ela está pesada e você parece cansada.

Voula riu nos braços de *yaya*, ela adorava os bisavós e fazia tempo que não os via.

— Vai voltar para casa conosco, Anthi? Entenderemos se...

Os olhos cinzentos de *yaya* transbordavam amor, ela teria me perdoado por qualquer lapso.

— Claro, *yaya*, preciso pedir um conselho a *pappous*.

— Você está com problemas, filha? — perguntou ela, arqueando as sobrancelhas.

— Claro que não — respondi, sorrindo. — Mas se estivesse, a quem mais eu poderia pedir ajuda? — Venha, vamos pegar um pouco do pão de Irini da cerimônia e afastar *pappous* daqueles amigos mal-intencionados.

Se eu não cuidar deles, o levarão para a Piperia para jogar *prefa* e não o veremos antes da meia-noite — disse ela em tom de brincadeira.

O perfume de acácia estava forte e doce, misturando-se com o cheiro de lavanda e alecrim, que crescia em profusão no jardim, tomando conta da atmosfera. *Yaya* tateou embaixo de uma pedra, procurando a chave. Fiquei um pouco ansiosa por Despina, mas sabia que ela tinha ido para casa, acenderia as lamparinas e me aguardaria.

— Ouvi essa história das ovelhas na Piperia. Foi um inverno rigoroso, pouca comida e quase nenhum dinheiro. Isso leva as pessoas a se comportar de um jeito diferente do que se estivessemos em épocas de prosperidade.

Pappous jogou outro pedaço de madeira no fogo já abrasante e se sentou. Ele tomava seu *raki* de costume e eu bebericava um pouco de *cordial* quente que *yaya* tinha preparado de frutas silvestres colhidas na montanha.

— Os cretenses sempre foram lutadores. Se não puderem defender seu país com armas, encontrarão outra coisa para se enraivecer. E digo-lhe uma coisa, se vier a guerra que estão anunciando, é melhor tê-los como amigos do que inimigos.

— Guerra, *pappous*? — Ouvi notícias pelo rádio que Fanis instalou na Piperia, e não tenho dúvida de que a guerra não está longe. — Ele fez uma pausa para dar uma baforada no cachimbo. — Há alguns anos, este vilarejo não era um lugar tão feliz quanto parece hoje.

Famílias brigavam com famílias por toda a ilha.

Nós éramos cretenses, e não gregos... ou melhor, ainda somos! — *Pappous* virou o último gole de *raki* e estendeu o cálice para que *yaya* lhe servisse mais, o que ela fez prontamente. — Meus amigos e eu crescemos acreditando que a violência fazia parte da vida de um vilarejo. Quando nossos pais saíam para um dia de caça, receávamos que eles não voltassem à noite. Nossas brincadeiras eram de revolucionários e soldados. Usávamos armas feitas de pedaços de madeira, mas todos desejavam que fossem reais. Nunca soubemos quais eram os partidos, imitávamos o que víamos nossos pais, tios e vizinhos fazer, ou seja, atirar uns nos outros. Nunca questionamos os motivos, e também nunca nos contaram. Assim, mais velhos e munidos de armas de verdade, estávamos prontos para atirar em qualquer pessoa.

Yaya acendeu o lampião, atraindo vários insetos que liberavam um pó branco ao se chocarem entre si. Logo o vidro estava cheio deles, sombreando a luz.

— Tudo o que sei é que os cretenses eram um povo, e os turcos, seus seguidores e descendentes, não. Não eram cretenses.

— Ele gargalhou, mas não era um riso normal. — E daí? Isso tudo virou história e devemos ser enterrados sobre as pedras do tempo. — A mão de *pappous* tremia, e com isso sua bengala também, e ele começou a tossir e a batê-la no chão, para cima e para baixo sobre o piso rachado.

— *Pappous*, preciso perguntar uma coisa.

Ele me encarou, inclinando a cabeça.

— Não se pode fazer nada por esses pobres moradores das cavernas? Eles não têm nada, nem mesmo um *stremata* de terra entre eles. Não me parece justo que sejam sempre alvo dos homens do vilarejo, que não têm nada melhor a fazer.

Claro que ele sabia a que eu estava me referindo.

— Filha, estou velho demais para assumir todas as responsabilidades de Andreas Mamadopolous. Sempre falamos sobre isso na Piperia. Logo teremos um novo prefeito. Espero que seja um homem jovem. Até lá, faço o possível. Vou averiguar e ver o que posso fazer. — *Pappous* parecia distante, tirando baforadas do cachimbo.

Adoro o cheiro do fumo, que me remete aos galhos secos de outono e ao perfume que exalam quando queimados na lareira, acompanhado de vinho e *stifado*. Minha yaya faz esse ensopado melhor do que ninguém no vilarejo. O odor rico de coelho temperado com junípero impregna toda a casa, e minha avó sempre separa um pouco em um pote para eu levar. Fico com a boca cheia d'água só de pensar que vou me deliciar com o ensopado mais tarde, mas não posso me esquecer do que vim fazer aqui. Preciso dividir meus temores de que Manolis possa estar envolvido nessa vingança.

Conforme eu previa, eles ficaram horrorizados.

— Você não pode fazer nada sobre isso, filha — yaya se apressou a dizer, enquanto seus dedos ágeis embrulhavam o pote que eu ia levar para casa. — É melhor esquecer essa bobagem.

Não deve se preocupar com isso.

Mas é de *pappous* que espero uma resposta. Ele me fita com os olhos enrugados que eu identifico como uma expressão de raiva. Meus pressentimentos se confirmam quando ele abre a boca para falar e cospe palavras como se fossem fagulhas que poderiam queimar o chão.

— Ela não pode fazer nada sozinha, Giorgia, mas precisa saber a verdade. Aliás, todos precisam saber do que se trata. É o nome da nossa família que será associado a isso. Estamos numa época ruim, minha pequena, tempo de vizinhos e amigos se armarem uns contra os outros. É sempre mais fácil entregar-se aos invasores, assim se garante a vida. Se lutasse, como qualquer cretense de

verdade, você seria punido. Sua casa seria incendiada, suas ovelhas e colheita destruídas. Nossa família... a *sua* família, Anthi... enfrentou os turcos. Meu pai e eu lutamos lado a lado nesta montanha. Já vi muita gente morrer aqui. Certa vez, oitos homens de Panagia foram mortos enquanto dormiam.

Houve outro, que trabalhava na lavoura junto com o pai de minha mãe, foi morto por um vizinho de ambos com uma bala na cabeça. *Bang!* — O grito assustou *yaya* e a mim. — Lembra-se de Yannis Gordopoulos, Giorgia? — *Pappous* fez o sinal da cruz três vezes.

— Yannis foi casado com a filha do homem que o matou e o pendurou numa árvore como aviso para os outros.

Pappous fez outra pausa e vi lágrimas silenciosas descendo pelo rosto de minha *yaya*. Levantei-me e fui me sentar perto dela, com os olhos marejados por vê-la chorar. Tinha sido eu que causara aquilo. Baixei os olhos, envergonhada.

— Não fique triste, querida. Não é errado lembrar-se da verdade. Orgulhe-se por ser uma boa cretense, e isso significa preocupar-se com os pobres e desafortunados de nossa comunidade. São homens, mulheres e crianças que, por uma razão ou outra, são incapazes de se defender. Vou acompanhá-la até sua casa. Eu a conheço bem, sei que é como seu pai e não vai deixar nada por dizer. Já está muito escuro e prefiro não deixá-la andar sozinha.

Eu sorri para os dois. Mesmo eu já tendo duas filhas, ele ainda me via como uma criança. A sensação é reconfortante e, como eu sabia que aconteceria, ele não me repreendeu por ser imaginativa.

A névoa estava mais esparsa no vilarejo, ainda assim, escondia as estrelas.

Olhei para as montanhas e as vi cobertas pelas nuvens, como se fossem uma mortalha. Um arrepio fez meu corpo inteiro tremer, e não era de frio.

Pappous montou no burrico e seguiu à nossa frente para fora de Panagia.

Quanto mais próximos chegávamos de minha casa, mais apreensiva eu ficava.

— Pode ser que ele não esteja lá.

— Não se aflija, menina. Sei que sou um velho tolo, mas não farei nada que possa alarmar seu marido. Vou perguntar por aí com toda a discrição e quem sabe descubro algo. Um soldado não parte para o confronto sem as devidas informações e provas.

Não se preocupe.

Conforme atravessamos a montanha, vi a luz fraca da lamparina brilhando através da janela, e soube que a casa não estava vazia.

Amarramos nossos animais a um tronco e passamos pela porta entreaberta.

Logo notei que não havia sinal de Despina. Às minhas costas, Voula começava a ficar inquieta; eu deveria tê-la amamentado antes de sair da casa de *yaya*.

Manolis estava em seu lugar de costume, em frente ao fogo da lareira, que queimava como se fosse o portão do inferno. A pilha de toras de madeira ao lado da porta tinha diminuído bastante e não duraria a noite inteira se o fogo

continuasse tão voraz.

Manolis estava de costas para nós e nem se mexeu com nossa chegada.

Logo vi a jarra de *raki* vazia ao lado da cadeira, no chão.

Meu avô se despediu e Manolis virou-se ao ouvir a voz dele.

Segurando-se nos braços da cadeira, levantou-se e nos fitou com olhos ofuscados.

— Onde está Despina? — perguntei.

— Desculpe-me, avô de minha esposa. — Ele cumprimentou *pappous* como se não tivesse me ouvido. — Não estou me sentindo muito bem hoje. Ainda não jantei e estou morrendo de fome. Como pode notar, sua neta tem outras coisas com que se preocupar em vez de cuidar da casa e da família.

Pelas palavras dela, percebe-se que nem ao menos sabe por onde anda a filha mais velha. Despina pode muito bem estar perdida nas montanhas.

Senti a raiva borbulhar dentro de mim, mas eu não ganharia nada retrucando. Voulá tinha aberto um berreiro e precisava da minha atenção com maior urgência. Atravessei a sala com pressa até a cadeira onde eu costumava amamentá-la, no canto mais escuro da sala. Não estava disposta a dar satisfação a Manolis por estar expondo meu seio na frente deles.

Meu avô ignorou o que Manolis dissera e agora recusava indiferente uma bebida alcoólica.

— Nem um cálice do meu melhor vinho? — Não quero nada. Acho que sua esposa quer saber onde está Despina.

Manolis se serviu de uma taça do rico líquido cor de rubi.

Primeiro a jarra de *raki*, e agora o vinho. Já me vi limpando vômito a noite toda.

— A tarefa de criar as crianças é da minha mulher — respondeu ele, encolhendo os ombros. — Talvez a menina esteja com algum dos nossos vizinhos.

— Onde é mais provável que ela esteja, Anthi? — indagou meu avô, encarando-me com olhos que se assemelhavam a gelo negro. — Vou buscá-la para você.

— Obrigada. Acho que ela está na casa da amiga, Athena, filha de Maria e Michaelis. Elas voltam juntas da escola e costumam brincar aqui ou lá.

Sem mais uma palavra, *pappous* virou-se e saiu da casa.

Manolis cuspiu no fogo, incitando as chamas, antes de se dirigir a mim: — O que faz Stephanos Karnakis aqui? Ele não é uma das pessoas que me agrada receber.

— Trata-se do meu avô, Manolis, e ele sempre será bem recebido onde eu estiver.

— Está se esquecendo de uma coisa, esposa, esta é a minha casa, e os visitantes só serão bem-vindos aqui se essa for a minha vontade. Ele é um homem perigoso em Panagia e você sabe bem disso. Além de ser conhecido como arruaceiro e comunista.

— Ele terminou o discurso cuspidno no fogo de novo.

— Pelo menos ele é um homem de honra, do tipo que não ataca pessoas inocentes ou crianças — eu o enfrentei, mesmo tremendo.

Sentia meu coração bater na garganta. Manolis levantou a mão e deu um tapa em meu rosto. Cambaleei para trás, apertando minha filha nos braços, que começou a chorar.

— Você está histérica, Rodianthi! Não faço ideia do que esteja falando — disse ele, a voz acertando direto no meu coração, como veneno de cobra.

Meu rosto começou a queimar e a aguilhoar como se eu tivesse sido picada por uma abelha, ou caído numa plantação de urtigas.

Ele já tinha me batido antes, mas nunca com tanta violência.

— Você não irá me silenciar, Manolis. Pode me bater se quiser, mas vou continuar falando.

O rosto dele estava vermelho, a raiva transfigurando as feições, a respiração difícil. Naquele momento, ele se assemelhava a um animal selvagem.

Acho que eu teria apanhado de novo se não fosse pela chegada de *pappous*.

— Ela não está lá. — Ele voltou quando eu terminava de me recompor e começava a trocar Voula. — Michaelis disse que ela e Athena voltaram juntas para casa, mas que Despina se despediu e veio nesta direção. Ele presumiu que ela tivesse vindo para cá, para a casa e para a mãe.

Meu coração disparou de novo e minha voz saiu fraca: — Você não a viu, Manolis? A que horas você voltou para casa? Despina tem oito anos e é uma criança inteligente. Ela conhece o caminho que circunda o vilarejo tão bem quanto alguém mais velho e mais sábio.

— E isso importa? — questionou ele. — Ela não está aqui e pronto, mas deve voltar. Vou até o outro lado da cidade procurá-la. E digo uma coisa, se eu a encontrar, ela vai levar a maior sova de sua vida.

Manolis estava com o rosto brilhante de suor. Pela milionésima vez, imaginei por que minha mãe um dia imaginara que ele poderia ser um bom marido para mim.

Pappous e eu nos entreolhamos. Ambos sabíamos que Manolis não estava em condições de achar um escorpião numa xícara de açúcar naquele estado. Os passos dele o levariam para o *kafenion*, e se encontrasse Despina no caminho, na certa iria arrastá-la com ele, e eu não queria minha filha naquele lugar.

Como prova da falta de iniciativa, ele se deixou cair de novo na poltrona e bebeu o resto do vinho do cálice.

— Venha, Anthi — *pappous* me chamou. — Não podemos fazer nada em pé aqui, precisamos vasculhar a cidade. Ela é uma menina boa e esperta, não demoraremos a encontrá-la.

Puxando o xale sobre mim e Voula, saí correndo atrás do meu avô.

— Pode deixar o bebê aqui, não vou comê-la. — Manolis fez uma pausa, arrotou e continuou: — Aliás, estou morrendo de fome graças a você, minha esposa.

Não respondi, mas coloquei o pote que tinha trazido da casa dos meus avós sobre a mesa e *pappous* fechou a porta atrás de nós.

A noite estava mais escura, e a diferença de temperatura me fez tremer.

— Vá com o burrico e eu vou andando do seu lado.

Agradei em silêncio e me sentei na sela dura e gasta, moldada ao traseiro de meu avô com o passar dos anos. Por mais ou menos meia hora, andamos pelas ruas de cascalho do vilarejo.

Bem distante dali, vi a luz de um barco de pesca piscando, mas estava preocupada demais com minha filha para imaginar quem poderia estar ali.

Das chaminés, saía um cheiro doce de galhos de oliveiras, queimando nas casas. As pessoas estavam agasalhadas em casa com seus animais, ou já estavam dormindo. De algum lugar à frente, ouvi o som doce de uma voz de mulher atravessando a neblina. Ela cantava uma canção que me lembrava a minha infância. Era a voz de *yaya*.

Pappous tropeçou e se segurou na sela a meu lado. O farto bigode brilhava com gotículas acumuladas pela umidade da névoa, e seu chapéu tremia.

Eu sabia que ele estava preocupado e aborrecido com os acontecimentos daquela tarde. Senti culpa por ser a responsável por aquilo. Às vezes é fácil esquecer que meu avô é um senhor de idade.

— É minha esposa que está ali? — ele perguntou e elevou a voz: — É você, Giorgia? O que faz aqui cantando tão tarde da noite? O que houve? Não podíamos vê-la ainda por causa da névoa úmida, mas mesmo assim ela respondeu: — Stephano, estou com Despina!

Era *yaya*! Despina tinha ido procurar minha avó. Pulei do burrico e saímos correndo e chorando uma na direção da outra.

— Não chore. Você está em segurança, estamos juntos agora — *pappous* a confortou, afagando-lhe a cabeça.

— Não sei por que ela veio para cá, mas fico feliz que tenha pensado nisso. Ela chegou muito abalada, mas não consegui fazê-la me contar o que aconteceu. Na verdade, ela não falou nada e sente sua falta. Eu sabia que você se preocuparia, por isso pensei em levá-la para casa logo.

— Estou tão agradecida! Despina, venha comigo.

Yaya enxugava os olhos. *Pappous* passou o braço sobre os ombros da esposa e ela recostou a cabeça no peito largo, feliz por ter seu apoio.

— Obrigada, *yaya*. Obrigada, *pappous*. Vou descobrir o que houve.

As lágrimas de Despina tinham rareado, mas ela ainda fungava e soluçava, tremendo como uma pena ao vento. Fiz carinho na cabeça dela.

— Minha querida filhinha... Está tudo bem agora. *Pappous*, é melhor levar *yaya* para casa, amanhã iremos visitá-los.

Desculpe-me pela falta de hospitalidade em minha casa.

Meus avós me abraçaram, e eu senti o calor e a segurança de um amor inquestionável.

Pappous e eu ajudamos *yaya* a subir no burrico. As roupas dela estavam úmidas

por causa da névoa. Sabendo que eu e as meninas podíamos correr para casa e nos esquentar, cobri minha avó com meu xale, apesar de seus protestos.

— Até amanhã. Não esquecerei de que temos um trabalho a fazer.

Cuide-se esta noite — disse *pappous* e baixou a voz para prosseguir: — Você não deve se irritar com seu marido de jeito nenhum, o humor dele está péssimo por causa da bebida. Não se arrisque mais.

Conforme falava, ele acariciava meu rosto inchado. Então ele tinha visto...

— Desde que perdi nosso filho, não faço nada certo aos olhos de Manolis — eu disse, colocando minha mão no braço de *pappous*.

— *Sto kalo*, filha. Cuide-se.

As crianças adormeceram rápido e eu me deitei com elas.

Estava exausta, com uma dor de cabeça pulsante, mas o sono estava longe e inalcançável.

Tentei concatenar o que tinha acontecido durante aquele dia. Manolis continuava em sua cadeira ao lado da lareira. Ele não olhou para mim quando voltamos, fingindo estar dormindo.

Era óbvio que estava acordado, pois sua mão deslizava sobre o pelo preto do cachorro, deitado a seus pés, cutucando a pata, tirando pulgas e bolas de pelo que jogava no chão e pisava em cima, em seguida. Eu me arrepiava cada vez que o via fazer isso.

Seria eu quem teria de limpar aquilo tudo na manhã seguinte.

Despina tinha se grudado desesperada nas minhas saias durante todo o percurso até em casa. De vez em quando, seu corpinho era sacudido por um soluço mais forte. Até então ela ainda não tinha dito uma só palavra.

Fiquei preocupada, porque ela era muito falante normalmente, mas havia algo estranho no seu silêncio daquela noite; ela temia alguma coisa.

Os tremores do corpo se intensificaram à medida que nos aproximávamos de casa.

Ela não quis comer nada, nem o ensopado de *yaya*, que ela geralmente devorava.

— Você comeu alguma coisa com *yaya*? — indaguei.

Ela respondeu que não, balançando a cabeça.

Quando já estávamos no andar de cima, perguntei com todo o cuidado: — *Papa* estava em casa quando você chegou da escola?

Despina estava com os olhos fixos na parede do quarto, parecia não conseguir responder. Ela estava branca como leite, os olhos inchados de cansaço.

— Você fez alguma coisa errada que irritou o *papa*? Depois de se deitar, ela enterrou a cabeça no travesseiro e puxou o lençol sobre a cabeça, formando um casulo para se proteger. Não demorou muito para que caísse no sono.

Deitei-me com minhas filhas, preocupada e infeliz. Eu sentia que havia alguma coisa errada, mas não conseguia entender o que era.

Bem mais tarde, deixei as meninas para descer as escadas pé ante pé e averiguar se Manolis tinha deixado um pouco da carne de *yaya*, embora eu soubesse que era pouco provável. Eu estava com tanta fome que não tinha conseguido dormir. Parei no meio do caminho. Ouvi vozes vindo da sala onde estavam Manolis e o cachorro. Oh, *Panagia mou*, era o padre, *papa* Yannis! Tremi ao me lembrar daquele rosto sebento. Ouvi outra voz que reconheci como sendo de Dimitri Kostanakis, um dos amigos de Manolis. Eu não gostava dele, nem da esposa magricela e com cara de maldosa.

Não os tinha ouvido chegar e agora falavam em voz baixa com Manolis, mas não entendi por que não tinham ido ao *kafenion*.

Afundi-me e sentei no degrau, inclinada para a frente para escutar o que diziam, mas era quase impossível distinguir as palavras.

Ouvi Manolis gritar algo do tipo: “Camponeses comunistas ignorantes!” Ele cuspiu em seguida, ataçando o fogo de novo, a voz arrastada pelo tanto que ele tinha bebido. Escutei o padre rir e tossir, em seguida o tilintar dos cálices e o ruído do vinho sendo servido.

O odor que pairava no ar era uma mistura de fumaça de cigarro, bebida e homens sujos. Não havia portas ou janelas abertas para renovar o ar.

O padre corpulento sibilou, mas não entendi o que dizia.

Eu estava ficando com frio naquela posição na escada.

Manolis tinha deixado o fogo se extinguir, restando apenas as brasas, por isso a casa estava fria. Eu queria saber o que eles estavam tramando. Eu sabia de pelo menos uma família que tinha sofrido nas mãos deles. Quantos outros existiriam? Senti um calafrio percorrer meu corpo, os pensamentos se embaralhavam em minha cabeça, eu estava muito cansada. No dia seguinte deveria terminar de limpar os campos. Estávamos atrasados nesse ano. O restolho precisava ser queimado antes do início das chuvas.

Lá embaixo, os homens se dirigiam à porta e falavam mais alto, mais bêbados e mais barulhentos. Ouvi mencionarem o nome de meu *pappous* e gelei. Tentei a todo custo escutar o resto, mas foi impossível. O que eles tinham a dizer sobre meu amado avô? De repente, o fragmento de uma frase chegou aos meus ouvidos: “na casa da inglesa”. E para meu desespero, não parou aí: — Ela pensa que o sol brilha naquele fundilho inglês avantajado. Por certo, está mais do que na hora de ela aprender uma lição.

Quem precisava aprender uma lição? Minha querida amiga Divina, ou eu? Aqueles homens eram de fato perigosos. Fiquei com medo de tê-los na minha casa. Eu já não sentia mais os pés por estar sentada praticamente sobre eles havia tanto tempo, era uma ulceração emocional que fazia minhas extremidades inchar.

Odiei meu marido com todas as forças e sabia que precisava tomar conta de Despina, de Voula e de mim mesma mais do que nunca.

O padre e Kostanakis foram embora logo em seguida, e eu subi devagar as escadas até onde estavam minhas filhas. O único alívio que tive foram os roncoss de Manolis. Pelo menos naquela noite eu dormiria sozinha. Ainda assim, levei horas para relaxar meu corpo tenso.

Acordei bem depois do resto do vilarejo e pulei da cama rápido. Não vi as crianças, mas ouvi o choro de Voula de algum lugar na casa. Meu corpo estava lento e pesado, eu não conseguia parar de bocejar. Mas de um jeito ou de outro, consegui me apurar e me forcei a descer as escadas, achando que encontraria Manolis roncando.

Para minha surpresa, ele já tinha acendido o fogo na lareira e andava com Voula, embalando-a em seus braços, de um lado para outro. A cabeça calva já estava coberta de suor.

— Este bebê precisa da mãe — disse ele, ríspido, e empurrou-a para os meus braços.

Despina estava à mesa, comendo um naco de pão e bebendo água.

Acalmei Voula dando-lhe o seio.

— Você não quer uma fruta para comer com o pão, Despina? Ela respondeu acenando com a cabeça. Não tinha erguido os olhos desde que eu chegara ali. Manolis deu a volta na mesa e olhou para Despina bem de perto.

— Ela ainda não falou nada hoje — ele disse e moveu os ombros com desdém.

Era como se tivessem tirado minha criança, minha Despina risonha e brilhante, e colocado outra em seu lugar.

— Fale comigo, minha querida Despina.

Dei a volta na mesa e a levantei em meus braços. É sabido que em casa não expressamos muito o nosso afeto, talvez por isso minhas filhas gostem tanto de colo e carinho. Contudo, nessa manhã foi diferente; Despina estava dura em meus braços.

Afastei uma mecha de cabelo que lhe cobria a testa, mas ela não respondeu. Eu tinha vontade de chorar quando aquela criança desconhecida rejeitava meu afago. Olhei perplexa para Manolis, mas ele continuava com uma expressão fria como pedra.

Peguei meu xale do gancho sob o *iconostasis*.

— Venha, hoje vamos cavalgando Astrape para a escola.

Elas geralmente adoravam isso, e Voula começou a rir.

Entretanto não tive resposta de Despina, que permanecia com os olhos opacos, embora permitisse que eu a levantasse para montar no burrico.

*** “Longe em uma manjedoura, nenhum berço para a cama...” As vozes de crianças entoando a canção se permeavam com risos.

Divina estava entre elas.

— Ouça, Despina. Sabe quem está aqui hoje? Por que não vai lá também? Eles estão cantando a canção de Natal em inglês que Divina ensinou para você.

Mas Despina não pulou e saiu correndo como costumava fazer, ao contrário, prendeu-se na sela como se não fosse se mover nunca mais.

— Venha, querida. Eu e Voula vamos com você.

Havia desconfiança no olhar de minha filha, mas pelo menos ela desceu do burro. Grudou-se na minha saia conforme andávamos.

— Despina! Que bom que você veio! Pensei que estivesse doente. — Divina vibrou com a nossa chegada e estendeu a mão para Despina.

Por um momento ela ficou congelada, mas aos poucos foi se soltando até alcançar a mão de minha amiga. Ela olhou ao redor da sala, e sei que estava com medo de que os amigos rissem dela. Entendo minha filha muito bem.

Ela estava diferente naquela manhã, mas ninguém percebera.

Divina me fitou com olhar inquiridor. Acredito que ela tenha notado meu rosto machucado, mas não havia nada que eu pudesse dizer naquele momento. Assim, ela levou Despina para se juntar às outras crianças. No entanto, depois de alguns segundos Despina estava de volta, grudada à minha saia de novo.

Eu estava ficando realmente preocupada. Por que será que ela tinha parado de falar de repente? O que a tinha deixado tão insegura a ponto de regredir ao estado de bebê na noite anterior? Eu a envolvi com meu braço e rezei para a Virgem. Estava fora de questão deixá-la ali sem mim.

O professor estava à porta quando passamos. Percebi que ele queria me perguntar alguma coisa, mas que não o faria em frente à menina.

— Estarei aqui como sempre, amanhã. Você fica se eu estiver, não é, querida? O rosto de Despina estava sombrio, mas ela concordou com um sinal de cabeça. E tomadas por uma sensação de derrota e frustração, saímos da escola.

Do lado de fora o céu tinha limpado, mas nas montanhas mantinha a escuridão profunda e ameaçadora. Tive receio conforme atravessamos o vilarejo. Não sou de ter medo, mas nesse dia senti um pavor gélido correr pelas minhas veias.

Relembrando tudo o que aprendi na minha curta existência, soube que jamais tinha me sentido tão vulnerável quanto naquele momento.

Continuei como se estivesse em um sonho. Vi filetes de água por entre as rochas, seguidos de uma cachoeira, ouvi as notas de uma melodia, vi uma luz através de uma janela, uma pessoa puxando um balde de água do poço, cabras pastando e batendo os guizos em seus pescoços; no céu, um falcão deu um voo rasante nos restolhos à procura de uma criatura vista apenas por ele; os latidos distantes de cães me diziam que logo estariam escavando os campos em busca de alguma ninhada. Tudo isso me era bastante familiar e consistia nos pontos meticulosamente bordados da tapeçaria que compunha o cenário da minha vida. Entretanto, nesse dia, as coisas tomavam uma dimensão desconhecida. E nada

daquilo me confortava mais como antes.

Olhei para minha filha mais velha, montada em Astrape na minha frente na sela, e circudei seu corpinho indefeso com meus braços. Depois senti um cafuné no meu cabelo e ouvi um doce balucio. Era Voula que me acariciava, e das minhas costas esticou o bracinho e com as pequenas mãos acarinhou meu rosto. Eu sabia que estava chorando. Eram elas, minhas filhas, a razão do meu medo. E eu não fazia ideia do que estava acontecendo conosco.

Divina

Atenas, dezembro de 1937 Minha querida Evadne, Acho que estamos vivendo em dois mundos separados. Admito que leio suas cartas com as notícias sobre a reforma da casa com certo temor, apesar de esse sujeito, Christo, saber o que está fazendo, o que me alivia. Mas fico imaginando se você precisa mesmo trabalhar com eles.

Imagino que seja divertido vê-la martelando alguma coisa, mas não sei se é adequado para a esposa de um diplomata.

Sua rotina na escola parece bem interessante, mas espero, minha querida, que você não esteja trabalhando demais. Prefiro imaginá-la se espreguiçando ao sol, e não correndo numa sala de aula tentando conter pirralhos malcriados. É mesmo necessário continuar lecionando? Se estiver enfadada, posso pedir a Janet que mande algumas sedas e o que mais for preciso para fazer uma tapeçaria. Acho que você pode gostar. Não quero parecer convencional nem passar sermões, mas não deixo de pensar e imaginar onde você faz o cabelo e afins por aí. Quem lava a sua roupa? Não me diga que está indo até a fonte com todas as mulheres do vilarejo! Enquanto isso, a vida por aqui está incerta. Os alemães estão cheios de boas intenções e estão oferecendo ajuda ao programa de defesa grego, mas será que podemos mesmo confiar neles? Eles estiveram aqui por três dias e acabaram dando a Metaxas mais de trezentos e cinquenta milhões de dracmas para a compra de armamentos, que não se pode desprezar.

Além de tudo isso, meu antigo amigo de escola, Charlie Boot, esteve aqui (ele não conseguiu ir ao nosso casamento, mas acho que você chegou a conhecê-lo em Troutbeck... Um exímio jogador de boliche).

Bem, a família dele é de grandes financistas na cidade e acredito que estão oferecendo uma linha de crédito de mais de dois milhões de libras. É seguro confiar em alguém que estudou na Universidade de Winchester. Parece que uma boa parte será destinada a Creta, para ajudar os camponeses.

Charlie teve uns dias agitados enquanto esteve aqui. Até eu tive dificuldade para acompanhá-lo! Não me lembro se cheguei a comentar que recebi um telegrama de lady T. Bem, ela chegou a Atenas no dia 24 e está hospedada na embaixada. Confesso que é maravilhoso tê-la por aqui. Ela está a caminho do Egito, onde alugou uma casa com alguns amigos, é para lá que estão indo todos. Parece que a cidade está tomada pelo pânico. A Inglaterra está preocupada com uma guerra na Europa.

Estão dizendo aqui que o norte de Creta é uma região particularmente propícia a conflitos. Sei que você está bem a sudeste, meu amor, mas me preocupo porque poderia tomar conta de você se estivesse aqui comigo. Ao primeiro sinal de conflito, esses aldeões de quem você gosta tanto vão correr para brigar. Já pedi

antes e você nem sequer prestou atenção, mas, por favor, considere a possibilidade de vir para cá.

Há um hidroplano que faz a travessia para as ilhas uma vez por semana. Ou então, Dora manda dizer que adoraria hospedá-la no Egito.

Minha querida Evadne, eu amo você e sinto muito a sua falta. Por favor, cuide-se até estarmos juntos de novo. Parece ironia, mas pensar que concordei que você ficasse aí por ser mais seguro... Agora parece que você está no olho do furacão. Seu marido apaixonado, Hugh acompanhando a carta havia um cartão austero, quase lúgubre, da família real grega, todos os semblantes sérios, sem sombra de sorriso.

Mais uma vez, chegou o Natal. No ano passado a data passou como outra qualquer. Havia pouco que celebrar, o inverno foi severo. Senti uma onda de nostalgia ao me lembrar do Natal na Inglaterra. Os únicos momentos realmente felizes foram no hospital. Costumávamos ir em turnos para a ala das crianças, onde estavam as pobres e pequenas almas, doentes demais para ficar com a família, e por isso os médicos e enfermeiras procuravam entretê-los.

Manolis tinha saído com o irmão, e Anthi me pediu para acompanhá-la com as meninas à casa dos avós. Acho que foi por minha causa que *yaya* assou um coelho com vinho tinto e sálvia.

Fiquei comovida, e tivemos um dia ótimo. Ensinei-os a cantar *Longe em uma Manjedoura*, apesar de eles não entenderem muito bem por que era tão estranho o fato de o Menino Jesus e seus pais estarem em um estábulo, se até hoje os cretenses convivem com animais dentro de casa.

Quando no final da tarde saí para voltar para casa, me senti muito sozinha. Chegando ao meu quarto, reli a carta de Hugh. Sentei-me imóvel enquanto lia, ouvindo os pássaros noturnos cantando para o vento. Estou coberta com várias mantas, pois o ar noturno é frio nesses últimos e longos dias do final do ano. A chama do lampião está baixa, criando um brilho suave no ambiente. As velas se apagaram faz tempo. A lua está alta no céu, e as nuvens parecem correr para encobrir as poucas estrelas. Sinto uma onda de tristeza me dominar conforme leio a carta. Parece que eu mal conheço o homem que escreveu aquelas palavras. E ele, decerto, também não me conhece mais.

Nos dias, semanas e meses que se passaram desde que nos despedimos, a vida de Hugh na embaixada transcorre como antes, ao passo que eu sinto que progredi e abracei uma nova vida neste vilarejo. Ele já não me reconhecera mais, se imagina que eu passaria os dias bordando tapeçarias ou fazendo tricô ou crochê. Escrevo sempre sobre minha participação na escola e aqui na casa. Imagino que minhas cartas sejam animadoras porque deixo clara a minha vontade de dividir com ele as alegrias da minha nova vida.

Sempre conto as coisas engraçadas que têm acontecido, como por exemplo, o dia em que tirei toda a madeira de onde Yorgo tinha acabado de empilhar. Será

que ele não lê as cartas? Se lê, como pode imaginar que passo meu tempo recostada languidamente à sombra de uma árvore? Não nego que seja interessante ter uma visão geral do que está acontecendo em Atenas, mas tudo me parece centrado nos velhos companheiros de escola de Hugh. Chego a pensar que ele não faz ideia de como é a vida longe da capital com os aldeões à mercê das estações, do tempo e da colheita. Por aqui existe uma linha tênue entre a fome e a inanição. As mulheres têm de escolher entre um agasalho para os filhos e um par de sapatos para o marido.

Se vier outro bebê, será que ele viverá ou não? Parece que ninguém sabe o que é preferível, pois se a criança sobreviver, será mais uma boca para alimentar, e se morrer, terão as despesas com o funeral e a mãe arrasada pela profunda e sombria dor da perda.

Tento sentir uma ponta de ciúme porque Hugh vai passar algum tempo com Dora Troutbeck, circulando pelos lugares mais glamourosos de Atenas, mas não consigo. Tudo que sinto é gratidão, já que a companhia dela desviará a atenção dele da minha volta.

Sinto a dor da melancolia inundar meu coração ao perceber como facilmente nos tornamos pessoas diferentes, com sonhos distintos e esperanças para um futuro que estão além de qualquer horizonte conhecido.

Afora tudo isso, essa última carta de Hugh me levou a pensar em quando minha mudança aqui começou a ocorrer, e não é fácil definir o ponto exato. Será que se iniciou quando o projeto de restaurar a casa tomou proporções maiores do que uma simples fantasia? Isso aconteceu com a chegada de Christo.

Ou talvez tenha começado quando aprendi a olhar para o vilarejo e para os aldeões como eles realmente são, sem a visão ingênua que eu tinha quando cheguei aqui.

Não, pensando bem, acho que foi no dia em que encontrei Dimitri encolhido na varanda e Anthi não sabia o que estava acontecendo, ou não queria contar. Foi nesse dia que a pequena Despina se transformou de uma garota vivaz e falante em outra, reservada e com todos os sentimentos trancados no peito. Mas foi nesse dia também que conheci Christo. Começo a sorrir. Tudo começou com Christo.

A casa assumiu uma aparência próxima àquela com que sonhei, com todo o conforto. Trabalhar junto com Yorgo e Christo me mostrou que a escola não se resumia ao meu único propósito na vida. Aqui, nesta casa grande e bonita, aprendi habilidades que nunca pensei em desenvolver.

Christo me mostrou como assentar uma telha no telhado para que não caísse. Não é muito comum possuir uma casa com telhas no vilarejo. Yorgo nem acreditava que pudesse ser feito.

— Vai cair tudo! — ele ficava repetindo.

Devagar e com toda a paciência do mundo, Christo nos mostrou como fazer, e agora Yorgo e eu somos especialistas na fina arte de telhar.

Agora já sei que uma telha curva é uma elevação adequada para mandar a chuva para longe. Aprendi a lascar uma pedra com o martelo adequado, batendo devagar e com cuidado, de modo que se tornasse uma peça de decoração e não apenas um simples suporte. Christo me ensinou a polir uma pedra para que ela reflita a luz como se fosse uma lamparina, e também como dar brilho à madeira usando a cera das abelhas de Anthi para que a superfície fique limpa e seca, mesmo se, por engano, for esquecida na chuva.

No começo cometi vários erros desse tipo. Yorgo dizia apenas “*po po*”, enquanto Christo profetizava que é com os erros que se aprende a perfeição.

Ele nunca deixava que eu me sentisse tola ou desajeitada.

Certo dia, para minha surpresa, percebi que minhas roupas estavam muito largas. O trabalho que eu vinha executando, a maior parte mediante um esforço físico extenuante, acrescido a uma nova dieta de alimentos simples e frescos, me levou a perder alguns quilos que eu tinha ganhado nos banquetes de Atenas. Hugh tinha razão de se preocupar com meu cabelo.

Hoje em dia faço um coque no alto da cabeça ou puxo para trás, de tão comprido que está.

Em algumas manhãs, prendo com pentes e alfinetes, em outras eu os tranço.

De vez em quando coloco um lenço na cabeça, como as mulheres do vilarejo.

Uma ou duas vezes por semana, espero anoitecer e vou até o córrego, para tomar banho e lavar a cabeça. Nunca tem ninguém lá. Tenho a sensação de que a água cristalina leva os acontecimentos do dia para o passado conforme os primeiros pingos gelados tocam meu corpo.

Hugh tem razão, volto ao córrego em outros dias para lavar roupa junto com as outras mulheres. Aprendi tanta coisa ali, não só a passar pedra-pomes nas manchas da roupa, mas também fico sabendo de todas as fofocas. Quem estava planejando se juntar ou casar, como progredia a arrumação de um dote, ou de um enxoval. Quem estava acamado, com qual doença, e quais ervas eram utilizadas para se fazer um emplastro. As mulheres descobriram que eu era enfermeira e me chamavam para ajudar quando o marido ou um dos filhos adoecia, ou para aconselhá-las e orientá-las sobre gravidez e parto. Eu sempre reforçava que minha presença não era necessária, pois com as misturas e preparos, passados de mãe para filha, elas vinham se arranjando bem por muitas gerações.

Quando um bebê nasce, ou alguém morre, as mulheres se reúnem para conversar sobre o acontecimento.

Não demorou muito para que eu fosse incluída na rotina da cidade.

Deixei de ser uma novidade, uma curiosidade entre eles.

Fui aceita, mas ainda era alvo de delicadezas do tipo ovos e limões de presente, ou bolos e balas e até azeitonas imersas em salmoura ou em azeite virgem.

Alguns alimentos que me lembro de serem luxo na Inglaterra, como alcachofras,

romãs e figos, aqui crescem em abundância nos jardins. A carne é rara, a menos que uma ovelha ou cabra seja abatida, assim a carne enlatada é vista como uma iguaria. Irini sempre faz *dolmade*, volta e meia encontro essa delícia de carne de ovelha, misturada com arroz e embrulhada com folha de videira ou com abobrinha, na porta da minha casa.

Michaelis me traz peixe fresco quando pesca bastante, e reconhecendo que não tenho nada para trocar, aceita alguns poucos dracmas. Vassili colhe sorrindo as uvas das videiras do meu terraço e, para me agradecer, traz vinho. A esposa, Varvara, sempre o acompanha trazendo um pote de uvas-passas doces ou outra compota qualquer. Ela é tão rechonchuda e tem um nariz tão pequeno que me lembra um coelho.

Recebo toda essa delicadeza e generosidade dos aldeões e começo a acreditar numa amizade, não enxergo mais através de lentes cor-de-rosa como antes. Sei que estas montanhas possuem muitos lados. Da mesma forma que oferecem sombra do calor do sol, ou proteção dos fortes ventos de inverno, abrigam também aqueles que vivem aqui dos olhares predadores de intrusos. Nem sempre está tudo bem nestas moradias agrupadas ao longo dos caminhos rochosos. Um desentendimento pode surgir sem explicação, e de repente uma família não fala mais com a outra.

Um pai e um filho podem perder a vida num incidente com armas ou por causa de uma proposta de casamento. De vez em quando uma esposa aparece com uma mancha roxa no rosto ou no braço.

Ninguém toca no assunto.

Os pastores que moram nas cavernas têm uma vida mais complicada do que a maioria. Sento na minha varanda à noite, embrulhada em um cobertor para me proteger do vento frio, e vejo as chamas das fogueiras fora das cavernas, imaginando quem as teria acendido e alimentado. Perto de quais delas o pequeno Dimitri e seu pai Manos estariam sentados? Qual delas tinha sido acesa por Christo, e perto de quem estava naquele momento depois de ter trabalhado na minha casa durante o dia? Anthi reluta em falar sobre o lado obscuro do vilarejo. Ela sabe que eu vi os hematomas em seu rosto, não tenho dúvida de que o responsável foi aquele marido horrível. Tenho vontade de perguntar, não apenas por curiosidade, mas também porque me preocupo com ela. Quero muito abraçá-la, mas ela mantém o silêncio sobre o assunto, e eu respeito essa escolha. Ela também não me fala sobre o pequeno Dimitri, nem me conta como foi o dia em que subiu a montanha com o professor.

Dessa vez eu perguntei, mas ouvi: — Não é nada, Divina. Trata-se apenas de um assunto insignificante da comunidade, nada de muito importante, e já passou.

Anthi não sabe que notei que desde aquele dia ela parece diferente, assustada talvez. Sei que ela se preocupa com Despina.

O silêncio repentino daquela criança adorável também me preocupa.

Já ficou formalizado que nós três, Yorgo, Christo e eu, formamos uma equipe. Talvez precisemos que alguém que entenda mais de trabalho com ferro, ou vidro, entre para a nossa equipe. Espero que esses outros trabalhadores reconheçam que a casa é minha e que eu trabalho com eles.

Foi difícil convencer Yorgo a me aceitar, claro. Ele ficou chocado, afinal sou mulher e deveria apenas cuidar da casa.

Argumentei dizendo que não podia ser uma dona de casa se a mesma estava em obras.

— Ou então vá trabalhar no campo.

— Que campo? Não tenho propriedades.

— Tome conta das ovelhas, ou das cabras.

— De quem? Não tenho um rebanho.

Um dia eu o ouvi discutindo com Christo: — Fico sem graça de trabalhar com uma mulher. Minha esposa não entende.

— Ora, Aphrodite não liga a mínima com quem você trabalha, contanto que leve dinheiro para casa — disse Christo, rindo. — Essas palavras são dela própria.

Depois de um dia de reclamações, ele começou a me dar ordens como Christo fazia e eu fiquei contente.

Minha casa começa a tomar forma de novo. As paredes são sólidas e incrivelmente retas, para uma casa construída na encosta da montanha. Meu quarto é apenas mais um cômodo cheio de ferramentas, escadas e areia. No final do dia, um de nós decide onde vou dormir naquela noite e mudamos minha cama de lugar.

Fico com Anthi na escola no mínimo dois dias por semana, o mesmo tempo que trabalho na restauração da casa. É muito bom ter uma vida à parte da escola. Quando termino o expediente lá, corro para casa para ver o progresso da obra. Christo me mostra o que precisa da minha opinião e decisão. Ele geralmente usa uns óculos de aro fino que herdou do avô e me olha por cima das lentes, enquanto admiro seu trabalho.

Certo dia elogiei a pintura, que estava mesmo excelente, e ele me respondeu que tinha sido feita uns duzentos anos atrás! Eu não me importava com as brincadeiras à minha custa. Aquela era a primeira vez que ele não me tratava com formalidade, chamando-me de *kyria*. Foi também a primeira vez que notei os olhos azuis ressaltando naquele rosto bronzeado.

Conforme ele se virou para sair, acabou prendendo a manga em um prego enferrujado na parede. O incidente resultou em um rasgo na camisa, e ao puxar o braço, vimos que a pele estava ferida e que gotas de sangue manchavam o tecido. Ele começou a tremer, segurando o braço para tentar se controlar. O susto o deixou com o rosto branco como o de um fantasma.

Eu logo me antecipei para ajudá-lo.

— Venha cá, deixe-me...

Mas ele se esquivou, empurrando-me e seguindo para fora de casa.

Ouvi as tentativas de vomitar. Olhei para Yorgo, procurando uma explicação.

— Ele é igual à mãe, não suporta ver sangue.

E antes mesmo que eu respondesse, ele estava de volta, limpando a boca. Logo a cor voltou ao rosto moreno. A manga da camisa estava abotoada, cobrindo o ferimento. Nunca mais se falou a respeito.

Desde o dia em que o garoto surdo-mudo, Dimitri, apareceu encolhido em um canto da escola, Anthi está diferente, tanto que demorou alguns dias para voltar para a escola. Até aí nada de estranho, pois ela costumava trabalhar duas ou três vezes por semana. Nos dias de sua ausência, as crianças ficavam com o professor ou com *kyria* Tirsa. Despina geralmente era a primeira a chegar, estando a mãe ali ou não, sempre alegre, rindo e batendo palmas, mas fazia alguns dias que não aparecia também.

Fui uma ou duas vezes até a casa dela, mas além das galinhas cacarejando não havia mais nada se movendo por lá.

Presumo que ela estivesse trabalhando na lavoura, mas eu não sabia por onde começar a procurar. Com o passar dos dias, decidi que precisava encontrá-la. Eu estava preocupada.

Desde o amanhecer, aquele dia tinha sido terrível, o pior desde que cheguei aqui. Chovia a cântaros, o estrondo dos trovões se amplificava ao ecoar nas rochas das montanhas, relâmpagos iluminavam as nuvens escuras, deixando a impressão de parti-las ao meio.

Fechamos as janelas da sala principal. O ambiente ficou mais intimista à meia-luz, mas não conversamos muito. Eu sabia que trabalhar com aqueles homens era apenas uma necessidade.

Ao meio-dia fizemos uma pausa e nos sentamos para olhar pela porta da frente. A rua tinha se transformado em um riacho.

O terraço superior, agora reforçado e seguro, nos servia de abrigo.

— Precisamos de mais tempo para que a nova estrutura seque e se acomode ao tempo — observou Christo, franzindo o cenho e balançando a cabeça.

— Usei madeira antiga de propósito, para o caso de isso acontecer — disse Yorgo.

— Está vendo...? — Christo sorriu. — Afinal, um bom e velho carpinteiro deve saber dessas coisas.

— Não sou tão velho assim — respondeu Yorgo. — Afrodite me disse que teremos um bebê na primavera.

Percebi que ele inflava o peito de orgulho, observando-nos por baixo das espessas sobrancelhas.

— Parabéns! — exclamei, e ele sorriu de alegria.

— Vocês precisavam de mais um filho? — Christo perguntou, e Yorgo riu.

— Bem, nós amamos muito nossas filhas, mas Aphrodite quer um menino. E é

ela que decide essas coisas... — terminou ele, deixando o resto da frase no ar. Conforme conversávamos, a chuva foi amainando até parar, e as rajadas de vento se intensificaram.

— Vejam só, o vento irá secar tudo — disse Yorgo, apontando para fora.

— Espero que sim — concordei e me levantei. — Quero ir até a casa de Anthi.

— Você não pode sair com esse tempo, é capaz de sair voando. Vou buscar meu burrico e irei acompanhá-la. — Christo tinha comprado um animal em algum lugar. Ele sabia que eu estava prestes a protestar, por isso antecipou-se em dizer: — Passo em sua casa, tio, para pegar a outra serra que precisamos para cortar as vigas.

A chuva tinha se transformado num lençol de garoa fina, e nós lutamos contra o vento durante todo o caminho até Pano Panagia. A viagem que costumava levar vinte minutos durou uma hora. Christo insistira para que eu montasse o burrico enquanto ele andava ao lado, guiando-nos pelo caminho.

— Ele não gosta disso — Christo me explicou —, pois perde o senso de direção. Com o vento batendo contra nós, o burrico nos levaria montanha abaixo e chegaríamos a Três Petromas antes do final da manhã.

À nossa frente estavam as montanhas com os picos envoltos pelas nuvens escuras e carregadas. A Igreja de S. Cosme e S. Damião jazia imersa na escuridão. Estava difícil até ouvir e conversar.

Perto de uma das últimas curvas, o burrico tropeçou e caiu de joelhos.

Claro que eu caí junto; fomos os dois para cima de Christo, assustando-o.

Ele logo se recompôs e me segurou pela cintura, ajudando-me a ficar de pé.

Depois levantou o animal. Eu ri para disfarçar meu embaraço e passei os dedos pelos cabelos. Apesar de alguns grampos terem caído, a fivela ainda estava presa aos fios.

— Obrigada, você é meu herói.

— Devo deixá-la cair da próxima vez? Venha, suba de novo.

Ele me ajudou a montar e continuamos o caminho a passos lentos.

Não havia nenhuma alma à vista. As casas pelas quais passamos estavam totalmente fechadas para o mundo exterior.

Um cavaleiro de madeira de criança foi arrastado pelo vento ao longo do nosso caminho.

— Divina! Ouvi o grito que rasgou o vento e olhei para os lados. Anthi corria em nossa direção, vindo dos campos, com Voula no colo e Despina andando bem devagar com a cabeça baixa.

Corremos todos para nos abrigar sob uma romãzeira.

Apesar de as raízes e parte do tronco estarem fincados no solo, os galhos sem frutas se inclinavam sobre o caminho de terra.

Anthi parecia cansada e abatida. Despina, agora segurando a barra da saia da mãe, ainda olhava para o chão. Até aquele momento ela não tinha dito uma

palavra ou mostrado sinais de saber quem eu era.

Anthi olhou para Christo e, ao cruzar o olhar com o meu, virou o rosto. Eu os apresentei e eles trocaram um sorriso.

Christo sabia que Anthi era uma boa amiga, mas, para minha surpresa, ela mal conseguiu cumprimentá-lo, um comportamento que não combinava com a moça que eu conhecia.

— Vou deixá-las sozinhas — anunciou Christo, rompendo o silêncio constrangedor.

Eu estava prestes a abraçar minha amiga e passar alguma energia para ela e as filhas e finalmente descobrir o que estava acontecendo, quando percebi que ainda nem tinha desmontado.

Fui pular e acabei caindo com o rosto direto na terra e cascalho do chão. Todos correram para me ajudar, mas, conforme Anthi segurou meu braço, Voula, que estava se mexendo muito, perdeu o equilíbrio e caiu também.

Christo me colocou de pé e todos começamos a rir. Foi o único momento de descontração responsável por afastar o mal-estar de todos. Para minha alegria, até Despina sorriu.

Mais tarde, voltei sozinha pelo mesmo caminho. Fazia horas que a tempestade tinha passado, e estava tudo calmo.

Anthi tinha insistido para que eu partisse enquanto ainda estava claro. E assim segui pelo caminho, pensando em tudo o que tinha acontecido naquele dia. Fiquei horrorizada com o que Anthi me contou sobre o que ela e o professor tinham descoberto na caverna do pai de Dimitri. Mas foram as palavras não ditas que me assustaram mais que tudo. Com a voz fraca e o corpo tremendo, ela relatou sobre os bandoleiros, ou sei lá que nome tinham, que culpavam e feriam famílias inocentes.

Quando perguntei quem eram os responsáveis, ela meneou a cabeça com veemência, indicando que sabia mas não diria nada.

A relutância deixou evidente que o marido dela também estava envolvido.

Caso contrário, por que esconder de mim? Quaisquer outros nomes não significariam nada para mim.

Acho que ainda levarei uma eternidade para esquecer a primeira vez que o vi, segurando um facão com o qual abria uma ovelha. Anthi não percebeu, mas ele olhou na minha direção conforme as entranhas do animal gotejavam sangue no chão.

Não pude deixar de me encolher diante de um ato deliberado tão brutal, e essa minha reação, por si só, o deixou satisfeito; um meio-sorriso torto curvou os lábios dele por um ~ 139 ~

instante, quando ele momentaneamente desviou a atenção da esposa e da filha para mim. Sua expressão era a de um homem sádico.

Apressei o passo para chegar logo em casa, queria que Christo me explicasse o que estava acontecendo. Ele era a única pessoa que eu sabia que poderia questionar. Eu confiava instintivamente na bondade e na sinceridade por trás daqueles olhos azuis. Além do mais, ele sabia de tudo o que se passava naquelas montanhas.

A luz do dia desvanecia rápido, por isso precisei correr.

Hugh e sua vida segura e rica na capital tomaram conta da minha mente. Sorri, mas não de alegria, ao me lembrar da preocupação dele com meu cabelo e como minha roupa era lavada. Tenho certeza de que ele não entenderia se soubesse como me tornei parte integrante deste vilarejo, e duvido que se importasse.

Eu sei, infelizmente, que a reação dele seria virar as costas e ir embora. É melhor não revelar o que está escondido do que arriscar o confronto com a escuridão.

Eu me recordei de um começo de primavera glorioso em Paris, quando fiquei sabendo que algumas mães chegavam a mutilar seus filhos para ganhar mais esmolas nas ruas. Chorei muito naquela tarde, e mais tarde, quando Hugh me perguntou como tinha sido o meu dia, contei a ele a minha descoberta. Ele estava diante do espelho em nossa suíte na embaixada, dando o nó na gravata branca para participar de mais um jantar formal.

— Mas que droga de gravata! — ele praguejou. — Evadne, você é tão jeitosa, será que pode fazer o nó para mim? Eu me levantei obedientemente e atravessei o quarto até me postar ao lado dele diante do espelho. Só então percebi que estava chorando.

— Ah, minha querida... Não temos nada a ver com o que essa gente faz para sobreviver — ele tentou me consolar. — Antes de mais nada, eles vêm de outros lugares, são de outras raças. Se não estiverem satisfeitos aqui, podem voltar para o lugar de onde vieram, concorda? Ah, ficou ótimo, meu bem. — A essa altura, ele já tinha voltado a atenção para sua imagem no espelho. — Você tem mesmo uma habilidade especial com gravatas. É algo para se orgulhar, sabia? Eu estava chegando à minha casa, e notei a silhueta de um homem na varanda: Christo. Ele tinha me esperado chegar a casa. Senti-me tão feliz por estar ali que abri um largo sorriso, o primeiro do dia. Conforme me aproximei, ele desceu as escadas da frente e apertou os olhos.

— É você, Divina? Está tudo bem? — Sim, obrigada, estou bem e segura agora.

— Sorri de novo.

Mais tarde falei com ele sobre as coisas que Anthi tinha me contado, e vi sua expressão mudar para triste e pensativa.

Ficamos algum tempo na varanda, já que ele não se mostrou com pressa de

voltar para a caverna.

Depois acendemos a lareira e ficamos na sala de estar, sentados numa pilha de cobertores.

Quando as portas e janelas estão fechadas, o cheiro da sala principal é simplesmente divino. O aroma não vem apenas da madeira cortada, mas também das maçãs, empilhadas em um canto perto do lagar. Pequenas pilhas de uvas secas e *mousmoulas*, nêspas tão perfumadas quanto pêssegos, ficam do outro lado da prensa, junto com um pequeno amontoado de damascos, mandarins e limões.

— Você vem de um país que já entrou uma vez em guerra contra si próprio, se não me engano.

Meneei a cabeça.

— Isso foi bem antes de eu nascer.

— Aqui nestas ilhas, a guerra e os combates fazem parte da nossa natureza. É algo que já nasce conosco. Minha avó e minha bisavó costumavam dizer que todo menino cretense já vem ao mundo lutando e chutando, e que é tarefa das mulheres de sua vida ensiná-lo a paz. Uma tarefa, é claro, que começa com a mãe.

É por isso que todas as canções tradicionais, conhecidas há várias gerações, versam sempre sobre a mulher perfeita, a mãe.

Assenti novamente.

— Anthi me falou algo sobre isso — eu disse e sorri. — Até o irmão dela, que mal podia esperar para sair de casa, ainda canta melodias que enaltecem a mãe.

— Os gregos estão prontos para a guerra, principalmente aqui, numa das maiores ilhas — disse ele. — Estamos sempre prontos para uma invasão.

E acredito que não tardará a acontecer. O que não sabemos ainda é de onde virá.

— Eu costumava ouvir isso em Atenas.

— Os cretenses são mestres na arte de invadir. Como já aconteceu várias vezes, estamos sempre prontos. Mas nem sempre travamos lutas convencionais. Nós nos reunimos em grupos pequenos e nos escondemos nas montanhas que circundam os vilarejos. Acho que é isso que está acontecendo agora.

Balancei a cabeça concordando.

— Ouço as conversas no *kafenion*. Em uma época como esta, o cheiro da guerra está no ar — continuou ele. — O Exército está longe, lutando na Albânia, e as pessoas daqui se sentem vulneráveis e desprotegidas. É bem possível que Manolis esteja envolvido em alguma coisa, mas também pode ser que esteja metido numa briga qualquer por um animal desaparecido.

Ele é conhecido por ser cabeça-quente, além de não ser muito popular.

— Pobre Anthi — lamentei. — Deve ser horrível ser casada com um homem como aquele.

— Em compensação, ela tem duas filhas adoráveis.

— Mas são meninas... Segundo ela, o marido a considera um fracasso por não ter tido um menino.

— Então ele só pode ser um tolo, enquanto deveria se considerar um homem de sorte por ter filhas lindas.

Christo exala uma tranquilidade maravilhosa. Ele encara dentro dos seus olhos enquanto fala, ao contrário da maioria das pessoas, que deixa o olhar vago. Isso é muito revelador. Parece que a ansiedade não o aflige, há uma confiança em suas palavras que me revela muito a respeito dele.

— Odeio a guerra e detesto lutar. Prefiro poupar minha energia para consertar sua casa, aplicar meus estudos para construir e não demolir tudo.

Mas estarei sempre pronto para lutar, bem como meus amigos, caso um inimigo tente invadir.

Os estalos da madeira recém-cortada e jogada no fogo quebravam o silêncio. Do lado de fora, ouviam-se os miados de algum gato selvagem procurando sua refeição noturna.

— Durante muitos anos, o nome de Manadakis era temido, mas não respeitado. Dizia-se que algumas vezes ele e seus homens podiam ser comprados para lutar de um lado ou de outro. São conhecidos pelos princípios.

Fiquei surpreso quando meu tio Yorgo contou que foi a esposa de Manadakis que o indicou para trabalhar aqui. Acho que o marido dela não deve ter gostado muito.

— Você o conhece? — indaguei, encolhendo os ombros involuntariamente.

— Só de vista — Christo respondeu sorrindo.

— Eu antipatizei com ele desde o primeiro instante.

— Sua amiga Anthi deve se cuidar.

— Hoje, apesar de ela tentar tapar o rosto com o lenço, vi as marcas roxas. Eu ficaria surpresa se *kyria* Manadakis se machucasse desse jeito batendo numa porta de armário — comentei. Minha expressão deve ter registrado o repúdio que senti.

— Isso acontece muito por aqui, mas não há como parar ou mudar.

Para alguns homens, bater na mulher é tão natural quanto respirar. Ela vai aprender a melhor maneira de lidar com isso.

Pelo que sei, Anthi é uma mulher forte e determinada. Ela não conseguiu que o marido a deixasse dar aulas na escola? Respondi que sim com um movimento de cabeça.

— Então ela sabe se arranjar bem. Cuide dela como uma boa amiga, mas evite dar conselhos de como lidar com o marido.

Fique atenta. É capaz de um dia ela precisar de uma ajuda maior do que a de agora, mas enquanto isso... — Christo balançou a cabeça e esticou os braços para cima, espreguiçando-se. — Está na hora de voltar para minha caverna. Se bem que vai ser difícil sair de perto desse fogo e... — Ele parou de falar e meneou a

cabeça de novo.

— Algumas vezes durmo aqui mesmo — contei, e ele riu.

— Você não faz nada diferente da maioria dos pastores.

— Imagino que não, mesmo.

As chamas da lareira subiram mais alto, refletindo-se nos olhos dele.

Nós tínhamos comido pão, frutas e fatias do queijo que a tia dele, Aphrodite, fizera. Ele me mostrou como embeber em azeite de oliva os tomates secos que Anthi tinha me dado, a fim de amaciá-los e permitir que liberassem um suco doce. Ele colocou um pouco do vinho de Vassili nas duas únicas taças que eu tinha. Inclinei minha taça e brindamos.

Quando perguntei como ele tinha aprendido a falar inglês, ele me disse que era um sonho de criança.

— Outro dia eu conto a razão, mas agora é hora de ir dormir.

Estávamos falando em inglês. Para mim era um prazer e um alívio falar minha língua. Eu já tinha até começado a sonhar em grego! — Enquanto estivermos juntos aqui, por que não falamos em inglês? Será útil para você e um prazer para mim.

Christo demorou a responder.

— Precisamos ter cuidado. Não há alegria maior para as mulheres do vilarejo do que fofocar. Pior ainda se nos comunicarmos numa língua que elas não entendem. São capazes de inventar o que estávamos falando, o que será bem pior.

— E isso importa? É algo com que devemos nos preocupar? — perguntei sem pensar.

— Nós nos tornamos amigos, por outro lado, a amizade entre um homem e uma mulher não é algo que se conhece por aqui. As pessoas presumirão que nosso relacionamento é mais do que eles entendem por amizade.

Eu ainda estava tentando entender o que aquilo significava, quando Christo voltou a falar, interrompendo meu pensamento: — Além do mais, não quero que meu tio Yorgo se sinta excluído ou isolado. Ele é um bom homem e pode ficar ofendido se não entender o que estamos conversando — explicou ele devagar, olhando dentro dos meus olhos. — Mas quando estivermos sozinhos como agora, talvez..

Peguei um pedaço de lenha e joguei no fogo; dessa forma eu ficava de costas, escondendo o rosto. Tenho certeza de que estava corada, pois tremia por dentro, mas algo mais forte me levou a perguntar: — Então poderemos ter outras noites como esta? Só nós dois? Mais uma vez o silêncio constrangedor pairou entre nós antes de ele responder: — Sim, seria bastante agradável. Mas agora acho que você deveria tomar cuidado, caso contrário é capaz de cair e seu cabelo pegar fogo.

Eu me virei para ele e, claro, perdi o equilíbrio e caí. Não foi um tombo de

machucar, mas foi o suficiente para ele achar divertido.

— Com esse, já são três tombos hoje. Isso não é bom, vai acabar se machucando...

Eu sacudi a poeira da roupa. Estava usando uma saia longa que fiz de uma cortina antiga que encontrei em um dos baús do meu quarto. O tecido era grosso e quente, mas atraía toda sorte de sujeira e fiapos.

Naquele momento, eu estava coberta de cinzas, felizmente não quentes demais.

— Você notou meus tombos? — Claro que sim — disse ele, baixando a voz para acrescentar: — Presto atenção em tudo a seu respeito. — E antes que eu pudesse reagir, ele ficou em pé e seguiu por entre a sala apinhada de material de construção, chegando à porta. — Obrigado pelo jantar. Durma bem, e que os anjos velem seus sonhos.

Fiquei em pé e fitei o horizonte, embora não houvesse nada para ser visto.

As árvores estavam encobertas até o tronco pela névoa densa. Mais adiante, perto da cadeia de montanhas que levava a Mesa Panagia, um cachorro latia, e como em resposta, um asno relinchou três vezes seguidas.

Mais tarde, saí e usei uma das paredes laterais da casa como banheiro improvisado. Nós três fazemos muito isso durante o dia e nos revezamos com a pá para jogar terra e cobrir os vestígios. No começo eu ficava sem graça, mas depois percebi que é rotina para todos daqui, então acabei adotando o costume. Não vejo a hora de meu banheiro novo ficar pronto.

Yorgo está animado para que isso ocorra logo. Temos uma foto de um vaso sanitário inglês, criado por Thomas Crapper, que fica preso na parede. Todo dia ele admira a foto como se fosse uma obra de arte.

— Quem diria que eu seria o primeiro homem em Panagia a instalar uma invenção tão prodigiosa? — indagou ele, certo dia.

— E não se esqueça, tio, que você também será o primeiro homem daqui a usá-lo — completou Christo.

Normalmente, eu tinha dificuldade para dormir, mas naquela noite estava pior ainda. Talvez fosse por causa da última carta de Hugh, que não me saía da cabeça. Acabei adormecendo, mas foi com Christo que sonhei.

As tempestades do dia anterior terminaram pela manhã. Os dias seguintes foram ensolarados, e eu seguia saltitante para a escola.

As crianças, meus alunos, estão progredindo bem no inglês; com alguns até já é possível manter uma conversação.

Tudo bem, eles falam devagar e truncado, e gesticulam para ajudar, mas mesmo assim conseguimos nos comunicar sobre o vilarejo, a colheita e os animais. Eu queria tanto que um desses alunos brilhantes fosse a filha de Anthi, Despina! Mas acho que não era para ser. Ela não fala há semanas. Sei que Anthi está doente de preocupação.

Minha querida amiga está com tantos problemas que seu rosto já ganhou

algumas rugas.

Se ao menos ela conversasse comigo... Sei que Anthi tem poucos amigos no vilarejo, e a mãe é como se fosse uma inimiga.

Eu a encontrei uma vez, rapidamente. Ela foi visitar Anthi, junto com a outra filha, Ririca. As duas formam uma dupla deveras estranha.

A mãe me lembrou na hora a chefe de enfermagem em Greenbridge de Anthi, mas era ainda mais carrancuda. Eu não conseguia parar de olhar para uma pinta cabeluda que ela tinha no rosto. Os fios chegavam a se mexer conforme ela falava. Por que ela não arrancava aquele horror? A irmã, Ririca, era magrinha, com um rosto miúdo. Era difícil acreditar que aquelas duas mulheres eram parentes consanguíneas da minha amiga querida.

As duas se sentaram sem graciosidade alguma e ficaram ali, de nariz franzido, como se estivessem sentindo um cheiro ruim.

De repente a mãe olhou para mim e perguntou, em tom de voz bem alto: — Anglika? Acenei com a cabeça em resposta. Procurei falar o melhor que pude no meu grego de Atenas, e aparentemente ela se surpreendeu, pois recuou um pouco na cadeira e arqueou uma sobrancelha. As duas não ficaram muito tempo mais, depois disso. A mãe gritou um adeus na minha cara, e Ririca, um pouco sem graça, puxou a mãe porta afora.

Anthi começou a rir depois que elas saíram.

— Que alívio! Elas só vieram até aqui para ver você.

Yorgo e Christo logo estarão aqui. Na semana passada, Akis, o empregado da ferraria em Aghios Georgios, esteve aqui, e agora as portas possuem as ferragens certas para fechá-las de maneira adequada. É um prazer imenso, quase infantil, abrir e fechar essas janelas e portas só porque tenho essa opção. Uma delas estava rangendo, por isso pinguei uma gota de azeite de oliva na dobradiça.

Já são oito horas e não há sinal deles. Eles já deveriam estar aqui, a fim de tomarmos o café da manhã juntos, como de costume.

Anthi me ensinou como os gregos gostam de café, de um jeito bem diferente do café filtrado que Hugh gosta de tomar, além de amargo e sempre com gosto de queimado. Eu me senti culpada... não por muito tempo... por jogar o coador dele no lixo.

Enrolada na minha longa saia de cortina para me esquentar, saí e olhei para o caminho que levava para o vilarejo.

Christo dizia que eu parecia uma fogueira em chamas com aquela saia feita em casa, como se o próprio sol estivesse andando pelas ruas. Acho que já sou considerada tão excêntrica que minha maneira de vestir não causa estranheza a ninguém.

A princípio, as mulheres do vilarejo me rodeavam, tocando o tecido da minha roupa, esfregando entre os dedos para testar a qualidade, e sempre vinha a

invariável pergunta: — É de Atenas ou da Inglaterra? — É de Panagia Sta. Perivolia — eu respondia, e todas caíam na risada.

Hoje em dia, quando uso essa saia amarela ou uma outra que fiz, elas nem notam.

Os raios de sol matinais aquecem a minha alma. Logo vejo Christo se aproximar, incitando o burrico a andar pelo caminho que o traz até minha casa. Ele olha para cima e acena quando me vê, meneia a cabeça e volta a olhar para o chão. Christo se senta naquele animal como se fosse um jóquei, inclinado para frente.

Apesar da sarja grossa da *vra*ka, os músculos fortes das coxas ficam evidentes. As botas lustrosas cobrem as pernas até os joelhos.

Fico me perguntando se ele as engraxa à noite na caverna.

— Hoje não vou tomar café, pois preciso partir logo.

Aphrodite contou que Yorgo tentou vir sozinho de Sitia trazendo suprimentos. E, claro, houve um acidente e agora está tudo espalhado pelas montanhas. Ele saiu de madrugada para tentar recuperar as coisas. Tenho de ir procurá-lo. Você pode esperar Andreas? Pedi a ele que viesse medir as janelas.

Levo meu café para fora de casa. Hoje o vento parece indeciso, em alguns momentos açoita a terra, levantando o pó em rodopios, depois some por uma ou duas horas.

No horizonte, acima do mar, algumas nuvens muito brancas enfeitam o céu azul de verão.

Deixo meus pensamentos vagar para os acontecimentos das últimas semanas. Sinto que Christo e eu nos tornamos bons amigos, embora haja certa cautela entre nós. Não falo sobre Hugh, quase não penso nele. Sei que estou afastando todas as recordações de meu marido. Quando Anthi me pergunta sobre ele, conto as novidades de Atenas e me polio para não dizer mais nada.

Ela se interessa bastante pelo que está acontecendo na Europa no momento, por isso não é difícil distraí-la. Quando dou por mim, estou falando mais de Christo, contando detalhes de nossas conversas. Não foram poucas as vezes em que a peguei me observando pelo canto dos olhos. Nessas horas paro de falar e mudo o assunto para alguma fofoca do povoado.

Na solidão da noite, permito que ideias sobre Christo perambularem pela minha mente. Sinto meu corpo aquecer, mas ao mesmo tempo sou acometida pela culpa, pois sei que certos pensamentos devem ser reservados ao meu marido. Admito estar errada por pensar em Christo assim, mas o que posso fazer se isso me leva até o paraíso? Quando algumas vezes estamos sentados diante da lareira, receio que ele perceba como estou vulnerável.

*** Por fim avisto Christo voltando, com o burrico carregado com as coisas que Yorgo tentara trazer sozinho.

Não há sinal de Yorgo. Corro ao encontro dele e logo trazemos tudo para dentro de casa. Paro no meio da sala por um instante para recuperar o fôlego.

Christo me observa com atenção e eu hesito, com o coração disparado.

Sei que não deveria tocá-lo, mas tenho vontade de abraçar o corpo forte, acariciar o rosto bonito, roçar minha face na barba por fazer. Christo me desorganiza por completo, gostaria de poder fazer tudo e um pouco mais em sua companhia.

Em perfeita sintonia, nos viramos um para o outro.

— Divina — ele me chama com voz grave e repete: — Divina? O que você quer? O que posso fazer? Viro-me para ele de novo, mas não consigo falar. Minha garganta trava.

— *Yia, Christo... Yia, kyria...*

É a voz de Andreas.

E o momento mágico se desfaz. Minutos depois, eu já estava fazendo café, e os dois conversando sobre a vida. Ainda bem que meu coração tinha voltado ao normal e minhas mãos tinham parado de tremer, quando fui servir o café. Como sempre, quando uma pessoa vem à sua casa, o trabalho para e a conversa se instala. Além do café, coloquei na mesa um prato com os biscoitos de Irini. Andreas meneou a cabeça, agradecendo, e continuou a conversar com Christo, todo animado.

Já estamos no meio do dia quando Andreas finalmente vai embora.

Ele tem de ir até Sitia para comprar vidro. Precisando concentrar minha energia fazendo alguma coisa, peguei uma vassoura e comecei a limpar a casa. A tarefa não durou muito, e eu logo larguei a vassoura, desanimada e blasfemando. Não havia razão para continuar, pois tudo o que eu estava fazendo era mudar a poeira e as raspas de madeira de lugar. Estava difícil até para respirar em meio a tanto pó. Era melhor deixar a poeira assentar e esperar até que o cômodo ficasse pronto.

Senti vontade de chorar.

Faz tão pouco tempo que minha vida parecia perfeita. Hugh se ocupava em Atenas, e eu me sentia feliz por estar aqui. Eu me alegrava com minha amizade com Anthi e suas filhas adoráveis.

O tempo que eu passava na escola era um deleite, e aos poucos minha casa tomava ares de um lar.

Agora, olho para tudo isso com lágrimas nos olhos, como se todas as coisas boas tivessem desaparecido.

Sim, Hugh era feliz em Atenas, mas se eu estivesse lá, ou ele aqui, será que a atração física que sentíamos ainda existiria? Lembro-me das noites de solidão. E dos dias também! Ah, que época sombria... Fico imaginando se eu ainda estaria vagando de butique em butique, de costureira em costureira, de festa em festa...

Mal posso acreditar que neste lugar que eu amo e que gostaria que fosse perfeito também existem tantos criminosos e assassinos quanto nas cidades maiores. Por mais que eu seja otimista, a maior parte da casa ainda está em ruínas. Será que

um dia ficará pronta? Até a escola está passando por problemas; o ataque a Dimitri e seu pai, o silêncio de Despina... Parece que basta levantar uma pedra para liberar alguma coisa ruim.

Acendo a lareira para me esquentar e sento-me diante do fogo, com a cabeça apoiada nas mãos. E lá está Christo de novo, ocupando meus pensamentos.

O que está acontecendo comigo?

Lembro-me de que minha irmã adorava jogar cartas, Paciência, e um dia a peguei roubando. Não entendi a razão e perguntei por que roubar de si mesma.

— Porque não tem graça nenhuma perder — ela me respondeu, sem nenhum traço de remorso.

— Mas a perdedora e a ganhadora são a mesma pessoa...

— comecei a fazer um sermão, quando ela me interrompeu.

— Ora, Evadne, você é certinha demais. Todo mundo rouba em alguma coisa.

Só então entendi por que ela sempre ganhava nove de dez partidas quando jogávamos. E jurei que sempre seria honesta comigo mesma, pelo menos.

Isso me traz ao meu dilema atual. Sou uma mulher casada, mas apaixonada por um homem que não é meu marido. Não posso mentir para mim mesma. Posso me forçar a pensar em outras coisas, posso me matar de tanto trabalhar, mas meu coração pertence a Christo. Eu o desejo com cada célula do meu corpo. Mal posso suportar passar um dia sem vê-lo. Sinto-me como se estivesse em um lugar estranho e escuro, para onde quer que eu olhe, não há saída. Se eu seguir meu coração, terei de lidar com o sentimento de culpa; se eu agir de acordo com a razão, prevejo um caminho longo e solitário pela frente. Meus olhos se inundam de lágrimas.

Como se ele tivesse pressentido minha angústia, ouço-o me chamar do lado de fora da casa. Antes que eu pudesse responder, ele já estava ali, do meu lado. Senti minha pele arrepiar e o corpo inteiro tremer.

— Você está bem? — perguntou ele, olhando para mim, muito sério.

— Você está estranha... está vermelha...

Ele tinha chegado no meio da minha fantasia. Eu não conseguia falar, não podia dizer nada. Tinha medo de abrir a boca e dizer o que não devia.

Assenti com um sinal de cabeça e ele se sentou a meu lado.

— Já está tarde para pensar em trabalho. Já escureceu, e você está com uma aparência de cansada. — Christo pegou um pedaço de madeira e jogou na lareira, depois ajeitou a lenha com o atizador até as chamas subirem e nos aquecerem.

— Quer ouvir uma história? Respondi que sim, meneando a cabeça.

— É sobre outro tio meu, que foi para Londres. Acho que vou conseguir fazer você sorrir.

Foquei meus olhos já secos no rosto de Christo, que estendeu o braço e pegou na minha mão para prosseguir a conversa. A mão dele era firme e gentil, e tive

medo que ele percebesse que eu estava tremendo.

— Há muitos anos, muito antes de eu nascer, meu tio Stephanos fugiu para a Inglaterra, para Londres. Ele tinha apenas treze anos de idade e saiu daqui sem ter noção do que encontraria mundo afora. Seu primeiro emprego foi de garçom em um restaurante. Durante muito tempo economizou tudo o que ganhava, vivendo de sobras que encontrava na cozinha e nunca participando de festas ou frequentando casas de espetáculos, apesar da insistência dos amigos para levá-lo. Certa noite, o dono do restaurante, que também era o *chef* de cozinha, caiu e torceu o tornozelo. Stephanos então se ofereceu para cozinhar naquela noite, sendo que jamais tinha cozinhado antes, embora fosse um amante da boa comida. Durante anos ele tinha feito companhia para a mãe na cozinha. Ela deixava que ele misturasse a farinha com os ovos para fazer massa, deixava-o enrolar o arroz temperado com carne nas folhas de videira, ou provar se havia junípero demais no *stifado*.

Naquela noite, no restaurante, ele fez apenas pratos gregos.

Bem, era tudo o que ele sabia fazer. Montou uma bandeja grande de *moussaka*, carne de carneiro, berinjelas e tomates. Serviu também *gemisto*: tomates grandes e brilhantes; abobrinha assada recheada com uma mistura de carne, borrifada com azeite de oliva e *rigani*, orégano. E naquela noite ele foi muito simpático, convencendo os clientes a experimentar a comida nova e estrangeira.

A essa altura eu estava encantada, já não tremia mais, e meus dedos continuavam entrelaçados aos dele.

— E o que aconteceu? — perguntei.

— Aquela noite foi a primeira vez que os clientes consumiram tudo o que havia na cozinha.

Eu abri um sorriso, e acho que foi o suficiente para encorajá-lo a continuar com a história.

— O sucesso foi tão grande que as pessoas voltaram nos dias seguintes para repetir. Ele passou a preparar pratos gregos, esgotando a capacidade do fogão, e não sobrava nada. Os clientes amaram. Logo ele ganhou reputação naquela parte de Londres, e havia filas de espera aguardando na porta do restaurante. Ele se arriscou bastante, uma vez que a culinária grega não era muito conhecida.

Christo fez uma pausa e sorriu de excitação. Acredito que ele não tenha se dado conta de que acariciava minha mão.

— Com o tempo, ele abriu vários restaurantes, espalhados por toda a Londres, e enriqueceu. Imagine você, um rapaz simples, de um vilarejo de Creta, se tornou um sucesso e ficou milionário em Londres.

— Onde ele está agora? — Bem, ele já faleceu. Mas ele voltou para a família aqui, construiu uma casa linda para a mãe e voltou para a Inglaterra para ganhar mais dinheiro e se casar com a moça grega que ele conheceu lá. Os filhos dele ainda vêm para cá no verão. Você é inglesa, talvez conheça algum dos

restaurantes dele.

— Londres é uma cidade muito grande. Qual é o nome do restaurante? — Ilios. Todas as filiais têm o mesmo nome, Ilios... “luz do sol”.

Fiquei imóvel. Sim, eu conhecia aquela rede de restaurantes. Hugh tinha me levado lá na primeira vez que saímos de Greenbridge para Londres.

Christo tinha razão, a comida era excelente. Hugh chegou a conversar com o *chef* e cumprimentá-lo pela qualidade dos pratos. Será que tinha sido o tio de Christo? Hugh, Hugh, Hugh... Agora ele estava ali na sala comigo.

Se eu fechasse os olhos, veria o rosto dele.

— O que houve? Você está pálida.

Pulei do sofá, movimentando-me apressada até o outro lado da sala.

— Não há nada de errado. Não mesmo. Aliás, o que poderia estar errado? É uma história encantadora, obrigada por compartilhá-la comigo.

Eu estava em um canto escuro da sala, ao lado do lagar.

Via apenas parte do rosto dele, iluminado por uma chama sorrateira, mas foi o suficiente para saber que ele estava confuso, tanto que logo se levantou e veio na minha direção.

— Eu a aborreci, contando uma história de Londres? Sinto muito, não foi essa a minha intenção. Você deve ter ficado com saudades de casa, dos amigos e da família. — Estávamos muito próximos quando, com voz fraca, ele terminou o que começara a dizer: — Você está com saudades do seu...

Eu sabia o que ele ia falar tanto quanto estava consciente de que não queria ouvir. O único jeito que encontrei para silenciá-lo foi beijando-o. E foi o que eu fiz.

O beijo foi a coisa mais natural do mundo. Os lábios dele eram macios e gentis, tal como eu tinha vislumbrado nos meus sonhos. O perfume dele já me era muito familiar e, aquecido pelo fogo, exalava uma fragrância herbal, depois da cavalgada na mata.

Logo as mãos dele acariciavam meu rosto. Com perícia, ele tirou a fivela dos meus cabelos e entremeou os dedos nos cachos.

Ele se afastou por um momento para me fitar, e no segundo seguinte eu estava nos braços dele, entregando-me a mais um beijo forte e doce.

— Divina, Divina... é isso que você é para mim... *divina*.

De repente minha respiração entrou em descompasso, enquanto minha consciência não parava de me advertir que aquilo era errado, que eu estava sendo oferecida, que era cedo demais. Mas meu corpo agia por conta própria, não obedecia aos comandos do cérebro. Quando me dei conta já estava desabotoando a camisa dele. O tecido era grosso, áspero, em contraste com a suavidade da pele morena. Afastei a camisa e beijei o peito largo. Ele levantou os braços e tirou a camisa pela cabeça, em seguida segurou minha mão e me conduziu de volta para perto da lareira. Ainda de pé, com o rosto muito próximo do meu, ele me encarou e perguntou: — Tem certeza? — Tenho.

Juntos, nos deixamos cair no tapete. Christo percorreu as mãos fortes pelo meu corpo, e começou a tirar minha saia. Em poucos segundos, estávamos livres das roupas. Suspirei quando ele se deitou sobre mim; as mãos dele deslizaram gentilmente até meus seios, e ele começou a sugar um mamilo.

— Você é tão linda, Divina...

Quando os dedos dele escorregaram até o meio das minhas coxas, eu gritei o nome dele, involuntariamente: — Christo! E meu corpo foi sacudido por um prazer pelo qual eu tinha esperado a minha vida inteira. O ritmo dos nossos movimentos a partir daí parecia a coisa mais natural do mundo, como se tivéssemos praticado o ato de amor desde sempre.

Não demorou muito para que a respiração dele ficasse ofegante, e as investidas mais rápidas e profundas. Quando Christo atingiu o ápice da paixão, jorrou sua semente dentro do meu corpo e deixou-se cair sobre mim, enquanto eu me contorcia, dominada por um prazer supremo.

A primeira coisa de que tomei consciência ao acordar foi o cheiro de suor seco sobre a lã. No segundo seguinte senti uma dor lancinante e me lembrei de que Manolis tinha me possuído por trás, forçando a abrir caminho onde não era bem-vindo. Há anos que anseio por chegar até o fim, por sentir o prazer completo, mas nunca passei do estágio de estar úmida e desejosa.

Ainda bem que terminou logo, e ele rolou para o lado e voltou a roncar, deixando-me em busca do sono sobre o lençol molhado de sêmen já arrefecido pelo ar noturno.

Já faz algum tempo que passo a maior parte da noite acordada. O sono é algo muito fugaz, só bebês e bêbados dormem sem dificuldade alguma, pelo menos nesta casa. Quando a noite chega, meu corpo está tão exausto, que despenco onde estiver e durmo pesado. Mas só por algumas horas, depois os sonhos me assombra e acordo assustada, com o coração retumbando no peito. Depois fico deitada esperando amanhecer.

É frequente Despina dormir a meu lado. Às vezes acho que ela me acorda passando a mão no meu rosto, como se quisesse que eu compartilhasse sua insônia.

Ela costumava dormir bem; adormecia rápido, e era difícil acordá-la na manhã seguinte. Mas isso foi antes... ah, tudo era melhor antes! Não suporto mais isso. Tento passar o dia sem pensar muito. Aliás, não é bom pensar, porque revive a memória e a dor.

Um novo dia nasce a cada manhã, mas o que ele trará para nós?

Aprendi a amar os meus dias: minhas filhas, minha escola e minha casa. Minha nova amizade com Divina acrescentou bastante à minha vida.

Nunca tive uma amiga tão próxima assim. Aqui não há relacionamentos como o nosso. As únicas pessoas de quem se é íntimo nesta ilha é a própria família. Os vizinhos são aqueles com quem você conversa e faz fofocas. O assunto é geralmente sobre o tempo, a colheita ou o preço do tabaco. Não é costume compartilhar ideias sobre o mundo além do vilarejo, a rotina em outros lugares e até mesmo a vida imaginária. É por isso que Divina e eu temos tanto em comum, por isso ela é tão especial para mim.

Mas desde... bem, desde então, não há muita coisa que eu possa dividir, por medo e por vergonha, muita vergonha mesmo.

Levanto-me da cama bocejando, estico minhas pernas pesadas, desço as escadas e abro a porta para o mundo lá fora. O céu está rajado de tons de vermelho com o nascer do sol, as galinhas estão inquietas, o galo canta, há ovos para serem coletados e pão por fazer.

Algumas vezes fico surpresa com a quantidade de coisas que consigo fazer em

uma hora, se estiver sozinha. Esta manhã já fui buscar água, me lavei, me vesti, troquei Voula, fiz o café da manhã, deixei a massa do pão para crescer, limpei a grelha, recolhi lenha para acender o fogo, preparei os legumes para deixar cozinhando a manhã inteira sobre a chapa de metal da lareira e coloquei o feijão de molho. E antes de fazer isso tudo, embrulhei as roupas para lavar.

Despina gosta de me ajudar. Então passo a ela tarefas como recolher os ovos, alimentar as galinhas, varrer o quintal e subir o morro para verificar como estão as abelhas. Ela ainda não voltou a ser a criança que era, e está crescendo rápido. É como se dentro daquele corpo de criança batesse o coração de uma mulher mais velha, que já viveu muita coisa; como se ela soubesse demais deste mundo. Seus olhos demonstram desconfiança. Ela se sobressalta ao menor ruído e raramente sorri. Ela voltou a falar, mas muito pouco, nada comparado com o que era antes. Sem mencionar que faz qualquer coisa para estar sempre perto de mim.

— É apenas uma fase. Ela está crescendo e vai superar — tanto o professor quanto Divina tentam me confortar.

Mas estou começando a achar difícil acreditar nisso; é difícil até lembrar daquela menina alegre e risonha que ela era.

Voula já está começando a andar, com aquele jeitinho cambaleante dos bebês, e já posso antever em seu rostinho lindo e doce, de bochechas rosadas, a mulher que ela se tornará um dia. Os olhos escuros, grandes e amendoados brilham com uma sabedoria inocente.

Voula é uma criança mais séria, não é tão risonha como Despina sempre foi. Ela é um tanto reservada, atenta, e só depois de observar bastante ela decide se determinada pessoa vale a pena. Em caso afirmativo, só então ela se abre e sorri, e o som delicioso de um risinho dobrado sai da boquinha rosada. Sinto a emoção tomar conta de mim só de olhar para ela, meu bebê, meu anjinho.

O sol já está forte quando começamos a trabalhar na lavoura. Manolis ainda ronca no quarto. Talvez ele só tenha ido se deitar naquela hora em que me possuiu, depois de mais uma noite com os amigos no *kafenion*. O que será que estão tramando agora? Em meia hora, as cebolas e favas de feijão já estão plantadas. Eu cavo a terra e Voula vem atrás de mim, jogando as sementes. Ela até que se sai bem para alguém que não sabe contar, pois é raro ela colocar mais de uma semente em cada buraco. Os dentinhos de leite mordiscam de leve os lábios, na concentração no trabalho. O cabelo está engrossando e formando cachos que balançam ao redor do rostinho delicado.

Despina volta do apiário e puxa minha saia.

— A senhora vai à escola hoje, mamãe? — Não, filha, mas Athena virá buscar você, portanto lave as mãos e o rosto, e pegue seus livros. Estão lá em cima, no seu quarto.

Ela sabe que não pode contestar, então vira-se em silêncio e segue para buscar o

material da escola.

— Acho que Divina vem aqui hoje.

Despina sorri com a notícia e vejo que o espírito da menina de outrora ainda está ali. Com um aperto no coração, percebo que Divina é a pessoa que minha filha mais ama neste mundo.

O sol de primavera está quente, castigando minhas costas enquanto lutamos para conduzir Astrape, carregando a trouxa de roupas, até o córrego.

Voula está cantarolando baixinho e parece contar os dedos.

Aphrodite nos vê chegar e grita um cumprimento e me dá as boas-vindas.

Depois de terminar de lavar as roupas, acomodo a trouxa de volta em Astrape, ajeito Voula e começamos a voltar devagar pelo caminho de casa.

— O que se sabe em Pano Panagia, Anthi? — pergunta Aphrodite.

— Como assim? — Vi umas mulheres de lá hoje cedo e elas mencionaram qualquer coisa sobre a guerra. Yorgo também ouviu comentários no Três Petromas, ontem à noite.

— Yorgo não se lembra de mais nada? — indaguei, e ela riu.

— Quando ele bebe, mal consegue saber em que dia da semana ou em que mês estamos.

Como ela não mencionou Manolis, fiquei quieta.

— Será que sua amiga inglesa não sabe de alguma coisa? Ela recebe cartas do marido de Atenas, não é? — Vou procurar saber — respondi, quando descarregávamos a trouxa dela em frente de casa.

A casa de Divina fica perto do córrego, e não ouço ruído algum vindo de lá conforme me aproximo.

Paro um pouco e admiro as lindas montanhas. O silêncio só é interrompido pelas sinetas no pescoço das cabras e pelo chilrear dos pássaros que pontilham o céu. Será que essa paz logo será aviltada? Os homens lotam a Piperia para escutar as notícias de Atenas, mas quase nunca compartilham o que descobrem com as mulheres, e Manolis preferiria morrer a ir para o que ele considera um antro de comunistas. Tenho certeza de que ele tem suas próprias fontes de informações, e riria se alguém sugerisse que me colocasse a par das novidades.

Voula está impaciente sobre a sela, pulando para cima e para baixo, batendo as mãoszinhas: — Vina, Vina...

Mas Divina não está por perto. Vemos somente Lotto, o burrico com que o irmão de Aphrodite a presenteou.

De repente a ouço rir; ninguém tem uma risada como a dela em Panagia.

É um riso que vem do íntimo. Ouço o riso de um homem também, e ambos parecem contentes. Hesitei e esperei.

Curiosamente, pressinto um clima de intimidade dentro da casa.

A porta fechada parece nos dividir em dois mundos, e minha intuição me diz que é melhor não interromper sem me anunciar primeiro.

Sou resgatada da situação embaraçosa por um grito, e vejo Yorgo se aproximando.

— *Yia, kyria* — ele me cumprimenta, carregando um balde em cada mão. — Tudo bem com você hoje? Voula responde por mim: — *Yia!* — E feliz consigo mesma, repete: — *Yia!* Os risos de dentro da casa cessaram. Amarro Astrape e, notando que a porta se abriu um pouco, dou um passo cauteloso para dentro.

Christo está no alto de uma escada dobrável, parcialmente oculta por uma parede em curva. Dou mais um passo e vejo Divina, com um pé apoiado no primeiro degrau; a princípio, presumo que seja para firmar a escada, mas em seguida noto que a saia dela está levantada, expondo as longas pernas bronzeadas mais do que seria considerado decente, e numa posição bem provocante.

Ela vira o rosto em minha direção, e o sol o ilumina. Ela está corada e sorridente. Nunca vi minha amiga tão bonita quanto naquele momento.

No alto da escada, Christo sorri e, depois de me cumprimentar, pede a Divina que lhe dê outro pincel.

Faz algumas semanas que estive aqui, e desde então deve ter acontecido alguma coisa que os transformou desse jeito.

Demorei apenas alguns segundos para descobrir o que era. A aura da paixão é quase tangível ao redor dos dois; eles parecem brilhar. Digo para mim mesma que deve ser o sol, que incide sobre eles, mas nem eu mesma acredito nisso.

Aturdida, ofereço-me para fazer um café.

— Pode deixar — Divina responde, aproximando-se de mim.

— Eu faço.

— Não, por favor — insisto. — Se não se importa, eu gostaria de fazer um café para vocês.

— Tudo bem, então — ela concordou e voltou para perto da escada.

Christo olha para ela com um sorriso de orelha a orelha, como se ela tivesse passado uma semana longe.

Yorgo entra e sai da sala carregando os baldes, cantarolando. Ele não parece ter percebido a energia que vibra entre Christo e Divina, mas eu tenho certeza de que não estou imaginando coisas. Intrigada e ansiosa, acabo ficando por ali mais do que pretendia. Tenho a impressão de que eles nem notam a minha presença, tão entretidos que estão um com o outro.

Toda vez que venho aqui, percebo o progresso da obra.

Christo é um artesão talentoso, assim como o tio, e aos poucos a casa recupera sua antiga majestade. Os planos de Divina para a casa estão evidentes agora e já não parecem tão esdrúxulos como tínhamos no começo. A simplicidade dos trabalhos em madeira e o revestimento das paredes é muito superior aos ricos mármore usados nas casas de Sitia.

O piso da sala foi pintado de vermelho, contrastando com a riqueza dos antigos tapetes, que não veem a luz do sol desde que a família Orfanoudakis morava ali.

A parte inferior da casa, onde viviam os animais, foi transformada em quartos, todos com portas para a varanda. A casa inteira recende a um perfume delicado de flores frescas. Divina deve ter corrido pelas encostas das montanhas à procura dos primeiros ramos de flores da primavera, que mesmo estando agora em vasos de cerâmica rachados, ou vidros descoloridos, não perderam a beleza nem o perfume que modifica o ar.

Christo e Divina conversam animados, vez por outra incluindo Yorgo ou a mim para pedir uma opinião sobre o ângulo de uma pedra ou sobre a inclinação do piso. Enquanto Yorgo acena com a cabeça, assentindo, eu respondo por pura educação.

Sinto que há uma sintonia entre os dois que se evidencia no trabalho.

Não é algo que vem das palavras faladas, ou das frases sem sentido, mas consiste numa magia inexplicável.

Yorgo sai ao meio-dia para almoçar com Aphrodite e com os filhos que porventura estiverem em casa. Aproveito a oportunidade para dizer, apressada e meio sem jeito: — Preciso ir para casa. Voula está precisando comer mais, meu leite já não é suficiente para saciá-la.

Estou aflita para ir embora, não me sinto à vontade ali. Se Christo não estivesse presente, seria diferente, eu conversaria sobre qualquer assunto com Divina. Mas a presença dele me constrange.

Tiro o martelo da mão de Voula, interrompendo suas batidas no chão, e vou com ela na direção da porta de saída, murmurando uma despedida.

Mas Divina chega à porta antes de mim.

— Fique — ela me pede. — Por que não almoça conosco? Temos comida suficiente para vocês duas.

— Ah, não, obrigada. Preciso ir para casa e pôr Voula para dormir.

Mas mal chego até Astrape quando ela me alcança de novo e me aperta em seus braços, a ponto de eu não conseguir respirar.

— Tenho tanta coisa para contar! Preciso muito me encontrar com você a sós. Tem muita coisa acontecendo na minha vida, e preciso repartir com você.

— Eu já percebi. — Meu tom de voz é mais frio do que eu pretendia. — Não sou cega, nem tola. Os “acontecimentos” estão estampados no seu rosto. E... no dele.

— Aceno com a cabeça na direção da casa.

— Ah, meu Deus, é tão óbvio assim? Divina fica com o rosto vermelho. Ela está tão feliz que é difícil ficar brava com ela.

— Minha querida amiga, você precisa tomar cuidado. Você sabe como as fofocas voam neste vilarejo. Já estão até comentando o fato de você trabalhar aqui na casa com dois homens.

— É mesmo? — Divina me olha, atônita. — Só ajudo aqui nos dias em que não estou com você na escola. Não consigo ficar sentada só observando. Eu enlouqueceria, além do quê, estou aprendendo muita coisa.

— Eu posso imaginar. Com certeza, não é apenas sobre reformas que você está aprendendo.

Ela parece uma criança flagrada enfiando a mão num pote de doces.

Não me resta alternativa senão abraçá-la. Mas ela se afasta e me encara, a verdade brilhando em seus olhos.

— Estou apaixonada por ele, e acredito que meu amor é correspondido. Nunca em minha vida estive tão feliz. Não me peça para parar porque não creio que eu vá conseguir.

— E seu marido? Hugh? Devo esquecer que você é casada, como parece que você esqueceu?

A simples menção do nome do marido transforma a expressão de Divina, e ela dá um passo para trás.

— Tome cuidado. Não estamos em Atenas, muito menos em Londres — advirto, segurando as mãos dela nas minhas. — Se as mulheres daqui souberem que você descarta seu marido com tanta facilidade, vão ficar com medo que você roube o delas. Vão se voltar contra você e não hesitarão em destruí-la. Você é uma estrangeira, com costumes diferentes dos nossos.

Elas estão de olho em você, não tenha dúvida disso, e uma mulher que passa tanto tempo sozinha com dois homens em sua casa é um prato cheio para quem está querendo agitação e novidade em uma vida monótona de cuidar da casa e dos filhos.

— Mas eu não quero prejudicar ninguém — Divina me garante, chocada.

— Você, mais do que ninguém, sabe como eu mudei desde que cheguei aqui. Lembre-se da primeira vez que nos encontramos? Naquela ocasião, sim, eu era uma estrangeira, uma forasteira mesmo, vestida com linhos e sedas, esnobe, crente que era a dona da verdade.

Ela para de falar e ambas observamos uma águia passar em um voo rasante.

— Eu adoro este vilarejo e todos os meus vizinhos. Aqui eu conheci o que é a liberdade, descobri a mim mesma e como quero viver.

As lágrimas escorrem no rosto de Despina. Eu a assustei, praticamente ameacei, e agora me sinto culpada.

— Acho que talvez eu tenha falado demais — admito, abraçando-a de novo. — Claro que você é amada e respeitada aqui, eu quis apenas alertá-la para ter mais cuidado. Preserve-se, minha amiga. A sua felicidade reluz nos seus olhos, e qualquer um que veja vocês dois juntos não tardará a tirar conclusões mais do que óbvias. Vai ser difícil desmentir, uma vez que a verdade se espalhe. Acho que Yorgo não presta atenção em nada além de sua família e do trabalho. Além disso, ele é homem, e como tal não enxerga um palmo diante do nariz. Mas suas vizinhas, Maria, Irini e Sophia, costumam entrar e sair de sua casa como se fosse a delas. Elas vão reparar nos olhares, nas palavras não ditas, antes mesmo de você sequer pensar em proferi-las.

— Você tem toda a razão. — Divina enxuga as lágrimas. — Eu tenho sido uma tola, muito descuidada. Por favor, diga-me apenas que me entende e me perdoa. Fiquei tão apaixonada que nem eu mesma me reconheço. Não posso nem pensar em ficar um minuto que seja longe dele, o tempo todo tudo que eu quero é vê-lo e estar com ele.

Apesar do sol quente, sinto um calafrio.

— Isso é tudo que eu posso aconselhar. Não conheço esse amor de que você fala e acho que a maioria das mulheres aqui também não. Nossos casamentos são arranjados como se fossem transações comerciais, terras que mudam de mãos, enquanto nós dançamos em uma cerimônia que não tem nada a ver com sentimentos. Tudo que eu peço diariamente é para sobreviver.

Meu amor é reservado para minhas filhas. Tudo que eu posso dizer a você é que tome cuidado. Vou protegê-la dos julgamentos alheios o máximo que eu puder. Mas não posso ajudá-la se você andar às cegas nesse raio luminoso de... amor, como você chama.

Na verdade sinto uma emoção ruim enquanto falo. Inveja.

Como eu queria provar pelo menos um pouco desse sentimento! Mas meu corpo se contrai como se eu tivesse chupado limão quando imagino algum tipo de afeição por Manolis.

Despina aperta minhas mãos com força.

— De agora em diante vou olhar para Christo como se ele fosse o homem mais feio que eu já vi. — Ela faz uma careta, querendo expressar repulsa, e eu não posso deixar de rir.

Apesar de ter saído da casa de Divina sorrindo, a graça não durou muito.

— Ela precisa tomar muito cuidado — me peguei dizendo para minha filhota, sentada na sela à minha frente.

Cheguei à casa de Yorgo e Aphrodite e só parei porque ele saiu de casa correndo e acenando.

— *Kyria Anthi*, pare, pare! — gritou ele.

— É verdade! Tudo que as mulheres de Pano Panagia disseram está acontecendo! — exclamou Aphrodite, vindo logo atrás do marido com uma das crianças nos braços.

— O que houve? Os dois estavam tão perturbados que mal conseguiam articular as palavras, falando aos borbotões.

— Guerra! Estamos em guerra! Senti uma onda de frio me atravessar e segurei Voula com mais força.

— Diga o que ouviram. O que está acontecendo? — Armas, todas as nossas armas. O general ordenou que todos temos de pegar nossas armas e levá-las à praça esta tarde — Yorgo disse depressa, ainda se atrapalhando para falar com calma.

Afrodite olhou para mim e continuou pelo marido: — Tudo o que sabemos é que

irão recolher todas as armas hoje. O mesmo está acontecendo em todos os vilarejos. Todo mundo tem de apresentar tudo o que tiver, espingardas de todos os tipos, rifles, revólveres, metralhadoras, tudo.

— Não seja tola, mulher — repreendeu Yorgo. — Ninguém tem metralhadora aqui.

— Fique quieto e obedeça às ordens, você. — Aphrodite bateu no ombro do marido e voltou-se para mim. — Seu *pappous* está no comando por enquanto. Ele mandou Michaelis e quem mais conseguiu encontrar para chamar todos os homens dos arredores e nos encontrar com as armas às cinco horas na praça.

Yorgo olhou para mim, e obviamente percebeu que eu precisava de mais explicações.

— Como você sabe, desde que Andreas Mammadopolous morreu, não temos prefeito e...

— Ela sabe de tudo isso. Agora, vá avisar os vizinhos que não ouviram a ordem de Michaelis porque estavam trabalhando no campo — ordenou Aphrodite, empurrando Yorgo, e em seguida olhou para mim. — Desculpe-me. Avise todo mundo que puder e depois nos encontramos na praça.

A primeira coisa que pensei foi na escola, mas lembrei que o professor morava em outro vilarejo. Se o que Aphrodite dissera era verdade, então os outros vilarejos também recolheriam as armas. Em seguida pensei em Divina.

Preciso contar a ela o que está acontecendo. Fiz Astrape virar e voltei para a casa dela.

Voula choramingou quando percebeu que não estávamos indo para casa, mas logo se animou quando entendeu que voltávamos para a casa de Divina.

Minutos depois ela estava sentada numa almofada aos pés de Divina, mastigando feliz um pedaço de maçã e uma rosca molhada no leite. Estamos esperando Christo, que foi direto para a Piperia quando Michaelis chamou.

Não precisamos esperar muito tempo. Logo o ouvimos amarrar o jumento do lado de fora e correr escadas acima.

— Não é guerra ainda — ele informou. — Metaxas apenas tomou uma medida de precaução. Com o Exército na Albânia, se for preciso defender a ilha, não haverá armas suficientes para os voluntários e recrutas. Não há necessidade de pânico. Apesar de todos os seus defeitos, tudo indica que Metaxas está fazendo o certo. É de bom-senso que todos entreguem suas armas, mesmo aquelas que estão sem uso há muito tempo.

— Aquelas que Hugh chama de “armas para matar coelhos” — disse Divina, num impulso, para em seguida desviar o olhar, embaraçada.

Acho que ela ficou sem graça por ter mencionado o nome do marido.

Fiquei mais à vontade na companhia dos dois no período da tarde.

Eles estavam muito felizes juntos e me incluíram nas conversas com tanto carinho que foi impossível não participar daquela alegria.

Divina estava tão orgulhosa de suas novas habilidades que não se importou que eu cuidasse da cozinha, providenciando limonada gelada e frutas picadas, enquanto ela passava uma camada de *isvesti* branco nas paredes.

Christo é um bom professor, ou talvez ela seja uma boa aluna, mas o importante é que os resultados são perfeitos.

Maria, a mãe de Athena, parou na casa de Divina na volta da escola, dizendo que Aphrodite tinha mandado avisar que Despina voltara para casa com eles e que estava tudo bem.

Era impossível esquecer o encontro marcado para as cinco horas. Meia hora antes, alguns aldeões começaram a chegar à praça, primeiro alguns poucos, e logo todos os caminhos que levavam à praça estavam apinhados de gente que vinha de casa, dos jardins, das lavouras e dos campos.

O velho Yerasimo coça os olhos, tentando afastar o sono depois da *siesta*. A esposa, que acordou antes da hora, caminha ao lado dele batendo a bengala no chão com raiva. Vilandis, o padeiro, aparece cheio de farinha e, farejando uma boa oportunidade de venda, vem puxando um carrinho cheio de pães e bolos frescos.

Quando chegamos à praça, parecia que toda a população da ilha estava ali presente. Os muros baixos transformaram-se em banquetas para os cidadãos de mais idade. Os bebês e crianças pequenas estavam nos braços ou nos ombros dos pais, enquanto os mais velhos corriam para cima e para baixo. Os meninos jogavam futebol ou brincavam de tacos, e as meninas pulavam corda ou se balançavam nos galhos das árvores.

Há pelo menos uma coisa em comum entre todos aqueles ali reunidos: a maior parte dos adultos, e até mesmo algumas crianças, possuem uma arma. Mesmo que fosse rudimentar, gasta, enferrujada ou rangendo, cada arma existente no vilarejo foi tirada do porão, do sótão ou da parede.

Uma mesa grande é trazida para fora de uma casa próxima, e vários pares de mãos a levantam até uma plataforma de pedra em frente ao velho prédio da prefeitura, concentrando ali o foco das atividades. Há uma excitação no ar, faz anos que não acontece algo tão emocionante em Panagia.

Atrás da plataforma sentou-se o irmão de Manolis, Stelios, o comerciante de uvas. A seus pés um grande jarro do produto está meio cheio. Nas mãos ele segura uma lira, que sei que ele toca muito bem. A seu lado encontra-se o violinista conhecido como Pisos e o filho, com um pequeno tambor. Ainda inseguros e desafinados, começam a tocar uma canção tradicional, e algumas mulheres, indiferentes à solenidade da ocasião, dão-se os braços para dançar. Alguns rapazes agarram o pretexto para iniciar uma festa e começam a aplaudir, mas são logo reprimidos pelos mais velhos.

Reconhecendo a música, Voula começa a balançar o corpinho, tentando entrar no ritmo.

— Mas será que esses idiotas acham que é uma festa? A voz nasalada anuncia a presença de *papa* Yannis. Se ele está aqui, então é provável que Manolis não esteja muito longe.

Quero ver o que ele dirá quando perceber que o irmão é um dos responsáveis pela diversão.

Diante da plataforma, uma pilha de armas começa a se formar. Enquanto alguns seguram sua arma como se fosse um utensílio de primeira necessidade, outros jogam as peças ali e continuam conversando como se tivessem acabado de jogar fora uma bituca de cigarro.

Meu *pappous* aparece, vindo do caminho montanhoso de Mesa Panagia, com o olhar fixo à frente. Depois de parar à frente de todos, desce de sua montaria com a agilidade de um homem mais jovem.

Um dos anciãos pede silêncio e é imitado por outros, e no final o som era o mesmo de uma brisa varrendo as folhas do chão. *Pappous* é levantado até a plataforma por amigos; aos meus olhos ele está magnífico, sinto orgulho de ser sua neta. Presa na cintura está a antiga *yatagan* turca, a espada imponente que geralmente fica presa sobre a lareira de sua casa.

Fico imaginando se ele sacrificaria sua arma por um bem maior. Seria muito triste. A espada foi capturada pelo tataravô dele na guerra contra os turcos, há mais de cem anos.

Minha *yaya* também está por ali e abre um sorriso assim que me vê.

Pappous levanta a mão direita e o último sussurro é calado.

— Povo de Panagia — ele começa o discurso, a voz forte ecoando pela praça. — Estou aqui no lugar do meu querido amigo Andreas Mammadopolous, um homem que todos amávamos, admirávamos e respeitávamos.

Não tenho a pretensão de ocupar o lugar dele, mas até que um novo prefeito seja indicado, farei o meu possível para servir este povoado. A maioria de vocês já sabe que os tempos são difíceis para o nosso país. Há uma onda de incertezas varrendo a Europa, e especialmente as nações da Península Balcânica. Não sabemos de onde pode vir o ataque. Mas nossos líderes em Atenas e nosso recém-restabelecido rei acreditam que estamos em perigo.

Precisamos ajudar. Todos nós temos de abrir mão de nossas armas em favor do bem de Creta.

— Vou ficar com a minha e atirar em todo inimigo que avistar! — alguém grita do meio da multidão, incitando vários outros a apoiar.

— Eu também! Uma senhora, Toula, cujo marido faleceu há cerca de um ano ao cair no rio quando voltava para casa depois de uma noite de comemoração no *kafenion*, levanta-se acenando um pedaço de madeira.

— Este graveto me mantém segura à noite agora que estou sozinha, mas fico feliz em doá-lo caso ajude a nos proteger.

Ela jogou o pedaço de madeira, que voou por cima de algumas cabeças até cair

na pilha de armas.

— Obrigado, *kyria*, você é uma boa mulher, mas é melhor continuar armada agora que não tem ninguém mais na sua cama.

Alguns riram do comentário, mas *pappous* elevou a voz para reprimir o interlocutor: — Você não tem a opção de não entregar sua arma, *kyrios* Matalous.

Se não obedecer até o final desta semana, haverá punições severas para você e para quem mais escolher virar as costas ao patriotismo. Veja. — *Pappous* levanta a pesada *yatagan* por cima da cabeça e em seguida a coloca sobre as demais armas. — Faça como eu.

Uma ovação se ergueu da multidão, congratulando-o pela atitude.

De repente acontece um tumulto no pátio da Igreja de Santo Atanásio, de quem minha mãe é tão devota quanto de *papa* Yannis.

Panos, o filho simplório do barbeiro, passa correndo pelos portões com uma espada enlameada acima da cabeça. A mãe aparece correndo logo atrás, gritando para que ele pare.

Papa Yannis abre caminho na multidão e, com agilidade, segura o braço de Panos. Outro homem tira a espada da mão dele, antes que a mesma parta a cabeça do padre balofo. Panos se debate e urra como um animal preso.

A mãe o alcança e demora um pouco para recuperar o fôlego para falar. Com o avental, ela enxuga a testa e cai de joelhos aos pés do padre.

— Perdoe-o, *papa* — ela implora. — Ele só quer ajudar.

— Como posso perdô-lo se não sei o que ele fez? — retruca o padre com toda a pompa.

As pessoas ao redor estão inquietas.

Ainda ofegante, a esposa do barbeiro fala baixinho, só o padre consegue ouvi-la. Depois se levanta e grita para a multidão: — Esse idiota estava cavando o túmulo do tio! Murmúrios e exclamações de horror percorrem a multidão; a mulher do barbeiro se levanta com dificuldade e olha em volta, com ar de desespero, retorcendo a ponta do avental.

Papa Yannis fala alto ao mesmo tempo que torce a orelha de Panos, que grita de dor.

— A arma do tio e a vareta de limpeza foram enterradas com ele, e esse menino louco só pensa em recuperá-la. Alguém aqui está disposto a terminar o trabalho? Ouvem-se mais murmúrios na multidão, mas ninguém se apresenta para a tarefa.

— Ah, por favor, *papa*, meu marido e eu faremos isso e traremos qualquer arma que encontrarmos nesta próxima semana. Mas peço o favor de vir abençoar o túmulo de meu irmão outra vez quando terminarmos.

Ela está praticamente implorando agora, e eu sinto pena por ela ter de se humilhar publicamente daquela maneira diante do padre. Ele está adorando cada

minuto, certamente pensando no dinheiro extra que poderá extorquir daquela pobre família.

Como sempre, o padre cobrará caro por seus serviços, e o comportamento de Panos custará bem caro à sua família.

O incidente acabou com a atmosfera solene do evento, e as pessoas agora andam por ali, conversando e rindo com os vizinhos. *Pappous* voltou a falar, mas sua voz está fraca e frágil.

Por mais que eu e alguns outros imploremos por silêncio, fica cada vez mais difícil ouvir o que ele tem a dizer.

Christo também está ali, mas não vejo nenhum sinal de Divina.

Fico aliviada, pois eles não devem ser vistos juntos em público. Além do mais, Divina não teria nenhuma arma para doar. Manolis está ao lado do padre, olhando ao redor, reparando em quem está ali, creio eu. Abaixo a cabeça para falar com Voula, rezando para que ele não me veja, pois exigiria que eu me postasse a seu lado.

A pilha de armas fica cada vez menor conforme Michaelis e seus amigos começam a carregá-las para o edifício da prefeitura.

Certamente irão guardá-las em segurança até que o chefe de polícia de Lassithi tenha tempo de vir buscá-las e despachá-las para onde forem necessárias.

Fico esperando para ver *yaya* e *pappous* antes de eles irem embora, mas em vez disso, avisto minha mãe. Ela passa pelos meus avós, cumprimenta-os com um mero aceno de cabeça e segue na direção de Manolis. Agora os dois vasculham a multidão, e antes que eu me abaixe de novo, eles me veem e apontam na minha direção. Algumas pessoas olham para trás.

Está na hora de procurar Despina e levá-la para casa.

Voula está sentada cavando um buraco na terra com outra menina.

Pego-a no colo e vou abrindo caminho entre as pessoas, tomando o conhecido caminho de casa.

Despina está esperando na beira da rua e se levanta ao nos ver.

— Estou com fome, *mama* — diz ela, e Voula bate palmas, aprovando a ideia de comer de novo.

Suspiro, pois estamos no meio da Quaresma, e é difícil dar de comer às crianças sem quebrar o jejum. Minha família espera que eu seja rígida ao atender as regras como eles sempre fizeram: nada de óleo, carne, peixe, ovos, leite ou queijo. Contudo, as mulheres mais novas de Panagia sempre quebram o jejum. Ora, como alimentar nossas crianças sem o essencial? *Yaya* e *pappous* conseguem sobreviver de chá de ervas silvestres, pão e azeitonas, mas minhas filhas jamais conseguiriam dormir se eu lhes impusesse tamanha privação.

Manolis pretende manter as regras, assim pode me proibir de lecionar na escola às quartas-feiras, mas sei que ele vai comer com os amigos em algum outro lugar, pois chega a casa cheirando a alho e vinho.

Depois de entrarmos na cozinha, preparo um cozido de lentilhas, feijão com batatas, tomates e ervas. Rezo e peço perdão para a Virgem conforme derramo um pouco de azeite de oliva.

Despina ficaria doente, seca e com a pele descascando, sem comida, e eu não estou disposta a vê-la sofrer.

Aphrodite me contou que o primo de Yorgo, que mora na Albânia, virá com a esposa e o filhinho passar a Semana Santa com eles e que ela fará tantos doces quanto for capaz. Eles vão deixar a casa em Tirana para sempre para vir morar perto da família.

Sei que ela convidou Christo para passar a festa do final da Semana Santa com eles, já que ele está longe de casa. Fico imaginando onde será que Divina passará os feriados.

Tenho receio de que Manolis não a receba bem se eu a convidar para vir aqui; de qualquer forma, não creio que ela aceitasse o convite.

Minhas meninas devoram a comida. Vai sobrar pouco para Manolis quando elas terminarem, assim tenho de aumentar colocando um pouco do pão proibido no caldo. Na verdade, estou preocupada demais para pensar em comida agora. Divina me chocou com o que me contou hoje. Gosto muito dela como amiga, e acho que ela não tem noção do perigo real que está correndo.

Esse homem, esse Christo... Ah, sim, concordo que ele seja charmoso... tanto que a encantou. Mas ele é grego; irá se cansar dela e partir para a próxima depois que passar a novidade da conquista... É isso que todos fazem.

A menor fagulha de escândalo, e pessoas como *papa* Yannis irão dar um jeito de ela ser expulsa da cidade. E não há nada que possamos fazer para ajudá-la.

Divina

Atenas, Páscoa de 1939 Minha querida Evadne, Nem sei descrever como as coisas estão horríveis por aqui agora. Guerra, guerra, guerra, é só disso que se fala por aqui.

Nossas cartas daqui para frente serão xxxxxxxx
xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx portanto serei breve. Hoje acredito que você esteja no
lugar melhor e mais seguro.

Tudo indica que os italianos
XX.

O embaixador insiste que cumpramos o jejum da Quaresma ortodoxa.

Por isso estou muito magro, e com fome a maior parte do tempo. No entanto, graças a Deus, Fox encontrou algumas boates que desafiam o protocolo; ali podemos comer um bom bife, mas a um preço exorbitante! O estoque de vinho francês decente está fraco, e tudo que conseguimos nesta época é algum vinho local.

Tenho a grande honra de passar um pouco do dia com a família real.

Claro que me preocupo com a segurança deles, por isso acho que
 xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx Tenho o péssimo pressentimento de que tudo que
 escrevo é suspeito.

Envio-lhe todo o meu amor, minha querida. Cuide-se.

De seu marido, Hugh Em muitos sentidos, o fato de as cartas de Hugh serem censuradas é um alívio para mim. Ultimamente, só de pensar nele sinto a culpa cair sobre meus ombros, e foram só duas cartas desde que estou com Cristo.

Eu não conhecia esse tipo de sentimento. Aliás, nem podia imaginar que era possível se sentir assim, tão cheia de amor e desejo! Como é possível viver tão mergulhada nas profundezas da paixão? Acho difícil fazer qualquer coisa que não esteja ligada a Cristo. Quando vou ao córrego lavar minhas roupas, levo sempre uma peça de roupa dele.

Ah, que delícia que é lavar uma roupa de baixo, ou uma camisa! Será que estou louca? Estou ciente da necessidade de ser extremamente discreta.

Quando Anthi vem aqui, ela nos observa com a mesma acuidade com que uma águia persegue um rato. Aprendemos a evitar até os olhares de esguelha quando há alguém estranho por perto.

Quando o pego me olhando, começo a tremer inteira. Sinto o rosto corar se ele se aproxima. Há dois dias, ele escorregou no chão recém-pintado, e eu precisei segurar as mãos atrás das costas e cruzar os pés para evitar sair correndo e beijar a mancha roxa.

Andreas estava aqui, e se eu tivesse tocado Christo, sei que não teria me controlado.

Aproveito quando tem mais gente por aqui e vou até a Igreja de Sta. Perivolia em Panagia e sento-me para escrever meu diário. Só lá me sinto segura para colocar no papel as palavras que gostaria de dizer em voz alta.

Deixo meu diário escondido sob uma pedra atrás do altar; as pessoas daqui são religiosas demais para mexer ali, por isso sei que é seguro.

Faz dois meses e quatro dias que Christo e eu estamos juntos. Não preciso consultar meu diário para saber disso.

No começo, ficávamos por aqui mesmo. Insistíamos com Yorgo para ir para casa mais cedo, convencendo-o da necessidade de passar mais tempo com a esposa e os filhos, até mesmo com os animais. Apesar de entusiasticamente agradecido, ele ficava relutante a princípio, mas logo aceitou a sugestão.

Christo e eu nos atracávamos no instante em que Yorgo pisava na trilha de volta à cidade.

Como se estivéssemos famintos um do outro, nos tocávamos, beijávamos, cheirávamos e saboreávamos, roçando pele com pele. A seiva que produzíamos, quer fosse suor, lágrimas ou mesmo nossos fluidos íntimos, se misturavam e, mais tarde, depois que ele ia embora, eu me enrolava no mesmo lençol, inebriada pelo perfume dos nossos corpos, imaginando que ainda estávamos juntos.

À medida que os dias foram se tornando mais longos, com o sol se pondo mais tarde, tínhamos de decidir se ele ficava mais tempo em casa, com o risco de Irini ou Sophia entrarem sem avisar, ou se eu esperava anoitecer e subia as montanhas sozinha para visitá-lo em sua caverna.

Nessas caminhadas, encontro vizinhos às vezes e sinto a necessidade de inventar um pretexto para estar fora de casa a uma hora daquelas. Digo que vou à igreja, ou que precisava tomar um pouco de ar fresco, ou... dessa até me orgulhei pela criatividade... digo que vou desenhar ou pintar uma paisagem, a cachoeira ou as árvores retorcidas e antigas para mandar para meu marido em Atenas.

Na verdade, isso foi ideia de Yorgo. Ele viu alguns desenhos meus e sugeriu que Hugh ficaria feliz em lembrar algumas de nossas paisagens que ele precisara abandonar. Eu adorava as aulas de artes na escola, então seria natural que eu adotasse esse passatempo quando precisava de uma desculpa. Claro que vou ao final da tarde e levo papel, giz de cera, lápis e tintas jogados dentro da bolsa.

Fico feliz em mostrar meu trabalho, que me mantém tão ocupada longe de casa e nas montanhas, para quem quer que passe em casa e mostre interesse.

Foi Anthi que observou que fazia dias que eu desenhava a mesma árvore. Desse dia em diante, passei a fazer vários desenhos diferentes, em lugares onde eu podia ser vista trabalhando quando quisesse.

No dia da anistia das armas, quando Anthi descobriu que Christo e eu éramos mais do que apenas bons amigos, percebi o perigo que corria pelos comentários à minha volta. No começo eu mal saía de casa, com medo de que um de meus

vizinhos me interpelasse, acusando-me de vadia. Noite, após noite eu acordava de pesadelos assustadores, quando uma multidão de aldeões furiosos me expulsava deste lugar que passei a amar mais do que qualquer outro em que já estive na minha vida.

Quando Christo soube como eu estava me atormentando com isso, ele tomou para si a tarefa de me dar uma nova perspectiva.

Estávamos na caverna, deitados sobre um lindo tapete que pertencera à bisavó dele. Tínhamos feito amor naquela noite como dois desesperados.

Depois de ter chegado ao ápice da relação, eu me deixei cair nos braços dele, tremendo e chorando. Ele me abraçou com força, acariciando meus cabelos ao mesmo tempo que com os lábios capturava as lágrimas que escorriam pelo meu rosto.

— Minha Divina, por que está tão triste? Não consegui responder de imediato. Ele me deixou deitar em seus braços até que eu parasse de soluçar para falar de novo: — Por favor, diga-me o que está errado. Alguém ou alguma coisa a aborreceu? Fui eu? Você sabe que faço qualquer coisa para vê-la feliz, não é? Você soube de alguma coisa de Atenas? Eu suspirei, assoei o nariz e limpei os olhos com as costas da mão.

Nem ousava pensar em Hugh quando estava nos braços de Christo. Enquanto suspirava, senti o perfume poderoso e intoxicante que exalava do corpo másculo. Era um cheiro de ar livre, de madeira queimando, das árvores perto da caverna — cedro, abeto, pinho e, sobretudo, o perfume onipresente de azeitona, até mesmo ali dentro da caverna.

— Não, não tem nada a ver com Atenas. O problema é comigo, sou eu que estou errada. Estou com medo. Imagine se alguém nos vir. Já pensou se formos descobertos e eu for forçada a ir embora? Eu não suportaria isso.

Pertenço a você de corpo e alma, seria impossível viver longe daqui.

— Meu amor, você acha que alguém está interessado em nós? — As mulheres daqui fazem muita fofoca — respondi, meneando a cabeça. — Claro que elas devem perceber o que sinto por você. É tão óbvio.

Christo limitou-se a rir.

— Estou falando a sério.

Ele parou de sorrir no mesmo instante, percebendo que eu estava com medo de fato.

— Ouça uma coisa, todo dia estou no vilarejo. Sou conhecido por aqui, e as pessoas confiam em mim. Acredite quando digo que ninguém está interessado no que fazemos. Eles têm mais o que fazer e com que se preocupar do que dispensar mais do que uma olhadela para nós. A preocupação maior é com o tempo, com os ganhos da colheita, o subsídio da plantação de tabaco e as oliveiras. O preço da resina é muito mais importante do que saber quem está dormindo com a mulher do vizinho. E agora, acima de tudo isso, estão todos

preocupados com a guerra chegando às nossas portas.

As pessoas lotam o *kafenion* para escutar o rádio e saber o que está acontecendo na Albânia, tão perto daqui.

Foi a minha vez de sorrir. Claro que ele tinha razão.

— Anthi disse que essa nossa situação é arriscada, que precisamos ficar sempre de sobreaviso. Você acha que ela está errada?

— Não, ela tem razão em se preocupar. Precisamos tomar cuidado.

Claro que devemos manter a privacidade das nossas vidas.

Se estivéssemos nos exibindo publicamente de mãos dadas, creio que um ou outro levantasse o nariz para nós. Mas se agirmos com discrição, como estamos fazendo, e mantivermos nosso amor entre quatro paredes, creio que Panagia irá seguir sua vida e nós podemos ficar tranquilos com a nossa.

No meu íntimo, eu sabia que era o meu sentimento de culpa que me atormentava. Eu não temia os vizinhos, mas sim Hugh. Eu me casei com ele porque achei que tinha me apaixonado. Eu era uma pessoa triste e solitária, e ele entrou na minha vida, pegou essa patinha feia e ofereceu uma vida de cisne.

Minhas atitudes das últimas semanas, meses, me surpreendiam. Eu percebia como havia me entregado tão completa e facilmente para Christo.

O que aconteceu com meu amor por Hugh? Para onde ele foi? Será que descartá-lo com tanta facilidade e substituí-lo por Christo me tornava uma pessoa volúvel, leviana, incapaz de possuir sentimentos profundos? Em tardes solitárias como essa, quando não tenho nada além dos meus pensamentos como companhia, sento-me no terraço para admirar o mar.

As lâmpadas das casas atrás de mim diminuem de intensidade e as estrelas começam a aparecer no céu. De vez em quando ouço um som melancólico a distância, e imagino se é um animal, ou mesmo uma ave marinha.

Pensamentos do passado vêm me assombrar. A alegria do que suponho que tenha sido meu namoro com Hugh parece bem distante. Eu era uma garota tímida e fracassada, que andava de um jeito esquisito, como se estivesse no corpo de outra pessoa.

Pela primeira vez, sinto a raiva crescer dentro de mim.

O sentimento me pegou numa tarde de domingo, quando eu estava sentada observando os aldeões passear com suas melhores roupas. Crianças sorridentes eram acompanhadas por pais visivelmente orgulhosos de seus filhos.

A amiga e vizinha de Anthi, Maria, passou com a esposa de Yorgo, Aphrodite, e ouvi um pedaço da conversa das duas. Elas falavam sobre a rapidez com que as filhas cresciam.

— Athena está crescendo tão depressa que preciso baixar a barra da saia dela quase todo mês — dizia Maria, deixando claro o orgulho na voz.

Aphrodite olhou para a filha, Mika, e disse: — A infância passa muito rápido, e quando menos se espera elas precisam usar lenço na cabeça para sair de casa.

Eu nunca senti esse tipo de orgulho por parte de minha mãe. Sempre tive a certeza de não passar de um constrangimento para ela. A lembrança de uma certa tarde veio à minha mente sem convite. Lembro-me de ter aberto a porta para mais uma das amigas do grupo de *bridge* de minha mãe, todas ricas e muito perfumadas. Não me lembro do nome dela agora, mas não me esqueço do olhar crítico que recebi.

— Oh, minha querida... — disse ela ao se sentar ao lado de minha mãe, inclinando a cabeça na minha direção. — Eu sinto tanto...

— Eu sei. — Minha mãe suspirou. — Terrível, não é? Já fiz de tudo para deixá-la ao menos parecida com uma menina.

Lembro-me de ter pensado na época com que será que eu me parecia, se não era com uma menina.

A amiga de minha mãe, cujo nome não lembro, fez outro comentário, conforme movia a cabeça, acentuando a pele de raposa no pescoço: — Graças a Deus, você tem a adorável Daphne, e isso é um consolo, não é, querida? Será que alguém só é amado se for bonito de se olhar, limpo, elegante e, acima de tudo, inteligente? Eu sempre soube que Daphne tinha muito mais atributos do que eu sequer poderia sonhar em ter. Fico imaginando se isso a fez mais feliz. Ela me escrevia sempre, mas sempre achei que suas linhas eram tristes e cheias de lembranças nostálgicas. Era evidente a sua inveja da minha vida nas embaixadas. Agora que escrevi, contando que tinha encontrado a felicidade num vilarejo e na escola daqui, ela não me responde. Para mim, analisando esse passado longínquo, parece inevitável que eu tivesse aceitado o primeiro homem que me oferecesse uma perspectiva de vida.

Será que ninguém se importava comigo naquela época? Talvez eu não tenha sido a criança desajeitada e rejeitada por todos, magricela e com cabelos encaracolados, unhas sempre roídas, buracos nas meias e com a tendência a ficar vermelha quando alguém me dirigia a palavra.

O sol está prestes a se pôr de novo, é hora de ir visitar Christo na caverna. Já faz três dias que não nos vemos, e a saudade transborda do meu coração. Às vezes tenho a impressão de que só eu conto os dias que ficamos juntos com tanta atenção.

Outras vezes espero horas na varanda, sozinha, e ele não aparece. Por duas vezes fui até a caverna e a encontrei vazia. Ele nunca me explica a razão, e eu também não pergunto. Houve uma tarde que esperei quase duas horas na caverna escura e fria, e quando ele chegou disse que tinha ido com amigos à Piperia.

Christo riu da minha expressão e brincou: — Será que não posso passar algumas horas com meus amigos jogando uma ou duas rodadas de *prefa*? Senti o rosto queimar de vergonha. Ele segurou meu queixo, puxou-me para mais perto e me beijou.

— *Kyria*, você é meu único amor, nunca se esqueça disso.

Sempre achei que o amor fosse como uma labareda que, quando aplacada, logo morreria.

Mas descobri que basta dar um pouco de espaço, ou assoprar, que ela volta a arder com força.

Recolhi meus trabalhos; naquela tarde eu tinha desenhado o tronco torcido de uma oliveira, e não tinha ficado nada ruim.

Vou visitar Aphrodite, Yorgo e as crianças quando passar por lá e levar um pouco do queijo que Irini fez para mim. Estamos na semana após a Páscoa, e sei que qualquer comida extra será bem-vinda. Yorgo está hospedando os primos e respectivas famílias, são mais bocas para alimentar. Eles têm sido muito gentis e arrumaram um burrico para mim, Lotto, para eu me locomover com mais agilidade.

Está tudo quieto na casa. Amarro meu burrico no lugar apropriado.

Quando há visitas, geralmente se ouvem música, dança e risos, que escapam pelas janelas e portas. Esta noite, apenas o silêncio ecoa por ali.

Aphrodite abre a porta e me abraça.

— Bem-vinda. Você viu Anthi? Ou talvez Christo? Respondi que não com um sinal de cabeça. Não posso contar que estou indo para a caverna dele agora.

— Então você não sabe o que aconteceu. Sotiri e a família não chegaram conforme o combinado. Não tivemos nenhuma notícia, e eles já deveriam estar aqui. Alguma coisa muito grave aconteceu. Yorgo foi até a Piperia para ouvir as novidades pelo rádio.

Tento dizer algo reconfortante, mas é difícil saber o quê.

Uma voz familiar soa atrás de mim. Eu me viro e não posso deixar de sorrir ao ver meu namorado.

— Aphrodite, Yorgo ainda não voltou? — Christo pergunta, apenas me cumprimentando com a cabeça, e continua a falar sem esperar a resposta.

— Ele saiu da Piperia antes de mim, achei que viria direto para cá. — Ele balança a cabeça. — Temo que as notícias não sejam boas. Em plena Sexta-feira Santa, a Itália desembarcou tropas em todos os portos albaneses, e marcharam pela Tirana.

Em vinte e quatro horas eles ocuparam o país e o declararam parte da Itália.

Aphrodite respira fundo, pega meu braço e implora ajuda à Virgem Maria. Seus olhos se enchem de lágrimas. Percebendo algo de errado, as filhas se aproximam, seguram a barra da saia dela e choramingam:

— *Mama, mama*, o que está acontecendo? Onde está *papa*? Finalmente Yorgo chega, tarde, justificando que parou para dar a notícia a todos que encontrou no caminho. Muitos dos vizinhos têm parentes na Albânia. Yorgo chega acompanhado da tia de Aphrodite, Yanna, uma mulher gorducha com seios que parecem dois travesseiros caídos até a cintura inexistente. Ela sempre cheira a uma mistura de aromas de pão assado, lavanda e flor de acácia, que cresce em

profusão junto ao muro de pedra que circunda sua pequena casa em Kato Panagia.

A pele clara do rosto de Yanna está coberta de lágrimas.

Aphrodite a cumprimenta e serve um cálice do que suponho que seja conhaque. Yorgo se aproxima de mim e fala baixo: — Ela tem três filhos, e estão todos na Albânia. Faz semanas que não se tem notícias de nenhum. Salin, o mais velho, na certa está no Exército. É possível que os mais novos também tenham se alistado para lutar. Os dois mais novos são gêmeos, e vinham para casa na semana que vem, para comemorar o dia de seu santo. — Ele balança a cabeça em sinal de tristeza.

Sinto que alguém segura meu braço. Viro para trás e vejo Christo com uma aparência séria. Geralmente seus olhos são brilhantes e sorriem, mas naquele instante estavam apagados.

— Vou levá-la para casa, Divina. Este é um momento só da família. Não devemos ficar aqui.

Penso em protestar, dizendo que vou embora e que talvez ele devesse ficar, mas Christo já se dirige para a porta, me puxando pela manga, e não me resta alternativa senão segui-lo.

Já do lado de fora da casa, depois de se despedir com pressa, ele diz: — Hoje foi um dia difícil para muitos.

— Vou para casa. Acho que você prefere estar em outro lugar, e não se preocupando comigo.

— Vou voltar para a Piperia — anunciou ele com um breve sorriso. — Talvez eu possa ajudar alguém por lá.

Desamarrei Lotto e acenei para ele antes de seguir para minha casa na calada da noite.

O tempo se arrastava. Ah, como eram longos aqueles dias de primavera! As notícias chegavam filtradas e aos poucos. Mas pelo menos havia a promessa de um ano mais farto de alimentos, chegando com o sol que oferecia a sobrevivência.

Sempre sou lembrada da dureza da vida por aqui, contrastando com a minha sorte. A escola conta com uma pequena quantia em dinheiro vinda do Estado e não há falta de madeira para o aquecimento nem de comida para os alunos. Toda manhã eles vêm para a escola acompanhados pelos pais ou pelos tios, que se reúnem perto do fogão com as roupas surradas e malcheirosas, famintos por um pedaço de pão ou carne, que seria de seus filhos, até serem enxotados pelo professor, que tranca a porta às costas deles.

As opiniões foram controversas no vilarejo quando o rádio anunciou que a Grécia comemoraria o quarto aniversário de governo do primeiro-ministro Metaxas.

— O que há para comemorar de um ditador gordo que se preocupa mais com o

caroço de azeitona que cospe no chão do que com o povo destes vilarejos?! — Anthi vociferava sua condenação ao líder grego.

Estávamos voltando para casa, exaustas depois de um longo dia na escola.

— Ah, eu deveria ter trazido Astrape. Apesar de velho e coxo, as crianças poderiam montá-lo e sossegaríamos.

Era raro ouvi-la reclamar das meninas, mas naquele dia elas pareciam mais cansadas que de costume, arrastando os pés, e cada palavra dita era uma reclamação.

— Ontem à noite Manolis levou alguns amigos para beber lá em casa.

Com isso, eu e as meninas não conseguimos dormir.

— Hugh me disse que todo mundo em Atenas passou a aceitar que Metaxas não é tão ruim e parece que há certa prosperidade em seu governo.

Anthi estalou a língua e riu, mas o som era de ira e amargura.

— Ah, fico tão aliviada de o povo de Atenas estar passando bem! Devo dizer ao meu *pappous* que ele está errado. Cuidado com o que diz por aqui, pois os nervos estão à flor da pele. Hoje os donos da Piperia não abrirão o estabelecimento, pois se recusam a celebrar seja o que for desse homem.

Fiquei sem graça diante da fúria de minha amiga.

— Sinto muito, não sei o que pensar. Não ouça o que eu digo, sou apenas uma inglesa ignorante. O que posso saber de seus políticos? De repente Voula tropeçou e caiu. As perninhas rechonchudas foram para o ar, e ela começou a chorar. Eu me abaixei para ajudá-la antes de Anthi, e ela lutou para ficar de pé e subir no meu colo.

Eu usava um vestido fino de algodão, por causa do calor, mas logo meu ombro estava ensopado com as lágrimas de Voula.

Anthi a puxou para seu colo e acariciou-lhe a cabecinha quente.

Não há nada igual ao carinho de mãe.

Não demorou para que Voula voltasse a sorrir, do tombo só restou uma mancha suja no rosto.

Enquanto isso, Despina pisava duro e com impaciência.

— Ah, pare de chorar — ela ralhou com a irmã. — Você nem se machucou, só queria que mamãe pegasse você no colo. — E apressou o passo, enrugando o nariz. — Além de tudo, molhou a calcinha. — Olhando para mim, continuou: — Ela já tem quase quatro anos e ainda se comporta como um bebê.

— Quatro anos ainda é um bebê, Despina. Talvez ela não consiga segurar.

Voltamos a andar. Voula se agarrou à mãe, com o polegar na boca.

— Despina saiu logo das fraldas. Ela tem razão, Voula é mais lenta.

Mesmo assim, ela não consegue evitar. — Anthi encolheu os ombros ao defender a filha mais nova. — Ela fica tão ocupada descobrindo coisas novas todos os dias, uma flor, uma abelha, um inseto, que acaba se esquecendo das próprias necessidades.

Despina olhou com uma expressão de pouco-caso e seguiu adiante.

Eu a estudei e percebi como ela estava crescendo depressa.

Afinal, já passava dos nove anos. As pernas compridas se assemelham às de uma bailarina.

As costas sempre eretas também lhe conferem uma elegância singular.

Logo ela terá de prender os cabelos loiros em um lenço, como fazem as outras meninas do vilarejo. Por um instante, sinto pena de saber que aquelas lindas tranças serão cobertas. Como se tivesse ouvido meus pensamentos, ela se vira para trás e me presenteia com um sorriso.

Nós duas temos um entendimento terno, acho eu, mas ao observá-la não consigo saber qual a razão de seu silêncio repentino. Anthi olha para nós e sorri também, apesar do peso nos braços. Sou feliz demais por ter essa família como amigas.

Mais tarde, enquanto as meninas descansavam depois do almoço, Anthi e eu nos sentamos à sombra de uma amendoeira florida no jardim da casa.

Ao longe as gaivotas grasnavam umas para as outras, num chamado triste.

O silêncio entre nós era reconfortante.

— Você acredita que haverá mesmo uma guerra? — indagou Anthi de repente.

— Acredito, sim, pelo menos em boa parte da Europa. Mas não posso dizer se trará repercussões à Grécia ou não. E mesmo que afete o país, não é certeza que chegue até Creta. Hugh não pode dizer muito em suas cartas, mas deixou implícito que estamos em um dos lugares mais seguros.

Deitamos de costas e ficamos olhando o céu azul por entre os galhos da árvore. A nuvem que momentaneamente cobria o sol movimentou-se e eu precisei toldar os olhos com a mão por causa do brilho dos raios de sol.

— Meu *pappous* acha que não teríamos coletado tantas armas a menos que houvesse a intenção de usá-las.

— Christo também pensa assim. Sabe o amigo dele em Sitia, Kotso? Ele convenceu Christo de que, sem dúvida, haverá guerra. Segundo ele, vilarejos do país inteiro estão se preparando para a invasão. Ele só não soube dizer se viria da Itália ou da Alemanha. Christo passa cada vez mais tempo com Kotso e me disse que o acha bem informado. Eu gosto dele. Kotso é baixinho e atarracado, dono de pernas musculosas, um bigode fino e olhos de um marrom aveludado tal como o vinho mais robusto. Ele está sempre sorrindo e acha graça em tudo.

Suspeito que ele tenha percebido que Christo e eu somos amantes, pois fica bem à vontade quando estamos todos juntos.

Não contei a Anthi que ele convenceu Christo a ajudar a formar um batalhão de rapazes do vilarejo. A ideia é trabalhar secretamente nas montanhas e estarem prontos para lutar com o inimigo a qualquer momento.

A formação desse grupo também representava um perigo, porque nem sempre os homens de uma mesma família eram simpatizantes das mesmas ideias. Christo me disse que sempre foi assim por aqui.

Ele chegou a avisar que as famílias poderiam se separar.

Quando ouvi isso, lembrei-me de que Anthi tinha me contado que muitos anos antes o avô tinha previsto a possibilidade de irmão lutar contra irmão, e pai contra filho.

Senti um arrepio pelo corpo, como se um vento frio tivesse passado por nós. Guerra, luta, ódio, abomino tudo isso, e almejo a paz maravilhosa que encontrei aqui quando cheguei.

— Ah, eu gostaria de poder fazer alguma coisa! — Anthi exclamou.

— Eu sei — comentei. Nossas opiniões eram quase sempre iguais.

— O que você acha? — Bem, por que não ensinamos primeiros socorros básicos para as crianças? Ela me olhou com uma expressão confusa.

— Assim teríamos a sensação de colaborar de algum jeito.

É melhor do que ficar sentada de braços cruzados como as outras mulheres. Poderíamos ajudar se a guerra chegar até aqui. Claro que não acho que isso é certo — apressei-me a acrescentar —, mas acidentes acontecem de um jeito ou de outro, e seria ótimo se as crianças soubessem oferecer uma ajuda apropriada. Eu ia ficando mais animada à medida que falava.

— Imagine se uma avalanche de pedras desabasse montanha abaixo e alguém se machucasse. Até mesmo uma criança poderia ajudar a limpar um ferimento e fazer um curativo.

Anthi limitou-se a me encarar.

— Aconteceu alguma coisa que você não esteja me contando? — indagou ela desconfiada.

— Não, juro que não, mas ensinar primeiros socorros é uma coisa fácil de se fazer. Então, quer me ajudar, se eu ensiná-la também? Ela ainda demorou um pouco para se animar e compartilhar a minha empolgação.

— Claro, é uma ideia muito boa. — Anthi sorriu. — Vou falar sobre isso com o professor na semana que vem.

E foi assim que começamos nosso pronto-socorro e hospital. Não importava que fosse pequeno, as crianças achavam uma diversão incrível, tanto que começaram a atirar um nos outros para se machucar e assim fingir que precisavam de socorros.

Para a nossa sorte, o professor também gostou da iniciativa e cedeu parte do dinheiro que recebia do governo para comprar os curativos e instrumentos cirúrgicos. Água com corante vermelho era um ótimo substituto para sangue.

As crianças adoraram essa parte, tanto que nos primeiros dias andavam sangrando profusamente e mancando pela escola, simulando uma fratura na perna. Mas aos poucos foram se acomodando e começaram a levar as aulas a sério.

Todas elas conheciam histórias de família. Havia sempre o caso de um tio ferido numa batalha, ou de um avô que tinha quase morrido, para contar.

Toda essa novidade tomou mais conta do meu tempo do que a reforma da minha casa. Eu sentia falta, mas ao mesmo tempo me convenci de que quanto mais ocupada ficasse na escola, menos assunto daria para os fofoqueiros de que estava trabalhando sozinha com dois homens. Apesar de Christo insistir no contrário, eu tinha certeza de que havia certa desconfiança no ar; vez por outra, eu capturava um significado subliminar em simples conversas com os vizinhos.

Eu dava aula de primeiros socorros para um grupo depois do período regular, duas vezes por semana. Alguns alunos em especial confessaram que queriam ser médicos ou enfermeiras quando crescessem. Durante muitos dias eu levei esse grupo mais entusiasmado para a praça de paralelepípedos para que fizessem curativos uns nos outros.

Algumas vezes eles persuadiam algum dos senhores de idade, que costumavam se sentar à sombra de uma árvore frondosa, bebericando licor de anis, *ouzo*, a se fingir de paciente.

Não faltaram voluntários dispostos a esticar um braço ou levantar uma perna, mostrando ao “médico” ou “enfermeira” como tinham surgido as cicatrizes antigas que a maioria ostentava.

Aprendi bastante sobre a história hostil de Panagia nesses dias, à beira da água corrente e ao som do canto das cigarras.

No princípio, Christo e Kotso acharam que aquilo tudo era mais uma brincadeira do que qualquer outra coisa. Imagine só, crianças fazendo curativos em soldados feridos... Que besteira! Mas foi a recusa das próprias crianças em ignorar a zombaria deles que os convenceu a levar nossa iniciativa a sério. Marina, a filha do ferreiro, e a filha de Anthi, Despina, sobressaíram-se como líderes naturais e me procuraram depois da aula, certo dia, quando Kotso e outro amigo as estavam provocando sem piedade.

Kotso estava deitado na grama, gemendo, com a cabeça no colo de Andros.

— Oh, me ajude, socorro! — ele gritava. — Enfermeira, minha perna caiu! Por favor, costure-a de volta.

— Será que você pode fazê-los parar? — pediu Despina, apontando para os dois. Achei que uma simples repreensão não os faria calar.

— Querida, mesmo que eu dê uma bronca nos dois, não adiantará muito, porque eles farão a mesma coisa amanhã — respondi, sabendo que era uma desculpa fraca.

Um dos senhores, sentado com as costas arqueadas, brandiu uma bengala no ar, dizendo: — Esses aí não fazem nada o dia inteiro, *malakas*, imbecis preguiçosos, a não ser vir perturbar as crianças.

Eu não conseguia imaginar uma resposta para tal humilhação. O que a maioria dali desconhecia era que aqueles *malakas* tinham os dias livres, mas à noite estavam ocupados marcando trilhas por entre as árvores na montanha e construindo abrigos simples e seguros com galhos e pedras.

Segundo Christo, a necessidade de limpar os caminhos antigos e em desuso vinha de muito tempo, e era essa a maneira mais prática de estar preparado para possíveis ataques. Era irônico pensar como ele não enxergava que as crianças também estavam se empenhando ao seu modo.

As meninas continuaram a insistir: — Por favor, Divina — pediu Marina. — Por que você não chama nossos pais aqui para que vejam o que estamos fazendo? — Chame também quem mais achar que estamos apenas brincando — acrescentou Despina, olhando diretamente para o risonho Andros.

E foi assim que, num dia em que o sol estava esplendoroso, banhando uma diversidade de adultos, que pais, tios, tias, *pappous* e *yayas* subiam, ou lutavam para seguir pelo caminho em meio às árvores rumo à Igreja de S. Cosme e S. Damião, construída cento e cinquenta anos antes para abrigar as relíquias sagradas de um padre esquecido. Foi o professor, acredito que por indução de sua esposa Tirsa, que sugeriu que montássemos nossa pequena clínica nessa igreja no topo da montanha.

— A igreja está quase sempre fechada, a não ser uma vez por ano, quando se comemora o dia de seus padroeiros — justificou ele. — Além do mais, o lugar é bem adequado.

Lembrem-se de que Cosmos e Damião eram irmãos que curavam os doentes e necessitados e não cobravam nada. É preciso fazer uma faxina, mas estou certo de que as crianças irão ajudar. Mas antes preciso de permissão, claro. Acredito que *papa* Costas ficará contente com a ideia e nos dará apoio. Hoje à noite ele vem jantar conosco, e aproveitarei a oportunidade para conversarmos.

Acho que ele gosta mais da comida de Tirsa do que da de sua esposa. Vejam a silhueta dele, parece que não come nada há tempos.

E era verdade, *papa* Costas era um homem bonito, na casa dos quarenta anos, alto e magro como um graveto.

— Precisamos ter a permissão de *papa* Yannis? — perguntei ansiosa.

— Não, acho que a permissão de *papa* Costas seja suficiente, e estou certo de que ele fará de tudo para nos ajudar.

Embora ninguém tivesse feito mais nenhum comentário, ficou claro o alívio de não precisarmos envolver *papa* Yannis.

A permissão foi dada sem maiores problemas. As crianças e algumas mães se encarregaram de varrer, tirar o pó e polir, lavar e esfregar todos os cantos da igreja.

Pedi a Christo que fizesse Kotso e Andros aparecer, mas não foi fácil persuadi-lo.

— Sei que Yorgo vai, mas se eu for também perderemos horas preciosas que eu poderia trabalhar no teto de sua casa.

As chuvas de inverno tinham sido pesadas naquele ano e mostraram que o telhado da casa precisava ser arrumado antes do próximo inverno.

Por um momento me ocorreu que ele relutava em ir pelo medo de ver sangue.

Não era a primeira vez que eu percebia isso.

Contudo, era de se estranhar que um homem forte e corajoso tivesse um medo tão irracional.

Estávamos estirados sobre o tapete na caverna de Christo.

Tínhamos feito amor devagar e com muito carinho, aquecidos pelo calor da noite. Eu tinha me aninhado no peito dele e acariciava os pelos que cobriam seus músculos definidos, enquanto ele sussurrava palavras doces entre beijos no meu ouvido.

— Entendo seu argumento, mas isso é muito importante para as crianças — eu disse. — Eles estão tão orgulhosos do que aprenderam...

Depois do que ensinei, eles sabem como é essencial estar preparado para alguma eventualidade. Além disso, acreditam que podem ser muito úteis, não só durante a guerra, mas ajudando quem quer que precise de serviços de enfermagem no vilarejo.

Não cheguei a ver, mas sei que Christo estava sorrindo. Ele estava do outro lado da caverna, cortando pedaços grossos de queijo que a mãe tinha mandado de Sitia. Fazer amor sempre me deixava com fome.

— Eu sei! Ontem passei pela casa da viúva de Agalopoulos, e duas das suas crianças estavam ao lado dela na cama. Aquele garoto surdo-mudo estava lavando a cabeça dela com água, e uma menina estava alimentando-a, segurando uma cumbuca com alguma coisa de aparência horrível.

— Viu só? Eles já estão ajudando o vilarejo.

— Eu entrei lá para perguntar se ela queria que eu fosse buscar mel de suas colmeias. Quando me aproximei, vi que ela estava com o braço enfaixado e amarrado com um graveto, e a roupa de cama pingando com a água derramada. Imagino que até o final da semana ela estará com pneumonia e precisará ser internada no hospital de Aghios.

Nós dois caímos na risada.

— A intenção deles é boa — eu disse.

— Eu sei, tanto que ameacei Kotso e Andros com algumas chicotadas se eles não comparecessem à sua demonstração.

Mães e seus bebês, *pappous* e *yayas* subiam pelo caminho sinuoso até a igreja para a demonstração da equipe de primeiros socorros. *Pappous* puxava a fila, com *yaya* vindo logo atrás montada num burrico. As crianças corriam impacientes por ali.

Os pais tentavam sem muito sucesso acalmá-las e manter alguma ordem, mas a animação resultou em gritos que agitaram a tarde mormacenta. Eu tinha enrolado Voula num xale às minhas costas doloridas para protegê-la do sol. Despina estava grudada nas minhas saias.

O percurso até a igreja era longo, e o implacável sol de verão castigava os rostos e braços nus das pessoas. Não havia muitos pais ali, o poder de persuasão das crianças não tinha sido muito eficiente. Eles deveriam estar trabalhando nos campos, mas com a ausência das mulheres, seria mais fácil encontrá-los no *kafenion*.

De repente ouviu-se um lamento profundo, calando os risos. Havia acontecido o primeiro acidente. Vilandis, o padeiro, tinha tropeçado em uma pedra, e a cesta de vime que trazia na cabeça virou com todo o conteúdo sobre o capim que crescia no caminho de terra. Ele praguejou para os céus, tentando decidir se prestava atenção aos pães espalhados ou à ferida que manchava de sangue sua calça de linho. Já os aldeões não tiveram dúvida alguma, e depois de alguns minutos, todos os pães já estavam em algum bolso ou cesta. Vilandis gritou por socorro, mas só restava seu filho Jacko para lhe dar o braço, pressentindo a reprimenda que ouviria à noite caso não ajudasse.

Vilandis encolheu os ombros e continuou o caminho montanha acima.

Quando emparelhou comigo, comentou: — Bem, eu ia dar os pães para as crianças mesmo...

— Verdade? Quanta gentileza. — Sorri gentilmente.

Eu sabia que ele tinha fama de sovina, portanto, se achou que acreditei naquilo, era mais burro que suas ovelhas.

Ouvi o estampido de um tiro, e no instante seguinte um pássaro caiu morto do meu lado, como uma pedra. Todos olharam em volta curiosos, procurando descobrir quem ainda tinha uma espingarda depois que as armas haviam sido recolhidas.

Petros, o ferreiro e último da fila, parecia muito inocente quando assobiou e aproximou-se da caça. A ingenuidade de achar que ninguém perceberia o condenou. Acho que fui a única a testemunhar quando ele marcou o lugar com um pacote de cigarros.

Meu *pappous* postou-se do lado dele e disse: — Vamos conversar sobre isso hoje à noite.

O ferreiro balbuciou alguma coisa, e *pappous*, colocando a mão firme sobre o ombro dele, disse para todos em alto e bom som: — Não, muito obrigado, mas minha esposa não precisa de carne extra, mesmo estando em tempos difíceis.

Yaya ficou triste por ter perdido a carne de uma refeição.

O ar dentro da igreja estava fresco e doce. Os tapetes e cortinas exalavam um perfume doce de incenso. Apesar de as mãos terem limpado a capela muito bem, o perfume centenário não se dispersava tão facilmente.

Atendendo a um convite de *papa* Costas, o professor se postou no altar. Logo se fez um respeitoso silêncio, quebrado por Vilandís, que chegou mancando de dor, se arrastou até um banco e deixou-se cair sentado.

— Eu sou um paciente de verdade. Já que estamos aqui, curem minha perna — pediu ele com um grunhido.

As crianças bateram palmas animadas e olharam para Divina, esperando instruções.

— Está certo — disse ela. — Despina e Tika, esse paciente é de vocês.

O que pretendem fazer? As duas meninas se adiantaram, cheias de orgulho por terem sido as primeiras a ser chamadas. As duas vestiam aventais limpos, e Tika usava um lenço na cabeça. Acho que era a primeira vez que ela usava lenço, pois estava desajeitadamente escorregado para um lado, e teria caído se o cabelo não o tivesse segurado.

— Devemos lavar a perna dele? — Tika perguntou.

— Sim — respondeu Divina. — A limpeza é sempre o primeiro procedimento, certo? Vilandís, você prefere tirar a calça sozinho ou prefere que as enfermeiras façam isso por você? — Ah, não precisa — disse ele, visivelmente apavorado. — Acho que posso esperar...

Mas Divina já tinha se ajoelhado e começado a arregaçar a barra da calça até expor a ferida feia na pele.

— Bem, esse ferimento requer cuidados imediatos antes que o veneno se espalhe — informou Divina, afastando os cabelos do rosto.

À menção da palavra “veneno”, algumas mulheres mais velhas fizeram o sinal da cruz. Despina e Tika tinham enchido uma vasilha com água fresca e, com chumaços de algodão, limpavam o machucado com cuidado.

Fiquei orgulhosa das duas. Nenhuma delas recuou nem hesitou, e aquela era a primeira vez que viam sangue de verdade desde que as aulas tinham começado. Divina sorriu para as duas e cochichou-lhes alguma coisa no ouvido. Tika levou a vasilha de água suja para fora e Despina puxou uma compressa de pano de uma das caixas que tínhamos trazido. Ensopando o algodão com antisséptico, ela terminou de limpar a ferida. Depois passou o frasco grande do antisséptico cor de ocre para mim. Eu me levantei e mostrei para todos os presentes, explicando como aquilo mataria todos os micróbios do corte.

Minutos depois, Vilandís já estava de pé, a calça arrumada e um sorriso no rosto.

— Tenho de reconhecer que vocês, meninas, nasceram para ser enfermeiras.

— Já estou sentindo a perna melhor — elogiou ele e, virando-se, seguiu até onde estava a esposa, uma mulher gorda que raramente sorria e que apenas inclinou a cabeça conforme ele dobrava a perna para a frente e para trás.

Christo estava em um canto, tinha conseguido convencer Kotso e Andros a ir assistir à demonstração. Kosto já estava se apresentando para ser tratado de “uma terrível dor de cabeça”.

Todos riram conforme ele se movia para frente da sala.

— Tome menos *raki*! — gritou alguém.

Dimitri, o surdo-mudo, logo começou a enfaixar a cabeça de Kotso.

Divina desenrolou a faixa antes mesmo de ele terminar, explicando por meio de uma mistura de sinais e palavras, cuidadosamente escolhidas, que para aquele caso não havia nada melhor do que ar fresco e exercícios. Dimitri ouviu a explicação com os olhos arregalados, mas não desistiu de recomendar o curativo.

Kyria Tirsa distribuía limonada enquanto a demonstração prosseguia, até que todas as crianças estavam ocupadas em colocar faixas, torniquetes e talas. No final havia mais pacientes ali do que no hospital de Sitia.

De repente houve um pequeno tumulto com um grupo de mulheres que estavam sentadas perto de uma janela grande na parte de trás da igreja.

— Por que eles precisam de todas essas modernidades como gaze e antisséptico? Não temos dinheiro para esse tipo de coisa aqui.

Uma das mulheres de Kato Panagia estava de pé. Apesar da compleição miúda, ela era agressiva e, eu sabia, uma encrenqueira.

— Sempre nos arranjamos muito bem com os emplastros que produzimos de folhas e frutos, que são de graça! Ao lado dela, algumas outras gritaram, concordando com a amiga.

Kyria Pakistrakis, uma mulher alta de rosto tão angular que os ossos pareciam forçar-lhe a pele, também se levantou para protestar: — Uma cataplasma de hissopo fervido em vinho doce também teria curado a dor de cabeça de Kotso. É fácil, basta...

— Está certo, sabemos de tudo isso, Annis. Mas não estamos aqui para ouvir o que já sabemos, e sim para dar uma chance para *kyria* Divina. — O professor passou por mim em direção à frente da sala. — Você nunca perdeu alguém próximo por causa de uma infecção ou doença? — questionou ele, e houve um certo mal-estar entre os presentes.

— Eu perdi — respondeu uma mulher de pele alva como massa de farinha fresca. Tratava-se da viúva de Kariakis, uma pessoa triste e solitária que fazia o que podia para sustentar e cuidar das três filhas. — Meu marido e minha irmã morreram de gangrena na perna. O médico chegou tarde demais para salvá-los e cortou as duas pernas deles. E de que adiantou? No final da semana ambos estavam mortos. — As lágrimas corriam soltas pelo rosto dela diante da terrível

lembrança. — Os dois foram enterrados juntos.

Um burburinho de pessoas concordando, ou se solidarizando, tomou conta do ambiente. Houve um ligeiro alvoroço, como se fossem pássaros batendo asas, quando todos fizeram o sinal da cruz.

— Minha cunhada — outra pessoa disse —, morreu de infecção puerperal pós-parto. Como vocês ajudariam com isso? Divina se empertigou e perscrutou o ambiente. Assumindo uma postura de comando, apesar dos cabelos ruivos rebeldes que lhe emolduravam o rosto, seus olhos brilhavam com determinação.

— Claro que não faremos milagres, mas podemos melhorar a situação — disse ela com o rosto vermelho.

Só eu sabia detectar o quanto ela estava nervosa.

— Sempre haverá espaço para curas e remédios caseiros — Divina continuou.

— Ninguém pode negar o valor e a força do absinto ou da bérberis, e tenho certeza de que há muito mais plantas medicinais, mas, além disso, pretendo dispor de drogas e curativos modernos, que pedirei que sejam enviados de Atenas.

Não é porque estamos em Panagia Sta. Perivolia, um vilarejo incrustado nas montanhas em uma parte remota de Creta, que vamos sofrer com a falta de conhecimento do que existe de disponível no resto da Grécia.

Houve uma ovação feita por aqueles que aprovavam a ideia.

Divina tinha tocado o dedo na ferida daqueles aldeões: a sensação de não fazer parte da Grécia civilizada.

O professor se levantou de novo e todos ficaram quietos.

Ele nos agradeceu e acrescentou: — Tenho o prazer de dar as boas-vindas e agradecer à nossa amiga especial, *kyria* Divina. Ela veio de muito longe para compartilhar seu conhecimento com nossa pequena comunidade — ele terminou e começou a bater palmas.

Logo a maioria dos presentes fez o mesmo. Notei que Divina estava vermelha de vergonha, mas ela disfarçou ocupando-se das crianças, demonstrando como enfaixar um tornozelo torcido.

No final da tarde, algumas pessoas já arrastavam os pés na direção da saída quando uma sombra, vinda da varanda, turvou a nave central da igreja.

Antes de saber quem estava ali, tive uma sensação ruim.

Havia dois homens à porta da igreja, meu marido e o amigo, *papa* Yannis. Uma névoa de medo e desgosto quase tangível pairou sobre todos. No entanto, os partidários dos dois os cumprimentaram e abriram espaço para que passassem.

A cabeça raspada de Manolis estava coberta por uma penugem cinza, e da batina úmida e suja do padre vinha um cheiro forte e doce de tabaco.

O aroma de incenso da igreja foi substituído no mesmo instante. O professor se antecipou para cumprimentá-los. *Papa* Costas vinha logo atrás, com uma batina

limpa de fazer inveja ao outro padre.

— Já estamos em outubro, Costas? — bafejou *papa* Yannis, enxugando a testa suada com um lenço encardido. — Já estamos celebrando o dia de São Cosme e Damião? O dia continuava igual do lado de fora, o sol forte garantia aquele como o dia mais quente do verão até agora.

As cabras passeavam cheias de preguiça pelas montanhas, mordiscando qualquer planta que pudessem encontrar. As gaivotas batiam as asas lentamente, quase hesitantes, em pleno céu azul. Lá embaixo o brilho das ondas compunha o cenário de um mundo diferente. Contudo, dentro da igreja fria e sombreada, toda a boa vontade que tínhamos compartilhado até então começava a se dissipar.

A chegada daqueles dois homens tinha alterado até o ar ambiente.

Tenho certeza de que não fui a única a sentir isso. Todas as *mamas*, *pappous* e *yayas* se arrastavam em direção à porta, empurrando-se uns aos outros para passar. Os semblantes estavam apreensivos, não havia mais sorrisos, apenas tensão.

— Eu bem que falei que não deveríamos ter vindo — ouvi alguém comentar baixinho.

Divina postou-se do meu lado, e me senti mais confiante quando ela me deu a mão.

— Despina! Despina! — A voz de Manolis ecoou no ambiente. Ele tinha visto a filha, mas ela não se movera e baixara a cabeça. — Vá para casa! — exclamou, e como a menina não obedeceu, gritou de novo: — Agora!

— Já estou indo, Despina — eu disse quando a vi me procurando, indefesa. — Prometo que já estou indo. Faça o que o *papa* está pedindo.

Ao lado da pia batismal perto do altar, onde também havia algumas imagens de santos e candelabros, o gordocho *papa* Yannis, o professor e *papa* Costas cometiam o sacrilégio de se reunir ali como se fosse uma extensão da sala de aula.

— Isto não terminou ainda, Costas — proferiu *papa* Yannis, já seguindo para a porta, balançando o corpo obeso e suado de um lado para o outro.

Vi aqueles olhos de porco varrendo todo o ambiente, deixando a sensação de que no futuro se lembraria de cada um ali presente.

Eu já estava prestes a sair para alcançar Despina, quando vi a cortina atrás do altar se mexer, apesar de não haver vento ali.

Puxei-a de lado e encontrei Dimitri acorocado. Percebi como ele estava apavorado e peguei sua mão.

— Venha, Dimitri. — Eu tinha visto o pai dele passar pela porta de saída pouco antes e sabia o que tinha acontecido. Só havia uma coisa que apavorava aquele menino daquele jeito. — O homem com o padre? — perguntei, desenhando no ar uma figura alta e robusta.

Ele assentiu com a cabeça e recuou.

— Venha, Dimitri, vamos procurar seu pai. Eu sei que ele estava aqui agora há pouco. *Papa?* Sim? — Ele meneou a cabeça e eu dei um tapinha em suas costas. — Espere aqui.

Como parecia que ele tinha entendido, corri para fora da igreja, gritando: — Manos! Ah, graças a Panagia, ele estava por perto. Expliquei o que tinha acontecido e ele voltou correndo para a igreja, reaparecendo com o menino no colo.

— Obrigada, *kyria Anthi*. Meu filho nunca terá sossego com aqueles *malakas* por perto.

Fiquei com vergonha, pois sabia que ele se referia ao meu marido.

Tentei pedir desculpas, mas ele me interrompeu: — Não é culpa sua, *kyria Anthi*. Mas sua mãe não devia ter grande consideração por sua pessoa para fazer com que se cassasse com aquele animal. Tenha um bom dia.

Eu continuei ali parada, com o coração enregelado e os olhos marejados.

Senti uma tristeza torturante, como se meu corpo fosse se esfacelar a qualquer instante. Manos tinha falado do meu marido, e eu não sentia nada além de vergonha.

Voltei para a igreja, e três mulheres paradas à porta pararam de conversar para me olhar. Tentei ignorá-las, mas assim que passei, uma delas me chamou: — Ei, *Anthi*! Eu parei a poucos passos de onde elas estavam, mas não respondi.

— Você não acha que uma mistura de briônia com erva-de-bicho, fervidos no vinagre e água, fortalece os ossos? — Isso mesmo. Depois deixe descansar sob a luz da lua cheia — completou outra. — Minha mãe foi prova disso, bebia essa poção todos os dias e morreu aos noventa e três anos.

— Então não vou dar isso para a mãe do meu Vassili.

Quanto antes ela sair da minha casa e da minha vida, melhor.

E esquecendo a minha presença, elas gargalharam e seguiram na direção da trilha que levava de volta à cidade.

Aquilo tudo tinha acabado com meu humor, e olhando para os arredores, vi que o professor ainda estava por ali.

Cantarolando baixinho, ele arrumava as cadeiras.

— Nada disso — protestou ele ao me ver entrar. — Não precisa ficar aqui. Vá para casa, Despina precisa mais de você do que eu.

Eu não disse nada, apenas meneei a cabeça e saí correndo.

Voula tinha ido para casa com *pappous* e *yaya*. Eu sabia que ela estaria bem, então desci a montanha a passos largos na direção da minha casa.

Não vi Divina no final daquela tarde, suponho que ele deva ter ido para casa e, na certa, para os braços de Christo. Senti uma familiar ponta de inveja.

Deve ser muito boa a sensação de correr na direção do homem amado.

Os últimos raios de sol ainda rajavam de laranja o céu azul de verão.

As nuvens permaneciam estáticas, esperando o anoitecer.

E em algum lugar distante, um passarinho entoava uma melodia melancólica. Assim que atravessei o portão de casa, ouvi a voz de Despina. Ela estava chorando em algum lugar da casa. Não havia sinal de Manolis lá dentro. Não derramei uma única lágrima quando ele não voltou à noite. Foram três dias de ausência, e nenhuma de nós sentiu falta dele... Até as cabras pareciam mais felizes.

Divina

Faz muito tempo que não tenho notícias de Hugh.

Na escuridão da noite de verão, eu estava deitada preguiçosamente sobre uma pilha de almofadas na minha sala de estar, tentando me persuadir a virar de lado. Não fazia nem uma hora que Christo tinha saído, e eu estava sonolenta depois de termos feito amor.

Será imaginação minha, ou as visitas dele estão rareando? Tento me convencer de que isso é inevitável por ele estar com os recrutas, os *andartes*, nas montanhas, e essa é sua obrigação.

Mas como sinto saudade e conto as horas para nossos encontros! De repente alguém bate com força na minha porta, gritando meu nome; é a voz de um homem.

— Por favor, abra a porta, *kyria* Divina, é importante! Abri sem pestanejar, e lá estava Stephanos Karanakis, o avô de Anthi.

— Desculpe-me pela intrusão, mas há notícias que gostará de saber — anunciou ele, enquanto rodava o chapéu nas mãos.

Eu não fazia ideia do que ele estava falando. O que ele poderia saber que fosse do meu interesse também? Convidei-o para entrar. Ele pediu desculpas pela invasão àquela hora da noite e parou para olhar ao redor.

— Puxa vida! — exclamou. — Você fez um trabalho incrível aqui. Faz anos que não entro nesta casa, mas lembro como estava em ruínas.

Ofereci um refresco, um *raki* ou talvez uma limonada. Ele declinou e voltou a prestar atenção em mim. O movimento nervoso de rodar o chapéu tinha cessado. Infelizmente eu bem sabia do meu estado de desarrumação, mas era tarde demais para me preocupar com o cabelo. Só esperava que ele não visse minha calcinha aparecendo debaixo de uma almofada.

— Esta noite, como sempre, eu estava no *kafenion* Il Piperia. Você conhece o lugar, não é? — Nunca entrei, mas claro que sei onde fica.

— Você será bem-vinda se um dia quiser entrar. Como de costume, eu estava ouvindo o rádio quando anunciaram que seu primeiro-ministro declarou guerra à Alemanha. — Ele fez uma pausa antes de continuar: — Talvez já saiba disso. Seu marido pode ter...

— Não, não, não tenho notícias dele há semanas.

— Pensei que quisesse saber disso o quanto antes.

— Claro. Obrigada. Foi muita gentileza sua pensar em mim.

— Dizem que ele falou para a Inglaterra pelo rádio. O país inteiro saberá das novidades. Que tempos maravilhosos esses em que podemos informar um grande número de pessoas, o mundo até, ao mesmo tempo! Como sabe, deveríamos ter visto os sinais de que algo estava por acontecer.

Devo ter feito uma expressão de surpresa, pois ele continuou: — Ah, são inúmeros os avisos de coisas que não estão bem.

Um velho como eu sabe entender os sinais. Não deveríamos esperar pelo pronunciamento daqueles que estão no poder para nos precaver. Alguns dos mais velhos do vilarejo falam sobre árvores destruídas como se tivessem sido atingidas por um raio.

Algo que estava perfeitamente saudável numa noite de lua cheia no dia seguinte aparecia morta, queimada. Minha esposa disse que viu um limão crescer em uma videira que tinha produzido uma boa colheita de uvas saudáveis! De novo, devo ter demonstrado não entender, o que não o impediu de continuar: — Ah, é verdade! Ela não está errada. Uma videira foi de repente invadida por um fruto alienígena. Sim, não são acontecimentos naturais, *kyria*, mas vêm acrescidos de notícias ruins. — Ele meneou a cabeça. — Notícias ruins podem ser previstas se você souber para onde olhar.

Stephanos Karanakis partiu logo depois, ainda recusando qualquer convite de hospitalidade. Fiquei observando-o se afastar no burrico em direção à estrada. Até então não tinha conseguido dar algum sentido ao que ele tinha me contado.

Voltei para dentro de casa devagar e fui até a varanda. Era noite de lua cheia, outro sinal de mudança. Por um instante desejei que Hugh estivesse ali. Eu precisava que ele me explicasse o sentido de uma declaração de guerra. Fechei os olhos e pensei na minha casa. Imaginei minha irmã, as enfermeiras nos hospitais, sentadas ao redor de um rádio, absorvendo aquela terrível informação. Eu sabia que eram tempos difíceis, mas outra guerra? Não saberia precisar quanto tempo fiquei ali antes de entrar em casa.

Minha casa! Minha responsabilidade, agora, comigo e com todas as gerações que tinham vivido ali antes de mim.

As tábuas de madeira da escada estalaram à medida que fui subindo, como se quisessem me avisar: “Tome cuidado, Divina, não baixe a guarda”.

Acendi uma vela e, quando seguia para a cama, ouvi alguma coisa se movendo no forro e pelas paredes. Na certa eram esquilos, ou passarinhos, ou até morcegos. Decidi que não era nada importante.

Cheguei até a porta de um pequeno quarto, um depósito, na verdade, que eu tinha pedido a Christo e Yorgo para que não mexessem. Apesar de passar por ali algumas dezenas de vezes durante o dia, eu tinha me esquecido de sua existência até aquele momento.

A porta estava presa como se estivesse fechada com um trinco, frouxo o suficiente para se soltar. Havia muitas portas antigas na casa: uma que levava para o porão, outras de *closets* ou de despensas.

Coloquei o castiçal no chão e forcei a porta, que cedeu no mesmo instante. Peguei a vela e entrei.

Senti um cheiro ruim. A raiz da velha videira crescia através da janela,

bloqueando o ar fresco e a luz. Logo vi o que havia ali e como era estranho redescobrir aquilo agora.

As roupas e os pertences de Hugh estavam espalhados por ali. Encontrei uma camisa velha e uma gravata. Deus meu, pelas listras, devia ser do uniforme de escola! Havia também um velho chapéu de palha. Eu o peguei e vi que estava desgastado de um lado. De repente ouvi novamente ruído no forro, e com ele veio a sensação de não estar sozinha. Pulei para trás, assustada.

Quase derrubei a vela com o movimento repentino. Havia luz suficiente para perceber que o chapéu não estava gasto, mas sim comido.

Deixei-o cair, horrorizada. O que estaria passeando por ali? À minha frente havia uma pilha de livros que tínhamos trazido conosco da biblioteca de Atenas: *Três Homens num Barco*, para Hugh, e dois clássicos de Tolstói para mim, que eu tinha esperança de arrumar tempo para ler. Logo vi uma capa escura que reconheci como sendo do livro *Guerra e Paz*. Peguei o outro livro, cuja capa havia sido azul um dia, mas que agora estava mofada e amassada. O interior estava comido, formando um ninho, cheio de papel picado e pontinhos pretos. Perdi o equilíbrio, e dessa vez a vela caiu do castiçal e se apagou. Fiquei no escuro, mas não sem antes ter visto o título do livro: *Anna Karenina*.

Naquela noite quase não dormi. Fiquei pensando naquele depósito e sua vil vida secreta. Eu o tinha trancado de novo, mas minha linda casa estava agora manchada e envenenada. Só podiam ser ratos, que tinham cavado ali seu ninho, na história de uma esposa adúltera. Ao perceber a ironia, virei de lado e tentei conciliar o sono de novo. Mas não conseguia parar de pensar nas notícias da Inglaterra. Imaginei uma típica manhã londrina, com céu cinzento, os ônibus vermelhos de dois andares se locomovendo majestosamente pelas ruas molhadas de chuva na direção de Westminster Bridge e do Parlamento. Fui engolfada por uma gigantesca onda de saudade.

Pensei na minha família. Será que pensavam em mim? Raramente me escreviam. Tenho certeza de que minha mãe ficou feliz em se livrar de mim.

As galinhas acordaram e o galo cantou, anunciando o fim da minha longa noite insone. Um novo dia estava começando.

Estava quente, o céu esbranquiçado, um ar de chuva. Vestida com uma antiga saia de linho e uma blusa de manga comprida, caminhei pela grama alta. Não demorei para ficar com calor e começar a suar. Fiquei presa em uma planta espinhenta; quase pisei em uma rosa silvestre, escondida na grama. Eu teria de limpar aquilo antes que as plantas se tornassem proprietárias do jardim. Sobre a minha cabeça, o céu continuava pálido, com cores esmaecidas como as de uma aquarela. O horizonte estava tingido de sépia, misturado com azul, antecipando que, afinal, teríamos mais um dia ensolarado.

Manolis voltou para casa rindo.

Alguns minutos se passaram até eu entender, e meu primeiro sentimento foi tudo menos de alegria. Yorgo tinha ouvido no rádio, no *kafenion*, que a Inglaterra e a Alemanha estavam em guerra. Todas as mulheres que estavam por ali naquela manhã se reuniram, e algumas perguntavam: — E o que isso representa para nós? E se a guerra fosse entre a Albânia e a Itália? Meu primeiro pensamento foi para Divina. Não era dia de aula, eu precisava ir vê-la. Mas ela não estava em casa, Yorgo estava trabalhando lá, sozinho, reformando a despensa. Ele me cumprimentou e já começou a reclamar: — Parece que tem ratos por aqui. A *kyria* tem medo. — Ele balançou a cabeça. — Tive de interromper a confecção do caixão do velho Bagordaki para vir aqui. A continuar assim, eles vão enterrá-lo hoje à tarde e o caixão na semana que vem. Eu sou marceneiro, não exterminador de ratos.

Havia dias em que Yorgo não fazia outra coisa a não ser reclamar por tudo e por nada, e aquele era um desses dias.

— Se minha mulher vê um rato, ela o esmaga na hora com a própria mão, não chama o marceneiro mais próximo para matá-lo. — Ele fez uma pausa e acrescentou: — Mas ela estava apavorada, a *Kyria*. Estava mesmo, estava até chorando de manhã. Eu nunca a vi chorar antes...

Então ele começou a se queixar novamente, dessa vez de Christo:

— Aquele lá está muito folgado, sabe... Deve ter esquecido que fui eu que dei a ele o emprego de meu assistente... Agora, ele foi só Deus sabe aonde, sem nem me perguntar se podia, sem nem me avisar! E se você quer saber, a *Kyria* foi até a praia, caminhar um pouco.

Ele balançava a cabeça vigorosamente. Às vezes a lógica da raça humana é demais para a cabeça dele.

O que eles estariam fazendo, minha amiga e seu amante? Era muita coincidência que os dois tivessem desaparecido ao mesmo tempo. Eu teria a resposta para essa pergunta no dia seguinte, e por meio de uma fonte inesperada.

Minha irmã foi à minha casa para me lembrar que o dia seguinte era o dia do nome da minha mãe, conforme a tradição que se celebrava em vários países da Europa.

Eu já tinha me lembrado, mas como minha mãe ignorava o dia do meu nome desde que eu tinha me casado, eu também ignorava o dela.

Dessa vez, no entanto, eu estava sendo convidada para o que minha mãe chamava de “Banquete da Celebração”.

Eu quase ri alto. *Banquete*? Só se uma torta de queijo encaroçada e damasco em conserva podiam ser considerados um banquete.

— Por favor, chame sua amiga inglesa para ir também — avisou Ririca.

— E as meninas? — Mamãe disse que tudo bem, se não tiver outro jeito.

Era grande a tentação de não ir, de simplesmente ignorar o precioso dia do nome dela, mas, de uma maneira meio perversa, refleti que minha mãe ficaria mais irritada se eu fosse do que se faltasse, ainda mais se eu levasse minhas filhas.

Então, às cinco horas da tarde no dia seguinte, eu vesti Despina e Voula com suas melhores roupas e, junto com Divina, atravessamos o vilarejo até minha antiga casa.

Eu vou lá o mínimo possível, e enquanto eu atravessava o jardim, me lembrei do porquê. Aquele lugar, para mim, só trazia lembranças tristes.

Todos os vestígios do meu querido pai já haviam desaparecido. Lá estava a pequena horta onde ele cultivava o melhor alho-poró do vilarejo, agora ocupada por pequenos canteiros de flores, a maioria seca e morrendo.

— Mostre-me um vegetal que se possa comer — dizia ele —, e eu o plantarei.

Ali, batatas, vagens e cebolas tinham crescido em profusão, e agora estava tudo aplanado e coberto por pedras. Sem cor, sem cheiro, sem nada.

Minha mãe saiu para me cumprimentar e, como eu já esperava, franziu o cenho ao ver as meninas.

— Tratem de se comportar, vocês duas... Esta é uma festa de adultos, não de crianças! Ela falava com tanta aversão que me levou a pensar que ela preferiria que as pessoas saíssem do útero materno já totalmente crescidas. Como ela lidou com a gravidez, o parto e todas as implicações de ter um bebê, eu não faço ideia. Decidi ignorar as palavras dela e falei: — Este lugar está tão triste e vazio... Ainda sinto saudades do cheiro dos pés de alho que cresciam aqui perto do cedro, quando eu era pequena.

Ela deu um risinho seco.

— Você quer dizer o *fedor* dos pés de alho, não é, Rodianthi? Você era a única que gostava do cheiro.

— E papai — falei, calmamente. — Ele adorava, dizia que o fazia se lembrar do coelho assado que vovó fazia para ele.

Minha mãe encolheu os ombros e então arqueou as sobrancelhas, virando-se para Divina.

— É muito gentil de sua parte vir aqui no meu dia especial, *kyria* Timberlake. — Ela tentou sorrir ao receber o ramalhete de flores silvestres.

— Na verdade, são de Despina e Voula. Foram elas que colheram, eu só as amarrei.

Minha mãe segurava as flores como se fossem venenosas e cheias de espinhos. Eu me esforcei para não rir quando ela chamou Ririca para buscá-las.

Não havia muitos convidados dentro de casa naquele dia tão especial.

Minha mãe não é uma pessoa muito popular no vilarejo, e era compreensível que a maioria das pessoas preferisse se engajar em qualquer outro compromisso

do que ir comemorar com ela.

Grupos de duas ou três pessoas, sentadas a pequenas mesinhas e conversando, ignoraram minha entrada, então eu também as ignorei. Mas notei que a maioria delas pausou maliciosamente por alguns segundos para olhar para nós antes de voltar a se concentrar na conversa.

Entretanto, uma pessoa que tinha se empenhado em ir era a que eu menos queria ver: *Papa Yannis*. Ele estava sentado sozinho, mas não por muito tempo, porque minha mãe nos empurrou em direção à mesa dele.

Não havia como recusar, então eu murmurei um cumprimento e me sentei o mais longe dele que pude. *Papa Yannis* olhou de soslaio para minhas filhas, como se elas cheirassem mal, ou coisa assim, e então se levantou para apertar a mão de Divina demoradamente. Sabendo que a palma da mão dele estaria úmida de suor, lancei um olhar compadecido à minha amiga.

Uma travessa de tortas de queijo circulou pela sala, e para minha surpresa, estavam bem gostosas. Minha mãe deve ter pagado uma das mulheres pobres do vilarejo para fazê-las.

Minha mãe estava tentando iniciar um assunto fútil sobre o calor, mas o padre a interrompeu.

— A senhora gosta de nadar, *kyria* Timberley? — perguntou ele.

Divina estava muito quieta. Quieta demais, pensei, ignorando o engano dele com seu sobrenome.

— Às vezes — ela respondeu depois de alguns segundos. — Quando o mar está calmo e quando está calor, eu gosto.

— É preciso tomar muito cuidado com as correntezas, aqui na baía; são muito traiçoeiras, é bastante perigoso nadar sozinha.

Voula tinha terminado de comer sua torta de queijo e já estava esticando o braço para pegar a de Despina.

— Não, Voula, a minha não! Pergunte a mamãe se você pode comer outra.

Com um gesto brusco, minha mãe empurrou a travessa de tortas sobre a mesa.

— Essa menina é retardada, *Rodianthi*? — perguntou, irritada. — Pelo que eu me lembro, na idade dela você sabia se expressar bem melhor. Sem dúvida, você sabia pedir uma torta de queijo, sem dificuldade.

Eu já ia responder que Voula estava longe de ser retardada, quando percebi que o rosto de Divina estava muito vermelho, e ela parecia emudecida.

O padre falou por ela, e suas palavras me fizeram gelar.

— No outro dia mesmo, eu vi algo muito estranho, na nossa praia. Eu estava usando o meu binóculo, claro, pois estou fazendo um catálogo das diferentes espécies de pássaros que temos aqui, e seus hábitos. Muito bem, semana passada, eu vi duas aves de rapina brigando por causa de um pássaro pequeno, bastante incomum. De uma espécie diferente, sabe... Perdão, estou me desviando do assunto. Para minha surpresa, eu vi alguém saindo do mar. Uma mulher. — A

voz dele caiu para um sussurro. — Ela estava sem roupa... sem trajes de banho, nada! Obviamente eu me preocupei, imaginando que ela tivesse se acidentado, ou estivesse em apuros, e estivesse precisando de ajuda. Então, pode imaginar o meu alívio quando vi que havia mais alguém com ela, outra pessoa saindo do mar atrás dela...

também sem roupa. Quero dizer, me pareceu que estava sem roupa, é claro que desviei o olhar na mesma hora, então não tenho certeza absoluta. E estavam rindo, portanto deduzi que estava tudo bem.

A língua avermelhada dele dardejava para frente e para trás, como a de um lagarto, entre os lábios vermelhos e úmidos.

Era óbvio que ele estava excitado com as imagens que estava descrevendo.

Minha mãe olhava para ele, boquiaberta. Despina aproveitou o momento para escapar dali e, puxando Voula pela mão, pegou duas tortas de queijo e correu para fora.

Papa Yannis não iria deixar sua história passar sem alguma reação.

— O que vocês acham disso? Anthi? *Kyria* Timberley? Divina e eu nos entreolhamos, e ela falou, com toda a delicadeza: — Meu sobrenome é *Timberlake*, *Papa*.

— Ah, sim, claro... que distração a minha...

Eu me levantei para sair, dizendo "*Chronia Polla*" para minha mãe, embora minha vontade fosse dizer que eu esperava que ela não vivesse o suficiente para ter mais um maldito dia do nome.

Peguei o braço de Divina para que ela se levantasse, e me virei para o padre.

— Não precisa se preocupar, *Papa* Yannis. Fui eu quem o senhor viu nadando, com *kyria* *Timberlake*. Às vezes nós vamos juntas à praia.

Quando chegamos à porta, virei-me para ele mais uma vez.

— Na verdade, eu vi o senhor olhando para nós, os seus óculos estavam refletindo os raios de sol. Eu percebi que era o senhor. Quem mais em Panagia teria um par de óculos como esse? E nós saímos antes que minha mãe começasse a gritar sobre nudez, ou moral, e as crianças, onde elas estavam enquanto eu saracoteava por aí.

Antes que ela pudesse expressar qualquer opinião mesquinha e nos censurar, nós já estávamos longe.

Nós mal falamos enquanto íamos para casa, as meninas usando nossos braços como balanço e pulando e correndo, aliviadas e ansiosas para escapar do ambiente frio e hostil da casa de minha mãe.

Um pouco antes de chegarmos à casa de Divina, ela finalmente murmurou: — Obrigada. Ele é um sujeito horrível e asqueroso, não é? — Guarde este dia, e use-o como um aviso para lembrá-la constantemente de como você está se arriscando.

Ela começou a falar sobre ratos, e guerra, e sobre como Christo era doce e

maravilhoso e a compreendia tão bem.

Eu deixei minha fúria, acumulada dentro de mim até aquele momento, explodir.

— E ele também compreende o perigo em que está colocando você com essa exposição pública absurda? Para ele, tudo bem, não é? Se tudo vier à tona, o que ele tem a perder? Divina não disse nada, então eu continuei, mesmo sabendo que ela queria que eu parasse.

— Que doce, qual o quê... Doce nada! Aposto que quando ele volta para a casa dele, em Sítia, fica se vangloriando de ter conquistado a inglesa bonita... *e rica...* de Panágia.

— Oh, não é nada disso — Divina começou a protestar. — Nós nos amamos.

Eu estava tão irritada que mal conseguia andar direito.

Querida sacudir minha amiga querida, estapeá-la! — Eu não duvido disso, mas se vocês dois continuarem não tomando cuidado com o modo como se comportam, já, já vocês vão dar adeusinho um ao outro. Você vai perder tudo, sua casa, para começar, e depois seu marido. Você pode não estar ligando para ele agora, mas acredite em mim, quando você for excluída pelo povo do vilarejo e só receber deles o silêncio... Eu me calei e balancei a cabeça. Divina estava chorando abertamente agora.

— Eu sinto muito... Você tem razão. Você é uma amiga tão maravilhosa que eu não suportaria perder você. Tudo o que você está dizendo é verdade, eu sei.

As meninas estavam olhando para nós, aturdidas.

— Então, por que você se sujeita a ele dessa maneira? Quantas vezes eu vejo você olhando, esperando por ele, e isso me aborrece. Onde está o seu amor-próprio, Divina? Não se esqueça do que ele é... um cretense bonito, mas muito jovem, e um operário. Eu vejo você, tão independente quando eu a conheci, tão refinada, segura de si, agora só vivendo em função desse rapaz. “Christo disse isso, Christo fez aquilo...” Ele é um homem.

Um homem, não um deus! — Obrigada por salvar a minha pele hoje. Prometo que nunca mais precisará mentir de novo para me proteger.

— Você sabe como eu gosto de você, sabe que eu não quero que sofra. Mas você ainda acredita só na divindade de todo mundo nesta ilha. Continue assim, e não vai demorar nada para você descobrir do que eles são capazes quando se sentem ameaçados. E se eles descobrirem o seu segredo, toda mulher da ilha irá ignorá-la, com medo que você vá atrás dos maridos delas também. Onde você estava com a cabeça, para deixar que justamente o padre, entre todas as pessoas desta ilha, visse vocês dois sem roupa?! Divina balançou a cabeça. Não havia nada a dizer.

Continuamos a andar, em silêncio. O sol do fim de tarde incidia sobre nós. O ar estava doce com a fragrância do tomilho, e as abelhas voejavam e zumbiam ao longo do caminho.

Nos separamos no cruzamento e, por um momento, fiquei observando-a se

afastar, a longa saia rodada movendo-se à sua volta. Ela se virou, como se sentisse o meu olhar, e acenou. E então, foi embora.

Divina

As cartas de Hugh são poucas e espaçadas, e tão censuradas que às vezes não sobra quase nada para ler. Às vezes minha vontade é que a reforma ainda não estivesse acabada e que Yorgo e Christo estivessem aqui todos os dias.

O calor atroz do verão matou vários ilhéus, parece que todo dia tem um velório. Dia após dia o sol arde, inclemente, aquecendo implacavelmente a terra, que já estava estorricada. Todo mundo rezava para que chovesse, mas os dias amanheciam quentes e ensolarados, um após o outro.

Para mim, na velha casa na colina, o tempo avançava num ritmo diferente do resto do mundo. Os dias deixaram de ser mensurados pelas estações e pelas colheitas.

As cartas de Hugh, embora esporádicas e censuradas, me davam uma ideia do que estava acontecendo no mundo, e era impossível não sentir medo e apreensão. Até mesmo Christo, normalmente calmo e inabalável, parecia estar preocupado.

Todas as noites ele ia à Piperia e me contava um pouco do que tinha captado; aparentemente, a maior parte da Europa enfrentava problemas.

Ele passava um bom tempo com Kotso e Andros, todos os dias. Às vezes apareciam forasteiros no vilarejo, procurando por ele, e nessas ocasiões ele sumia por um ou dois dias. Ele nunca dava uma explicação, mas eu sabia que eles estavam trabalhando em segredo para se preparar na medida do possível para o caso de a guerra chegar ali, embora ninguém mais parecesse preocupado com isso.

Eu sentia muita falta de ter notícias de casa. A guerra na Europa raramente era mencionada, e eu ficava só, eu e minhas ansiedades. Christo e eu ficávamos juntos sempre que possível.

Tenho certeza de que ele “enforcava” uma ou duas horas quando sabia que era seguro fazer isso. Ele levava meus receios a sério agora, compreendia que sermos descobertos era o meu pior pesadelo. Depois que anoitecia, procurávamos ficar juntos, perto um do outro. O ardor selvagem do início do nosso relacionamento tinha gradualmente se transformado numa paixão mais doce, madura. Christo me ensinou a alegria da ternura.

Eu ansiava por ir à praia outra vez, e pedia a Anthi para ir comigo e com as meninas.

— Podíamos nadar — eu sugeria.

Mas quase todos os dias ela tinha de ir às plantações, preparar-se para o inverno. O marido dela queria que ela mantivesse as oliveiras frescas. Mas com a falta d'água, ela me dizia, isso era praticamente impossível. Às vezes ela aceitava a minha ajuda, mas Manolis deixava mais do que claro que eu não era bem-vinda

quando ele estivesse por perto. Somente quando ele levava a resina para vender em Sitia é que eu podia ir lá.

Olhando para trás, me parece extraordinário que estivéssemos tão despreparados para a guerra que estava para eclodir. A maioria das pessoas ali achava que Creta era o país delas, e que a Grécia era outro lugar. E as atividades no vilarejo já deixavam todos bastante ocupados. Colheita fraca, falta de alimento, escassez de lenha para fogueiras, de tal maneira que, no inverno, as pessoas que tinham sobrevivido ao implacável calor do verão começaram a morrer de frio.

Os pastores de rebanhos foram os que perderam mais. Nas encostas das colinas havia várias mortes em uma noite. Uma inesperada nevasca matou seis, e os corpos ficaram ali, escondidos em valas e formações rochosas, até a primavera.

Isso era algo incomum naquela região até então, aquele tipo de clima tão ao sul. As mulheres passavam quase todas as noites rezando, acreditando que tinham enfurecido Panagia de alguma forma. Eu ajudava tanto quanto podia. Minha casa tinha bastante espaço e lenha sobrando. Tentei convencer Anthi a levar as meninas para a minha casa até a primavera. Ela deu risada.

— Manolis nos poria para correr de lá em cinco minutos, você sabe.

Ou então iria para lá também, com *Papa Yannis* e quem mais quisesse ir.

Ela estava certa, e eu sabia disso.

Christo e Andros estavam agora recrutando abertamente tantos homens quantos pudessem do vilarejo para se juntar a eles. Eles tinham um acampamento improvisado em uma gruta nas colinas, bem lá em cima e, não sei como, Christo tinha conseguido um rádio sem fio. Ele fez mistério sobre a origem do aparelho, e eu não o pressionei para contar. Ele me mostrou, certa noite, todo orgulhoso, mas o aparelho só fazia ruídos parecidos com estalidos. Frustrado, ele socou o aparelho e, de repente, uma música grega alta encheu o interior da gruta. Foi impossível não rir, e Christo segurou minha mão e começou a dançar comigo.

Eu senti uma felicidade que fazia semanas não sentia. Nós giramos e rodopiamos ao ritmo da música, pulando e deslizando, até que caímos no chão, abraçados e sem fôlego. Ficamos ali, exaustos, ofegantes, e de repente estávamos nos beijando apaixonadamente. Tiramos a roupa às pressas e fizemos amor até alcançarmos juntos o clímax, rápida e ruidosamente.

Fazia um bom tempo que não fazíamos amor daquele jeito.

Em geral, nossos momentos juntos eram mais sossegados, mais tranquilos. Sabíamos como dar prazer um ao outro, e Christo tinha me ensinado como fazer nosso prazer mútuo durar o máximo possível.

Ninguém mais ia até a igreja de S. Cosme e S. Damião, no alto do morro. Então Christo sugeriu que a usássemos como o “hospital” que havíamos criado para as aulas de primeiros socorros, para o caso de haver necessidade. Eu não discuti, embora, no meu coração, ainda achasse difícil acreditar que ali, aninhados nas montanhas, seríamos incomodados por invasores.

O que nós tínhamos para oferecer? Inguenuamente, não pensei no alimento e sustento de que um exército precisaria, nem na posse da terra onde, até então, os cretenses viviam com liberdade.

Certo dia, nessa época, fui até a nascente para me juntar às mulheres do vilarejo e lavar minha roupa. Encontrei-as alvoroçadas, agrupadas em volta da esposa de Adonis, Cassandra, que se debulhava em lágrimas. O corpo balofo dela se sacudia de pesar, e sua irmã virou-se para mim para contar a triste história.

Ela tem um filho só, Baco. Um ano atrás, aproximadamente, ele viajou até o outro lado da ilha e se juntou à tripulação de um navio a vapor. Ele daria a volta ao mundo nesse navio, saindo de Port Said.

— Seria uma nova vida para todos eles — a tia do rapaz comentou comigo, as pequenas mãos cruzadas com força. — E agora está tudo acabado.

— Por quê, o que aconteceu? — perguntei, quase com medo de ouvir a resposta.

— O navio deles foi afundado por um submarino italiano — ela contou.

— Todos que estavam a bordo estão desaparecidos.

Panagia mou... — as lágrimas rolaram com abundância pelas faces dela — ...nos ajude! Hugh pode escrever sobre negociações importantes entre governos e poderes estrangeiros, mas é aqui no vilarejo e em outras comunidades pequenas que a dor é sentida. É onde o naufrágio de um navio, a invasão de um território, a carnificina de uma batalha são sentidos como o fim prematuro de uma vida, ou vidas.

Os planos para o futuro desmoronavam, deixando apenas a desolação, a dor de receber a notícia de que um parente está desaparecido, possivelmente morto.

Essa época foi, para mim, quando pensei a respeito mais tarde, o fim do começo, certamente o fim da inocência. As agressões espalhadas pela Europa que iriam invadir e mudar nossas vidas pareceram começar naquele instante. Mais tarde, Anthi diria que haviam começado antes disso para os habitantes de Panagia Sta. Perivolia.

O calor do verão aos poucos se transformou novamente nos dias mais curtos do outono, e com os ricos crepúsculos prestes a dar lugar aos nebulosos poentes do inverno, as notícias não eram alvissareiras. A colheita era escassa, o dinheiro era inexistente, e muitas pessoas, especialmente os idosos e debilitados e os recém-nascidos, não viviam o sufi ciente para ter ao menos a esperança de boas notícias.

No inverno, Panagia ficava fria e deserta. Figuras encasacadas andavam apressadas nas ruas vazias, fustigadas pelo vento, talvez vasculhando nas beiras do caminho por pedaços de madeira. Dentro das casas, as famílias se encolhiam diante de fogos fracos que flamejavam trêmulos e logo se apagavam, e o alívio era o sentimento predominante quando um bebê ou um idoso falecia. Uma boca a menos para alimentar: o luto tinha curta duração.

E então, certo dia, chegou uma carta de Hugh, e dessa vez não contava apenas

sobre o tempo ou sobre os faustos banquetes na embaixada, mas continha uma frase que me surpreendeu, mais que isso, me deixou confusa e preocupada.

Eu tinha acordado me sentindo um pouco indisposta, naquela manhã.

Na noite anterior, Irini tinha me levado uma cumbuca de cozido de coelho.

Estava muito gostoso, e eu comi tudo, junto com um copo do vinho tinto de Yorgo. Provavelmente eu tinha exagerado, e agora estava pagando o preço.

Eu não sabia quando Hugh tinha escrito aquela carta, mas ela foi levada colina acima a partir de Sitia, como de costume, por um rapaz da repartição que governava nossa região em Lasithi.

Poderia ter chegado vários dias antes, ou semanas, ou até meses, e trazia poucas novidades que eu já não soubesse.

Até o último parágrafo.

“Meu amor”, ele tinha escrito, “finalmente posso lhe dizer que talvez estejamos juntos outra vez antes do que pensávamos.

Não posso entrar em detalhes, por medo de interceptação, mas fui encarregado de providenciar o transporte seguro para Creta de uma encomenda importante”

Oh, como eu queria poder falar com ele! Detesto mistérios e coisas insinuadas, ditas pela metade...

Talvez estejamos juntos outra vez antes do que *pensávamos*... Será que isso significava que ele viria para cá, para Creta? Para o vilarejo? Decidi falar com Anthi. Não que ela fosse saber mais do que eu, mas ela é tão sensata que pelo menos eu podia me abrir com ela, compartilhar meus sentimentos, minha confusão.

Determinada, levantei-me depressa, e conforme eu ia até a porta, uma onda de náusea me atacou de novo, e eu cambaleei de volta para o sofá.

Respirei fundo, bem devagar, várias vezes, enquanto relia a carta de Hugh.

Devo ter cochilado, porque quando abri os olhos, percebi, pelo ângulo da claridade do sol, que já era bem mais tarde. Eu estava me sentindo melhor, mais normal, e me levantei, decidida a ir até a casa de Anthi. Quem sabe o ar fresco da primavera clareasse minha mente.

Mas quando comecei a caminhar lá fora, me dei conta de que estava tão fraca que tive de me segurar no galho baixo de uma árvore para me apoiar; respirei fundo de novo, várias vezes, e então me senti um pouco melhor e fui em frente.

Despina está daquele jeito outra vez, muito quieta.

Faz três dias que ela não fala. Eu fico triste com isso, desesperada. Se pelo menos ela me respondesse, eu ficaria um pouco mais tranquila. Mas ela só move a cabeça, fazendo que sim ou que não; e bem de leve. Eu vejo apreensão no rosto dela. Ela fica olhando em volta, como se estivesse com medo de alguma coisa, mas de quê? Oh, minha menina alegre e risonha, onde você está...? Às vezes eu a abraço, digo a ela que a amo, mas ela fica rígida nos meus braços. Um dia desses, ela não respondeu a uma pergunta do pai, e ele lhe deu um tapa na cabeça.

— Você se comporta como um animal, então vai ser tratada com um! — ele esbravejou.

Nesse dia, ele foi a Sitia, levando a resina.

Hoje de manhã eu cuidei do apiário e examinei as patas das cabras, para ver se tinham infecção. Ouvi uma mulher comentar, no córrego, que as cabras estão pegando uma infecção que apodrece os cascos. E se elas não puderem sair para pastar, elas correm o risco de morrer. Dei comida e água para as galinhas e mandei Despina recolher os ovos. O cozido já está borbulhando na panela, e a casa está cheirando a alho e ervas, que eu usei para temperar a carne. Agora preciso ir até a plantação. A pé, claro, para poupar Astrape o máximo possível.

No caminho colina acima, vi alguém caminhando em minha direção e reconheci Divina. Como sempre, comecei a sorrir, mas ela não estava sorrindo, ao contrário, estava bem séria, e nós só trocamos um breve cumprimento e ela começou a andar do meu lado. A palidez dela me preocupou.

— Vou até os campos com você — disse ela, e até Despina quase sorriu.

— O que foi, Divina? Você está branca como um copo de leite. Eu conheço você, você não está bem. O que houve? — Nada.

Enquanto caminhávamos lado a lado, eu pude ver que ela não estava nada bem, com o andar trôpego e instável. Quando chegamos à plantação, eu me sentei numa área gramada e coloquei a cesta de piquenique e o cântaro de água do lado.

Despina se sentou perto da cerca e ficou olhando para o outro lado, de costas para nós.

Divina olhou para ela e depois para mim, com as sobrelhas erguidas em ar de indagação. Eu levei o dedo aos lábios e balancei a cabeça.

Voula se deitou com a cabeça em minha perna e o dedo na boca.

— Me conte qual é o problema — comecei.

— Acho que Hugh vai voltar. Leia esta carta.

Ela me estendeu uma folha de papel amassada, quase toda riscada com tinta

preta. Eu li as poucas palavras que tinham sobrado.

— Você viu, ele não explica direito, mas fala de uma encomenda... O que você acha que pode ser? Eu só posso deduzir que ele quer dizer que está vindo para cá. Eu assenti com a cabeça.

— É possível.

Ficamos sentadas em silêncio por alguns momentos. Eu, de minha parte, pensava “Bem, era de se esperar que isso acontecesse, mais cedo ou mais tarde, não?” — Minha cabeça está confusa e meu coração está dividido.

Desculpe, eu precisava falar com alguém sobre isso e tentar pôr em ordem meus pensamentos e sentimentos. E a única pessoa com quem eu podia falar era você.

— É por isso que você está tão pálida? — Não. O cozido de coelho de Irini não me caiu bem, estou meio esquisita hoje.

Olhei novamente para a carta. Eu não fazia a menor ideia do que aquilo significava, a única coisa que eu sabia era que o marido dela estava para vir.

— E agora, o que eu faço? — Nada, Divina. Você não pode fazer nada, a não ser esperar para ver o que acontece.

Olhei para ela outra vez, com atenção. Ela estava muito abatida. Aquela carta a tinha perturbado mais do que ela gostaria de admitir.

A verdade é que já fazia algum tempo que eu não via aquela Divina que eu conhecia, a mulher que dava risada, cantava, dançava e estava sempre feliz. Sei que aqueles eram tempos difíceis para todos nós. Não que alguém pudesse dizer isso a um simples olhar para os habitantes locais. A atitude deles era dar de ombros e regar o jardim, cuidar da lavoura e tocar a vida adiante.

Meu *Pappous* é que fica meio desesperado com esse alheamento todo.

Bem, Divina estava sentada, os ombros arqueados ao lado de Despina, que, trancada dentro de si mesma, parecia nem notar.

— Você está tão abatida, tem certeza de que não está doente? Ela balançou a cabeça.

— Você está para ficar menstruada? Era uma pergunta íntima, que eu não faria a ninguém mais.

Ela fechou os olhos e ficou imóvel de repente.

— É que eu imaginei que poderia ser isso...

Ela ergueu uma das mãos, me silenciando.

— Que dia é hoje? Em que mês estamos? — perguntou, num tom frio de voz.

— Outubro, começo de outubro, não sei o dia. Estamos no meio da semana, acho. Por quê? Mas no mesmo instante eu compreendi.

Divina estava balançando a cabeça, com expressão de pânico, de medo.

Eu a segurei pelos ombros.

— Por quê, Divina? Diga... Quando você deveria ficar menstruada? — Eu não sei, não lembro... Eu não... — A voz dela estava tão fraca que eu mal podia ouvir.

— É importante, Divina! Você precisa lembrar, *precisa!* Ela virou-se para mim,

e seu rosto parecia esculpido em pedra.

— Eu não menstruo há muito tempo. Achei que fosse emocional, por causa da preocupação com a guerra, com minha casa, Christo, Hugh... Você acha que... Diga-me, o que você acha? Será que a minha indisposição é... é...

O que eu poderia dizer? Aquele não era o momento de ser gentil, nem de reconfortar. Olhando para ela naquele instante, com mais atenção, eu soube, com toda a certeza, que ela estava grávida. Não sei explicar, alguma coisa nos olhos, na pele, nas feições... Algumas pessoas olham para uma mulher e sabem dizer imediatamente que ela está esperando bebê, e eu sou uma dessas pessoas. Dá para perceber, é como se fosse um brilho, muito sutil.

Eu não tinha dúvida nenhuma. Como não notei isso antes? — Diga-me uma coisa... Os seus seios aumentaram? Ela não respondeu, mas, como Despina, assentiu em silêncio.

— Você é enfermeira, certamente já deve ter percebido o que está acontecendo com o seu corpo...

Ela assentiu de novo.

— Tem razão. Claro, só pode ser... Eu estou grávida.

Divina parecia confusa, incerta, mas quando olhou para mim, não havia como imaginar que ela estivesse infeliz. Um sorriso brincava nos cantos de sua boca; a expressão dela era de assombro maravilhado, como se ela tivesse ganhado um presente há muito desejado.

— Você quer ter o bebê ou quer perdê-lo? — perguntei, sem rodeios. — Você não tem tempo para pensar. Está grávida de um trabalhador braçal sem emprego fixo. E seu marido está vindo para cá. O que você vai fazer? Eu estava sendo brutal, porque por um lado eu queria chorar, e por outro, sendo eu amiga dela de verdade, aquele não era um momento para comemorar.

— Eu não sei. O que eu faço? — Como eu posso lhe dizer o que fazer? Esse é um assunto muito sério, e você precisa tomar uma decisão já.

Por um momento, ela parecia estar longe dali, fora do alcance. Eu suspeitei que ela não estivesse escutando uma palavra do que eu dizia. Era como se ela estivesse em outro mundo, um mundo perfeito, sem problemas. Um mundo onde os bebês sorriem o dia todo e dormem a noite inteira, e nunca choram, nem adoecem, nem molham fraldas e lençóis. Um mundo onde vizinhos, amigos e maridos estão sempre de bom humor e nunca fazem perguntas.

Eu bati palmas diante do rosto dela, tão alto e com tanta raiva que até Despina olhou para mim, espantada, e Voula se assustou em seu sono e mudou de posição.

Divina virou-se lentamente para mim e repetiu: — Me diga, o que eu faço? Eu hesitei por um momento e então falei: — Deixe-me pensar um pouco.

Nem eu sabia direito como aconselhá-la. Eu sabia que ela queria muito ter filhos. Ela tinha nascido para ser mãe. Divina é cheia de amor para dar, mas não

naquelas circunstâncias, não naquele momento.

Abri a boca para falar e fiquei subitamente chocada com a expressão no rosto de Divina. Os olhos dela estavam sonhadores, desejosos, esperançosos.

Naquele instante, seria impossível ela sentir qualquer coisa que não fosse enlevo. Eu sabia que quando ela conseguisse raciocinar direito, ela seria capaz de tomar uma decisão, mas não naquele momento.

— Certo — falei. — Vá para casa e descanse. Não pense sobre isso agora. Você não está se sentindo bem. Descanse, durma, e não fale com ninguém sobre isso. Entendeu? Com ninguém.

Ela olhou para mim, com expressão vaga e ligeiramente perplexa.

— Preciso contar a Christo — disse ela, num tom de voz de quem estivesse falando sobre o tempo.

— Não, Christo não! Principalmente não para ele.

O semblante de Divina se anuviou de desapontamento.

— Eu não entendo... Por que não posso contar a ele? — Acho que isso está deixando você um pouco perturbada.

Logo, logo, você vai ter contado ao vilarejo inteiro.

Onde estava a minha admirável, equilibrada e sensata Divina? As minhas próprias emoções estavam em torvelinho, de ansiedade e preocupação por causa dela.

— Prometa, minha amiga, que você vai para casa agora e que vai descansar e não vai falar com ninguém! Ela suspirou.

— Claro, se você faz tanta questão... mas até quando?

— Até eu ir à sua casa, amanhã. Se eu puder, irei ainda hoje. Agora vá, ignore os vizinhos e evite Christo até conversarmos mais tarde. Você combinou alguma coisa com ele para hoje? Ela balançou a cabeça.

— Esses dias não estamos podendo fazer planos. Nunca sabemos quando vão chamá-lo para alguma coisa.

— Ótimo. Mas, jure, se por acaso vocês se encontrarem, não toque no assunto, está bem? Ela não disse nada.

— Jure, Divina! Ela suspirou de novo.

— Está bem, se você acha que é tão importante assim, eu juro que não falo com ninguém. Satisfeita? Era evidente que ela estava ficando irritada com aquela minha insistência e levantou-se para ir embora. Eu a abracei com força.

— Eu adoro você, minha amiga, confie em mim. Hoje à noite, ou amanhã cedo, eu irei à sua casa, e então conversaremos com calma.

Finalmente, ela sorriu. Chamei minhas meninas e me despedi de Divina, para então seguirmos em direções opostas. A colheita teria de esperar até o dia seguinte. Não havia a menor sombra de dúvida em minha mente do que tinha de ser feito. Ela não podia ter aquele bebê. Mas isso, por si só, não era argumento para convencê-la disso. Divina era jovem, saudável, e geraria uma criança

igualmente saudável e forte, a menos que eu a ajudasse.

Estremeci ao pensar no que eu teria de fazer.

Levei as meninas para *pappous* e *yaya*. Eles ficariam tão felizes em vê-las! *Yaya* estava preocupada com o silêncio de Despina, e enquanto eu a ajudava a lavar as verduras para a salada, ela me perguntou a respeito.

— Não sei o que dizer. É a terceira ou quarta vez que ela fica desse jeito, e não fala com ninguém.

— Pobrezinha — murmurou *yaya*. — É como se ela tivesse um... sei lá, uma coisa dentro dela, que lhe rouba a voz. Ouvi falar de um caso parecido, em Agropoulos.

Agropoulos é um vilarejo que fica lá em cima, nas montanhas, geralmente envolto em neblina, de tão alto que é. Eu nunca fui lá e não conheço ninguém que more lá.

— Foi um operário que ia passando perto do córrego, um dia, que nos contou. Deve ter sido há uns trinta anos, ou mais.

Ele disse que o padre foi lá e exorcizou a criança, expulsou o demônio que estava dentro dela.

— E o que aconteceu? Ela voltou a falar? — Voltou. Eu me lembro bem da história, porque aconteceu com todas as meninas do vilarejo, uma depois da outra.

— Só com as meninas? — Sim. Isso que foi estranho. Há poucas famílias em Agropoulos, tem somente dezenove ou vinte habitantes lá, e em cada família aconteceu de ter pelo menos uma garota com esse problema.

— O padre deve ter tido bastante trabalho, então — falei.

Yaya sorriu e deu de ombros, enquanto lavava o pouquinho de louça que estava na pia.

— Para eles nunca falta trabalho... Perdão, *Panagia mou!* — Ela fez o sinal da cruz três vezes. — Não é bonito falar uma coisa dessas, mas a verdade é que os padres são os últimos a passar necessidade em tempos difíceis.

Eu notei que *Pappous* estava mais quieto que de costume, e perguntei a ele por quê.

— As notícias que escutei no rádio ontem à noite na Piperia são preocupantes, Anthi. Um combate na Albânia está chegando cada vez mais perto da Grécia. Ontem, um porto muito próximo da fronteira foi bombardeado, e os italianos estão dizendo que foi obra dos ingleses ou dos gregos.

— Existe perigo para nós, *Pappous*?

— Claro que sim, filha. Não aqui em Creta, por enquanto, mas eles disseram que os italianos estão avançando bem agressivamente, e esse tipo de coisa é o pretexto que eles precisam para atacar a Grécia.

— Mas como eles podem provar? *Pappous* riu.

— Você acha que eles precisam de provas? Se eles decidirem que os gregos

precisam aprender uma lição, *POU!* Lá vêm eles, com todas as armas, e pronto. — Chega, chega — interrompeu *yaya*. — As crianças estão aqui conosco, uma rara alegria para nós, e você estraga tudo com essa conversa sobre guerra! — As meninas podem ficar aqui um pouquinho agora à tarde? — perguntei.

— Claro que sim, minha filha. Despina pode me ajudar com a costura enquanto Voula dorme.

Despina se animou visivelmente com a ideia de costurar com a avó, e minutos depois elas estavam juntas na varanda, com *Pappous* na cadeira de balanço fumando seu cachimbo e Voula aninhada no colo, com o dedo na boca.

Eu tinha de ficar sozinha para fazer o que eu precisava para Divina.

Primeiro fui para casa e peguei *Astrape*, que também pareceu se animar com a perspectiva de sair um pouco só comigo.

Devagar, tomamos o caminho que levava para fora do vilarejo e colina acima. Passamos por um trecho de vegetação queimada pelos recentes incêndios. As oliveiras estavam desfolhadas, e as plantações onde normalmente cresciam trigo e milho estavam vazias, desertas, com somente umas poucas sementes espalhadas na terra seca. Nas encostas das colinas, ovelhas magras procuravam qualquer galhinho de capim que pudessem encontrar.

Eu parei quando uma delas tombou no chão, estremeceu debilmente por alguns segundos e, penso eu, morreu enquanto eu olhava. Não haveria muita carne para se aproveitar dali.

Acima, no céu, dois abutres que estavam sobrevoando a área mergulharam para baixo no mesmo instante, imediatamente seguidos por outros, e eu sabia que, quando passasse por ali mais tarde, voltando, restariam apenas alguns ossos do pobre animal.

Levei meia hora, sob o sol cáldo de outono, para chegar ao grupo de choupanas que eu estava procurando. O pequeno agrupamento de casebres na curva do caminho que serpenteava pela colina mostrava poucos sinais de vida, a princípio, mas depois que eu parei e esperei um momento, uma criança... um menino... saiu correndo de uma passagem sem porta e, com o polegar na boca, ficou olhando para mim. Por alguns segundos eu também fiquei olhando para ele. Ele não era bonito, coitadinho, estava carequinha e com a cabeça cheia de feridas. O rosto dele estava coberto por pústulas, algumas já em fase de cicatrização...

Variola.

— *Kyria Glykeria* está? Ele não respondeu, apenas continuou olhando para mim.

— A filha dela é Tassia, você conhece? Achei que o garoto fosse continuar a me fitar, mudo, pelo tempo que eu ficasse ali, mas então ele assentiu com a cabeça e apontou para a mais próxima das choupanas dilapidadas e caindo aos pedaços.

Eu desci do lombo de *Astrape*. Ele estava tão exausto que não havia necessidade de amarrá-lo, porque ele não iria a lugar algum. Então, apenas o deixei ali e, com o garoto olhando fixamente para mim, me encaminhei para a porta da casa

da parteira.

Ela se abriu antes que eu batesse, e quem quer que a tivesse aberto se afastou para trás, como que para me dar passagem.

A primeira coisa que me chamou a atenção foi o cheiro. Um odor rançoso, espesso, de mofo brigava com um aroma rico e doce de compota no fogo.

— O que você quer? Logo percebi que Glykeria não estava a fim de perder tempo com preâmbulos. Eu já ia explicar do que se tratava quando um gritinho soou lá dentro, e ela pegou meu braço e me puxou para que eu entrasse no aposento mergulhado na penumbra.

Não havia janelas ali, nenhuma abertura por onde a claridade e o calor do sol pudessem entrar, e a vela fina que tremeluziu com a brisa que tinha passado pela porta aberta oferecia pouca luz.

— O que você quer? — repetiu ela, enquanto se sentava ao lado de uma figura envolta nas sombras, junto ao fogo fraco da lareira.

Era dali que tinha vindo o grito, e conforme eu olhava, a filha de Glykeria, Tassia, ergueu uma trouxinha enrolada em trapos. Ela a balançou e disse, com um sorriso: — Nenê, nenê.

— Por que você veio aqui? — Glykeria insistiu, e antes que eu pudesse responder, levantou-se do banquinho onde havia se sentado e espetou minha barriga com um dedo.

— Não tem nada na sua barriga. Nenhum monstinho para sua mãe enterrar num cemitério abandonado.

Fechei os olhos, com a lembrança de meu único filho, e empurrei a mão dela, afastando-a do meu corpo.

— É para uma amiga que vim buscar ajuda.

— Por que ela mesma não veio? Orgulhosa demais? Ou esnobe? — Não, não... Ela mora perto de Sitia. É... um pouco longe para ela.

Kyria Glykeria não é a única parteira do vilarejo, mas eu me lembrava de Aphrodite me contar que ela também preparava poções de ervas para fazer descer a menstruação.

— O que você me dá em troca? Minha mente começou a funcionar de maneira frenética. O que eu poderia dar àquela bruxa? Algum tipo de alimento, com certeza era o que ela iria preferir.

Como se tivesse lido meu pensamento, ela disse: — Você tem uma porção de carneiros e ovelhas, que eu sei.

Todo mundo sabe.

Se eu surrupiasse uma das ovelhas, Manolis perceberia imediatamente, e seria o fim do nosso casamento. Não que eu me importasse, mas é que muito provavelmente seria o fim da minha vida também.

— Eu lhe dou um cabrito — falei.

Eu não tinha a menor ideia, naquele momento, de como conseguiria fazer isso,

mas seria uma perda menos óbvia do que uma das preciosas Ovelhas de Manolis. — *Ne!* — ela assentiu, satisfeita, e nesse instante eu refleti que deveria ter barganhado mais.

Deveria ter oferecido mel, ou ovos, se bem que eu duvido que ela teria aceitado menos do que algo bem substancioso, como refeições garantidas para pelo menos duas semanas.

Com a promessa, agora, de carne fresca e de qualidade, ela se levantou com surpreendente rapidez e espontaneidade e pegou uma panela enferrujada que estava emborcada na borda da lareira. Ela pigarreou e cuspiu na superfície da panela, e em seguida esfregou-a com a manga. Em seguida ela cuspiu do lado de dentro e esfregou com a barra da saia.

Eu senti um arrepio e torci para que ela não percebesse como eu estava com nojo.

Kyria Glykeria começou a resmungar algumas palavras, mais para ela própria do que para mim, pelo menos foi o que me pareceu.

— Angélica, poejo, raiz de algodão...

Conforme falava, ela ia puxando as ervas secas, penduradas em feixes acima da lareira. Todas foram para dentro da panela. Então ela tirou do bolso uma faca de aparência ameaçadora, segurou o braço de Tassia e, sem vacilar, fez um pequeno talho perto do pulso. O corte começou a sangrar na hora, e ignorando o choro alto da menina, Glykeria segurou o braço dela acima da panela para que o sangue pingasse lá dentro.

Quando ergueu os olhos e viu minha expressão de puro horror, ela explicou: — Sangue de virgem.

Ela pegou outros galhos desidratados e folhas esmigalhadas e colocou dentro da panela também.

— Pare de choramingar — disse ela para Tassia, que continuava chorando e segurando o braço — e vá buscar um pouco de primula e erva-de-são-marcos para mim.

Tassia olhou para ela sem expressão.

— Ande, garota, vá! — Glykeria elevou a voz, rispida. — E cuidado com a erva-de-são-marcos, você sabe que é perigoso! A garota correu porta afora, os ombinhos arqueados dando-lhe o aspecto de uma mulher de idade, coitadinha.

— E você, está esperando o quê? — Glykeria me perguntou.

— Você não vai levar nada enquanto não pagar.

Eu acenei com a cabeça, olhando para a panela.

— Quando vai ficar pronto? — Em uma hora, duas no máximo, e deve ser ingerido logo.

Então é bom você me trazer o cabrito rápido.

Eu saí na mesma hora. O garotinho continuava lá fora, ao lado de Astrape. Eu o vi acariciando gentilmente o focinho do cavalo e falando baixinho com ele.

Astrape relinchou, contente, e eu sorri para o garoto.

— Ele gosta de você — eu disse, e o rostinho triste e todo marcado se iluminou.

— A senhora é sortuda — ele falou e então se afastou.

Cerca de uma hora depois, eu estava de volta. O sol estava começando a se pôr. Com Manolis ausente, foi mais fácil do que eu tinha imaginado pegar um dos cabritos, amarrá-lo numa corda e puxá-lo atrás de mim.

Astrape é que não estava disposto a andar depressa.

O garoto estava lá, à minha espera, com Tassia ao lado dele, segurando sua trouxinha.

— Nenê, nenê — ela disse outra vez, e o menino riu.

Glykeria apareceu na soleira da porta, segurando um pequeno saco de juta. Ela parecia mais limpa do que antes, como se tivesse tomado banho e se arrumado melhor, mais como a parteira que tinha me ajudado a ter meus filhos.

Mesmo assim, fiquei aliviada por não ter de entrar naquela casa nauseabunda.

Ela tirou a corda do cabrito da minha mão e passou os dedos nodosos no pelo macio do animal.

— Hum — murmurou, examinando as unhas dele. — Estão limpas.

Ela me entregou o saco. Pelo formato e peso, percebi que continha uma garrafa.

— Sua amiga precisa beber isto ainda esta noite, antes que o dia amanheça.

Vai amadurecer o útero e ela vai expelir qualquer coisa que esteja lá dentro.

Glykeria se virou e arrastou o cabrito para dentro daquela cozinha imunda. Conduzindo Astrape para voltar, acenei para as crianças e saí em direção às colinas, deixando uma nuvem de poeira para trás.

Cada passo de Astrape parecia interminável, à medida que avançávamos contra o céu que escurecia. Por fim eu desmontei e caminhei ao lado dele. Uma brisa fresca soprava no ar do anoitecer. Outubro é um mês adorável, ainda com um resquício do verão, porém com um friozinho que às vezes nos pega de surpresa.

Meus pés estavam cansados e doloridos de andar naqueles caminhos acidentados com meus sapatos gastos. Eu deveria ter calçado os tamancos de Manolis; as solas de madeira protegeriam mais os meus pés.

Eu tinha a impressão de que haviam se passado horas, mas a estreita faixa dourada no horizonte indicava que fazia apenas cerca de quarenta minutos desde que eu tinha saído do quintal de *kyria* Glykeria.

Então, finalmente, avistei o feixe de fumaça da chaminé da casa de *Yaya*.

Ela estava parada na porta, com Despina e com Voula agarrada às suas pernas. Voula bateu palmas e riu ao me ver, mas a expressão de Despina continuava vazia e impassível, como antes.

— Espero que elas não tenham dado trabalho, *Yaya*...

Ela balançou a cabeça.

— De jeito nenhum — murmurou, virando-se para entrar junto comigo.

Então baixou a voz. — Mas Despina não disse uma palavra.

Eu tentei, mas... — ela deu de ombros — ...nada.

Sobre a mesa, como se esperasse pela minha chegada, estava uma travessa fumegante de *pastitsio*. Minha boca se encheu de água quando senti o aroma rico do prato, só então me dando conta de que eu não tinha comido nada além de café e algumas fatias de pão torrado de manhã cedo.

— Vocês vão comer conosco, não vão, antes de ir embora? — perguntou *Yaya*, olhando para mim.

Eu e as meninas nos sentamos à mesa e esperamos enquanto *Yaya* pegava uma colher para servir.

— Onde está *Pappous*? — Os amigos passaram aqui, chamando-o para ir ao *kafenion*. Você precisa comer... Posso ver que está com fome. Eu comerei com ele mais tarde. — Ele foi jogar cartas?

— Não, não. — Ela balançou a cabeça e ficou séria. — Tempos preocupantes — murmurou, cortando o *pastitsio* e colocando nos pratos à minha frente.

O aroma de alho se elevou no ar, e por um momento fugidio os olhos de *Despina* cintilaram.

Estávamos raspando nossos pratos com pão, comendo até a última migalha, quando *Pappous* chegou. Os passos dele eram pesados, e não havia nem a sombra de um sorriso em seu rosto.

Nem mesmo para *Voula*, que bateu palmas ao vê-lo.

Ele parou no meio da sala, em silêncio.

— Aqui... — começou, devagar — ...aqui está tudo o que eu tenho de bom e precioso na vida.

O estado de espírito dele era transparente. As coisas não deviam estar nada boas.

— Os italianos invadiram nosso país.

A esperta *Yaya* já tinha servido um copo de *raki*, e ele bebeu de um só gole, estendendo em seguida o copo para um pouco mais.

— Hoje cedo, parece, eles cruzaram a fronteira. O Exército foi mobilizado... o que restou dele. Estamos em guerra.

Ele afundou na poltrona perto da lareira acesa e sentou *Voula* em suas pernas.

— É evidente que vamos resistir. Já há relatos de baixas no extremo norte.

Yaya se benzeu três vezes, e eu me lembrei de que a irmã dela era casada com um comerciante do norte de Atenas.

Apressei-me a fazer o sinal da cruz também e me levantei.

Através da porta aberta, vi que o céu tinha escurecido, e me preparei para ir embora. Eles não tentaram me deter, o pensamento dos dois estava em outros assuntos naquela noite.

Acho que eu estava imaginando que o mundo teria ficado diferente, de alguma forma, com aquela notícia, mas lá fora tudo continuava do mesmo jeito. O céu estava mais escuro, obviamente, mas a noite estava clara, sem nenhuma nuvem encobrindo a lua.

O caminho era pedregoso e meus pés ainda doíam. Lá em cima no céu, um falcão guinchou. E eu sabia que lá em baixo o mar resplandecia, embora não pudesse vê-lo do ponto onde me encontrava; conforme passávamos pelo caminho, avistei a casa de Divina a distância e divisei a silhueta dela iluminada pela luz da varanda.

Voula acenou e chamou: — Vina, Vina! Mas Divina estava perdida em seus pensamentos e não escutou. Estávamos quase chegando à varanda quando ela finalmente percebeu que estávamos lá e levantou-se para vir nos receber.

Deixei as meninas correr na frente e fiquei observando as perninhas trôpegas de Voula ao lado das pernas magras e lentas da irmã.

Olhei para minha amiga e, por um momento, a enxerguei como da primeira vez; aquela garota alegre deitada tão desajeitadamente no chão. Os meses e anos haviam lhe feito bem, apenas arredondando e suavizando as extremidades: a garota era agora uma mulher. Seu sorriso era largo e caloroso, enquanto ela se abaixava e pegava Voula nos braços para em seguida suspendê-la e balançá-la no ar.

Um calafrio que não tinha nada a ver com a brisa fresca me atravessou.

Como eu iria convencer aquela mulher cheia de amor para dar a não acolher a maternidade?

Divina

Eu tinha passado a maior parte do dia sentada, imaginando o bebê crescendo em meu ventre, sentindo meus seios maiores, mais pesados.

Minha mente estava entorpecida, ao contrário do meu corpo, que parecia vibrar. Eu sei que preciso avaliar todas as alternativas, todos os problemas, mas achei que tinha o direito de passar um dia, só um dia, me embevecendo com a sensação de ter um bebê crescendo dentro de mim.

Meu bebê, meu filho.

Eu não tinha confessado a Anthi, mas eu sabia que Christo viria aqui hoje; ele prometeu. Fiquei o tempo todo de olho no relógio. Em momentos como este, eu queria que ele andasse mais devagar.

Nove horas. Nove e cinco. Nove e vinte... Por fim, escutei as passadas suaves. Entrei da varanda afobada, com o coração disparado. Então obriguei-me a ir devagar, com calma, e sorrir docemente.

— Posso entrar? — ele perguntou da porta. — Desculpe-me pelo atraso.

No segundo seguinte, eu estava nos braços dele, e o tempo parou.

Parou, como sempre acontece quando estamos juntos.

A tentação de contar a ele a novidade era quase insuportável, mas na verdade ele tinha ido até lá só para me contar o que estava acontecendo na Grécia, ele não tinha tempo para namorar naquela noite.

— Já preciso ir — ele avisou. — Kotso e Andros estão me esperando na casa dos Kanavakis. Estamos tentando despertar o interesse dos aldeões para o que está acontecendo hoje.

— Conte-me! — pedi.

— Os italianos declararam guerra à Grécia. Estão usando todos os pretextos possíveis, mas o fato é que é isso que eles queriam fazer havia muito tempo. A invasão da Albânia deveria ter servido de aviso para nós do que estava por vir. Já há combates sendo travados ao norte. Supostamente eles se revoltaram com a decisão de Metaxas de permitir que os ingleses construam bases militares em Tessália, e há rumores ridículos a respeito de um espião grego ter sido capturado. Se eles estiverem mesmo determinados... e parece que estão... e o exército deles avançar as fronteiras gregas, como fizeram, o que mais falta acontecer? Era raro ver Christo tão exaltado, tão zangado. Eu tinha me levantado depressa quando ele chegou, mas uma súbita e breve tontura me fez sentar outra vez. Ele nem notou. Ficava andando de um lado para o outro, seus passos ecoando no piso. Estendi a mão para que ele se sentasse a meu lado, mas ele me ignorou, distraído, e continuou andando para lá e para cá.

— Ouvi à boca-miúda que o Exército grego está bastante desfalcado na Albânia. Os únicos soldados são os reservistas dos vilarejos do Norte. Pelo que fiquei

sabendo, deve ter uns cento e poucos homens só, e a maioria tem mais de setenta anos.

— Há alguma coisa que possamos fazer? — Nada. No momento estamos de mãos atadas, não podemos fazer nada a não ser esperar para ver o que acontece. Não há nenhuma razão para que Creta seja atacada, por enquanto. Mesmo assim, acho que devemos ficar em estado de alerta, preparados para ajudar da maneira como pudermos. — Ele deu uma risada amarga. — Você devia ter visto os homens na Piperia... Eles desligaram o rádio porque o noticiário os estava distraíndo do jogo! Foi meu tio Yorgo quem disse que as notícias não interessavam! O velho Stephanos Karanakis era o único que queria escutar, e mal conseguiu convencer Petros e Vilaridis a levar as notícias a sério.

Ele segurou meu rosto entre as mãos em concha; apesar de ásperas e calejadas do trabalho, o toque delas era como seda na minha pele, mas eu as afastei.

— Alguém pode no ver aqui na varanda.

Christo suspirou e recuou. Eu já ia contar sobre a carta de Hugh, pois era um meio de pelo menos dividir alguma novidade com ele, mas ele já se encaminhava para os degraus da varanda, sem parar de falar.

— Você entende a minha ansiedade, não? — Claro que entendo. Todos precisamos estar cientes do que está acontecendo, você tem razão.

E então, com um aceno, ele se foi.

Bem, a Grécia está em guerra. Quanto tempo será que isso vai durar? O que vai acontecer agora? O povo daqui pode se preocupar somente com o vilarejo de Panagia, suas plantações e rebanhos, mas eu fui criada na Inglaterra, eu era criança quando meu país estava em guerra, sempre com medo de receber a notícia de que alguém que eu conhecia tivesse morrido, um vizinho, parente ou amigo morto em combate.

Para mim, estas três palavras eram as mais abomináveis, as mais temidas de todas. Eu me agarrava às saias de minha mãe quando ela parava na rua para falar com alguém em prantos.

Minha irmã e eu comentávamos baixinho uma com a outra: — Morto em combate. Ele foi morto em combate. — E balançávamos a cabeça, pesarosas.

No começo era como um jogo, ao qual dávamos o nome de “combate”.

Achávamos que era algum lugar perigoso, “Combate”, um lugar nos arrabaldes de Londres aonde os homens iam e morriam. Às vezes havia uma variação, e eles eram dados por “desaparecidos”. Na minha imaginação, era uma floresta densa e escura, com árvores gigantescas e retorcidas, cobras e lagartos enormes que atacavam e devoravam quem fosse incauto a ponto de entrar lá.

Certa vez minha irmã perguntou à minha mãe por que aqueles homens iam lá se já sabiam que iam morrer, e ela deu a resposta de sempre: — Não faça tantas perguntas. Esse assunto não é para crianças.

Não me lembro de quando foi que compreendi o que aquilo tudo significava, a

enormidade da tragédia que as famílias sofriam com a perda de um ente querido. Mas sei que não demorei a compreender a futilidade da guerra. Eu me condoía por aqueles rapazes que perdiam a vida ou que sobreviviam com um membro amputado ou outras mutilações.

Na enfermaria, mesmo muito tempo depois, quando a guerra já tinha acabado e tínhamos esperança de que nunca mais houvesse outra, ainda víamos muitos deles pelejando para ter uma vida normal, embora sem visão, ou audição, ou pior, horivelmente deformados por queimaduras que gotejavam e às vezes se grudavam nos pijamas, que tinham de ser trocados várias vezes por dia. E o que alguém ganhou com isso? Eu nunca entendi. Ruas todas enfeitadas com fitas prateadas, bandeiras e balões, e gritos e aplausos, e palavras como “herói”, “coragem” e não sei mais o quê, e então começa uma guerra em alguma outra parte do mundo, mas já não tem tanta importância, porque não são ingleses que estão perdendo a vida.

E agora, Panagia é o meu lar, e a Grécia é o meu país, e a Grécia está em guerra. E eu sinto a tristeza aguda de uma perda que ainda não sofri.

Eu estava perdida nesses pensamentos, sentada em uma cadeira de balanço, quando percebi que a temperatura tinha caído bastante e que eu estava com os braços arrepiados de frio.

— Vina, Vina!

Voula estava subindo os degraus correndo em minha direção. Fiquei tão feliz em vê-la! Como qualquer criança, ela irradiava inocência, pureza e amor.

Eu estendi uma das mãos para abraçá-la e a outra para a irmã dela. Despina segurou minha mão, mas o aperto dela era frouxo, e ela virou o rosto.

— Vamos tomar um café? — sugeriu Anthi, se aproximando.

— Pode ser chá de manjerona? — Claro, a casa é sua, você escolhe o que prefere tomar.

Nós entramos todas; Anthi encheu uma chaleira com água e colocou sobre as brasas, que ela reacendeu com o fole. Logo as chamas rodearam a base da panela, e Anthi esfregou as mãos perto delas para se aquecer.

— Vou acompanhar você no chá, eu acho — disse ela —, mas por que você não quer café? Você quase nunca bebe o chá daqui, diz que tem gosto de ninho de pássaro guisado.

— Não me apetece café. Faz uma semana, mais ou menos, que só o cheiro do café me dá enjoo.

Anthi virou-se, enquanto falava: — Você sabe por quê, não sabe? Claro que eu sabia! Eu tinha vontade de sorrir só de pensar no bebê dentro de mim, rejeitando café e sinalizando para mim que preferia chá.

Despina já tinha atravessado a sala e estava perto do velho lagar, abrindo retalhos coloridos de veludo e seda que eu guardava para ela. A avó dela a ensinou a costurar, e ela alinhavava esses pequenos retalhos uns aos outros até obter uma

extensão útil de pano. Antes de ter aquela crise de silêncio, ela me contou, em segredo, que estava fazendo uma blusa para a mãe, “como a sua, ela adora as roupas coloridas que você usa. É surpresa, vou dar de presente no dia do nome dela”. Mas o dia do nome de Anthi chegou e passou, e a blusa não ficou pronta, e a menina continuava emudecida.

Voula foi para perto da irmã e começou a abrir e esticar com todo o cuidado os pedaços de pano, alisando-os e separando-os por cor. Anthi e eu nos sentamos no lado oposto da sala, bebericando o chá quente. O gosto estava amargo, e eu adocei o meu com mel.

— Você soube das notícias? — perguntei.

— Você quer dizer sobre a invasão italiana? — Sim, o que mais poderia ser? — Estamos voltando da casa dos meus avós e meu *pappous* me contou. Será que é verdade? — Tenho certeza que é, sim.

— Como você sabe? — Ela me olhou de um jeito estranho, com as sobrancelhas arqueadas. — Ah, não, não me diga que Christo esteve aqui! — exclamou, em tom desaprovador. — Diga que você não contou sobre... sobre...

Eu a interrompi.

— Claro que não contei sobre o bebê.

— Shh, fale baixo, não deixe as meninas ouvir...

— Desculpe — murmurei, cobrindo a boca.

— Eu avisei você, ninguém pode saber, ninguém! — Mas... se você percebeu só de olhar para mim, será que as outras pessoas também não vão perceber? — Não creio que olhem para você com a mesma atenção que eu — respondeu ela, enrubescendo e desviando o olhar. — Nem que se preocupem como eu.

Estendi a mão e segurei a dela. Parece a mão de Christo, grossa e nodosa do trabalho. A palma é calejada, mas é uma mão que eu respeito, um lembrete de como nossas vidas são diferentes. Mesmo quando eu trabalhava na reforma, ajudando os rapazes, todas as noites eu passava algum creme ou óleo nas mãos. Os cremes perfumados que eu trouxe de Atenas já tinham acabado fazia tempo, mas eu tinha inventado uma mistura de pétalas de flores e óleo de oliva, e algumas gotas desse preparado à noite hidratava e suavizava minhas mãos.

Eu tentei, em diversas ocasiões, convencer Anthi a fazer a mesma coisa, mas ela dava risada.

— Se eu tivesse um homem para abraçar na cama, talvez eu usasse — ela dizia.

— Mas enquanto não tenho, não vou perder tempo com isso, obrigada, Divina.

Ela observou as filhas por um momento e depois tirou de baixo da saia um saco de juta e me entregou.

— Tome isto — disse ela.

Eu segurei o saco, sem entender.

— Você precisa beber isso ainda esta noite, antes de dormir.

— O que é isto? — Abri o saco e peguei o frasco que ele continha.

Estava quase cheio de um líquido marrom-esverdeado. Tirei a rolha, cheirei e afastei a garrafa com o nariz franzido. — Que cheiro horrível! Está querendo me envenenar? — Vai lhe fazer bem — foi tudo o que ela disse.

De repente, uma suspeita me ocorreu.

— Vai me fazer bem para quê? Anthi suspirou.

— Ora, não faça perguntas, apenas deixe-me ajudá-la.

— É um purgante, não é? Já ouvi falar de coisas como esta.

— As mulheres aqui tomam isso quando a menstruação está atrasada.

— Minha menstruação não está “atrasada”. Ela está suspensa por alguns meses, você sabe disso... e sabe por quê.

— Não, eu não sei de nada.

O rosto de Anthi estava contraído; ela piscava muito e não conseguia me encarar. Devolvi a garrafa a ela.

— Leve isso embora, eu não vou beber. Não sei onde você arrumou isso, mas se você pagou, me diga quanto foi que lhe darei o dinheiro. Sei o que é esse negócio, e sei para que serve, e não quero isso nem perto de mim.

Anthi sabia que eu estava zangada. Olhei de esguelha para as meninas, mas elas estavam distraídas com os retalhos coloridos, alheias ao clima tenso do outro lado da sala.

— Eu sei que...

Eu sabia que ela ia insistir. Anthi gostava de mim, assim como eu gostava dela. Eu sabia que ela estava fazendo aquilo porque se preocupava comigo.

— Por favor, deixe-me ajudar você, Divina. Parece que você ainda não tomou consciência do tamanho do problema em que se meteu. — Ela estendeu o frasco de novo para mim. — Muitas mulheres usam esta poção aqui no vilarejo. Não é perigoso, não é veneno, apenas ajuda a solucionar alguns probleminhas.

Eu me reclinei no sofá. Eu precisava fazê-la entender.

— Isto não é um “probleminha”, como você está dizendo, minha amiga querida. Alisei o meu ventre. — Este é o meu *bebê*.

Meu e de Cristo.

— E como você vai contar às pessoas? Acha que vão acreditar que você ficou grávida por obra do Espírito Santo? — Anthi estava praticamente ajoelhada à minha frente a essa altura, e fez o sinal da cruz três vezes. — Todo mundo sabe que isso só poderia acontecer uma vez na história do mundo. Vão adorar ter uma boa fofoca para espalhar, e obviamente vão começar a especular quem é o pai. E é claro que vão suspeitar de Cristo, e provavelmente de Yorgo Babyottis.

Meu rosto deve ter expressado horror e incredulidade quando ela disse isso.

— Ah, sim, pode acreditar! Yorgo passou meses vindo aqui, passou horas e horas sozinho com você nesta casa. Na melhor das hipóteses, vão investigar para descobrir algum marido desgarrado que tenha passado várias noites bebendo até tarde no *kafenion*. Qual você acha que vai ser a reação do nosso amigo *papa*

Yannis? Nadar nua não é nada em comparação a uma gravidez ilegítima.

— Oh, pare, por favor, pare! — implorei chorando, sentindo o coração bater acelerado.

Anthi estava com o rosto vermelho e a respiração ofegante pelo nervosismo.

— Oh, *Panagia mou*, como posso fazer você entender? — Minha querida amiga, eu entendo o que você está me dizendo. Eu concordo que, de certo modo, você tem razão, mas essa é uma decisão que *eu* tenho de tomar, compreende? Eu estou feliz com a ideia de ter um bebê crescendo no meu corpo, eu sonhei tanto com isso, achando que nunca seria mãe. Desde que me casei com Hugh, sinto inveja toda vez que vejo uma mulher grávida. Eu olho para Voula e para Despina e gostaria que elas fossem minhas, não me leve a mal, o que estou dizendo é que eu gostaria de ter duas filhas lindas e meigas iguais a elas, anseio por sentir esse amor, esse amor especial que eu sei que você sente por elas.

Um grito soou de repente do outro lado da sala, e Voula correu para nós, soluçando. Ela segurava um pedaço de seda verde-esmeralda na mãozinha fechada e gritava: — É meu, é meu! Anthi se levantou e abriu os braços, consolando a filha.

Despina bateu com o pé no chão, apoiou as mãos nos quadris e olhou brava para nós.

Quase dava para ver a raiva que ela estava sentindo.

— Preciso levá-las para casa, elas estão exaustas. Tome isto. — Ela me entregou a garrafa de novo. — Você tem razão, claro, a decisão é sua... mas como sua amiga, sinto que tenho o dever de ajudar você a tomar a decisão certa.

Segurei a garrafa com a ponta dos dedos, como se ela pudesse me queimar. Com a outra mão, sequei uma lágrima.

— Obrigada. Eu entendo tudo o que você está dizendo, mas deixe-me pensar. Talvez amanhã...

Mas ela já estava saindo, com as meninas penduradas em sua saia.

— Amanhã será tarde demais — avisou, sem olhar para trás. — O remédio tem validade curta. Se demorar muito para tomar, não fará efeito. Você precisa se decidir logo.

— Por favor, não vá embora desse jeito. Eu preciso que você seja minha amiga.

— Eu sou sua amiga. Sempre serei sua amiga, aconteça o que acontecer. Mas não estrague sua vida por causa de um momento de irresponsabilidade.

O rosto de Anthi estava iluminado pelo luar, e eu vi o brilho das lágrimas nos olhos dela. E, no instante seguinte, ela virou-se e partiu.

Passei horas sentada na varanda, sozinha. Já não estava ventando, e o firmamento estava limpo, o ar tépido. As mariposas revoavam em volta da lâmpada no teto, e um pássaro noturno piou, solitário. Uma fileira de formigas se locomovia para um lado e para outro, entrando e saindo de uma fenda na parede. Eu sabia que elas logo encontrariam o caminho para a cozinha e se refestelariam

com o pote de mel que estava sobre a bancada.

Mas não me importei. Eu tinha coisas mais importantes em que pensar naquela noite.

Coloquei a garrafa que Anthi tinha me trazido no degrau superior da varanda e fiquei ali sentada, olhando para ela. É claro que eu estava assustada. Quando eu fazia estágio como enfermeira, vi muitas mulheres, algumas bem novas, praticamente meninas, desesperadas para interromper uma gravidez indesejada, tentando de todas as maneiras provocar um aborto. Os resultados eram sempre desastrosos; algumas tentavam com uma garrafa de gim e banhos quentes; outras tomavam comprimidos ou poções manipuladas por boticários inescrupulosos, mais do que dispostos a explorar uma moça em apuros; algumas introduziam gravetos de madeira ou agulhas de tricô dentro de si mesmas. Às vezes elas conseguiam sangrar, mas sempre com muita dor, e acabavam abortando, mais cedo ou... pior ainda... mais tarde.

No entanto, por mais medo que eu sentisse, eu sabia que Anthi estava certa. Levar aquela gravidez adiante seria loucura.

Para começar, eu teria de ir embora do vilarejo, disse eu não tinha a menor dúvida. E para onde eu iria? Com a Grécia em guerra, em que condições eu iria viver, uma moça inglesa grávida, habituada ao conforto e às coisas boas da vida? E se, por algum milagre, eu conseguisse chegar a Atenas? Eu não podia confiar que Hugh ainda estaria lá. E se estivesse, qual seria a reação dele ao me ver chegar grávida, esperando um bebê de outro homem? Eu não tinha escolha, não tinha opção. Olhei para a garrafa, peguei-a e agitei de leve. O resíduo acumulado no fundo se espalhou pelo líquido.

Tirei a rolha e, sem vacilar, levei o gargalo à boca e bebi.

Bebi tudo, de uma vez só.

Depois de passar três dias fora, Manolis voltou para casa, calado e de mau humor. Ele abriu a porta com um pontapé, entrou e chutou o cachorro. Não disse uma palavra, ignorou-nos totalmente. Voula foi correndo para ele, gritando “*papa, papa*”, toda alegrinha, mas ele a repudiou. Despina estava sentada a um canto, estudando, e não ergueu os olhos do livro.

O fim de tarde estava quente, abafado, o céu nublado, com um brilho amarelado, anunciando chuva.

Faz dois dias que não vejo Divina. Sinto que preciso deixá-la um pouco só, embora esteja a ponto de explodir de ansiedade.

Não há mais nada que eu possa fazer por ela. Eu vi Aphrodite hoje de manhã no córrego, e perguntei, como quem não quer nada, se ela ou Yorgo a tinham visto. Ela balançou a cabeça, mas disse: — Yorgo precisa buscar uma serra na casa de Divina, é provável que ele vá lá hoje à noite.

Ela estava segurando o filho mais novo apoiado no quadril, enquanto lavava roupa. Era um menino de cabelos pretos espetados ao redor do rosto, como se tivesse tomado um choque.

Os olhos escuros do garoto eram expressivos e brilhantes, e ele sorriu quando lhe acariciei o rosto. Até eu sentia um doloroso vazio em meu ventre ao olhar para ele, por isso sabia muito bem como Divina estava se sentindo.

Já estava escuro, naquela noite, quando escutei alguém bater à porta e me chamar baixinho. Manolis tinha saído fazia algumas horas, e como sempre, não dissera aonde ia nem quando voltaria.

Abri a porta para deparar com Yorgo Babyottis, espiando apreensivo por sobre meu ombro.

— Meu marido não está, pode entrar.

Vacilante, ele atravessou a soleira da porta, olhando ao redor.

— Está tudo bem, *kyria*? As meninas estão bem? — Está tudo bem, obrigada. Aceita um copo de *raki*? — Não vou me demorar, mas aceito, sim, obrigada. Um pequeno.

Ele se sentou na poltrona de Manolis e esticou os pés para as brasas que se extinguíam na lareira, como se fosse um morador da casa.

— Um copo de *raki* é um copo de *raki*, Yorgo. Nem maior, nem menor.

Eu o servi e fui até a mesa para cortar uma rodela de laranja. Engraçado como ele mudou quando se deu conta de que Manolis de fato não estava em casa. Se meu marido chegasse naquele momento, dependendo de seu humor, era bem possível que fizesse um escândalo. Ele odeia Yorgo, não sei por quê; costuma chamá-lo de “o funerário”. Manolis tem pavor de morrer, tem um medo mórbido, talvez seja por isso. Ele detesta velórios, e quando vai a um, por nada no

mundo ele chega perto do caixão.

Provavelmente, na cabeça dele um homem que fabrica caixões carrega a morte consigo, como um vírus.

— É claro que é sempre um prazer vê-lo, mas há algum motivo especial para a sua visita a esta hora? — É uma bela peça de madeira que você tem aí — comentou ele, inesperadamente, olhando para a minha arca de enxoval. — Freixo, deve ser... antiga, mas muito boa.

— Foi meu avô que fez. — Eu não estava nem um pouco a fim de ficar falando sobre minha mobília naquele momento. — Tem algo que você queira me dizer, precisa de alguma coisa?

— Hum? — Ele parecia surpreso, alisando distraidamente os braços da poltrona. — Ah, sim, *kyria*.

Yorgo não estava com a menor pressa.

Eu suspirei audivelmente; queria que ele percebesse a minha impaciência.

Aquela conversa calma sobre coisa nenhuma estava me dando nos nervos, mas era bem provável que ele se estendesse mais ainda, tagarelando sobre minhas filhas ou minhas ovelhas, se eu o pressionasse.

— A sua casa é muito aconchegante, muito bem cuidada — disse ele, olhando lentamente ao redor. — Seu marido é um homem de sorte.

Ele levou o copo vazio aos lábios, e eu peguei o frasco de *raki* para servi-lo de novo.

— Obrigada. Há algum motivo especial que o traz para estes lados hoje? Claro que é sempre um prazer recebê-lo. Apelei para uma medida desesperada. — Queria falar com meu marido? Ele deve estar chegando.

Yorgo se pôs de pé no mesmo instante, tomou de um gole o conteúdo do copo e se encaminhou para a porta.

— Não, foi com você que minha mulher me pediu para vir falar. Eu tive de passar na casa de *kyria* Divina hoje, para pegar umas ferramentas, e comentei com Aphrodite, e ela disse eu precisava vir lhe contar. Ela não está nada bem.

— Aphrodite está doente? — Não, Aphrodite, não, a saúde dela está ótima. Estou falando de sua amiga. Na verdade, ela mal consegue ficar em pé, de tão fraca que está. Eu peguei minhas ferramentas, sabe, tenho uma serra muito boa, que sempre uso para fazer os caixões, e amanhã tenho que fazer um para o velho Peridakis, aquele que mora ali nas colinas. Setenta e três anos, coitado, e já perdeu três esposas...

Enquanto ele falava, eu peguei meu xale, joguei-o sobre os ombros e fui saindo. Parei somente para dizer:

— Desculpe, eu disse que meu marido ia chegar a qualquer momento, mas ele só vai voltar para casa bem mais tarde. Você está seguro aqui. Na verdade, eu agradeceria se você pudesse ficar até eu voltar, para o caso de as meninas acordarem. Não vou me demorar.

Não escutei a resposta de Yorgo, se ele ia ficar ou não, porque atravessei correndo o jardim para a rua. *Panagia mou*, segure meu marido, onde quer que ele esteja, não o deixe vir para casa agora! Eu estava ofegante quando cheguei à casa de Divina. A porta estava destrancada, e eu a empurrei e chamei, mas só obtive silêncio em resposta.

Fui direto até o quarto. Estava completamente às escuras, o lampião já havia se apagado.

— Divina — chamei baixinho. — Sou eu.

Ela não respondeu, mas meus olhos já se adaptavam ao escuro, e distingi a silhueta dela, deitada na cama.

Senti um cheiro azedo, e quase chutei o balde que estava no chão ao lado da cama, conforme me aproximei. Um calafrio de apreensão me percorreu.

O quarto de Divina sempre cheirava tão bem, alguma coisa estava errada.

— Vou procurar uma vela — avisei, mesmo não sabendo se ela estava me ouvindo.

Subi a escada correndo, levando o balde comigo. Em um dos armários da cozinha havia um pacote de velas, ao lado de um pesado isqueiro de prata. Presumi que devia pertencer a Hugh, e que por alguma razão ele não o levava. Pelo menos, eu duvidava que Christo tivesse algo tão refinado.

Corri para fora, esvaziei o balde e o lavei.

Desci de novo para o quarto, levando uma vela acesa.

Divina estava encolhida na cama, em posição fetal. O rosto dela estava mortalmente pálido, os olhos fechados estavam circundados por enormes e fundas olheiras arroxeadas.

Oh, *Panagia mou*, o que eu fui fazer...?

Divina

Lembro-me de Anthi chegar, lembro-me de ela estar aqui e me lembro dela indo embora. Depois disso, o silêncio absoluto da casa me envolveu, bem-vindo e relaxante, e eu adormeci novamente. Mas pouco depois acordei outra vez, ardendo em febre. Até a cama estava quente. Lá fora, dois gatos brigavam ruidosamente.

Sonho e realidade se confundiam, como se eu estivesse girando em círculos dentro de uma gaiola. Na minha cabeça martelava repetidamente a lembrança de uma discussão que eu havia tido com Hugh, por causa de dinheiro. Um assunto que ele considerava de pouca importância.

Tentei mover os lábios, mas minha boca estava seca, e tomei longos goles da água que Anthi tinha deixado ao lado da cama para mim. Os gatos tinham parado de brigar, e no silêncio, não demorei para adormecer de novo.

Quando acordei, fiquei algum tempo sem me mexer. Eu ainda sentia uma ou outra cólica retorcer meu estômago, mas já não eram tão fortes como no começo, quanto tomei aquela coisa maldita. Lembrei-me, numa névoa de dor, como elas tinham me feito dobrar para frente, como se estivessem me rasgando por dentro, e me recordei do que Anthi havia dito, que aquela infusão iria provocar contrações para expelir o que estivesse no útero.

Eu tremia, meus dentes batiam, e eu me encolhi, abraçando as cobertas à minha volta. Eu me sentia como se não tivesse controle sobre meu corpo; minha impressão era de que, se eu me levantasse, não conseguiria ficar em pé. Mas eu precisava tentar, então afastei as cobertas e me ergui devagarzinho, colocando as pernas para fora da cama. O chão estava frio, gelado, sob meus pés descalços. Fiquei imóvel por alguns segundos e em seguida movi a cabeça, para cima e para baixo. O quarto começou a girar no mesmo instante, e coloquei a mão sobre o ventre, num gesto protetor.

Aquilo não era um sonho, eu tinha certeza disso. Eu sentia o estômago estranhamente oco, e refleti vagamente que precisava evitar uma desidratação, então bebi um pouco mais de água.

Senti um espasmo assim que o líquido chegou ao meu estômago, e gemi de dor. Será que eu estava perdendo o bebê? A dor e a indisposição eram tamanhas que tomavam conta de toda a região abdominal, mas me parecia que o problema era para cima, não para baixo; eu tinha quase vomitado as tripas, mas não estava sangrando.

A dor acalmou, e eu me levantei, bem devagar, apoiando-me na cabeceira da cama.

Eu estava com frio, e minha cabeça doía. Lembrei-me do frasco de aspirina que estava na gaveta do criado-mudo, por sinal, uma verdadeira obra de arte de

Yorgo. Abri a gaveta, peguei dois comprimidos e os coloquei na boca, que estava mais seca do que a areia do deserto. Bebi o restinho da água que havia no copo, mas não foi suficiente para engolir os comprimidos, e senti-os dissolver na minha língua. Um forte espasmo comprimiu meu estômago, e senti que ia vomitar. Cambaleei até o banheiro, mas não deu tempo, e eu vomitei no chão, um líquido transparente com aspirina esfarelada.

Senti o súbito desejo de beber uma xícara de chá, mas sabia que não estava em condições de prepará-lo. Se eu desse mais um passo, cairia no chão... Deixei-me cair de volta na cama e, minutos depois, adormeci.

Quando acordei, já tinha amanhecido. Acho que eu ainda estava um pouco febril, mas não mais naquele estado deplorável em que eu tinha passado a noite. Minha cabeça latejava, e cada articulação do meu corpo doía. Eu me sentia fraca, com sede e um pouco ansiosa. Meus seios estavam inchados e doloridos.

Enrijei ao sentir uma contração, mas nem de longe comparável às de antes; muito mais leve e rápida, e logo passou.

Achei bom estar sozinha naquele momento. Pelo menos eu podia gemer e resmungar à vontade. Eu precisava me recuperar e refletir.

Bem devagarzinho, me levantei e consegui chegar à cozinha, apoiando-me nas paredes conforme andava. Eu ainda estava um pouco tonta, por isso parava de vez em quando, fechava os olhos e respirava fundo. Foi então que vi que o fogo tinha se extinguido enquanto eu dormia, e eu não teria como ferver água para fazer chá. Eu quase chorei alto, como uma criança.

Minha memória está enevoada, e não me lembro muito bem do que aconteceu a seguir. Acho que dormi e cochilei a maior parte do dia. Em certo momento, acordei e Anthi estava lá... ou isso tinha sido de noite? Só sei que as meninas estavam com ela.

Sei também que ela limpou o chão e trocou os lençóis; e se não me engano, foi Despina quem colocou um ramallete de roseira - brava ao lado da cama, que deixou o ar agradavelmente perfumado. Também tenho a vaga lembrança de Despina passar uma toalha úmida na minha testa, e de a irmãzinha dela imitá-la. Despina me ofereceu água, erguendo minha cabeça e levando o copo aos meus lábios. Mas não consigo lembrar se cheguei a beber ou não. Adormeci logo em seguida, e quando voltei a acordar, estava escuro, e a casa estava mergulhada no silêncio.

Não sei quanto tempo fiquei deitada, num estado intermediário entre o sono e a vigília, mas foi o ruído de arranhadura na janela do quarto que me trouxe por completo de volta à realidade. Ergui de leve a cabeça na direção do som e perguntei, com voz fraca: — Quem é? A única resposta foi um suave sussurro do meu nome: — Divina... Divina.

Era Christo, que entrou e se sentou na cama a meu lado.

Ele pegou minha mão pálida e trêmula na dele, forte e bronzada, e pela

primeira vez no que me parecia um longo tempo, eu me senti segura. Ele me observava atentamente, com seus olhos escuros e penetrantes.

— Como... — comecei a perguntar.

— Anthi — respondeu ele. — Ela é uma grande amiga, veio aqui todos os dias para cuidar de você.

— Todos os dias? — repeti, num fio de voz. — Há quanto tempo estou assim? — Há quase uma semana — ele respondeu.

Eu me deixei afundar de volta nos travesseiros, confusa, mas sem forças para fazer mais perguntas.

Christo se deitou a meu lado, e a proximidade dele era muito bem-vinda.

Ele passou o braço sobre meu corpo e começou a me acariciar exatamente onde eu imaginava que nosso bebê estava. A menos que eu o tivesse perdido, pensei com tristeza, já que eu tinha passado tanto tempo inconsciente do que estava acontecendo.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Eu me sentia fraca, com vontade de chorar. Christo ergueu a cabeça do travesseiro, percebendo a minha tristeza, e me fitou preocupado.

— O que foi? — perguntou. — Por que está tão triste? — Não ligue para mim. Eu sou uma tola.

Ele riu.

— Se existe uma coisa que para mim é impossível, é não ligar para você. O que eu posso fazer? Como posso ajudá-la? Quer tomar um banho para se sentir melhor? Hum? De repente, aquilo era tudo o que eu mais queria; deitar numa banheira de água quentinha e perfumada e me lavar, sentir-me limpa por dentro e por fora. Eu sabia que precisaria de ajuda, não conseguiria sozinha.

Tive uma súbita ideia.

— Você lavaria o meu cabelo? — Passei os dedos pelos meus cabelos, sentindo-os oleosos e grudentos.

Christo se ajoelhou e acariciou meu rosto.

— Eu faço qualquer coisa, o que você quiser.

Ele me ajudou a sair da cama.

— Não estou lá muito limpa, você não se importa? Christo riu.

— Nesse caso, a melhor coisa que você pode fazer é tomar um banho, meu amor.

— O que está acontecendo, como está a guerra, as invasões? Alguma notícia? — eu quis saber, tentando me equilibrar.

— Depois — murmurou ele. — Depois eu lhe conto o que sei. Não há muitas novidades.

Com o braço sobre meus ombros, Christo me tirou da cama. Ao levantar, senti o cheiro dos lençóis suados, longe de estarem limpos. Eu sabia que estava tão suja e pegajosa quanto a roupa de cama, e estremeci involuntariamente.

Christo percebeu e sorriu. Como se pudesse ler meus pensamentos, ele disse: — Eu adoro o seu cheiro. Tudo em você é maravilhoso para mim. Fico contente por poder ter esta intimidade com você.

Ele beijou meu ombro, e abraçados, fomos até o banheiro, andando devagarzinho.

Mergulhar na água cristalinamente limpa e quente foi uma sensação deliciosa. Encostei a cabeça na borda da banheira e fechei os olhos, não querendo sair dali nunca mais.

Christo tinha acendido a lareira e entrava e saía, trazendo panelas de água quente para renovar a água do banho e mantê-la aquecida. Depois ele se ajoelhou no chão, ao lado da banheira, e com o sabonete de óleo de oliva que uma das vizinhas de Anthi tinha feito, deslizou as mãos por todo o meu corpo, lavando e limpando cada centímetro. Em seguida pegou uma toalha, umedeceu-a e passou-a pelo meu rosto.

— Escorregue mais para baixo — disse ele, e eu obedeci, praticamente boiando na água.

— Assim? — perguntei, conforme meus cabelos flutuavam ao redor da cabeça como algas marinhas.

Christo pegou mecha por mecha e esfregou-as delicadamente com o sabonete. A fragrância doce das pétalas de rosa, que eram um dos ingredientes do sabonete, impregnou o ar, e com todo o cuidado ele lavou minha cabeça, esfregando o couro cabeludo.

Olhei para baixo, para a água turva, e comecei a pedir desculpas.

Christo me silenciou com um beijo tão terno que meus lábios se entreabriram, e eu senti o gosto familiar e querido dele em minha boca. No mesmo instante comecei a ficar excitada, apesar da fraqueza do meu corpo. Principalmente quando ele tocou meus seios aumentados. Senti meus mamilos intumescer sob os dedos de Cristo, mas só conseguia pensar em uma coisa: se ele iria perceber que meu corpo estava diferente.

Christo abriu os olhos devagar e sorriu.

— Venha — murmurou. — Está na hora de sair, a água está esfriando.

Eu estava tão fraca que mal conseguia andar de volta para o quarto, e só foi possível fazer isso segurando no braço de Cristo e andando devagarzinho.

Cada passo era uma conquista. Cristo tinha trocado a roupa de cama, e os lençóis usados estavam amontoados num canto do quarto.

— Vou lavar isso tudo hoje à noite.

Até respirar era um esforço para mim, mas mesmo assim consegui rir.

— Você vai nos entregar abertamente se for visto lavando minhas roupas de cama. Não precisa, tenho vários jogos para trocar. Depois Anthi me ajuda.

No instante em que deitei a cabeça no travesseiro, fechei os olhos, e em poucos minutos já dormia outra vez.

Como antes, perdi a noção do tempo; quando acordei já estava escuro novamente, e Christo estava em pé no umbral da porta.

— Você está chegando ou indo embora? — perguntei por entre os lábios ressequidos.

— Nem uma coisa, nem outra. Estou aqui, simplesmente.

Yorgo esteve aqui há pouco, trouxe uma sopa que Aphrodite fez.

Acha que consegue tomar? A ideia de tomar um prato de sopa fez meu estômago roncar, e percebi que estava com fome. Era um bom sinal. Sinal de que eu estava melhorando.

Christo foi até a cozinha e reapareceu segundos depois com uma cumbuca fumegante nas mãos. Eu me ergui na cama e me recostei nos travesseiros, ansiosa. A sopa estava deliciosa, e eu tomei tudo, refletindo que poucas vezes um alimento tinha me caído tão bem no estômago. Senti que aquilo ia restaurar minhas forças depressa, mas Christo deu risada quando expressei esse pensamento em voz alta.

— Calma — disse ele. — Você vai ficar bem, mas primeiro precisamos descobrir o que fez você passar tão mal.

Fechei os olhos e cruzei os dedos sob o lençol, para mentir: — Com certeza, foi alguma coisa do lanche das crianças que eu comi.

Eles vivem me oferecendo coisas para comer. E sabe como é, essas crianças não lavam as mãos direito...

Recostei-me novamente, sentindo um profundo bem-estar, graças ao banho, à roupa de cama limpa e à sopa. E senti alívio também, pois chegara a imaginar que nunca mais me sentiria normal outra vez. Eu estava exausta do esforço despendido para comer e falar. Fechei os olhos por um momento, e quando tornei a abri-los, reparei que Christo estava segurando um martelo.

— Para que é isso? — indaguei, perplexa.

Ele baixou os olhos para as próprias mãos.

— Ah, o martelo... Bem, cada vez que Irini ou uma de suas vizinhas vem ver como você está, eu dou umas marteladas. Elas sabem que não sou médico, e podem se perguntar o que estou fazendo aqui.

Eu sorri.

— Elas vêm com frequência, então? — Sua cozinha parece uma feira livre! Claro, elas sempre trazem alguma coisa quando vêm aqui, mas parece que todo mundo em Panagia se preocupa com você e veio até aqui para saber como você estava e desejar melhoras.

Algum tempo depois, não sei quanto, eu estava sozinha outra vez.

Consegui me levantar e, apoiando-me nas paredes, fui até a cozinha. Logo notei que havia muitas coisas que não estavam ali antes: ervas aromáticas, flores, legumes, frutas, pães, biscoitos e queijos. Fiquei emocionada diante daquela demonstração de afeto e generosidade das minhas vizinhas e amigas, aquelas

mesmas pessoas que já tinham tão pouco em suas casas, ainda mais naquele ano em que o sol implacável havia secado cada gota de umidade no ar e queimado a maior parte das plantações.

De repente me senti sem ar, como se eu tivesse corrido uma grande distância; virei-me e voltei para o quarto, andando como se estivesse embriagada.

Joguei-me na cama e adormeci de novo.

Dessa vez, quando acordei, vi Anthi sentada ao lado da cama. Estiquei o braço para segurar a mão dela.

— O purgante que você me deu me fez passar muito mal.

A expressão dela ficou subitamente consternada.

— Oh, minha amiga querida, estou me sentindo tão culpada! Você me perdoa? Eu sorri debilmente em resposta. Ela se abaixou, pegou uma toalha e uma bacia que estava no chão e banhou meu rosto com água fresca.

— Faz muitos dias que você está doente. Fiquei tão preocupada... Conte-me, o que aconteceu? O que você sentiu? — Eu senti muitas cólicas, e pensei que ia pôr para fora tudo o que tem dentro de mim. Comecei a vomitar sem parar, chegou uma hora que nem bile eu tinha mais, nem saliva.

Anthi estremeceu e fechou os olhos.

— Não se sinta culpada, minha amiga. Eu entendo os seus motivos para ter feito isso, e sabia que não seria fácil.

Ficamos algum tempo em silêncio, de mãos dadas.

— Sei que fui teimosa — continuei —, mas senti que era uma decisão importante, a mais importante da minha vida, e precisava pensar muito, assumir a responsabilidade sozinha, entende? — Claro que entendo.

Afundi a cabeça de volta no travesseiro e fechei os olhos.

— Fico imaginando quando será que vou saber se o purgante fez efeito — falei com toda a calma.

Anthi se empertigou e ficou imóvel na cadeira.

— Como assim? — perguntou ela, com uma ruga na testa.

— Quero dizer, quando será que vou começar a sangrar? — Você... está me dizendo que ainda não sangrou? — Por enquanto, não. Eu senti muita cólica, mas nada de sangramento.

— Você deveria ter sangrado junto com as cólicas. É esse o efeito da erva-de-são-marcos. Ela provoca contrações e expelle o que houver no útero. Tem certeza de que não sangrou? Ela me fitou ansiosa.

— Faz quase uma semana que você adoeceu, o sangramento deveria ter ocorrido logo no início — ela repetiu enfática. — Não é possível que você tenha passado tão mal e o efeito final não tenha ocorrido. Uma porção de mulheres aqui no vilarejo já usaram esse remédio de Glykeria. Minha vizinha Maria já tomou duas vezes. Aspásia, em Kato Panagia, também. Eu conheço o poder dessa fórmula, o efeito é rápido, quase imediato.

Minha amiga parecia desesperada.

— Eu lamento, Anthi.

Senti minhas pálpebras pesadas outra vez, e uma enorme fraqueza, e em poucos segundos adormeci.

Todos os eventos desse período se sucederam, dia após noite, noite após dia.

Agora está de noite, e Christo está comigo.

— Quer ir para a varanda? — pergunta ele. — O fim de tarde está lindo.

— Se você me ajudar...

Juntos, de braços dados, vamos andando devagarzinho. A noite está cálida, perfumada, parecendo mais primavera do que outono.

Eu paro por um breve momento antes de sair do quarto e dou uma rápida olhada na direção do espelho da penteadeira.

Minha pele está macerada, sem cor; meus olhos estão fundos, com olheiras grandes e escuras.

Meus cabelos, embora estejam agora limpos e cheirosos, estão despenteados, parecendo uma juba de leão em volta do meu rosto. Eu não sou particularmente vaidosa, mas reconheço que sou uma visão assustadora. Estou parecendo um fantasma, e dos feios.

Christo me conta as novidades do mundo lá fora. Tem um homem que às vezes vai à caverna dele para escutar o rádio. Ele é vago quanto aos detalhes.

Mas o tal homem não é grego, é inglês, e as notícias que ele recebe vêm diretamente do Alto Comando Grego.

— Eu estava enganado a respeito do Exército grego. Ele não está fraco e desfalcado como eu pensava — diz Christo. — Eles estão lutando bravamente no norte, e forçaram os italianos a atravessar de volta a fronteira da Albânia. Já houve várias baixas, mas segundo eles, a força de vontade é grande. Também há notícias dos ingleses. Eles estão na Grécia, aqui no norte de Creta, e montaram uma base reforçada na baía de Suda. A marinha inglesa vai nos ajudar lá.

— E a minha casa na Inglaterra? — pergunto. Meu cérebro está tão fraco quanto meu corpo, mas eu preciso saber. — Você tem alguma notícia de lá? Ele balança a cabeça em negativa.

— Tudo que posso lhe contar é sobre os gregos e os italianos. Mas eu ouvi dizer que os gregos do Norte consideram os ingleses verdadeiros heróis, por virem com seus navios para nos ajudar.

Uma repentina e aguda onda de náusea me faz lembrar do meu estado.

Christo olha para mim com ar de indagação.

— O que foi? Tem alguma coisa incomodando você além dessa intoxicação que você teve? — Tem uma coisa que eu preciso lhe contar.

Ele não diz nada, apenas fica sentado em silêncio enquanto eu conto sobre a carta de Hugh e o que acho que ela significa.

O rosto de Christo não denuncia nenhum sentimento ou emoção, mas ele

lentamente solta a minha mão e eu detecto um ar distante em seu olhar. A intimidade descontraída que compartilhávamos se rompeu, com minhas palavras.

Oh, o que eu fiz? Anthi tentou várias vezes me advertir, me fazer enxergar o que estou fazendo, e eu não quis ouvir. Estava tão arrebatada pelo esplendor deste novo amor que acabei criando um ninho de mentiras e engodos. Comportei-me de maneira tão irresponsável com vidas e sentimentos, incluindo os meus, e agora o homem que eu amo mais que tudo na vida está arrasado. E o homem com quem me casei está voltando, e eu estou esperando uma criança que nunca poderá conhecer o pai.

Tenho apenas uma vaga noção de que Christo se pôs de pé.

— Eu preciso ir embora.

Sem mais nenhuma palavra ou olhar para mim, ele desce os degraus da varanda, e no momento seguinte estou apoiada a uma das pilastras, vendo-o cavalgar em direção às colinas.

Deito-me, sem sono, no quarto silencioso que perdeu todo o aconchego para mim, encolhida embaixo das cobertas. As últimas palavras de Christo ecoam sem parar na minha cabeça: “Eu preciso ir embora”.

O que ele quis dizer com isso? Que precisava ir embora por hoje, por esta noite? Ou para sempre? Minha mente desorientada não consegue chegar a uma conclusão.

Eu dormi tanto nos últimos dias que agora, quando mais precisaria dormir, o sono não vem. Eu me viro e reviro na cama, e por fim me levanto e fico caminhando pela casa, feito uma alma penada, tentando me cansar, mas cada vez que me deito na cama o rosto de Christo dança na frente dos meus olhos, e uma dor imensa me dilacera.

Minhas vizinhas continuaram a vir, trazendo apetitosas sopas, guisados, assados, e nem um dia se passou sem que eu recebesse mais uma prova de amizade e gentileza.

E agora? A inocente confiança delas repreende a minha consciência, como carvões em brasa jogados sobre mim. Eu retribuí o afeto delas com mentiras e fingimento.

Anthi veio com as meninas, e enquanto ela se ocupou em lavar minha roupa e cozinhar, as meninas e eu nos amontoamos na cama e eu me pus a contar histórias para elas. Despina escutava com toda a atenção, a expressão fascinada com as aventuras que eu narrava, mas não abriu a boca para fazer nenhum comentário, nem mesmo um murmúrio, por mais que eu a encorajasse.

Anthi trocava minha roupa de cama todos os dias, porque eu ainda transpirava muito, embora já não tivesse febre. Todos os dias os lençóis desapareciam e reapareciam dias depois, limpos e engomados. Eu desconfo que um dos motivos para ela fazer isso era para verificar se havia algum sinal de sangue nos lençóis.

Mas não havia.

Por trás de tudo que eu estava sentindo, ansiedade, medo, até mesmo culpa, havia um fato que, por mais que eu tentasse, eu não podia negar: Christo tinha ido embora.

Ele não tinha mais dado sinal de vida. Eu pedia a Anthi alguma notícia dele, uma pequena informação que fosse, mas ela se esquivava das minhas perguntas, apenas me fazendo lembrar que o tempo estava passando, que mais cedo ou mais tarde meu marido ia voltar e eu estava esperando um filho de outro homem.

Meu rosto estava ligeiramente inchado. Eu já não tinha medo de me olhar no espelho; as olheiras haviam desaparecido, e embora ainda não estivesse cem por cento recuperada, estava bem melhor, sentindo-me mais normal.

E então, certa noite, meu mundo virou de pernas para o ar e se fragmentou em mil pedaços.

Meu marido veio para casa.

Não sei dizer o que é mais preocupante: o silêncio contínuo de Despina, ou a teimosia de Divina em não rejeitar a criança que ela está esperando. É claro que eu acredito que ela até tenha tentado. Tenho observado todos os dias as dificuldades dela para se adaptar à gravidez. Os enjoos matinais, os estranhos desejos de comer determinadas coisas: um dia, maçãs verdes, que logicamente provocam fortes cólicas; no outro, doces, só doces.

Eu a encorajei a comer as maçãs verdes, imaginando que as cólicas decorrentes provavelmente causariam um aborto.

Em toda a minha vida, nunca ouvi falar que aquele purgante tivesse falhado. E oh, *Panagia mou*, ela passou tão mal! Houve uma noite em que eu tive certeza de que ela não ia aguentar até de manhã, e eu seria a responsável por sua morte.

Manolis estava em casa nessa noite, e eu fiquei a noite inteira sentada ao lado da cama de Divina, rezando para que Panagia a salvasse.

Acho que Divina nem chegou a perceber, mas Aphrodite também lhe fez companhia em algumas ocasiões, e até Yorgo foi lá num certo momento para substituí-la, embora ele só ficasse retorcendo as mãos nervosamente e olhando para o alto, murmurando *mono Theos, mono Theos* — “é a vontade de Deus”.

E isso não ajudava muito.

Eu estava lá na noite em que a febre de Divina cedeu e ela começou a melhorar. O progresso era lento, mas a cada dia ela melhorava um pouco.

A cor do rosto foi passando de cinza para rosada, ela tremia menos e já conseguia engolir mais do que apenas uma colherada de sopa.

Ela tinha emagrecido muito, os braços e pernas pareciam gravetos, mas não havia sinal de aborto. Nada de sangramento, a única coisa que o corpo dela expelia era um filete amarelado de diarreia líquida, da qual ela nem se deu conta.

Eu trocava a roupa de cama todos os dias, alguns mais de uma vez; estava apavorada com a possibilidade de a poção de Glykeria, em vez de ter feito Divina perder o bebê, o tivesse afetado de algum modo, e que ela desse à luz um monstro.

Esse era meu pior pesadelo; no começo ela ficou tão doente, magra e abatida que parecia impossível que viesse a ter um bebê saudável. Mas à medida que ela ia melhorando, mesmo que só um pouquinho a cada dia, tentei me convencer de que, se a gravidez vingasse, o bebê seria normal. Não que isso fosse um grande consolo.

Todos os dias as pessoas rezavam pedindo chuva, mas os ocasionais chuviscos nos davam esperança por uma hora no máximo. Bastava aparecer uma nuvem escura no céu para que o vilarejo inteiro olhasse para cima, esperançoso,

ansiado por sentir os pingos de chuva no rosto. No entanto, cada manhã nascia clara e ensolarada, e rostos carrancudos se cumprimentavam nos campos e lavouras. O solo estava seco e rachado, e legumes e verduras murchavam e morriam antes de crescer. As uvas nas parreiras se transformavam em passas antes de serem colhidas.

E então, certo dia, eu acordei um pouco mais tarde que de costume, e Despina havia desaparecido.

A princípio pensei que ela estivesse lá fora, no jardim, com as cabras e as galinhas, e fui chamá-la. Mas não havia sinal dela em parte alguma.

Manolis tinha ficado bebendo no *kafenion* até mais tarde na véspera e estava roncando na cama. Voula estava batendo no chão ao lado de sua cama com um martelo velho. Como alguém, até mesmo meu marido, conseguia dormir com aquela barulheira era algo que eu não entendia, mas o fato é que ele conseguia.

Tirei o martelo da mão de Voula e perguntei se ela tinha visto a irmã, mas ela apenas olhou para mim sem expressão. Em seguida ela começou a subir e descer da cama de Despina, olhando em cima e embaixo da cama, chamando a irmã e olhando para mim rindo, achando que se tratava de uma brincadeira de esconde-esconde. Era dia santo, e não haveria aula. Eu tinha combinado com *Yaya* que iria até a casa dela com as meninas para irmos à missa.

Dei mais uma volta no jardim, com Voula, chamando Despina.

Algumas nuvens cobriam o céu, mas o sol estava tentando aparecer e, com o vento para ajudar, seria mais um dia de tempo bom. Voula parecia minha sombra, imitando cada movimento meu e repetindo cada chamado, como se fosse um eco.

Os ramos de roseira-brava que pendem soltos até o chão são um dos esconderijos favoritos, mas nessa manhã pareciam intocados; Despina não havia estado ali.

— Venha, Voula mou, precisamos procurar em outro lugar.

Vamos buscar Astrape.

Voula se animou visivelmente. Ela sabia que, estando a irmã ausente, ela é que se sentaria no melhor lugar, à minha frente, em vez de atrás de mim, como de costume.

Tiramos Astrape do estábulo e eu suspendi Voula. Ela passou a perninha sobre o velho e pesado cavalo. Essa menina tem uma agilidade natural que eu nunca vi na irmã. Passamos primeiro na casa de Maria, para ver se Despina tinha resolvido ir brincar com Athena, mas não havia ninguém lá. Como sempre, as portas e janelas estavam abertas. Como a maioria dos aldeões, Maria não tem medo de intrusos.

Embora fosse feriado escolar, não havia diferença nas atividades habituais do vilarejo, e os campos estavam ocupados por fazendeiros e agricultores e suas famílias. Não houve cumprimentos esfuziantes conforme eu passava, nesse dia;

todo mundo estava preocupado em como sobreviver ao inverno.

Todo ano é a mesma coisa, eu observo; sempre o pior inverno, a pior primavera, chuva demais ou de menos. Os cretenses, ao menos os panagianos, são naturalmente pessimistas, parece que a esperança e o ânimo sempre nos deserta. Chegamos à casa de meus avós, sem nenhum sinal de Despina. Conduzi Astrape para a viela nos fundos da casa. Dali eu podia ver o vilarejo inteiro, esparramado lá embaixo, mas seria impossível distinguir alguém em particular, e como se para me confundir ainda mais, as nuvens que haviam se mantido ao largo durante quase todo o tempo de nossa cavalgada avançaram no horizonte, correndo rápido pelo céu e formando uma névoa sobre o vale. *Yaya* apareceu na porta, com expressão ansiosa. Os cabelos grisalhos estavam soltos até a cintura; logo vi que alguma coisa estava errada, pois raramente eu a via assim, sem estar com os cabelos penteados em tranças meticulosamente presas ao redor da cabeça.

— Graças a Panagia você veio! — ela exclamou, fazendo o sinal da cruz. — Eu já estava achando que teria de ir até sua casa, e isso seria complicado. Despina está aqui, já faz uma hora, venha ver.

Ela virou-se para entrar e eu a segui.

— Há alguma coisa errada com ela, não consigo fazê-la falar comigo, e ela não quer sair ali do canto de jeito nenhum. — *Yaya* apontou para perto da lareira.

No segundo seguinte eu estava de joelhos diante da minha filha. Ela estava encolhida no chão, como um animal ferido.

Cobria o rosto com as mãos, e seus olhos assustados me espiavam por entre os dedos. Eu a abracei e, instintivamente, a embalei para frente e para trás, murmurando o nome dela várias vezes. O que quer que tivesse acontecido devia ter sido horrível.

Os olhos dela estavam secos, não havia sinal de lágrimas, e os cantos da boca estavam repuxados para baixo, como se ela estivesse se forçando a não falar ou gritar.

— *Koritsaki mou*, minha filhinha, minha filhinha... Despina, fale comigo! Conte-me o que aconteceu.

Eu me senti desamparada, impotente. Toda vez que Despina tem esses silêncios, geralmente ela começa aos poucos a voltar ao normal. Mas logo em seguida, seja o que for que os provoca acontece de novo, e é como se ameaçasse destruí-la. A primeira vez que aconteceu foi há dois anos, e a dor que ela sente é quase física: apaga o brilho dos olhos, mata o sorriso dela. E eu sofro junto.

— Despina, Despina — murmurei ao ouvido dela.

Yaya devia tê-la abraçado também, porque senti o cheiro de canela e mel nos cabelos de minha filha.

O único som que Despina emitiu foi um lamento cortante, que veio do fundo da garganta, como para confortar a si mesma de uma maneira que ninguém mais

conseguiria fazer. No começo, ela ficou rígida nos meus braços, os olhos dardejando ao redor como que em alerta a um possível e iminente perigo. Devagar, bem devagar, ela foi amolecendo, até que, depois de algum tempo, os sussurros cessaram. Imaginei se ela teria adormecido.

Mas ao se dar conta da presença de *yaya* segurando a mão de Voula, ela abriu os olhos outra vez, bem desperta. Voula correu para ela, chamando “Pina, Pina!”, e quando não obteve resposta, quase caiu ao lado da irmã e pôs-se a acariciar-lhe o joelho com a mãozinha gorducha.

Ficamos as quatro ali sentadas por um longo tempo, paradas, mal nos movendo.

— Não quer contar à sua mãe o que está acontecendo, filhinha? — perguntou *yaya*, e quando Despina não respondeu ela insistiu.

Mas Despina continuava imóvel, como se não tivesse escutado.

Eu diria que ficamos ali, em silêncio, por aproximadamente uma hora.

Os únicos movimentos eram de Voula, que ofereceu à irmã a melhor forma de consolo que conhecia: o polegar. Mas Despina apertou os lábios com força e balançou a cabeça, empurrando a mão da irmã. Voula olhou para mim desapontada, e *yaya* esticou o braço para afagar-lhe a cabeça.

— Linda... Você é uma menina boazinha e querida, e sua irmã gosta muito de você, mas ninguém pode ajudá-la neste momento. É melhor deixá-la quieta.

E ali continuamos, as quatro, como numa vigília silenciosa.

— Nós vamos à igreja? — perguntei por fim a *yaya*, num sussurro rouco.

— *Pappous* vai, eu acho. Ele está numa reunião com os senhores mais velhos do vilarejo agora.

Pouco tempo depois, *pappous* chegou, cantarolando, surpreendendo todas nós.

— O que houve? — perguntou ele, parando na soleira da porta. — Alguém morreu? *Yaya* balançou a cabeça.

— Shh, Stephanos, não é hora de fazer gracinhas.

Ela se levantou e saiu com ele da sala.

Voula tinha ficado quieta tempo demais, e estava com dificuldade para se levantar. As perninhas dela deviam estar dormentes. As minhas estavam, e embora eu fosse capaz de ficar ali para sempre, segurando Despina no colo se isso a ajudasse, eu precisava mudar de posição para que o sangue circulasse.

Pappous entrou de novo na sala.

— Vá ter com *yaya*, filha — ele me disse, calmamente. — Eu ficarei com Despina para você.

Mas quando me levantei e comecei a andar na direção da porta, Despina deu um grito agudo e eu voltei para perto dela.

— Vá — ele insistiu, segurando meu braço. — Sua avó precisa falar com você.

Ele se agachou agilmente, ocupando meu lugar ao lado de Despina.

Oitenta e sete anos de idade e ágil como um menino. Só a força da presença dele já parecia suficiente para acalmar Despina, e ela choramingou baixinho.

Foi seu único protesto.

Esprei um pouquinho e então saí da sala, pé ante pé.

Voula estava na cozinha com *yaya*, sentada à mesa e rodeada de centenas de pontos multicoloridos.

Minha *yaya* é uma fina costureira, era ela quem fazia vestidos para mim e Ririca quando éramos pequenas, e aquela coleção de botões dela era famosa no vilarejo inteiro. Ela tinha uma caixa com botões de todos os tamanhos, formatos e cores, alguns deles bastante antigos.

Separar esses botões em pequenas pilhas era um dos passatempos prediletos de minhas filhas. Naquele momento, Voula estava completamente absorta na tarefa, separando os botões em grupos por tamanho e por cor. Os dourados e prateados, muitos resgatados de velhos uniformes militares, recebiam destaque especial, alinhados em fileiras em uma das bordas da mesa.

Yaya pegou minha mão e me levou para a varanda. A névoa tinha se dissipado, e o vilarejo abaixo de nós estava banhado pelo sol da manhã.

— Eu preciso lhe fazer uma pergunta delicada — disse ela, um pouco sem jeito.

— Despina já ficou menstruada? Olhei para ela, surpresa.

— Claro que não, *yaya*. Esse assunto não é segredo entre nós. Ela ainda é muito nova, a senhora será a primeira a saber quando acontecer. Por que pergunta? Ela fez uma pausa, a expressão confusa, o olhar ansioso.

— É que eu pensei que talvez... bem, ela estava sangrando um pouco quando chegou aqui mais cedo. — *Yaya* desviou o olhar. — Havia sangue escorrendo pela perna dela.

— Ah, ela deve ter se cortado ou se arranhado em algum espinheiro, ou numa pedra. Ela vive se machucando. É distraída, não presta atenção por onde anda. Está sempre com os braços e os joelhos esfolados...

Minha voz falseou. *Yaya* estava balançando a cabeça, os olhos baixos.

— Não, dessa vez era diferente. — Ela se calou, e eu segurei o braço dela, magro sob a manga do casaco verde-vivo.

— Diferente...? Como assim, diferente? Sangue é sangue, não é? *Yaya* comprimiu os lábios e balançou a cabeça de novo, convicta.

— Você precisa conversar com ela. Ela precisa lhe contar o que está acontecendo.

— Oh, *yaya*, a senhora acha que eu já não tentei? Eu faria qualquer coisa para ouvir a voz dela de novo. Qualquer coisa! Nesse momento, Voula correu para nós, e voaram botões para todos os lados. Eu me abaixei para pegá-los.

— Acho melhor nós irmos agora. Manolis vai acordar logo, se é que já não acordou, e preciso preparar alguma coisa para ele comer. Para todos nós, quero dizer.

Abracei *yaya* e a senti mole em meus braços; seus olhos estavam fechados, os cabelos esvoaçando suavemente com a brisa.

— *Yaya*, a senhora se aflige demais... Deixe que eu me preocupe com minhas filhas. Tenho certeza de que isso vai passar logo, daqui a pouco nem vamos mais lembrar que aconteceu.

Mas até para mim mesma minhas palavras soavam falsas, e meu coração estava pesado de apreensão.

— Há ocasiões, e esta é uma delas, em que eu me sinto como se tivesse mil anos de idade — disse *yaya*. — Há coisas no mundo que eu preferiria não saber que existem.

Ela se virou para mim e sorriu. O sorriso de *yaya* é caloroso, amoroso, e sempre iluminou a minha vida, mas dessa vez o mesmo sorriso era apenas uma máscara para disfarçar a tristeza.

— Diga-me, tem alguma coisa que a senhora está querendo me contar? O que é? O grito agudo de uma gaivota que sobrevoava a área soou como um súbito aviso, que me arrepiou. No vilarejo, o sino da igreja repicou três vezes, convocando os fiéis para a missa, para celebrar o dia santificado. Algumas pessoas, ao passar e ver *yaya* na varanda com os cabelos desarrumados, acenavam em cumprimento, e alguém perguntou: — Está tudo bem, Giorgia? Ela não respondeu, apenas gesticulou no ar, como se estivesse afastando alguma coisa da frente. E então *pappous* saiu para a varanda com Despina e Voula, e com passos pesados e arrastados, nos afastamos para voltar para casa.

Divina

Os dias estão mais curtos agora, e as noites parecem intermináveis. Pouco a pouco, meu relógio biológico se reajustou; já não troco o dia pela noite, e faço as refeições nos horários certos. Sinto enjoo de manhã, mas só de manhã, e claro que sei qual é o motivo. Examino meu corpo atentamente, procurando sinais de mudanças. Minhas olheiras desapareceram, e meus olhos estão brilhantes.

Meus seios estão pesados, as aréolas mais escuras, os mamilos mais pronunciados, e minha cintura engrossou, embora isso só eu perceba, por enquanto.

Todo dia, a primeira coisa que eu faço ao acordar é passar a mão sobre minha barriga, e me sinto maravilhada de pensar que estou gerando uma nova vida. Ainda não tomei nenhuma decisão com relação ao meu futuro, não sei o que é melhor fazer, e sempre que começo a pesar as alternativas, minha mente se distrai e não consigo me concentrar. Não consigo deixar de me sentir enlevada. Por outro lado, não vi nem tive mais notícias de Cristo, e a cada manhã, junto com o enjoo, vêm uma saudade e uma tristeza que eu tento afastar com uma esperança: quem sabe hoje ele aparece? Mas ele nunca aparece. Nunca mais ele veio.

Apesar disso, todas as noites eu durmo um sono pesado, com sonhos vagos e confusos. Foi numa dessas noites que um ruído cortou o ar e eu acordei, com o coração disparado, os olhos arregalados de susto. Era uma voz... duas vozes, na verdade; em seguida, risadas, altas e indistintas. Então uma das vozes começou a cantarolar. Estavam logo ali, do lado de fora da minha casa, bem perto. Eu reconheci a canção, que falava do sentimento do amor. Era a música que Yorgo sempre cantava.

Sentei-me na cama e me levantei devagar, para não sentir tontura. Era Yorgo e outro homem. Eles riram de novo, e em seguida ouvi batidas à porta. Subi a escada, exclamando: — Só um segundo, já vou! Abri a porta, apressada. Yorgo e o outro homem, que estavam encostados à porta, caíram para dentro, por pouco não me derrubando junto. Os dois ficaram ali, amontoados um em cima do outro, numa confusão de pernas e braços.

Eu é que não ia mover um dedo para ajudá-los! Recuei e fiquei parada, só olhando, sem dizer nada. Por fim, Yorgo se apoiou na parede e se pôs de pé. O cheiro de álcool que os dois exalavam era tão forte que me provocou uma onda de náusea.

Dei mais um passo para trás.

— *Kyria* — murmurou Yorgo. — *Kyria*, veja o que eu trouxe. Um presente para você. — Ele começou a rir. — Um presente! Levante-se, rapaz! Ele se abaixou para ajudar o companheiro, que ainda estava no chão.

Yorgo usava seu velho casaco cinza e a *vraka* de retalhos, mas quando o outro homem finalmente se pôs de joelhos e olhou em volta, com os cabelos caídos sobre o rosto, eu reparei que as roupas dele, embora parecidas com as de um pastor, eram de qualidade superior.

Mesmo estando de quatro no chão, com a cabeça abaixada e cambaleando perigosamente, eu podia ver que era um homem alto.

— Vamos lá, rapaz — insistiu Yorgo, estendendo o braço para ajudar o companheiro.

O rosto do homem estava sujo de poeira e suor, mas eu soube, naquele instante, que era Hugh, meu marido.

Agora, anos depois, quando me recordei daquele momento, tudo que me lembro é de que fiquei dura, paralisada; não só meus braços, cruzados diante do corpo, não só as pernas, que se recusavam a se mover, mas também meu rosto, a boca repuxada num ricto, os olhos muito abertos, sem piscar. Por alguns segundos, também parei de respirar, e até meu coração, o órgão que supostamente controla nossas emoções, nos leva do amor ao desespero, da alegria à tristeza, tinha interrompido todas as funções e estava apenas batendo no modo automático, simplesmente bombeando o sangue para o meu corpo. Fora isso, era como se eu estivesse morta, suspensa no tempo.

Olhando para meu marido naquele instante, pela primeira vez depois de... dois anos? Três? Mais? ... eu não sentia nada.

Nem mesmo pena do estado lastimável em que ele se encontrava.

Quando ele conseguiu, com muito esforço, se levantar e equilibrar-se, e cambaleou em minha direção, eu recuei instintivamente. Yorgo o segurou pelo braço para ampará-lo e anunciou, num tom de voz melancólico: — Este é You, *kyria* Divina. Eu o encontrei na Piperia.

— Obrigada — murmurei. — Eu lhe sou muito grata. Agora acho melhor você ir para casa. Está tarde, Aphrodite deve estar preocupada.

— Claro! E vocês, naturalmente, devem estar ansiosos para ficar sozinhos, não é mesmo? Yorgo começou a rir, mas o som que ele produziu foi mais como um gorgolejo, e ele quase caiu, sacudido por soluços. Virou-se, escancarou a porta e cambaleou para a madrugada lá fora.

Hugh olhou ao redor, com expressão confusa.

— Esta é a mesma casa? — ele conseguiu perguntar. — Nossa, eu estou exausto! Antes que ele caísse outra vez, eu o segurei firmemente pelo braço e o fui conduzindo à minha frente, escada abaixo.

Ao ver a cama, Hugh cambaleou para frente, caiu atravessado sobre ela, gemeu e desmaiou.

Eu passei o resto da noite sentada na varanda.

Lá em cima, as estrelas de inúmeras constelações cintilavam. O céu estava limpo e claro, com a lua em três quartos crescentes. Quando o horizonte

começou a clarear, eu senti frio e fui buscar a manta do sofá.

Logo cedo, Yorgo e quem mais tivesse estado na Piperia na noite anterior já tinham espalhado a notícia da chegada de meu marido ao vilarejo.

Eu quase tive de ser indelicada com as visitas. Minhas vizinhas inventavam uma desculpa atrás da outra para vir à minha casa, e ficavam esticando o pescoço, espiando para tentar ver Hugh. Estavam perdendo seu tempo, porque ele continuava morto para o mundo lá embaixo, mesmo depois de o galo já ter cantado várias vezes e o sol estar alto no céu.

Com tantas mudanças na minha vida, eu ainda não tinha uma rotina certa. Eu queria muito ter algo com que me ocupar, ir à escola, lavar minha roupa, ver Anthi e, mais do que tudo, esperar que Christo viesse, no final do dia. Mas nos últimos dias, tudo que eu fazia era dormir, acordar e dormir de novo, sem nada para fazer nos intervalos; não havia escola, minha roupa estava toda lavada, graças a Anthi, e a despensa estava abastecida, graças às minhas vizinhas.

Vez por outra, eu escutava Hugh tossir ou gemer lá embaixo. Os roncoss altos haviam cessado, e eu deduzi que ele tinha acordado. Eu estava nervosa como a garota tímida e desajeitada que eu tinha sido no passado.

Devagar e cautelosamente, com o coração acelerado, desci a escada, mas com as venezianas fechadas não consegui enxergar muita coisa a princípio, até que meus olhos se acostumaram à penumbra.

Hugh estava em pé na porta entreaberta que dava para fora. Estava de costas para mim, e pela postura dele e pelo ruído que ouvi, percebi, horrorizada, que ele estava urinando no piso de pedra da varanda do quarto.

Ele estava cantarolando baixinho e virando ligeiramente de um lado para outro, e deduzi que ele estava tentando direcionar o xixi para a grande ânfora de pedra ao lado da porta. Por sorte, era a que tinha as buganvílias.

Se ele tivesse mirado a outra, do lado oposto, o que teria sido do meu estoque de batatas para o inverno? Demorou um pouco para ele notar a minha presença, terminar o que estava fazendo e virar-se. Ele estava envelhecido e bem mais magro. Parecia drenado, sem energia, não tão forte e sadio como da última vez que eu o tinha visto.

— Olá, Evadne — disse ele. — Amada filha de Poseidon. Ah, como é bom revê-la! Venha cá e deixe-me abraçá-la.

Ele estendeu os braços para mim. Mas, ao vê-lo assim, de pé, à minha frente, me senti intimidada e não consegui me mexer.

Eu olhava para aquele homem, que já havia sido tão familiar e próximo para mim, e era como se fosse um estranho. Ele olhou para baixo, observando a si mesmo, e sorriu.

— Não se preocupe, vou me lavar primeiro, está bem? Eu forcei meus lábios a desenharem um sorriso, mas não consegui fazer com que chegasse aos olhos.

— Nós temos um banheiro agora — anunciei, com falso entusiasmo.

— É mesmo? Um banheiro? Veja só...

Aquele dia está congelado na minha mente, cada momento, fixo, imóvel, como um quadro. Nenhum de nós dois sabia, penso eu, como tratar o outro, então ficamos nos rodeando, como dois felinos à espreita.

Eu queria poder fazer o tempo voltar atrás, para aquela época em que estávamos ali juntos, quando tudo era novidade, quando tudo era mais simples e fácil, mas aquela menina ingênua e inocente não existia mais.

Sentindo-me como um fantoche, levei Hugh para ver o resto da casa e vi tudo através dos olhos dele, sabendo muito bem como ele estava habituado aos ambientes luxuosos da embaixada. Ele tentou a princípio, eu acho, mas não conseguiu esconder o desapontamento, e conforme íamos de cômodo em cômodo, juntos, até eu comecei a achar as cores, que eu tinha escolhido com tanto carinho, berrantes e espalhafatosas. A velha mobília que eu achava tradicional e confortável, tão gentilmente cedida pelos vizinhos, parecia grosseira e antiquada. Os pisos pintados que eu adorava pareciam, agora, velhos e simples demais.

Hugh não precisava dizer nada; um leve murmúrio ou arquejo, ou o jeito como ele passava a ponta dos dedos sobre a superfície dos móveis eram suficientes para que eu me sentisse desanimada e sem graça.

— Então foi nisto que você transformou a sala de estar — disse Hugh.

Ele sorriu, e eu me senti contorcer por dentro. Enquanto eu gostava da visão das frutas secas ao pé do lagar, ele as empurrou com o pé, como se as achasse inúteis. E nesse momento, até para mim elas pareceram velhas e murchas.

Quando chegamos ao banheiro, tão simples e básico, sem nenhuma ostentação, ele perguntou, apontando para a banheira: — Você toma banho nisso? Eu olhei para os riscos e marcas na banheira. Eram consequência do longo e conturbado transporte no lombo de um jumento, montanha acima.

Lembro-me de quantas vezes ela caiu e Yorgo, coitado, tinha cada vez que pedir a um dos pastores que o ajudasse a recolocá-la no lugar. Christo e eu tínhamos dado muita risada nesse dia.

Eu assenti em resposta, e já ia dizer a ele, toda orgulhosa, que aquela era a única banheira existente no vilarejo, mas então refleti que isso provavelmente não significaria nada para ele.

Ao lado da banheira estava a bacia sanitária Thomas Crapper, da qual Christo tanto se orgulhava, parecendo tristemente deslocada. Não havia encanamento para instalá-la, e eu tive de confessar a Hugh, bastante contrariada, que era somente para decoração, por enquanto.

O maior choque de todos para ele tinha sido, evidentemente, eu mesma.

Ele tentou disfarçar, eu percebi, mas não conseguiu. Ele ficou profundamente decepcionado com a minha aparência.

Apontou para a minha blusa, aquela que eu tinha mandado fazer com o tecido

das cortinas velhas.

— É moda local, isso aí? Não que ele tivesse falado com grosseria, mas eu sabia que ele estava pensando em todos os vestidos bonitos e modernos que eu havia deixado para trás, nas sedas, rendas e linhos que ele tinha comprado para mim. Mas eram roupas que não tinham nada a ver com o vilarejo, e que seriam ridículas e inúteis ali.

A certa altura, ele tocou no meu cabelo, e tenho certeza de que ele se retraiu. Eu sabia que meu cabelo estava ressecado, rebelde e sem corte. Uma breve imagem passou pela minha mente, de Christo lavando carinhosamente meus cabelos durante o banho. Tremendo um pouco, levei a mão aos cabelos e senti a aspereza dos fios.

Hugh estendeu a mão para mim, num convite silencioso, e eu segurei cautelosamente os dedos dele, mas só por um momento, e me afastei em seguida.

— Você não quer aproveitar, já que estamos no banheiro, e... se refrescar? Eu vou tentar encontrar roupas limpas para você.

— Eu preciso lhe pedir desculpas por aparecer aqui desse jeito. Eu achei que você iria ficar contente de me ver, mas reconheço que a minha chegada ontem à noite não foi das mais auspiciosas. Eu me perdi e entrei naquele café lá embaixo para pedir informação. E aquele sujeito, não sei como se chama, fez questão de me acompanhar pessoalmente até aqui. Desculpe-me por ter trazido um desconhecido até aqui, e bêbado ainda por cima.

— Yorgo não é desconhecido. Ele é o mestre de obras que fez a reforma da casa. Eu contei a você sobre ele nas cartas. Ele é um excelente marceneiro; todo o trabalho em madeira que você está vendo aqui é obra dele.

Oh, cale a boca!, censurei a mim mesma. Eu estava falando de maneira afetada e defensiva! Nós estávamos na varanda, e Hugh passava a mão distraidamente sobre a borda da balaustrada, esculpida por Yorgo. Aquilo tinha sido outra obra de arte, da qual ele se orgulhava, e na base de cada ripa ele havia entalhado em baixo-relevo uma florzinha e sua inicial, invisíveis à maioria das pessoas, inclusive Hugh, mas não para mim.

— Ah, ótimo... muito bom — disse ele. — Bem, vou buscar um balde de água na cozinha e me fazer apresentável.

Ele se afastou, assobiando alegremente, e eu o fiquei observando. Ele parecia à vontade enquanto se locomovia pela casa, como se tivesse morado ali a vida inteira.

— Você me arruma uma toalha, por favor? Obviamente, ele deixou a porta do banheiro aberta. Para que fechar? Só havia eu ali, sua esposa. Quando lhe entreguei a toalha, ele me perguntou: — Por acaso, tem sabonete? Ou você usa algum tipo de erva ou folhagem, aqui? — Ele riu.

Desviando o olhar do corpo alto e nu, pingando água no chão, apontei para a

saliência de madeira acima da banheira.

— Tem sabonete, sim. Não é da marca mais fina da Harrods, mas é bom. É uma vizinha que faz, com óleo de oliva e pétalas de flores. Eu gosto.

— Claro que você gosta, querida. Você gosta de tudo neste vilarejo, não é? De repente, as emoções que eu vinha acumulando dentro de mim ao longo das últimas semanas explodiram, e eu me vi tremendo de raiva. Sim, raiva, fúria, ira! Eu não queria Hugh ali.

Não queria que ele ficasse andando pela casa como se morasse ali, como se a casa fosse dele! E não queria enfrentar a crua verdade por trás disso, por isso girei nos calcanhares e saí do banheiro, de queixo erguido.

— Evadne! — ele me chamou. — Eu não deixei umas roupas aqui? Você pode pegar alguma coisa para eu vestir? Cerca de uma hora mais tarde, Hugh voltou para a varanda. Sem dúvida, ele estava com uma aparência mais asseada, e cheirando bem. Eu tinha deixado uma mala dele do lado de fora do banheiro, perto da porta, e um short amarrotado e uma camisa por cima. Eu me lembrava de ter visto essa mala no porão, na noite dos ratos, e mais cedo naquela manhã a tinha tirado de lá.

— Agora, sim — disse ele, desamassando a roupa. — Mas seria melhor ainda se eu pudesse fazer a barba.

Eu olhei para ele. Ele tinha deixado crescer o bigode, e embora contrariada, eu tinha de reconhecer que ele tinha ficado bem.

— Tem alguma coisa para o café da manhã? — perguntou Hugh, esparramando-se em uma das cadeiras. — Ou você não tem mais o hábito de tomar o desjejum? — Claro que sim — respondi, um tanto ríspida, levantando-me.

Fui até a cozinha e coloquei a chaleira com água no fogo. E então lembrei que eu tinha jogado fora o coador de café de Hugh.

Preparei o café do jeito como tomo agora, forte e doce. Eu estava torcendo para que ele, tendo morado tanto tempo na Grécia, também tivesse aprendido a gostar do café assim. Coloquei torradas em um prato, peguei um copo com água, arrumei tudo numa bandeja com três bolinhos de Irini e levei para ele.

Hugh tomou um gole de café e deu uma mordida num dos bolinhos, só. Deixou todo o resto.

Senti-me um pouco incomodada, mas felizmente ele não perguntou pelo coador.

— Sinto muito por ontem à noite. Eu não pretendia chegar até aqui naquele estado. Eu me perdi completamente, tinha muita neblina, então vi uma luz, e era aquela tal de Piperia... Eles foram tão simpáticos e tão gentis que acabei sucumbindo à hospitalidade deles. Você sabe como são as pessoas aqui...

Francamente, eu estava exausto, e aquele *raki* me subiu direto à cabeça.

A minha raiva tinha retrocedido para uma dorzinha fervilhante, um nó de tensão sob as costelas. De um jeito ou de outro, eu teria de enfrentar aquilo.

— Quanto tempo você vai ficar? — Assim que fiz a pergunta, me dei conta de

como tinha soado quase hostil. Hugh suspirou, e eu me apressei a acrescentar: — Quero dizer, quanto tempo você pode ficar? — Só uns dois ou três dias, infelizmente, e a má notícia é que eu não posso levar você comigo de volta para Atenas. — Ele olhou para mim. — Eu lamento muito. É o que eu mais gostaria de fazer, mas não será possível desta vez.

Tentei não demonstrar, mas eu estava me sentindo radiante de felicidade.

Sem dúvida, eu conseguiria lidar com aquela situação por dois ou três dias.

Hugh se acomodou confortavelmente na cadeira e começou a me contar como e por que ele tinha vindo. A guerra estava se intensificando a cada dia, e já se esperava que Atenas fosse invadida em breve.

— Eu vim para encontrar um lugar seguro para a família real se esconder — explicou Hugh, visivelmente envaidecido por ter sido incumbido dessa importante missão. Até eu compreendia que isso era uma honra, e disse isso a ele.

Hugh ficou todo prosa.

— Era bom demais para ser verdade, vir para Creta, a oportunidade perfeita para ver você.

— Por que Creta? — É muito improvável que os alemães cheguem a Creta. É muito distante da sede do poder, em Atenas.

— Aqui no vilarejo, todos esperam e rezam para que isso seja verdade, mas no fundo eles não acreditam. Acham que Creta é o centro do mundo. — Eu ri, e meu riso soou esgançado, como moedas caindo numa lata. — Mas quer saber, não sei se eles vão gostar muito dessa ideia. Não há muita simpatia pela família real aqui nestes vilarejos.

— Isso deve permanecer em segredo absoluto — ele me advertiu. — Ninguém pode saber, entendeu? Ninguém. Por que você acha que me vesti como um pastor? Eu fui escolhido porque falo grego melhor do que os outros e posso viajar disfarçado.

Hugh apontou para o próprio rosto.

— Não deixei esta vassoura crescer porque acho bonito. — Ele riu.

— Este bigode vai ser raspado assim que eu avistar a Acrópole outra vez.

E eu que tinha gostado... Achei que tinha ficado bem para ele.

Hugh estava me contando sobre a base aliada que os ingleses haviam criado na baía de Suda.

— Milhas de distância daqui, ao norte, mas queríamos que notassem nossa presença, que sentissem a segurança que os ingleses podem trazer. É o melhor lugar para o rei. O primeiro- ministro, Tsouderos, virá com eles.

Sujeito sem graça, sem carisma algum, nada. Dócil demais, não impressiona, não tem presença.

Hugh estendeu a mão para segurar a minha.

— Eu queria tanto ter você de volta comigo, sinto uma falta enorme de você. A princípio achei que esta seria a oportunidade de tirar você daqui, mas seria uma

viagem muito perigosa para você no momento. Eu vim do continente para cá num dos últimos hidroplanos, mas provavelmente vou voltar de balsa.

Eu senti que havia alguma coisa inerentemente instável em meu marido, tratando aquela situação toda como uma aventura.

Talvez seja assim que pessoas como ele lidam com os horrores da guerra; como se fosse uma grande brincadeira. É uma visão bem diferente da que têm meus amigos aldeões, que são obrigados a enfrentar a cruel realidade do desastre todos os invernos, todas as primaveras. Para eles, certamente, a vida não é uma grande aventura.

Hugh estava entusiasmado agora, divertindo-se com sua narrativa: — Foi uma viagem surpreendente, incrível, através das montanhas até aqui. Foi como uma prévia, já que vim disfarçado.

Achei que seria bom fazer um ensaio. Quando trouxermos a família real... se trouxermos... será uma operação secreta. — Ele se recostou na cadeira. — Eu diria que me saí bem. Parei algumas vezes para descansar, e todas as vezes as pessoas me trataram como se eu fosse um morador daqui. Me ofereceram comida, bebida etc. Acho que os enganei direitinho! Eu me forcei a sorrir, para demonstrar interesse, até mesmo admiração, mas Hugh não parecia se afetar com nenhuma reação minha.

— Não repita nenhuma palavra sobre isto fora destas quatro paredes, ouviu? Eu assenti com um gesto de cabeça.

— Mas veja só que interessante... Nós temos estações de rádio instaladas em um ou dois vilarejos na ilha, e um deles é bem no topo de Panagia! Bem aqui! Cada uma tem um operador, e você não vai acreditar, mas o sujeito daqui é o jovem Bingo, irmão de Foxy! Minha cabeça começou a zumbir. Claro, só podia ser o homem que Christo tinha mencionado! Hugh se levantou e começou a andar de um lado para outro na varanda.

Ele esticou os braços para cima e respirou fundo, várias vezes. Sentindo-se revigorado, ele se virou para mim.

— Acho que você não conheceu Bingo, não é, querida? Nós estudamos todos juntos no colégio. Claro que Bingo é mais novo que Foxy e eu, mas apesar de ser um moleque na época, já era esperto e engenhoso. E o melhor de tudo é que eu tive um pretexto perfeitamente legítimo para vir para este lado da ilha, e com isso, encontrar você.

Eu estava sorrindo e assentindo e tentando ao máximo demonstrar interesse, mas então consegui perguntar o que eu realmente queria saber.

— Diga-me, o que está acontecendo na Inglaterra? Eu às vezes tenho notícias de Atenas, até da Albânia, mas nunca da Inglaterra.

— Não são boas. Hitler está determinado a conquistar a Inglaterra, mas não se preocupe, Churchill está igualmente determinado a resistir.

Hugh me contou algumas coisas que ele sabia; os alemães tinham ocupado a

França, e uma série de lembranças de Paris invadiu minha mente, das ruas e mercados por onde eu andava todos os dias. Ele me contou que Goering tinha enviado centenas de bombardeiros para tentar destruir Londres, mas agora, parece, muitas pessoas construíram abrigos subterrâneos em suas casas e jardins, e os que não têm abrigo vão passar a noite nas estações de metrô.

— Nós não vamos ceder a esses infames! O seu hospital em Greenbridge e a sua família não correm perigo, eles estão fora de Londres, e o huno não parece estar interessado nas localidades pequenas, só nas cidades grandes.

— Você diz isso, mas sua amiga lady Troutbeck mora perto de Greenbridge, e você me contou em sua carta que ela ia para o Egito.

Hugh riu.

— Ah, Dora...! Aquela lá aproveita qualquer pretexto para viajar. Não a tome como referência. De qualquer forma, não vamos mais falar sobre a guerra. Estou farto desse assunto. Não se fala de outra coisa na embaixada. Agora estou aqui com você, e o sol está brilhando... Vamos esquecer a Inglaterra e Atenas e tudo isso, pelo menos por algum tempo, certo? Hugh estava sorridente como um menino na manhã de Natal. O problema era que o presente que estava esperando embaixo da árvore era eu! Ele passou os braços ao redor dos meus ombros e me fez levantar. Eu me obriguei a enfrentar o olhar dele, profundo, penetrante. Era como se ele olhasse através de mim e enxergasse a minha alma; tive a sensação de que ele podia me ver me retraindo por dentro, e me forcei a sorrir, a expressar felicidade, e ele me beijou.

Quando a língua de Hugh forçou meus lábios a se entreabrir, não consegui reprimir um acesso de tosse. O hálito dele estava tão carregado de vapores de *raki* que eu quase me dobrei para a frente, com engulhos.

Ele riu de novo e recuou.

— Ah, me desculpe, não achei uma escova de dentes. Estou com mau hálito? Eu assenti, aliviada por ele mesmo ter dito antes que eu tivesse de fazê-lo.

— Será que o velho *diddlyakis* buscaria minha mochila no *kafenion*? Fico de mãos amarradas sem ela.

— Eu vou até lá buscar — ofereci, já me afastando.

Eu faria qualquer coisa para sair dali.

— Vamos juntos — disse Hugh, mas nesse momento algum deus do Olimpo deve ter acordado e sorriso para mim, porque vi vários aldeões subindo o caminho em direção à casa.

Papa Yannis não tinha esperado muito para vir fazer uma visita, e ele e *Manolis* acenaram de longe quando nos avistaram.

— Fique aqui para receber as visitas — apressei-me a dizer.

— É você que eles estão vindo visitar, não eu.

E dando graças a *Panagia*, como faziam as mulheres do vilarejo, eu me afastei correndo.

No entanto, não cheguei a sair de casa, pois Yorgo foi o próximo a chegar, trazendo o que presumi fosse a “mochila” de Hugh: um saco rústico de juta amarrado por um barbante grosso.

Ele viu *papa* Yannis e Manolis, entregou-me a sacola e girou nos calcanhares, literalmente vindo num pé e voltando no outro.

Vários aldeões vieram na parte da manhã, às vezes famílias inteiras apareciam para ver “o homem de calças curtas”. Todos trouxeram algum presente para dar as boas-vindas a Hugh, a maioria pequenas garrafas de vinho ou *raki*, ou então uma réstia de cebolas, bolos ou ovos.

Hugh ficou sentado ali na varanda, recebendo educadamente os visitantes, com um sorriso no rosto. Ele até permitiu que uma ou duas crianças o cutucassem no braço ou na perna nua. Os pequenos que tinham essa ousadia davam risadinhas e depois fugiam correndo.

Hugh conhecia as regras da hospitalidade grega e ofereceu *raki* a todos os homens, a cada vez enchendo um copo para si próprio também. Na cozinha, eu piquei frutas e descasquei nozes para fazer *meze*. Pelo menos era uma coisa para me ocupar.

A notícia da chegada de Hugh tinha se espalhado no vilarejo, e pelos cumprimentos e saudações, e pelas respostas que ele dava às pessoas, eu logo fiquei sabendo de mais coisas do que precisava sobre a vida dele em Atenas.

As visitas se sucediam, e não houve tempo entre uma e outra para Hugh fazer a barba. O rosto dele parecia radiante, iluminado pelos raios de sol que faziam a barba crescida parecer dourada.

Quando as últimas visitas foram embora, eu finalmente relaxei, sentindo-me novamente à vontade na minha casa. Hugh saiu para se despedir; ele estava bêbado de novo e se escorou no batente da porta.

— Vá se deitar e dormir um pouco — sugeri. — Eu acordo você mais tarde.

— Boa ideia — murmurou ele, andando trôpego para a escada. Ele já estava descendo quando acrescentou: — Eu acho que aquele camarada que você contratou para fazer a reforma é um pouco suspeito! Eu fiquei paralisada ao ouvir aquilo, não conseguia me mover nem falar. Então ele continuou: — É bem propenso ao comunismo, pelo que pude deduzir.

O padre e o sujeito careca estavam me contando. Você precisa tomar cuidado com as pessoas que põe para trabalhar aqui. Pode ser perigoso pôr dinheiro nas mãos erradas.

Ouvi um arrote alto e um baque surdo, e deduzi que Hugh tivesse se jogado na cama. Depois disso, tudo ficou em silêncio.

Eu respirei fundo várias vezes, mas sabia que faltava muito pouco para eu começar a chorar, e resolvi sair um pouco para ficar sozinha.

Fui até o córrego, deserto àquela hora do dia, e prossegui caminhando até a Capela de Panagia Sta. Perivolia, a Virgem no jardim. Lá dentro, as paredes

frias me acolheram, e logo experimentei aquela sensação de calma que sempre sentia ali. Eu me sentei, exausta, e momentos depois adormeci.

Quando voltei para casa, Hugh estava acordado, sentado na varanda.

Parecia relaxado e à vontade, em casa. Ele sorriu para mim e estendeu a mão.

Eu a peguei e me sentei ao lado dele. Ficamos ali algum tempo, em silêncio, e com minha calma restaurada, eu sabia que me sentiria culpada depois que ele fosse embora. Que confusão infernal eu tinha feito da minha vida! — Está com fome? — Esfomeado! O que você vai fazer para o jantar? Andei fuçando na cozinha e vi que você está bem suprida de mantimentos.

— Ah, foram as vizinhas que me trouxeram aquilo tudo — expliquei. — Eu gostaria que você compreendesse como as pessoas deste lugar são maravilhosas, Hugh! São tão boas comigo... Eu estive doente uns dias atrás, nada grave, uma indisposição, mas todo dia vinham várias pessoas me visitar, pegavam minhas roupas para lavar, traziam coisas apetitosas para eu comer. Anthi, é claro, minha grande amiga, foi quem mais me ajudou. Você se lembra de Anthi? Foi ela quem salvou a minha vida quando eu caí e torci o tornozelo, antes de você ir para Atenas.

Hugh riu.

— Ah, você está falando daquela moça baixinha e atarracada? Vocês ficaram amigas, então?

Eu assenti e sorri.

— Ela foi a pessoa mais marcante que eu conheci aqui em Panagia, a responsável por tornar minha vida aqui tão memorável, tão prazerosa. Ela arranhou vaga para eu lecionar na escola... Eu lhe contei numa das cartas, lembra? Uma vez que eu comecei a falar, foi impossível parar. A minha vida no vilarejo era um assunto que jamais me cansava, e eu contei a Hugh todos os detalhes. Como tinha sido a reforma da casa, como as crianças estavam progredindo no inglês, como elas gostavam de aprender. E os primeiros socorros! Eu contei a ele sobre o pequeno hospital que tínhamos improvisado na velha igreja.

— Na verdade — falei —, se você resolver subir a montanha para encontrar seu amigo, você pode entrar lá e ver como está.

Hugh assentiu e se levantou.

— Sabe de uma coisa? Nós iremos juntos, depois que você preparar alguma coisa gostosa para comermos. Passei tempo demais longe de você, agora não quero perder você de vista nem por um segundo, enquanto eu estiver aqui.

Eu fui para a cozinha e comecei a preparar um ensopado de berinjela, abobrinha e tomate. Hugh assobiava alegremente enquanto observava tudo ao redor. Eu tinha um cântaro com ervas na pia, e sabia que seria capaz de preparar um prato à altura do que ele estava habituado. Irini tinha me trazido um pouco de pão no dia anterior. Então achei que se eu o temperasse com o rico azeite de oliva de

Anthi, sal e pimenta, e arrumasse numa travessa bem bonita com fatias de queijo, ele acharia irresistível.

Estávamos ambos na varanda, com a bandeja de acepipes à nossa frente, quando Hugh perguntou: — Você *ficou* contente de me ver, não ficou? Ele estava olhando para mim por sob a franja que teimava em cair sobre os olhos, e eu me lembrei daquele olhar desejoso que ele fazia tão bem; aquilo sempre havia me irritado, e estava me irritando agora.

— Claro que fiquei — respondi, enfática. — Por que não ficaria? — Sei lá... Parece que você construiu uma vida aqui, lecionando e tudo mais. Fico pensando se ainda existe lugar nela para mim.

— Vamos viver um dia de cada vez — sugeri, consciente do tom de desespero em minha voz. — De qualquer modo, não posso voltar para Atenas com você, você mesmo disse. Então é bom que eu tenha com que me ocupar por aqui até... até...

Hugh mal tinha tocado na comida, que já devia estar fria.

Dava mesmo para ver que já não estava tão apetitosa. O azeite tinha escorrido para o prato, e uma mancha escura em uma das abobrinhas se tornava cada vez mais evidente, prova de que já não estava fresca quando a preparei.

Empilhei tudo de volta na bandeja e levei para a cozinha.

Hugh foi atrás de mim, e depois que eu coloquei a bandeja sobre a pia, senti os braços dele me enlaçar e os lábios roçando em meu pescoço. Senti o hálito dele, conforme ele respirava, ligeiramente arfante.

Hugh me virou de frente para ele e começou a acariciar meus seios, apertando-os. Senti uma súbita dor, uma fisgada aguda. Meus seios estavam tão sensíveis que o menor contato me fazia retrair.

— Eu tinha me esquecido de como você é maravilhosa...

Vamos para a cama? Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ele já estava me conduzindo escada abaixo para o quarto, e já começando a tirar a roupa.

Meu coração batia forte, pesado. Uma onda de horror me engolfou, como água suja. O momento que eu temia havia chegado, e eu tinha de fingir que estava adorando aquilo tudo.

Tirei a roupa devagar, minha saia de cortina e uma blusa desmazelada.

Meus dedos estavam entorpecidos, insensíveis, e eu me atrapalhei com os botões. Senti as mãos de Hugh nos meus ombros, me guiando para a cama.

De repente, ele ficou impaciente, ansioso, e arrancou atabalhoadamente as peças de roupa que faltavam.

Eu aspirei o cheiro de Hugh, e todos os detalhes do corpo dele retornaram à minha lembrança, os pelos nas axilas, o abdômen plano, o membro túrgido e úmido. Fechei os olhos, tentando pensar em outra coisa, qualquer outra coisa, mas não consegui. Ele era meu marido, e estava ali, na casa dele, na cama dele, e eu era um zero à esquerda naquele cenário.

Eu amei você um dia, pensei, quando eu não conhecia nada da vida.

Paradoxalmente, senti uma espécie de alívio por aquele temido momento finalmente ter chegado, pois logo acabaria. Mas eu não precisava ter me preocupado. Hugh, que nunca perdia tempo com preliminares, tentou me penetrar, mas era tarde demais; ele emitiu um arquejo rouco e seu sêmen espirrou à nossa volta, encharcando o lençol. Então ele rolou de lado com um gemido, encolheu-se como um bebê e enterrou o rosto nas mãos.

— Desculpe... desculpe... desculpe... — ele murmurou baixinho.

Apesar daquele estranho misto de alívio e desespero, não pude deixar de sentir tristeza também. O rosto de Hugh estava molhado de lágrimas quando ele afastou as mãos e olhou para mim, e eu o acariciei nas costas e nos ombros. Eu queria dizer alguma coisa, mas não sabia o quê.

Ele esfregou vigorosamente o rosto e se sentou na cama.

— Eu consigo, Evadne, não é sempre assim. Acho que eu estava ansioso demais. Sabe como é, fazia tanto tempo, e você está tão desejável...

O olhar de Hugh percorreu o meu corpo, mas eu me levantei na mesma hora e vesti a saia como se fosse um vestido, com o cós acima do busto.

Sentia-me horivelmente exposta enquanto ele continuava a me observar.

— Parece que este lugar fez muito bem a você. Você está mais... arredondada, roliça.

Era como se ele estivesse falando das formas de uma égua.

Ajeitei a saia no lugar e vesti a blusa, pensando nas palavras de meu marido: “Eu consigo, não é sempre assim”.

Era óbvio que ele havia tido outras mulheres. E eu não sentia absolutamente nada ao constatar esse fato.

O homem a quem Hugh se referia como Bingo era extraordinariamente parecido com Foxy, apenas mais novo. Ele se levantou quando entramos na caverna.

— Que maravilha ver vocês! Eu soube pelo rádio que vocês estavam vindo. Meu irmão me avisou. Nossa, como é bom ver um ser humano...

— Ele olhou além de Hugh, na minha direção. — Desculpe, senhora, não me leve a mal.

— Não levei — respondi, séria.

Hugh o abraçou e começou a falar sobre sua viagem. Eu fiquei ali, em pé, sentindo-me deslocada, olhando à minha volta.

Eu conhecia tão bem cada canto, cada sombra daquele lugar. Nas poucas semanas desde que eu tinha estado ali, Bingo havia ocupado totalmente o espaço. Ele agora estava explicando a Hugh como o povo do vilarejo era hospitaleiro.

— Perdão, sra. Timberlake... É a sra. Divina Timberlake, não é? Eu soube que esteve doente. Está melhor? Ouvi vozes atrás de mim. Vozes que eu conhecia muito bem. Meu coração disparou, e eu não consegui me mover, não consegui

nem olhar para trás quando Bingo acenou e chamou: — Ei, rapazes, entrem! — Ele se virou para Hugh. — Você vai gostar de conhecer esse rapaz, o que eu desloquei daqui. Ele fez a reforma de sua casa. Ele mora aqui, na caverna. Christo e Kotso entraram, e sem olhar na minha direção, Christo apertou a mão de Hugh.

— Espero que o senhor tenha gostado da casa — disse ele.

— Foi um prazer restaurá-la.

Ele falou em grego, e Hugh respondeu em grego, com certa formalidade, acenando com a cabeça e agradecendo.

Então, Christo virou-se para mim.

— Está melhor, *kyria*? Eu não confiava em mim mesma para falar, então apenas assenti com a cabeça.

Eu queria ver amor nos olhos de Christo, queria ver anseio, saudade, mas o olhar dele era o de um estranho: educado, vazio.

Tinha sido um erro ir até ali. Como eu pude ser tão tola a ponto de me expor àquela tortura? Mas eu sabia por que eu estava ali; era justamente porque eu queria tanto ver Christo. Achei que o simples fato de vê-lo, mesmo que rapidamente, me faria bem. Mas o preço foi alto demais. Eu estava trêmula, zozna, febril. Fui me afastando em direção à entrada da caverna, tentando estabilizar minha respiração.

— Vou sair um pouco para tomar ar fresco — consegui murmurar e saí.

Atrás de mim, ouvi Hugh dizer: — A caminhada até aqui é puxada para algumas pessoas mais frágeis.

E em seguida escutei risadas.

Christo conseguia fazer tudo o que eu não conseguia; ele estava conversando descontraidamente com Hugh sobre a casa, o vilarejo, os aldeões, a guerra. Ao lado dele, Kotso parecia pesaroso, apreensivo.

Depois do que pareceu um tempo interminável, Hugh saiu ao meu encontro, com seu jeito jovial, e nós fomos embora. Eu sempre achava glorioso qualquer passeio nas montanhas; o ar era fresco, puro. Ao norte havia um pequeno pico escarpado com afloramentos de granito, densos e retorcidos, como se com algum propósito misterioso. Uma brisa fresca soprava no ar do fim de tarde, e eu puxei meu xale sobre os ombros. Hugh ainda usava o short detonado, e eu vi que ele estava arrepiado.

Ele estava bem-humorado enquanto descíamos, falando sobre como Christo era um bom sujeito etc. e tal. Obviamente, ele havia esquecido suas reservas anteriores, e chegou a me dizer que eu tinha escolhido muito bem o pessoal para trabalhar na reforma da casa.

Eu estava exausta quando chegamos, e só queria me deitar. Queria dormir vários dias e só acordar depois que tudo aquilo tivesse passado. Mas meu marido estava ali agora, e embora eu descesse apressada para o quarto, alegando uma dor de

cabeça, ele ficou tão desconsolado que eu sugeri que ele fosse até a Piperia, onde com certeza encontraria companhia melhor que a minha. Ele fez exatamente isso, e só voltou para casa às duas horas da manhã, bêbado demais para pensar em romance.

Olhando para minha filha mais velha a meu lado, emudecida daquele jeito, tudo que eu queria era abraçá-la, apertá-la em meus braços com tanta força que todos os medos e sofrimentos fossem arrancados dela.

Era impossível deixá-la sozinha por muito tempo. Mesmo que ela estivesse dormindo, ela acordava e, quando não me via, saía correndo me chamando. Tínhamos de fazer tudo juntas, Despina e eu; dormíamos juntas na cama dela. Quando eu ia cuidar das abelhas, ela ia comigo. As galinhas, as cabras, a horta, o jardim, em todas as minhas tarefas eu nunca estava sozinha.

Não havia condição de ela ir à escola ou à casa de uma amiguinha.

Ela continuava muda.

Fazia dias que eu não via Divina, mas eu sabia que o marido dela estava no vilarejo. Todo mundo sabia, e talvez o melhor mesmo fosse deixá-la sozinha um tempo para lidar da melhor maneira possível com a situação.

Ele era o assunto principal no vilarejo poucas horas depois de ter chegado.

As histórias da vida dele em Atenas era assunto de fofocas sem fim.

A pilha de roupa para lavar estava enorme, e Manolis já não tinha uma camisa decente para usar, então eu precisava encarar aquilo. Carreguei Astrape e fui com ele e as meninas em direção ao córrego. Foi Voula quem me fez pensar em ir pelo caminho que passava pela casa de Divina. Enquanto caminhávamos, ela chamou: — Vina, Vinha! Estamos chegando! Ela olhou para mim e riu, daquele jeito que eu adorava, e pensei: *Por que não?* Ainda estávamos a uma certa distância quando Divina veio correndo ao nosso encontro. Ela nos abraçou com tanta alegria que parecia que fazia um ano que não nos víamos.

— Estou vendo que você está ótima — observei. — Alguma novidade? É claro que o que eu queria saber era se ela tinha menstruado, mas ela estava cumprimentando as meninas e nem ouviu minha pergunta.

— Todas as minhas roupas estão limpas — disse ela —, graças a você, mas eu vou adorar ir com vocês até o córrego. Vai ser bom sair um pouco de casa.

Quando chegamos perto do pinheiral na margem do caminho colina abaixo, ouvimos os risos das mulheres no córrego. Todas ficaram animadas de ver Divina, e deixaram de lado suas roupas para se agrupar em volta dela, rindo e tagarelando. Aphrodite, que estava lavando as fraldas do bebê na bacia de pedra reservada para essa finalidade, falou por sobre o ombro: — Pelo visto, seu marido também gosta de jogar cartas, hein? Ele já está totalmente adaptado por aqui. — Virando-se para as outras mulheres, ela acrescentou: — Ele é generoso, também. Yorgo mal conseguia ficar em pé quando chegou a casa esta madrugada. E foi conhaque dos bons...

Percebendo o meu aturdimento, Divina apressou-se a explicar: — *Prefa*. Yorgo

ensinou Hugh a jogar *prefa*.

Aphrodite batia com força as roupas encardidas sobre a pedra, enquanto uma das meninas segurava o bebê nos braços. O rosto dela estava afogueado pelo esforço, e ela falou, ofegante: ~ 302 ~

— Ano que vem, você vai estar aqui lavando roupinhas de bebê.

O comentário provocou gargalhadas das mulheres, mas Divina não riu; atônita, ela olhou para mim. Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, a viúva Anastásia se aproximou de nós.

— É melhor você dizer a ele para parar com essa história de jogo. Ele não vai ter tempo para isso, se vai ser papai.

Houve gritinhos e até um assobio, conforme todo mundo acompanhava na provocação.

Quando as mulheres se reúnem, desaparecem todo recato e timidez que elas exibem aos maridos. Eu vi a compreensão descer lentamente sobre o semblante de Divina, e ela enrubescou quando finalmente entendeu as brincadeiras.

A conversa continuou alegre, girando em torno de Divina, do regresso do marido dela, das calças curtas que ele usava, e houve até comentários sobre as pernas finas dele.

Quando finalmente nos despedimos para ir embora, a última palavra foi de Aphrodite: — Você ainda está abatida, mesmo tendo melhorado da indisposição. Vá para casa e descanse... Você vai precisar de energia para dedicar ao seu marido.

No caminho de volta, as meninas correram na frente, e eu fiquei contente por ter a oportunidade de conversar com Divina.

— Panagia deve estar sorrindo para você, minha amiga.

Você foi abençoada em um único dia com toda a sorte que o resto de nós ficaria feliz em ter ao longo da vida inteira.

Ela me olhou, confusa, e eu expliquei devagar e com clareza: — Agora o vilarejo inteiro vai achar a coisa mais natural do mundo que você engravide. Você percebeu? Aphrodite propiciou a solução para todos os seus problemas.

Divina arqueou as sobrancelhas.

— Elas vão achar que eu estou grávida do meu marido? É isso que você está dizendo? Que eu posso deixar que todos pensem que o bebê... é de Hugh? Eu assenti, animada.

— É a resposta para tudo, Divina, você já tem a solução! Mas em vez de sorrir, ela começou a chorar.

— Oh, Anthi... Quisera eu que a vida fosse assim tão simples! Como este bebê poderia ser de Hugh? Diga-me, como isso seria possível? Foi então que ela me contou algo que nunca tinha contado antes, que o marido não conseguia fazer sexo com ela. Eles tinham tido pouquíssimas relações, desde que se casaram, e sempre afobadas, interrompidas, incompletas.

— Esse foi um dos motivos pelos quais Christo mudou a minha vida. Ele me ensinou tudo, todas as coisas que eu não conhecia, que eu não sabia que era possível sentir... paixão, desejo, ternura. Você entende o que eu quero dizer? Tudo que se passa entre um casal, entre um homem e uma mulher.

As meninas estavam fascinadas com um falcão que sobrevoava a área, subindo e descendo, pousando em uma árvore ou colina. Podia-se ouvir os guinchos de algum pequeno animal que ele havia escolhido como presa e, em seguida, o silêncio enquanto, imponente e majestoso, o pássaro alçava voo em direção a seu ninho, levando sua refeição.

— Eu não sei o que é isso — confessei, corando como uma menina. — Eu sempre achei que esses sentimentos que você está descrevendo fossem só para os homens. Que as mulheres têm apenas de aguentar e parir os filhos.

Nunca imaginei que pudesse existir qualquer coisa além disso. Pelos comentários que escuto das mulheres aqui do vilarejo, todas elas acham... um... sacrifício ter relações com o marido. Elas querem que tudo acabe logo, bem rápido. Eu, pelo menos, sempre vi isso como uma obrigação de mulher casada.

Minha mente estava tumultuada, com pensamentos conturbados, conforme prosseguíamos caminhando de volta para a casa de Divina. Quando chegamos, não havia sinal do marido dela, apenas um bilhete afixado à porta avisando que ele tinha ido encontrar o amigo na caverna para usar o rádio.

— Ele vai embora amanhã — disse ela, enquanto a seguíamos para dentro de casa.

— Então você ainda tem esta noite.

Divina suspirou, e os olhos dela se nublaram de ansiedade e aflição.

— Para fazer o quê? O que eu poderia conseguir em uma noite que não consegui em todo esse tempo que estou casada? — Você não pode perder a esperança. Não pode se sentir derrotada dessa maneira. — Mande as meninas irem brincar do outro lado da sala: — Vão brincar com os retalhos de Divina, vão... Vamos, andem logo! Elas se afastaram correndo, mais por medo do que por vontade de brincar, eu acho, mas naquele momento isso não era importante.

— Pelo menos — falei, voltando-me para minha amiga —, ninguém vai mais achar estranho quando você aparecer de barriga. Não vão ficar especulando, nem comentando. Não é uma situação perfeita? Seu marido passou uns dias aqui, e você ficou grávida. Não é uma maravilha, Divina? — Sim, mas e depois? Depois que o bebê nascer, e a guerra acabar, e Hugh vier me buscar para voltar para Atenas? E aí, Anthi? Divina estava propensa a ver as coisas por um prisma negativo. Estava só pensando no que poderia dar errado em vez de se apegar à possibilidade de tudo dar certo.

— Meu marido pode ser muitas coisas, mas não é tolo. O povo do vilarejo até pode acreditar que Hugh e eu tivemos um bebê, mas ele vai saber muito bem que isso seria impossível, que o filho não pode ser dele. Sinto muito, Anthi, eu entendo o seu ponto de vista e o empenho em fazer com que tudo dê certo, mas Hugh conhece a verdade sobre si mesmo melhor do que ninguém.

Eu segurei a mão dela e senti-a tremer.

— Você ainda tem esta noite, minha querida. Quem sabe hoje não seja diferente

das outras vezes? Você precisa ajudá-lo, fazer com que seja prazeroso para ele. Sem pressa, sem afobação.

Você precisa tentar, tudo depende disso.

Por um momento, tive a impressão de que minha amiga estava indecisa entre rir ou chorar.

— E se não der certo? — Ora, nem parece a minha amiga inglesa que está falando! — Eu sabia que devia conter a irritação, mas não consegui. — Veja só, parece que você *quer* que não dê certo! Você precisa se preparar para o seu marido, como se fosse para o seu... amante. Tome um belo banho, lave o cabelo, perfume-se...

Jogue pétalas de flores na cama, ofereça um pouquinho de vinho a ele, só um pouco, claro, não vá embebedá-lo. E faça amor com ele como você nunca fez antes na vida.

As meninas tinham voltado para perto de nós, e Voula estava puxando minha saia. Elas estavam com fome, e nós precisávamos ir embora. Bem, pelo menos Divina estava sorrindo quando nos acompanhou até a porta.

— Eu sei, Anthi, entendi. Prometo que vou tentar, vou fazer todo o possível. Eu odeio fingimento, mas...

— Odeia fingimento? Está um pouco tarde para se preocupar com isso, não acha? Divina se retraiu.

— Nos falamos amanhã, depois que Hugh for embora — murmurou ela. — Deseje-me boa sorte.

Eu dormi mal naquela noite. Fiquei pensando em Divina, tentando imaginá-la persuadindo o marido a fazer amor com ela.

Que ironia! Eu, de minha parte, só queria que o meu me deixasse em paz! Já fazia alguns meses que ele não me procurava. Era comum ele dormir na poltrona perto da lareira, com o cachorro a seus pés. Ou então, nem vinha para casa.

Eu me perguntava se ele dormia com prostitutas quando ia para Sitia.

Não que eu me importasse. Só não gostava da ideia de ele gastar nosso suado dinheiro dessa maneira, mas o que eu podia fazer? Dizer para ele não fazer isso? Que ideia! Seria inútil, claro.

Voula teve um sono agitado, e eu tive de me levantar várias vezes para vê-la. Despina dormia tranquilamente.

Por volta das três horas da manhã, eu levei Voula para baixo e me sentei com ela no colo, tentando fazê-la dormir. A noite estava quente e abafada, com uma bruma que bloqueava qualquer eventual som que viesse de fora, deixando o silêncio mais acentuado. Como todo mundo, eu ansiava pelo frescor da chuva, queria sentir o friozinho do vento na pele.

Eu falei baixinho com Voula, disse que, se ela quisesse, nós poderíamos ir visitar o cabritinho recém-nascido e ver se a mãe dele o estava amamentando

direitinho. Era comum eu ter de alimentar os filhotinhos, quando as mães os rejeitavam, e as meninas adoravam me ajudar nessa tarefa.

— Coitadinha da minha menina — falei, embalando Voula nos braços. — Acho que você está com dor de ouvido. Será que vai ajudá-la a se distrair se formos visitar o bebezinho? Ela assentiu com a cabeça, o polegar na boca, e nós saímos para o jardim, atravessamos a horta e descemos até o curral. Na verdade, é uma construção de madeira que eu uso também como abrigo para qualquer animal necessitado, o que Manolis acha um absurdo.

A bruma estava se dissipando, e a lua cheia apareceu no céu, lançando sombras compridas através das árvores. Estava mais fresco ali fora, e quando chegamos ao curral Voula escorregou do meu colo para o chão e foi correndo ver o filhotinho recém-nascido.

Como eu tinha previsto, o bebê estava balindo pateticamente, a mãe estirada ao lado dele, cheia de preguiça, piscando um olho de vez em quando, e no mais ignorando as súplicas do filhote.

Ficamos lá por cerca de meia hora, e Voula esqueceu a dor de ouvido.

Ela veio dormindo no meu colo quando atravessei o jardim de volta para casa.

Parei por um momento antes de entrar. As nuvens que antes encobriam o céu tinham se dissolvido, e as estrelas cintilavam no alto, como se houvesse milhares de velas acesas no firmamento.

As janelas da casa estavam escuras, e o ar estava parado; o silêncio era tamanho que eu pensei que conseguiria ouvir o roçar da asa de uma coruja na árvore ali mais próxima.

Não havia sinal de Manolis na poltrona. O cachorro dele estava deitado no pé da escada e rosnou quando passei por ele.

Subi a escada e levei Voula para o quarto das meninas, onde ultimamente ela dormia sozinha.

Ela não acordou quando a deitei na cama e a cobri. Sentei-me ao lado dela por um momento, sentindo o cansaço e o sono tomarem conta de mim.

E então... que ruído era aquele? Ouvi um farfalhar abafado, e em seguida um rangido.

Havia algum movimento onde só deveria haver quietude e silêncio àquela hora. Um sussurro, um arquejo, teria sido isso? Seria Despina? Um som baixo, abafado, rouco... parecia um murmúrio ritmado...

Será que eu estava imaginando coisas? Imaginando ruídos? Mas eu senti uma coisa estranha, uma espécie de inquietação, e por fim um calafrio.

Sem fazer barulho, eu me esgueirei pela área entre os cômodos e parei na porta do meu quarto, onde Despina estava dormindo. Estava fechada.

Eu me lembrava claramente de tê-la deixado aberta, para o caso de Despina acordar.

Bem devagar, abri a porta; Manolis, com uma prestimosidade incomum, havia

lubrificado o trinco e as dobradiças poucos dias antes, a meu pedido.

Entreí no quarto pé ante pé, sem enxergar coisa alguma.

Aos poucos, meus olhos se acostumaram ao escuro, mas o silêncio voltara a reinar, e não se ouvia um som. Estava tudo tão silencioso que chegava a ser estranho, apavorante. Então, de repente, escutei um som baixo e rápido, como uma respiração sufocada, e em seguida o silêncio outra vez.

Fiquei paralisada quando vi o que estava acontecendo, quando percebi de onde tinham vindo os ruídos que eu havia escutado. Foi uma paralisia total, nem mesmo meus olhos piscavam, eu parei de respirar e acho que até meu coração parou de bater. Mas foi rápido; durou apenas alguns segundos, e em seguida eu voei na direção da cama, agarrei Manolis pelo colarinho do colete e o arranquei de cima da minha filha, jogando-o no chão. Não sei de onde veio a minha força. Eu fiz tudo isso em silêncio, instintivamente não querendo acordar Voula.

— Animal! — sibilei enquanto me debruçava e pegava Despina em meus braços. Ela me fitou com os olhos opacos, como se não me enxergasse.

A camisola estava levantada até a cintura, expondo as pernas e a parte inferior do corpo. A pele de sua feminilidade em botão estava irritada e avermelhada.

Por sobre o ombro, vi meu marido se levantar e sair do quarto.

— Oh, minha filhinha, minha pequena Despoula! Eu a embalei nos braços, e nossas lágrimas se misturaram.

Ela abriu a boca e respirou em golfadas, enquanto tudo que eu conseguia fazer era repetir: — Minha filhinha, minha filhinha...

Parecia que eu sentia cada osso do corpo dela, de tão vulnerável que ela estava. Levei-a para fora do quarto e ouvi a porta batendo no andar de baixo. Manolis tinha saído.

Lavei Despina com toda a delicadeza possível, com a água fria da bacia. Não havia sangue. Lastimavelmente, já havia passado muito desse estágio.

Oh, quanto tempo fazia que minha filha estava passando por aquilo?! Eu estremeci, mas tratei de me controlar na frente dela, para transmitir calma e segurança. Quando a deitei na cama, ela se agarrou a mim com mais força. E então...

— *Mama* — ela sussurrou. — *Mama*.

Eram as primeiras palavras que ela dizia em semanas, e eu nunca tinha ouvido um som tão doce.

Divina

Estiquei o braço e, devagarzinho, toquei o braço de Hugh.

Ele estava acordado e me abraçou no mesmo instante.

Eu tinha passado as primeiras horas da noite tão quieta e calada, pensando e planejando como seduzir meu marido, que quando fomos nos deitar ele adormeceu quase imediatamente. Eu tinha preparado uma refeição que achava que ele ia gostar: cabrito assado com frutas e hortelã, regado a vinho tinto.

O vinho era do avô de Anthi, ela tinha me dado duas garrafas, mas seguindo seu conselho, só coloquei uma na mesa, a outra deixei guardada.

Também como Anthi havia sugerido, eu tomei banho, lavei o cabelo e vesti um dos poucos vestidos que eu havia trazido de Atenas e ainda guardava, de seda cor-de-rosa. As traças já tinham começado a comê-lo, mas ainda dava para usar; elas tinham mordiscado o decote, e o efeito foi que o acabamento dobrou para baixo e expôs mais os seios, que por si só já estavam maiores.

Na verdade, quando o vesti, me pareceu que algo mais além das traças havia se refestelado ali, porque o pedaço comido era bem grande e nítido.

Mas naquela noite não havia espaço para pensamentos desse tipo. Felizmente o vestido ainda servia, embora justo. A ligeira saliência da minha barriga era compensada pelos quilos que eu havia perdido recentemente, por causa da intoxicação.

Eu tentei pensar em Christo, mas me senti péssima fazendo isso, a pior espécie de traidora, então me concentrei em Hugh mesmo. Pensei no Hugh que eu havia conhecido e por quem tinha me apaixonado.

Não foi fácil, porque ele havia mudado bastante; estava envelhecido, aparentando ter mais idade do que realmente tinha; os cabelos estavam mais ralos, os olhos mais caídos.

Ele adorou o cabrito e quis repetir. Comeu com tanto gosto que nem reparou que eu quase não comi.

— Você está cozinhando muito bem — ele elogiou. — É a vantagem de não ter empregados disponíveis. Mas para ser franco, eu sinto falta desse lado da vida na embaixada. É bom ter alguém que engraxe seus sapatos e passe suas roupas.

Ele se levantou e estendeu a mão para mim, para irmos à varanda.

Para quem estivesse pensando em romance, a noite estava perfeita; o ar estava tépido, a lua cheia prateada, o céu forrado de estrelas. A distância, ouvi o clamor de um pássaro noturno e o canto das últimas cigarras do verão.

— Eu queria que você não tivesse jogado fora meu coador de café — disse Hugh, cortando a atmosfera doce. — Não consigo me acostumar com aquela gosma pegajosa que vocês tomam aqui.

Ele arrotou baixinho.

Ficamos algum tempo sentados em silêncio, e então Hugh começou a relembrar nosso tempo de namoro. Ele se lembrava de tanta coisa, de detalhes que eu tinha esquecido fazia muito tempo: Copper Kettle, os filmes a que assistimos, as refeições rápidas que muitas vezes fazíamos entre meus turnos.

Naquela noite Hugh me fez rir, como costumava fazer naquela época. Ele disse: — É provável que você tenha esquecido tudo isso, mas é o que eu faço nas minhas noites solitárias em Atenas, fico recordando todas as coisas gostosas que fizemos juntos.

Ele se virou para mim, e o semblante dele, com todas essas lembranças, se suavizou e rejuvenesceu à medida que ele falava, o sorriso alegre e jovial como sempre tinha sido. E olhando nos olhos de Hugh, eu vi todo o amor que ele tinha me dedicado ao longo dos anos. Num impulso, estendi a mão para pegar a dele e a levei ao meu rosto, escondendo meus olhos para que ele não visse as lágrimas.

— O sol da Grécia destacou suas sardas e fez aparecer outras, eu acho — disse ele, e eu tentei sorrir. — A verdade é que uma coisa que eu sempre achei um charme em você são as sardas. E o seu cabelo. E como você sempre tropeçava ou escorregava com tanta facilidade.

Olhei para ele, surpresa.

— Mas são exatamente essas mesmas coisas que eu sempre odiei em mim! — Eu sei. Mas era o que fazia você ser tão diferente das outras garotas... Como era mesmo que você as chamava? Eu já ia falar, mas ele me interrompeu.

— Lembrei, lembrei... Minky, Mouse e Boo. Não chore... — ele murmurou. — Não é para você ficar triste. Quando tudo isso terminar, essa guerra estúpida, nós poderemos ficar juntos outra vez.

Então nós entramos e descemos para o quarto.

Ficamos um longo tempo deitados na cama, de mãos dadas, cada qual perdido em seus pensamentos; até que eu percebi que Hugh tinha adormecido.

No mesmo instante acariciei o braço dele; ele acordou imediatamente e me abraçou. Em poucos momentos ele estava me acariciando entre as pernas, e meu corpo reagiu automaticamente... Eu o desejava. Logo, porém, ele interrompeu as carícias e deitou-se em cima de mim, gritando o meu nome e já querendo me penetrar. Mas antes que conseguisse, ele alcançou o orgasmo e ejaculou no lençol... de novo.

Ficamos deitados lado a lado na cama desarrumada. Eu senti que devia pedir desculpas a Hugh, assumir a culpa.

Certamente ele se sentiria melhor se não se sentisse culpado, não? Mas ele riu, um riso áspero, seco, depois virou-se de costas para mim e começou a chorar. Tinha sido uma relação apressada, desajeitada, desastrada, e nada mais.

Estendi o braço e fiquei passando a mão nas costas de Hugh, para cima e para baixo. Ele aceitou meu carinho e segurou minha mão, beijando-a com ternura e murmurando, sem parar: — Desculpe, desculpe...

Pobre Hugh... Um homem tão vistoso, tão charmoso, que adorava falar de romance e de sexo, e ali entre nós, na intimidade, era perdido e fraco.

Passamos grande parte da noite acordados, deitados em silêncio. Não havia nada a ser dito, por isso não falamos nada.

Depois de algum tempo, eu fiz uma segunda tentativa e o abracei de novo, mas ele afastou gentilmente a minha mão, sem dizer uma palavra.

E então, depois de longos segundos, Hugh falou: — Minha esposa querida, minha querida Evadne... — Ele voltou a segurar minha mão. — Nós ficamos longe tempo demais.

Eu deveria... eu queria... se... é tarde demais. Mas logo... em breve, nós ficaremos juntos. E em outro lugar, longe daqui.

E então, ele levou minha mão aos lábios.

*** Os preparativos para a viagem de Hugh o mantiveram ocupado quase a manhã inteira. Ele vestiu a mesma roupa com a qual tinha vindo, que eu tinha lavado e deixado ao sol para secar.

Preparei um lanche de pão e frutas, um pouco de vinho e um frasco de *raki* para ele levar, até que, de repente, ele estava pronto para partir, e não havia mais por que esperar.

Estávamos os dois desconfortáveis, pouco à vontade um com o outro.

Eu estava triste, por vários motivos, e foi com a voz embargada que me despedi dele.

Hugh foi até os degraus da varanda e, de repente, parou, virou-se para mim e estendeu os braços, com um olhar tão suplicante que eu corri para ele e o abracei.

— Cuide-se — falei.

Ele me afastou e disse: — Eu amo você, Divina. Lembre-se disso. Eu nunca ameí outra mulher e sinto muito a sua falta. Minha vida em Atenas é vazia e solitária sem você.

E então ele se foi, e eu fiquei sozinha, e tudo em que eu conseguia pensar naquele momento era que, pela primeira vez, ele tinha me chamado de Divina.

emanas se passaram antes que eu voltasse a ver meu marido. Eu soube que ele estava hospedado na casa do irmão, Stelios.

A recuperação de Despina era lenta. Havia dias em que ela não dizia uma palavra. Às vezes até os olhos dela pareciam cegos, como se não enxergassem.

Eu tentei falar com ela sobre o pai, sobre o que tinha acontecido, mas isso só fez com que ela se retraísse ainda mais.

Era evidente que ela queria esquecer o que acontecera, enterrar bem fundo.

A única coisa que não mudou foi que ela não saía de perto de mim.

Tornou-se a minha sombra, a tal ponto que eu já nem percebia mais.

O ritmo da minha vida mudava diariamente. O sol ia e vinha, às vezes chovia um pouquinho. O inverno demorou a chegar e acabou logo, e quando nos demos conta já era primavera.

Eu realizava minhas intermináveis tarefas como se estivesse envolta numa bruma cinza de tristeza e fadiga. Às vezes parecia que eu nem mesmo tinha forças para temer o que seria de mim e das meninas.

Todos os dias eu pensava em conversar sobre o problema com *yaya* e *pappous*, mas sempre que eu estava com eles e abria a boca para falar, eu mudava de ideia e não dizia nada. Eu queria ver Manolis morto, e sabia que meu *pappous* o mataria, atiraria nele sem vacilar se eu pedisse, mas uma atitude dessas desencadearia uma sequência de eventos que certamente arruinariam a vida de todos nós, por isso era algo horrendo demais para contemplar.

Divina percebeu que havia algo errado. Nós já nos conhecíamos tão bem que era quase impossível uma esconder algum segredo da outra. Nos primeiros dias, quando tudo que eu sentia era uma raiva profunda e intensa, eu evitei muita proximidade com ela. As aulas haviam recomeçado, e nos encontrávamos na escola, mas eu evitava ir à casa dela, e ela evitava ir à minha, como se percebendo que eu estava com um problema sério e respeitando o meu espaço e o meu silêncio. De vez em quando ela me lançava um olhar eloquente e às vezes, me dava um abraço, sem dizer nada. Eu era grata por isso. Então, certo dia, ela falou: — Lembre-se de que eu sou sua amiga e sempre serei. Você é uma pessoa maravilhosa, uma grande amiga, e pode sempre contar comigo, para o que precisar.

A gravidez dela estava cada vez mais evidente. Todo mundo percebia, mas poucas pessoas tocavam no assunto. Até que um dia, no córrego, Aphrodite disse: — Quer dizer, então, que a visita do seu marido rendeu alguma coisa, não é, Divina? Divina corou e sorriu, mas não disse nada.

Quando tive oportunidade, perguntei: — Deu certo a sedução? A expressão dela esmoreceu. O sorriso desapareceu, e ela suspirou.

— Não sei o que fazer. Não, não deu certo, Anthi. Foi igual às outras vezes. — Ela acariciou o ventre. — Este bebê é meu e de Christo, e eu tenho só alguns meses para apreciar isso. Depois, não sei o que vou fazer.

Mas então Manolis voltou para casa, e eu não consegui pensar em mais nada. Ele simplesmente entrou, certa noite, como se nada tivesse acontecido.

Sentou-se à mesa e ficou balançando uma faca na mão, batendo com ela de vez em quando na mesa, esperando comida.

Minha mente rodopiava. E se eu o ignorasse completamente? Se fizesse de conta que ele não estava lá, o deixasse se arranjar sozinho com a comida e a roupa? Se deixasse para ele os cuidados com as ovelhas, as cabras, a lavoura? O que aconteceria? Provavelmente ele me poria para fora de casa, mas... e minhas filhas? Eu me senti péssima, nauseada. Ele agora tinha um uso para elas, e não me deixaria levá-las.

A imagem dele com Despina jamais se apagaria da minha mente.

Todas as noites, quando eu fechava os olhos, aquela cena me assombrava.

E Voula seria a próxima. Eu não podia suportar isso, então coloquei a comida na mesa. Lavei a roupa dele e cuidei do rebanho e da horta; eu fazia tudo o que uma esposa deve fazer, mas em meu íntimo, eu sabia que tinha de encontrar uma saída.

E logo.

Despina sentou-se de costas para ele, a um canto.

Felizmente, ele a ignorou também. Mas Voula ficou contente em ver o pai voltar e correu para ele, rindo. Manolis a ignorou, concentrado no prato, mastigando devagar e de um jeito repulsivo. Voula puxou a camisa dele, mas ele não desviou os olhos do prato. Ela o fitou, perplexa, e recuou. Mas em seguida correu para ele outra vez e bateu palmas.

— Au, au — ela imitou um latido.

O cachorro de Manolis moveu uma orelha, e só.

Voula latiu de novo, e nada.

Era uma cena triste de se ver. Senti vontade de chorar. Ela só queria a atenção do pai. Ela mugiu como uma vaca, miou como um gato. Manolis terminou de comer, empurrou o prato e então estendeu os braços para pegá-la e a sentou em seu colo.

Ela riu e se contorceu, mas ele a segurou com força, e um sorriso lento curvou os lábios dele.

— Minha Voula — ele murmurou, e eu senti um calafrio horroroso.

Despina, Voula e eu dormíamos todas juntas, agora.

Quando Manolis estava em casa, eu nunca perdia nenhuma das duas de vista; Voula tinha muita energia, não parava um instante de correr de um lado para outro, para dentro e para fora, e no final do dia eu estava exausta, mas nunca dormia mais de uma hora seguida. Eu acordava sobressaltada, olhava em volta,

assustada, abraçava minhas filhas e tentava me acalmar para voltar a dormir.

Às vezes eu ouvia Manolis se movendo, durante a noite.

Sentia o cheiro do tabaco no ar. De manhã, encontrava a mesa desarrumada, com louça usada suja e gordurosa, recendendo fortemente a vinho e queijo. Às vezes, quando eu não conseguia dormir, eu ouvia os passos dele no andar de baixo, arrotando e produzindo outros ruídos indesejáveis.

Certa manhã eu descí, como fazia todos os dias, com Despina agarrada a mim. Voula tinha descido na nossa frente, impaciente para começar o dia. Manolis nos seguia com os olhos enquanto eu me locomovia, preparando o desjejum. Fiz café e coloquei o bule na mesa. Minha mão tremia.

Manolis se pôs de pé, bebeu o café de um gole e se encaminhou para a porta. Antes de sair, ele se virou e avisou: — Eu volto.

E foi-se embora.

Yaya estava ocupada na cozinha, quando chegamos à casa dela naquela manhã. Voula correu para ela e mergulhou o dedo na tigela para lambar a massa que *yaya* estava fazendo.

— Esta não é para vocês, querida — disse *yaya*, gentilmente afastando a mãozinha de Voula.

Ela olhou para mim rapidamente enquanto começava a misturar a massa.

— É para o funeral — explicou. — Você sabia que a viúva Bigorakis morreu esta noite? — *Yaya* balançou a cabeça. — Não muitos irão chorar sua morte, ela virou uma megera depois que o marido morreu. — *Yaya* se benzeu três vezes. — Que Panagia me perdoe, mas é verdade.

Ela pegou um punhado de erva-de-são-marcos verde na mesinha ao lado e, abrindo espaço, ajeitou a verdura para começar a picar. Tirou as flores amarelas em forma de botão e as colocou de lado.

— Biscoitos de erva-de-são-marcos — disse ela. — Poucas pessoas devem se lembrar hoje em dia, mas nós sempre fazíamos estes biscoitos para os velórios. Perigosa, essa planta, se você comer demais corre o risco de acabar dentro do caixão, junto com o defunto.

Eu me lembrei da poção que Glykeria tinha preparado para Divina.

Eu sabia que era potente, mas não que era perigosa.

— Quanto é “demais”? *Yaya* indicou as flores que ela tinha cortado.

— Se eu usasse essas flores junto com isto — ela apontou para os caules avermelhados que estava picando miudinho —, seria suficiente para matar um homem adulto. Eu só faço estes biscoitos ocasionalmente agora, e uso uma quantidade moderada da erva. Não quero deixar metade dos habitantes de Kato Panagia se debatendo em convulsões.

— Pare, mocinha! — *Yaya* empurrou a mão de Voula.

Minutos depois, a assadeira com os biscoitos moldados estava no forno. Eu segurei o braço de *yaya* quando ela começou a recolher os restos da erva e as

flores para dentro do bolso do avental. Ela olhou para mim.

— Eu vou levar — expliquei. — Tenho um pouco dessa planta crescendo no meu jardim. Tem um cheiro bom, parece alecrim.

— Pois você deveria arrancar tudo e queimar, antes que as meninas resolvam colher e comer. Tudo bem, é uma planta bonita e cheirosa, mas pode ser letal. — *Yaya* olhou para mim e confundiu minha expressão com perplexidade. — É sério.

Qualquer descuido com uma planta tão tóxica pode ser fatal.

— Claro — respondi.

Mas enquanto *yaya* ainda estava falando, meu pensamento já estava longe dali.

Era um glorioso dia de primavera, daqueles em que a gente se sente viva.

Atravessamos as colinas de volta para casa, e parecia que para todos os lados que eu olhasse, eu via aquelas flores amarelas da erva-de-são-marcos. Eu tinha a impressão de que o ar estava impregnado com o perfume delas. Será que todo mundo sabia como aquela planta era venenosa? Mas no meu jardim, eu não arranquei as ervas-de-são-marcos, como *yaya* tinha me dito para fazer. Fiquei ali algum tempo, olhando para elas, minha mente repleta de pensamentos tenebrosos. Estremeci, apesar da temperatura alta, e mandei as meninas entrar. Minutos depois, entrei também e fui preparar um ensopado de legumes; não havia muita carne disponível, as pessoas não estavam abatendo os animais, estavam esperando a Páscoa.

Enquanto eu cortava o alho-poró e os legumes, meu olhar era atraído para a janela aberta. A brisa morna trazia para dentro de casa o perfume denso das flores amarelas, e eu adicionei bastante alho ao ensopado, como que para abafar um cheiro com outro.

— Nós vamos levar ovos para Divina, *mama*? Era a frase mais longa e alegre que Despina pronunciava em semanas.

Nós encontramos Divina no caminho da casa dela, vindo ao nosso encontro.

— Eu preciso caminhar todos os dias — disse ela. — Senão, vou virar um barril.

Continuamos caminhando juntas. As meninas levavam os ovos no bolso dos aventais, por isso fomos andando devagar.

Quando finalmente chegamos à casa de Divina, nos sentamos na varanda sombreada. Ela se abanou com uma folha.

— Faltam poucos meses para eu conhecer este bebê — disse ela. — Depois disso, acrescentou, desconsolada —, quando ele nascer, não tenho a menor ideia do que vou fazer. É um menino, tenho certeza. Ele já está chutando.

— Eu queria morar aqui — disse Despina de repente. — Eu detesto a nossa casa.

— Nós podemos morar aqui com você, Divina? — Eu também, eu também! — gritou Voula, dando pulinhos.

Eu fiquei parada, em silêncio.

— Vocês podem ficar aqui sempre que quiserem. Eu adoro a companhia de

vocês, vocês sabem disso.

— Talvez por uma noite — falei, hesitante.

— Oba, oba! — gritou Voula.

— Claro — concordou Divina.

Despina olhou para mim com um sorriso iluminando o rosto melancólico.

— Pode ser hoje, *mama*? Por favor, por favor...

— Hoje, hoje! — Manolis está em casa? — quis saber Divina.

— Está, mas ele não vai se importar. Eu vou...

— ...buscar algumas coisas — Divina completou a frase para mim.

— Pode ir sossegada, nós vamos ficar bem, não é, meninas? Enquanto isso, vocês podem me ajudar a preparar alguma coisa para o nosso jantar, que tal? As duas estavam empurrando Divina em direção à cozinha, quando eu saí.

Peguei algumas coisas das meninas quando cheguei em casa. Fui até a lareira e olhei para o caldeirão de ferro pendurado no gancho, a tampa coberta por cinzas. Os legumes ali dentro estavam quase cozidos.

Era como se eu estivesse sonhando. Minha cabeça parecia um redemoinho, minhas mãos tremiam. Fiquei ali enquanto o céu escurecia aos poucos.

Não sei quanto tempo se passou antes de eu sair de casa, atravessar o jardim e, respirando pesadamente, seguir até a casa de Divina, experimentando uma agradável sensação de segurança.

Divina

Manolis Manadakis morreu no dia em que os alemães invadiram Atenas.

Na verdade, foi nesse dia que o corpo dele foi encontrado.

Ele estava desaparecido fazia dois ou três dias. Mas como a rotina dele era inconstante, a falta dele não foi percebida. A última vez que ele foi visto com vida foi na noite em que Anthi e as meninas dormiram lá em casa.

Eu soube que ele foi encontrado no fundo de uma ravina, a menos de quinhentos metros da casa dele. Yorgo, naturalmente, que fez o caixão para o enterro, fez questão de me contar os detalhes sangrentos, aumentados pela imaginação dele, tenho certeza. Foi o primo dele que encontrou o corpo.

— Ele estava caçando coelhos, e o cachorro trouxe um pedaço de uma mão de homem. Estava coberta de sangue seco, só um dedo e uma parte da palma. Toda roída por animais selvagens...

— Chega! — exclamei. — Anthi é minha amiga. Não preciso saber de todos esses detalhes.

— É, foi feio mesmo — continuou Yorgo, determinado a não perder a oportunidade de contar uma história tão boa. — Ele foi visto no *kafenion* na noite em que desapareceu. Estava passando mal, segundo testemunhas, vomitando muito e, inclusive, tinha sujado as calças. Estava até desorientado, não falava coisa com coisa. Tinha uma aparência horrível, contaram, já parecendo um cadáver.

Yorgo balançou a cabeça.

— Estão achando que, ao voltar para casa, ele deve ter desmaiado, ou tropeçado e caído na ravina. Aquele trecho é perigoso, quando está escuro, tem muita neblina, e para quem já não está bem... — Ele se benzeu três vezes, rapidamente, e baixou a voz. — Devo confessar que ele não era das pessoas mais queridas por aqui. Tinha um pequeno grupo de amigos monarquistas, incluindo *papa* Yannis e alguns outros, bem poucos.

Eu estava sentada na varanda, fazendo tricô. Aphrodite tinha me ensinado e tinha me dado um pouco de lã.

Eu só tinha recebido uma carta de Hugh, desde que ele havia partido.

Não contava muita coisa, somente que ele tinha chegado em segurança a Atenas e que a viagem fora complicada, com alguns percalços, mas ele não entrou em detalhes.

As notícias que eu tinha da guerra vinham pelo rádio na Piperia.

Yorgo sabia que eu estava sempre interessada em saber o que estava acontecendo, e ia quase todos os dias lá em casa me contar.

Eu imaginava que a família real já estivesse em Creta, mas não fazia ideia se Hugh estava com eles.

Eu deixei escapar um ponto do tricô e afastei o pensamento de minha mente. No vilarejo, ninguém achava que estávamos em perigo; com exceção do avô de Anthi, que dizia que era só uma questão de tempo.

Depois que Hugh partiu, fiquei sozinha com meu segredo.

Eu quase já não sentia enjoo, felizmente, mas me sentia cansada o tempo todo. Eu só queria dormir. E então, exatamente quando eu calculava estar completando três meses de gravidez, passei a sentir uma energia inacreditável todos os dias. E então, Christo apareceu.

Eu estava sentada no meu lugar de sempre, na varanda.

Era um daqueles gloriosos dias de primavera, quando o ar pareceu carregado de promessas de coisas boas. Eu estava fazendo tricô, e não o escutei chegar. De repente, ele estava ali, na minha frente, me olhando, e foi como se eu pudesse ver nos olhos dele tudo o que havia acontecido entre nós; todo o amor, o riso, as lágrimas. Ele não se moveu, e eu refleti que podia ver todas as coisas que eu queria ver, mas será que eu também via medo? Tristeza? — Christo? — murmurei o nome dele, quase sem voz.

— Eu sou bem-vindo aqui? — Precisa perguntar? — Acho que sim. — Ele deu um passo para trás. — Quero que você saiba que eu vim aqui lhe trazer notícias da guerra. A menos que você já saiba de tudo por intermédio do seu marido.

— Eu não sei de quase nada — respondi.

— Eu soube pela mulher do meu tio que você tem todos os motivos para se cuidar e se resguardar. — Christo disse isso sem olhar para mim.

— Então você sabe muito pouco.

Por fim, ele me encarou.

— Você está dizendo que não está grávida? — Ele tornou a desviar os olhos. — Desculpe-me, não tenho o direito de fazer perguntas, principalmente dessa natureza.

— Olhe para mim, por favor! — eu pedi. — Eu não aguento falar com você assim, com você evitando olhar para mim, falando desse jeito, como se... como se fôssemos estranhos! Christo se virou para mim e eu me movi para ficar na frente dele, bem perto. Queria sentir o cheiro dele e segurar-lhe o braço para que ele não se afastasse.

— Você não se enganou — falei baixinho. — Eu estou grávida, e tenho de me cuidar e me resguardar, sim, por causa do bebê.

Peguei a mão dele e a pressionei contra meu ventre.

— Este bebê, aqui... é nosso. Seu e meu. E nada é mais precioso para mim do que isso.

Eu tinha imaginado essa cena muitas vezes; e sempre imaginava o cenário ideal, nós dois sentados diante da lareira acesa, e eu dizendo: “Eu vou ter um filho seu”. Fiquei esperando que ele me perguntasse como eu sabia que o bebê era dele, que me questionasse como eu podia ter essa certeza. Mas ele não perguntou. Do

momento em que fiz a revelação, Christo acreditou em mim.

Mais tarde, claro, quando de fato nos sentamos diante da lareira, depois que anoiteceu e a temperatura caiu, nós conversamos. Eu contei um pouco sobre a visita de Hugh, mas Christo não fez nenhuma pergunta, não quis saber detalhes, e eu me senti grata por isso.

Nós falamos da família dele e da minha. Sentado aos meus pés, com a cabeça no meu colo, ele me contou pela primeira vez sobre a tristeza da irmã, da ironia de ela querer tanto ter um filho e não conseguir.

Ele falou de Bingo, na caverna, de como tinha aprendido a admirar e gostar do rapaz, da determinação dele de estar no *front*, em plena ação, e da frustração por ter de ficar ali nos bastidores, em Panagia. Em nenhum momento ele mencionou as visitas de Hugh à caverna. Christo estava empenhado em me pôr a par das notícias da guerra, em me contar tudo o que sabia. Ele contou sobre os corajosos aldeões que estavam morrendo no norte da Grécia enquanto lutavam para impedir os avanços do Exército alemão. Estava convencido de que Creta seria invadida.

— Eu sinto no ar a ameaça de ocupação. Os homens no meu vilarejo sabem, minha família também. Nós nunca nos enganamos antes. Meu avô foi massacrado pelos turcos quando eles atacaram, e ninguém deu atenção quando ele tentou avisar.

Ele sabia! Bingo estava envolvido em algum projeto secreto da inteligência e prometeu compartilhar todas as notícias com Christo e Andros.

— Nós vamos resistir, estamos prontos para lutar com quem vier, sejam os italianos, sejam os alemães.

Ficamos algum tempo sentados em silêncio. Para mim, era uma alegria simplesmente estar com ele outra vez.

A noite caiu por completo, e através da porta aberta podíamos ver as estrelas e a lua, cheia e prateada. Fizemos amor, e foi como sempre havia sido. Christo foi muito atencioso, gentil e carinhoso.

— Eu não vou quebrar — brinquei. — Gravidez não é doença, sabia? Fizemos amor novamente, dessa vez com muita paixão, e eu senti meu útero se contrair ligeiramente quando cheguei ao orgasmo. Era uma sensação emocionante, e fiz com que Christo colocasse a mão sobre minha barriga. Ele se mostrou fascinado com meus seios, e eu de fato estava orgulhosa deles. Estavam mais volumosos e macios, os mamilos mais escuros, “prontos para amamentar nosso bebê” — eu disse a ele.

— Como é que... nós...

Eu o fiz parar de fazer perguntas que começassem com “como” ou “quando”. Eu não fazia a menor ideia de como iria ser no futuro, portanto era melhor nem tocar no assunto. Eu sabia que teríamos de falar a respeito, em algum momento, mas não agora, ainda não.

Christo foi tão gentil, demonstrou tanta consideração por mim, me fitando com os olhos brilhantes de amor...

— Em cada momento, de cada dia, eu estarei com você no meu coração. Com você e com esse nosso... serzinho aqui. — Ele passou a mão sobre o meu ventre, que começava a crescer. — Nunca mais irei deixá-la. Você sabe disso, não sabe? Eu sorri e assenti.

— Eu serei obrigado a me afastar algumas vezes, quando for necessário, quando não houver alternativa, mas eu sempre irei voltar para você.

E então, poucos dias depois, Yorgo veio até minha casa, todo cheio de si com a importância de sua missão, e disse que tinha vindo me buscar para me levar até “o cavaleiro inglês na caverna da estação de rádio”. Explicou que ele tinha me mandado chamar porque tinha informações para mim.

— É tão importante e secreto que nem eu sei do que se trata — acrescentou Yorgo.

Como se Yorgo fosse a pessoa mais bem informada da ilha! Disfarcei um sorriso enquanto andava atrás dele pelo caminho.

Não havia sinal de Christo nem de Andros; Bingo estava lá, sozinho, sentado do lado de fora, tomando sol, com um cigarro entre os lábios. Ele se levantou quando me aproximei, jogou o cigarro e apagou-o com o pé. Era uma rapaz bem-apessoado, tipicamente inglês, com olhar franco e sorriso simpático. Os cabelos claros estavam em desordem e necessitados de um corte, e o rosto estava coberto de sardas, como o meu, por causa do sol.

— Sra. Timberlake... eu... não tinha certeza se fiz a coisa certa chamando-a para vir aqui.

— Se você tem novidades para contar, fez a coisa certíssima. E por que não me chama de Divina, como todo mundo? — Ah, sim, obrigado, Divina. Houve um comunicado da Embaixada britânica. Na verdade, foi do meu irmão, a senhora... você o conhece, não é? — Foxy? Claro que conheço.

Assim que eu pronunciei o nome, a imagem do rosto de Foxy lampejou na minha mente, tão parecido que ele era com o irmão. Senti uma pontada de saudade dele, de Hugh e dos outros. Era tão raro eu sentir qualquer tipo de coisa ultimamente que eu me surpreendi.

— O fato é que Hugh está aqui, em Creta. Ele está acompanhando os... a... algumas pessoas importantes... e...

— Tudo bem, Bingo, não precisa explicar. Eu sei do que você está falando.

— Sabe? — Ele ficou visivelmente aliviado. — Ah, bem...

então, essas pessoas... saíram de Atenas e vieram para cá, para a baía de Suda...

— Sim...? — Bem, é possível que eles tenham de se locomover para outra localidade, possivelmente para a casa daquele arqueólogo, Arthur Evans. Foxy disse que ninguém sabe ao certo para onde eles vão, mas Hugh está com eles, e ele quer que você saiba que ele está a salvo e bem. Todos estão, claro, mas ele

não pode deixá-los sozinhos. Nem mesmo por pouco tempo. Eles precisam estar preparados para viajar a qualquer momento.

Pobre Bingo, ele estava ficando vermelho.

— E Hugh pediu para lhe mandar lembranças e saudades.

Eu sorri e agradei.

— Espero ter feito a coisa certa — repetiu ele. — Foxy disse que tinha certeza de que você iria gostar de saber.

— E ele está certo, Bingo. Muito obrigada.

Eu me sentei um pouco.

No galho de uma árvore, mais acima, um falcão estava pousado, imóvel, observando os detalhes do vilarejo lá embaixo; uma borboleta com asas brilhantes azuis e vermelhas esvoaçou ali perto; mosquitinhos miúdos voejavam ao redor dos talos da relva alta; sombras que não pertenciam a coisa alguma se estendiam no solo.

Eu me levantei desajeitada, pensativa. Se já estou me movendo desse jeito agora, só Deus sabe como vou estar daqui a alguns meses.

Quer dizer, então, que Hugh estava em Creta, com o rei, sua família e o primeiro-ministro. Era, de fato, um trabalho de suprema importância; eu me sentia feliz por ele, e orgulhosa. Ele não teria sido indicado para uma missão tão vital para a Grécia se não fosse realmente competente. Eu ficava feliz por ele e por mim, era ótimo que ele estivesse ocupado e envolvido com assuntos de trabalho; seria desastroso se ele viesse para Panagia agora.

Minha gravidez estava começando a aparecer, e eu estava longe de chegar a uma decisão.

Enquanto eu caminhava de volta para casa, refleti que nada mais seria igual outra vez. Nunca nada volta a ser igual na verdade; assim é a vida.

Eu me sentia tão feliz, com o coração tão leve, que precisava me policiar para não rir à toa. Eu até gostaria de sentir um pouco do pesar que eu precisava fingir que sentia. Quando eu olhava para Voula, eu via a tristeza dela, o aturimento, coitadinha, e isso ajudava um pouco. A menina mal tinha idade para entender que o pai estava morto. Era tudo um mistério para ela.

Quando eu contei às minhas filhas o que havia acontecido, Despina perguntou: — O que vai acontecer com o cachorro dele? Voula, por sua vez, pareceu ficar confusa e indagou: — *Mama*, quando ele vai voltar? — Nunca, sua boba — respondeu Despina. — Ele foi para Panagia, isso se ela o aceitar por lá. E ninguém volta de Panagia, não é, *mama*? — Volta, sim! — exclamou Voula. — O filho de Panagia, Jesus, voltou depois de três dias.

Despina deu uma risada zombeteira, e isso me preocupou.

Era uma reação amarga demais, não era do feitio dela. Minha filha estava muito mudada.

— Cuidado, Despina — adverti. — Sua irmã não tinha motivo para não amar o *papa*.

Meu cunhado, Stelios, veio assim que soube da notícia, e eu o mandei à casa de *papa* Yannis, para ver o corpo.

Quando Manolis foi encontrado, no fundo da ravina, eu esperei a princípio que ele tivesse simplesmente se embebedado e depois tropeçado, ou escorregado, e caído. Não seria a primeira vez que isso acontecia. Mas não pude me enganar por muito tempo. Me contaram que ele não bebeu nada no *kafenion* naquela noite, que ele já chegou passando mal e se queixando de fortes dores abdominais. *Papa* Yannis levou o corpo. Estava tão mutilado que não seria aconselhável que as meninas o vissem. Acho que ele ficou genuinamente triste com o ocorrido; pelo menos ele chorou o suficiente por nós dois. Stelios e minha mãe o ajudaram a lavar e preparar o corpo para o funeral.

Minha mãe se encarregou imediatamente de tomar as providências necessárias. Ela adora distribuir ordens, e nada como uma morte, especialmente trágica, para despertar o que há de pior dentro dela.

Ela providenciou a mortalha de cânhamo cinza na qual Manolis seria enrolado. Ocorreu-me a dúvida se ela teria um estoque delas, prontas para usar.

Minha mãe veio me informar que o caixão seria lacrado imediatamente e que o corpo não ficaria exposto para visitação.

Eu estava limpando a casa quando ela chegou. Ela soltou uma exclamação horrorizada e arrancou a vassoura das minhas mãos.

— O que você está fazendo?! Não pode fazer isso logo após uma morte, vai varrer a alma dele! Voula, com o polegar na boca, seguiu-a em silêncio pela

casa, enquanto ela fechava as janelas e venezianas. Ela esvaziou todos os cântaros e recipientes de água, jogando-a no quintal antes de enchê-los novamente.

— Graças a Panagia, ele morreu no dia 12 do mês — disse ela. — Um dia a mais, e Panagia não o receberia.

Minha mãe abriu os armários e examinou todos os recipientes e tigelas.

Eu não disse nada. Eu sabia o que ela queria.

— Não tem doces, mãe — falei.

— Precisamos conversar sobre o seu futuro e sobre o que você vai fazer.

Como ela era intrometida! Às vezes eu tinha dificuldade para ser educada com minha mãe, mesmo depois de tantos anos.

— Eu vou ficar muito bem sozinha, obrigada.

— Ah, você diz isso agora, mas logo, logo, você vai começar a reclamar. Tire esse colar, você está de luto! Levei a mão ao pescoço e ao colar de contas de cornalina que minha *yaya* tinha me dado de presente.

— Você não sabe mesmo o que é apropriado, não é? Sempre ignorando as regras, teimando em fazer as coisas a seu modo. Bem, haverá um bocado de comentários se você não obedecer aos costumes agora.

O dia seguinte, o dia do funeral, foi um daqueles dias cinzentos e nublados. Após dias seguidos de sol e calor, parecia adequado que o céu ficasse encoberto de nuvens carregadas ameaçando chuva.

À primeira claridade da manhã, eu levei as meninas para a casa de *yaya*. Eu já tinha combinado com eles, e *pappous* iria comigo ao enterro. De lá, fomos juntos para a casa de *papa* Yannis. Ao meio-dia os sinos da igreja começaram a repicar pesadamente, e do lado de fora da casa do padre uma longa fila de pessoas aguardava para acompanhar o cortejo fúnebre.

Eu olhei rapidamente ao redor. Embora Manolis não fosse uma figura simpática e querida no vilarejo, todos que o conheciam se sentiam no dever de comparecer ao funeral, e Kato Panagia em peso estava ali. Eu mantive a cabeça baixa e puxei o lenço sobre a cabeça para esconder o rosto.

Pappous me entregou uma grande quadrado de linho branco; eu olhei para ele, sem entender.

— Para as suas lágrimas — ele explicou.

Eu assenti e enxuguei os olhos.

Como era o costume, *pappous* e os outros homens do vilarejo foram andando atrás do cortejo, logo à frente de minha mãe, minha irmã e eu.

Minha mãe era uma das poucas pessoas que chorava, mas quando chegamos à igreja, outras se juntaram a ela.

Papa Yannis era o dirigente do coro da igreja, e entoou as orações fúnebres quando nos aproximamos do grupo formado pela família de Manolis.

Logo antes de o caixão ser baixado para a cova recém- cavada, o padre colocou

uma placa de pedra sobre ele com as palavras “Jesus Cristo Conquista” inscritas na superfície.

Minha mãe olhava atentamente para mim enquanto continuava a chorar ruidosamente, e eu desviei o rosto.

Não havia flores para colocar no túmulo, mas Voula tinha colhido algumas naquela manhã, e eu as joguei em cima do caixão enquanto ele era desajeitadamente baixado para a sepultura por seis homens do vilarejo.

— Para *papa* — ela tinha dito ao me entregar as flores.

Coitadinha, ela sabia e compreendia mais do que eu havia pensado.

Stelios chorava baixinho na beira da cova, e caiu de joelhos no chão, murmurando uma prece.

Finalmente o enterro chegou ao fim, e do lado de fora da igreja todo mundo lavou as mãos e as sacudi para secar, ao mesmo tempo que trocavam notícias e fofocas; a tristeza foi rapidamente esquecida. Minha mãe havia preparado a festa do funeral, apesar do período de vacas magras.

Quando chegamos à casa dela, vasculhei a mesa onde havia bolos e biscoitos, e um pouco de vinho de Stelios e *raki*.

Não havia bolinhos de erva-de-são-marcos.

Fiquei observando todo mundo comer e beber e conversar; todos estavam esvaziando rapidamente seus copos e voltando para repetir.

Aquilo ainda poderia se estender por algumas horas, pensei. Andei por entre os grupos de pessoas por algum tempo e escutei vários fragmentos de conversas, nenhuma sobre meu marido. Aparentemente, ele já tinha caído no esquecimento.

Minha mãe se aproximou de mim alvoroçada. Ela estava, naturalmente, toda vestida de preto e não usava nenhum enfeite ou acessório. Levei a mão ao pescoço quando ela audaciosamente enfiou meu colar para dentro da gola da minha blusa preta.

O rico âmbar das cornalinas captou um raio de luz da porta, e elas brilharam.

— Ignore-me, se quiser, garota teimosa. Você vai me agradecer quando eu lhe arranjar um novo marido. Você vai precisar de ajuda quando o inverno chegar.

— A senhora já me arrumou problemas suficientes para a vida inteira com o marido que acabei de enterrar, portanto não precisa se incomodar em arranjar outro, obrigada.

Peguei no braço de *pappous*, e já estávamos nos encaminhando para a porta para ir embora, quando *papa* Yannis se aproximou de nós, segurando um copo com o conteúdo pela metade.

— Anthi, cara Anthi! — exclamou ele. — Que triste dia para todos nós! Manolis era um grande e querido amigo meu, e fico sem jeito de abordar o assunto de dinheiro num momento como este, mas precisamos nos preparar para o que vem a seguir.

Papa Yannis olhou para *pappous*, tentando disfarçar a antipatia que sentia por ele e falhando lastimavelmente.

Eu sabia que o sentimento era recíproco, e *pappous* apressou-se a me conduzir para a porta, falando por sobre o ombro para o padre: — Vou tomar providências para que o senhor receba tudo o que lhe é devido, mas não hoje, por favor. Não é hora de perturbar uma senhora viúva que precisa ir ver suas filhas.

E com isso, nós saímos.

Do lado de fora, *pappous* estremeceu.

— Tenho a sensação de que Panagia vai me perdoar por não gostar desse sujeito.

— Ele fez o sinal da cruz três vezes.

Pappous segurou meu braço enquanto andávamos, tirou gentilmente o lenço de linho das minhas mãos e o sacudi.

Estava seco como um osso estorricado.

— Você não chorou muito, não é? — Não. Não muito.

Pappous soprou o ar enquanto subíamos a colina; a certa altura, ele parou e enxugou a testa. Embora em boa forma, meu *pappous* já não era tão ágil como antes. Parecia que estava começando a sentir o peso da idade.

— Estes são tempos difíceis — disse ele, conforme retomava a caminhada, agora mais devagar. — Eu acho que se os italianos não tivessem feito tanta balbúrdia em sua tentativa de invasão, os alemães talvez os tivessem deixado prosseguir. Mas, do jeito que foi, o continente foi agora selvagemmente tomado pelo Exército alemão, e muitos gregos perderam a vida tentando impedi-los.

Não apenas soldados, veja bem, mas também camponeses, mulheres e até crianças.

Continuamos andando sob o céu nublado e sombrio daquele início de tarde, e *pappous* parou embaixo de um emaranhado arco formado pelos galhos de árvores nuas na borda de um terreno baldio, onde a terra estava empretecida por uma fogueira recente.

— Seria de se supor que ganhássemos alguma coisa ao envelhecermos, para compensar as coisas que perdemos, mas o que eu ganhei nesta vida? — Ele riu, mas não foi um som alegre. Foi um som triste, de desalento.

— Sabedoria? Nem tanto. E o que eu perdi? Tanta coisa, minha filha, tanta coisa... a juventude, a paz, a possibilidade de ter esperança, otimismo... A inocência? Ah, essa já se foi há muito tempo! À medida que meu futuro encolhe, o passado se estica.

Um galho estalou sob os pés dele, e ele o chutou para o lado.

— E agora, tudo indica que estamos enfrentando mais uma invasão, e quantos amigos mais eu irei enterrar? Em 1896, e depois em 1905, em ambas as ocasiões nós acreditamos que seria o fim. — Ele suspirou. — Precisamos encontrar coragem em nossa história outra vez; sarracenos, otomanos, turcos, todos foram combatidos. Os cretenses foram mártires durante mil anos.

E agora...? Percebi que não era só o funeral que estava deixando meu *pappous* tão acabrunhado naquele dia.

Na casa de meus avós, as meninas tinham ajudado *yaya* a preparar uma refeição para nós. Ninguém tocou no assunto do enterro, e apesar do estado de espírito sombrio de *pappous*, nós conseguimos dar risada das palhaçadas de Voula quando ela começou a fazer imitações de todos os animais que ela conhecia, e a inventar alguns que não conhecia.

Foi com uma tranquilidade inusitada que eu voltei para minha casa naquele início de noite, de mãos dadas com minhas filhas. Quando já estávamos bem perto, Despina apertou minha mão e ergueu os olhos para mim.

Tive a impressão de ver paz nos olhos dela, se bem que talvez essa fosse apenas a minha esperança. Agora não havia mais o que temer ali, nossa casa seria um lar de verdade.

Mal sabia eu que, em breve, nossa vida mudaria tão radicalmente que mais nada seria lembrado; nem a morte de Manolis, nem coisa alguma.

Divina

Eu não fui ao enterro do marido de Anthi. No meu estado, eu tinha uma boa desculpa, e a própria Anthi me disse para ficar em casa.

Ela parecia uma mulher diferente agora, calma, serena. Eu a aconselhei para tomar cuidado. Ninguém gostava de Manolis, mas todos esperavam ver a viúva dele abatida.

Era com as meninas que eu mais me preocupava. Verdade que Despina estava bem melhor, tinha voltado a falar; mas havia uma expressão ladina no rosto dela que eu nunca tinha visto antes, uma perspicácia, uma frieza.

Tenho certeza de que alguma coisa aconteceu com ela no último ano, alguma coisa que a modificou. Eu não fazia ideia do que podia ser, mas era estranho que ela aceitasse a morte do pai sem demonstrar sofrimento algum.

Voula, por sua vez, parecia uma criança mais madura. Ao contrário da irmã, a dor que ela sentia pela perda do pai era quase tangível. Ela falava dele com frequência, e a cada vez os olhinhos dela se enchiam de lágrimas.

Despina não tinha paciência com isso e logo tratava de mandar a irmã parar com aquilo. Às vezes ela chegava a ser rispida, e eu sentia pena de Voula.

— Pare de fingir que está chorando — ela dizia. — Você não engana ninguém com essa exibição. Está só querendo chamar atenção.

Eu nunca perguntei nada, nunca deixei que minhas dúvidas transparecessem, mas a cada dia que passava eu sentia uma incômoda inquietude quando pensava na “conveniência” da morte de Manolis.

Mas então, todos os pensamentos foram varridos da mente de todos nós; mortes, nascimentos, nada mais importava, a não ser o que estava acontecendo em nossa ilha.

Em uma gloriosa manhã de maio, um dia em que seria de se esperar um céu azul sem nuvens, com passarinhos cantando, borboletas voando, o desabrochar dos dentes-de-leão, em vez disso, logo cedo, ao alvorecer, enquanto a bruma da noite se dissipava sobre a terra e o mar como um véu diáfano e o globo vermelho do sol se elevava lentamente no horizonte, um grito cortou o ar e percorreu o vilarejo: — Guarda-chuvas! Dezenas e dezenas de guarda-chuvas! Venham ver! E as semanas e meses que os cretenses tinham passado em processo de negação chegaram ao fim.

Mais tarde eu soube que em todos os vilarejos da ilha, todo mundo tinha saído correndo para olhar para o céu, protegendo os olhos do sol brilhante da manhã.

Não eram guarda-chuvas. Eram os paraquedas dos alemães, trazendo centenas de aviadores para a ilha. Durante a manhã inteira o ar se encheu com o som pavoroso das primeiras bombas, logo seguido pelos gritos e lamentos de pessoas feridas, homens, mulheres e crianças. Os cães latiam, os animais fugiam

assustados. Era o caos. Nós deveríamos saber, deveríamos ter nos preparado. Mais tarde... sempre mais tarde... em retrospectiva, nós compreendemos que a radiodifusão que Cristo escutara, sobre o exílio do rei para Creta, significava que Creta não era mais um lugar seguro. Meses se passariam, anos, antes de conhecermos toda a extensão da tragédia que começou naquela manhã. Até que Panagia foi abençoada, pois raramente víamos um alemão.

Os poucos que aterrissaram aqui escaparam logo para as montanhas.

Já em Sitia, a Marinha italiana fazia o que podia para ocupar a província, embora seu objetivo fosse se locomover para o norte para dar suporte aos alemães. E na maior parte do tempo eles se mostraram inimigos o suficiente.

Christo me contou que o pai dele fazia parte do grupo de resistência que transferiu a força militar de Retimno para Sitia, acreditando ser ali mais seguro. Certamente, todo o norte e o centro da ilha logo foram ocupados.

Eu passei aquele dia inteiro, e o dia seguinte, sentada na varanda.

Anthi veio com as meninas, e ficamos as quatro ali sentadas, em silêncio.

Até as crianças pareciam entender que algo muito grave estava acontecendo perto de nós.

Demorou apenas onze dias para Creta ser ocupada. Dizia-se que nunca um povo lutou tão ferozmente contra um agressor.

Christo me contou isso. Eu o via muito pouco; ele, Andros e seus compatriotas de Panagia e dos vilarejos vizinhos eram parte do movimento de resistência mais forte na Grécia: o grupo de Solidariedade Nacional, que oferecia alimento e assistência aos vilarejos de norte a sul do país, sitiados pelos invasores que saqueavam e destruíam tudo por onde passavam.

E tudo isso, note bem, com pouquíssimas armas! A anistia de armas que o general Metaxas havia declarado tinha deixado o povo da nossa província, e de outras, com muito pouca proteção.

Mas os aldeões lutavam com paus e pedras, com galhos de árvores e qualquer coisa que estivesse ao alcance.

Havia muitas histórias, rumores e fofocas; no início, era praticamente o único assunto das conversas. Aphrodite me contou, certa manhã, sobre sua prima, Marina. Estávamos reunidas, como sempre, no córrego, algo que vínhamos fazendo com uma frequência ainda maior do que antes; tínhamos necessidade de estar juntas para compartilhar as histórias que ficávamos sabendo sobre o que estava acontecendo na ilha.

Marina tinha sido capturada tentando ajudar um soldado australiano e foi jogada numa prisão improvisada onde foi obrigada a ficar escutando os gritos do irmão enquanto este era torturado na cela ao lado.

Aphrodite chorou enquanto contava.

— Ela estava desesperada para beber água, e quando um dos soldados alemães derramou um pouco, dando risada, no chão do lado de fora da cela, ela foi

forçada a tirar o lenço, esfregar a água com ele e chupá-lo. Pode imaginar a humilhação? Ela enxugou os olhos no avental, e nós todas compreendemos e compartilhamos o que ela sentia.

Todo mundo tinha alguma história para contar; em um dos vilarejos eles tinham enforcado alemães nas árvores, mas Angeliki disse que sua mãe e sua tia em Paleochora haviam encontrado o corpo de um soldado inimigo.

— Era um rapaz jovem, praticamente adolescente, elas contaram, e apesar de meu pai e meu tio insistirem para elas o jogarem no mar, elas se recusaram a fazer isso, alegando que o garoto era filho de alguém. Lavaram o corpo dele, enrolaram num lençol e cavaram uma sepultura do lado de fora da igreja.

A princípio, parecia que estávamos seguros, que não estávamos ameaçados por nenhum inimigo, e aos poucos uma espécie de normalidade se restabeleceu, ao menos para as mulheres, e as conversas se voltaram para assuntos mais mundanos, como a minha gravidez.

Elas se compraziam em me contar histórias escabrosas, de trabalhos de parto que se prolongavam por dias a fio, de bebês que caíam no chão quando as mães davam à luz enquanto trabalhavam na lavoura. Em um dos casos, segundo elas, uma pobre mulher deu à luz em um cemitério, enquanto visitava o túmulo do marido: — Ela deixou o bebê na relva tempo demais, e ele morreu, bem ali, em cima da sepultura do pai! Bem, pelo menos foi essa história que Aspásia contou, certa manhã, e ninguém a contradisse. Eram tão horríveis os casos que elas contavam que parecia um milagre que tanto as mães quanto seus bebês tivessem sobrevivido.

Os homens se reuniam todas as noites na Piperia para escutar as notícias no rádio. A essa altura, todos estavam interessados em saber o que acontecia. Guerra, guerra e mais guerra; parecia que ela estava em toda parte, com os navios de guerra alemães afundando contratorpedeiros ingleses.

A guerra era bombardeio e matança. As mulheres eram proibidas de entrar e escutar o rádio; só se falava em violência, morte e medo. A guerra era imprevisível e, portanto, sórdida. Não era um assunto apropriado para mulheres e crianças.

Isso enfurecia Anthi.

— Até *pappos* fica dizendo para *yaya* e eu continuarmos nossa vida normalmente, para nos ocuparmos com nossos afazeres! Enquanto a ilha está sendo invadida, devemos nos preocupar só com as crianças e a horta, pelo visto.

Foi noticiado que a família real, o primeiro-ministro e outras autoridades do governo tinham fugido da capital, escoltados por membros da Embaixada britânica em Atenas, e suspeitava-se de que tivessem buscado refúgio temporário em Creta. Ali, na ilha! Embora o povo, em sua maioria, desprezasse a monarquia em tempos de paz, em tempos de guerra a coisa mudava de figura. Aparentemente, Hugh tinha sido mencionado em um dos boletins. Claro que eu

fiquei orgulhosa.

Mas, no geral, meu sentimento era de desespero. Creta fora invadida, ocupada e, apesar da incrível bravura de todos os cretenses, não havia mais aquela sensação de segurança na ilha.

O que mais poderia acontecer? Estávamos habituados a nos preocupar com o clima, com as estações, com a colheita, se o tempo seria favorável ou não, mas agora havia um horror subjacente que era sentido por todos. O que iria acontecer no dia seguinte? Por quanto tempo poderíamos ter uma vida normal, ou até mesmo uma vida? Como logo se veria, foram três semanas, dois dias e algumas horas.

Precisamente ao meio-dia de um dia quente e ensolarado, com os passarinhos cantando, as galinhas cacarejando, um falcão voando no céu; no jardim da casa do padeiro, a cachorrinha dele deu à luz uma ninhada de seis filhotinhos; a cabra de Anthi, aquela que ela tinha alimentado com a ajuda de Voula, deu um grito de surpresa, empurrou e pariu um cabritinho; Yorgo e seu primo Petros estavam se preparando para sair para um dia de caça, as crianças tinham voltado da escola, com as mãos sujas de tinta e um sorriso alegre no rosto.

A praça estava extraordinariamente movimentada naquele dia, àquela hora. E então, através das ruelas estreitas de Kato Panagia, veio o som de passos em marcha.

Eu tinha voltado do córrego, tinha lavado algumas peças de roupa que esvoaçavam gentilmente na brisa suave, e fui até a praça para encontrar Anthi e as meninas. Nós tínhamos combinado fazer um piquenique. Então, todas nós ouvimos o *claque-claque-claque-claque* regular de botas, e congelamos no mesmo instante.

A nuvem de poeira que se formou no ar dificultava ver quantos eram, mas pelo menos vinte homens estavam descendo a colina em formação, dois a dois. Logo na frente eu vi Kotso e Bingo. Eles estavam amarrados um ao outro pelos tornozelos e vinham cambaleando, quase caindo. Mas a expressão deles não era de medo, ao contrário, era de orgulho. O sol incidiu sobre os cabelos claros e desgrenhados de Bingo, e, embora ambos estivessem com os pulsos amarrados, ele se curvou e, com o cotovelo, afastou a franja para o lado, expondo totalmente o rosto coberto de sardas. Por um breve momento, ele parecia ser um menino de treze anos, novo demais para fumar um cigarro ou beber um copo de cerveja, quanto mais para estar ali, naquela situação. Toda vez que eles tropeçavam, o soldado atrás deles espetava a ponta do rifle em suas costas, e os outros davam risada e caçoavam.

Nenhum dos aldeões se movia, nem se movimentava; parecia que todo mundo tinha criado raízes no chão.

— *Kalimera!* — gritou o soldado que vinha na frente.

Quando a poeira assentou, eu vi que ele tinha duas ou três medalhas na farda suja

e amarrotada.

— *Kalimera!* — ele gritou de novo. Zangado, ele bateu o pé com força e vociferou, em grego, mas com um forte sotaque: — Respondam quando eu me dirigir a vocês, aldeões, quando eu lhes desejar bom-dia! Ele praguejou em grego, e ouviram-se arquejos abafados e chocados de alguns poucos homens na multidão.

— *Kalimera!* — responderam algumas vozes.

O soldado limitou-se a inclinar a cabeça em resposta. Em seguida falou rapidamente com seus homens. Nenhum de nós entendeu o que ele disse, mas logo ficou claro o que ele queria, quando dois soldados deram um passo à frente e, empurrando todo mundo de lado sem muita gentileza, começaram a amarrar Kotso e Bingo à cruz que havia na praça. A cruz que estava ali para mostrar, a quem quisesse ver, como inúmeros panagianos haviam morrido nas mãos dos turcos no começo do século.

Nos fundos da praça houve uma súbita comoção, e algumas pessoas se viraram para ver o que estava acontecendo.

Atravessando a multidão, murmurando “com licença, com licença” para quem estava no meio do caminho, vinha o *pappous* de Anthi. Era uma visão e tanto. Ele era um homem bonito, imponente, mas naquele dia ele chegava a refulgir, com o ar de quem estava no comando. Suas *vrakes* estavam, como sempre, enfiadas dentro das botas de cano alto recém-engraxadas; o bigode grisalho bem tratado se curvava para cima nas pontas; ele usava chapéu e um lenço vermelho no pescoço, e tinha nas mãos a bandeira azul e branca da Grécia. Ele a segurava com força e, embora esfarrapada, ela balançava na brisa. Era um gesto corajoso de um homem grandioso.

Eu avistei a mulher dele, lá no fundo, observando com ansiedade cada movimento dele.

Em poucos minutos ele estava à frente da multidão, encarando o soldado com as medalhas. Ele não era mais alto que o soldado, mas sobressaía e o superava de todas as maneiras.

Era o nosso general, nosso líder, e tenho certeza de que todos ali tinham a mesma sensação.

Ele falou com autoridade:

— Em que podemos ajudá-los? O homem com as medalhas cuspiu no chão aos pés dele e olhou ao redor, sorrindo.

— Estamos procurando traidores por aqui.

Então ele ergueu a perna e chutou Kotso e Bingo com a bota pesada, duas vezes.

Ele era um homem magro, com cara de fuinha e a testa encardida; tinha todo o aspecto de quem não tomava banho e cheirava mal.

Meus olhos se encheram de lágrimas quando Bingo gritou e chorou de dor, como uma criança. A meu lado, Anthi apertou minha mão com força. Instintivamente,

nós duas sabíamos que eu estava em grande perigo naquele momento, por ser quem eu era.

Era evidente que aqueles homens estavam caçando ingleses, e tinham encontrado Bingo, o único inglês que eu conhecia num raio de milhas.

O *pappous* de Anthi permaneceu ali, ereto, impassível, embora eu visse que as mãos dele se abriam e se cerravam em punhos.

— Quem são vocês? — perguntou ele, com voz clara e calma. — Com que autoridade estão aqui? — Ah, velhote — retrucou o oficial. — Ainda não sabe, não? O seu vilarejo... o seu país... nos pertence agora.

Ele deu uma risada desagradável.

Aquilo foi demais para *pappous*. Ele já tinha lutado e sobrevivido a muitas ocupações em seu país, e não seria humilhado por aquele traste. A determinação estava estampada no semblante dele. Sem pensar em sua própria segurança, ergueu o braço e agitou a bandeira no ar.

— Creta é dos cretenses! — exclamou ele. — E sempre será! Mais tarde, Anthi e eu nos lembrariamos continuamente daquele momento. Nós duas previmos, sentimos a inevitabilidade do que aconteceu a seguir.

Furioso, o oficial virou-se e ordenou aos seus homens: — Prendam-no! Agora! Dois dos soldados se adiantaram e agarraram *pappous* pelos braços.

Murmúrios horrorizados percorreram a multidão, e um grito soou lá no fundo.

— Nããão! A *yaya* de Anthi estava abrindo caminho por entre as pessoas. As amigas e vizinhas tiveram a reação instintiva de detê-la, e a seguraram, impedindo-a de avançar. Anthi olhou para mim por um momento, com expressão aflita, e eu a fui levando em direção à avó. As pessoas se afastaram para nos dar passagem, e em poucos segundos ela estava abraçando sua *yaya*, confortando-a como podia.

A meu lado, Voula gritou: — Mama, mama! Eu me abaixei para abraçá-la, e Despina fez o mesmo.

O oficial olhou em volta, com um sorriso debochado nos lábios finos.

— De joelhos! — ele ordenou, mas *pappous* não se moveu, continuou com sua postura altiva.

— De joelhos! — repetiu o oficial, enraivecido, e quando *pappous* continuou imóvel, ele olhou para os dois soldados que o seguravam. — Ele vai ficar de joelhos... *agora*! Os dois homens empurraram e chutaram *pappous*, forçando-o a se ajoelhar no chão.

Enquanto eu prendia o fôlego, o oficial apontou o rifle e disparou duas vezes na cabeça de *pappous*.

Homem forte que era, *pappous* caiu devagar e silenciosamente, sem um gemido sequer, e acho que ele morreu antes que eu soltasse o ar.

Um lamento terrível se elevou da multidão. Eu nunca tinha ouvido, e espero nunca mais ouvir um som como aquele, carregado de indignação, de dor, de

sentimento.

Sobre as pedras cinzentas ao pé da cruz, um filete de sangue começou a escorrer. Alguns respingos atingiram Kotso e Bingo, no local onde estavam amarrados.

— Silêncio! Silêncio! — gritou o oficial, e a multidão se calou aos poucos.

Só se ouvia o choro de uma pessoa, a *yaya* de Anthi, que murmurava numa voz carregada de dor: — Stephanos... meu Stephanos...

— Espero que agora vocês compreendam, de uma vez por todas, quem está no comando aqui.

Nós sabíamos, porém, que independentemente do que acontecesse ou do que aqueles soldados fizessem, não havia vitória para eles. Eles podiam matar e destruir corpos, mas o espírito de homens como *pappous* jamais seria subjugado.

Anthi

Não demorou cinco minutos para aqueles monstros saírem da praça.

Eles arrastaram Kotso e o operador de rádio com eles.

Ninguém os seguiu. Nem mesmo com os olhos. Nem uma única pessoa olhou para trás. Eles eram seres desprezíveis, piores que vermes, e todos desejavam vê-los mortos.

Lembro-me de que, quando olhei para meu *pappous*, pensei que a quantidade de sangue parecia tão pequena para um homem tão grande. Mas enquanto eu olhava, a poça vermelho- escura foi se alastrando embaixo dele. Em seguida meu pensamento foi para *yaya*.

Cercadas pelas vizinhas e amigas dela, eu a levei para casa.

Atrás de nós, cada homem do vilarejo que estava ali naquele dia se adiantou para ajudar a carregar *pappous*, meu amado, corajoso e nobre *pappous*, para a casa dele.

Divina acenou para mim e eu a vi pegar Voula no colo, dar a mão para Despina e ir embora com elas. Eu sabia que minhas filhas ficariam bem com ela, durante o tempo que fosse preciso.

Além do grito quando *pappous* foi preso, e do outro quando ele foi baleado, *yaya* não disse mais uma palavra, nem emitiu nenhum som.

O caminho para a casa deles estava sombreado e frio conforme o vento soprava através das oliveiras. Nossos passos eram lentos, compassados. Andávamos de braços dados, como se tivéssemos caminhado por horas, exaustas.

Nós paramos assim que entramos na casa. Tudo ali lembrava *pappous*: a cadeira na qual ele se sentava à mesa, com a almofada que *yaya* tinha feito para seu enxoval sessenta anos antes ainda marcada pela forma do corpo dele; o grosso casaco de inverno pendurado num prego atrás da porta, as mangas estendidas num ângulo como que prontas para ele enfiar os braços; sobre a mesa, as migalhas do pão que ele tinha comido no café da manhã ainda estavam no prato, ao lado da caneca.

Somente as vizinhas e amigas mais próximas entraram na casa. Na parede, destacava-se o retrato dos dois no dia do casamento, ele sorridente e com o braço enlaçando a cintura da noiva, tímida e radiante. Havia também um retrato do filho deles — meu pai — acima de um pequeno altar com tocos de velas.

Nenhuma das pessoas ali presentes naquele dia estava preparada para aquilo. Os rituais da morte, embora familiares para todos nós, pareciam inadequados ali, naquele momento.

Yaya olhou em volta e, ao ver tanta gente reunida na sala apertada, me lançou um olhar aflito.

— Anthi, você pode... será que...

Eu captei a mesma necessidade de privacidade que eu própria também sentia, e virei-me para o grupo de pessoas. Não foi preciso dizer nada. Todas entenderam a mensagem e se retiraram devagar e em silêncio, deixando-nos a sós.

Ouvi apenas alguns murmúrios de “*mono Theos, mono Theos*”. Era difícil para mim acreditar que aquela fosse a vontade de Deus.

Desconsoladas, as mulheres foram embora. Eu sabia que elas voltariam mais tarde para fazer companhia a *yaya*, mas todas sabiam que naquele instante ela precisava ficar só com a família.

Sentamo-nos lado a lado, ela e eu, esperando. Sabíamos que os homens estavam trazendo *pappous*.

Segurei a mão dela e senti a pele ressecada em meus dedos. Com a outra mão, eu a afaguei. Não conseguia pensar em outra maneira de confortá-la.

Então ouvimos, do lado de fora, os homens se aproximando. Eles vinham cantando baixinho, um antigo cântico cretense. Não entendi os dizeres da cantiga, mas *yaya* começou a acompanhá-los na cantoria enquanto eles carregavam *pappous* para dentro de casa pela última vez.

Mais tarde, naquela noite, saí brevemente da casa de *yaya* para ir ver minhas filhas. Divina abriu os braços quando cheguei, e eu me abracei a ela, chorando.

Despina e Voula estavam sentadas lado a lado, perto da lareira e, quando me viram chorar, começaram a chorar também.

— Por quê, *mama*, por quê? — perguntou Despina.

— Todo mundo vai morrer? — Voula soluçou.

Então eu me lembrei de que ela ainda estava sofrendo por causa da morte do pai. Enxuguei os olhos e abracei as duas. Havia coisas a ser feitas, decisões a ser tomadas, e por mais que eu preferisse ficar ali, com minhas filhas e Divina, eu sabia que não podia.

— Deixe as meninas comigo — sugeriu Divina. — Não vamos sair daqui, fique tranquila. Elas estão seguras aqui.

Vi que Despina aprovava a ideia.

— Eu ajudo Divina a cuidar de Voula, *mama*. A senhora precisa ficar com *yaya*. Era aquilo que a guerra fazia? Transformava crianças em adultos? Porque havia nas palavras de Despina uma sabedoria que ia além de sua idade. Agradei a Divina, beijei as três e saí.

As ruas estavam desertas, conforme eu voltava para a casa de *yaya*.

Todas as portas trancadas, as janelas fechadas. Nem mesmo os animais estavam à vista. Nosso vilarejo parecia uma cidade fantasma.

Na casa de *yaya*, Irini, sua vizinha mais próxima e melhor amiga, estava com ela. Eu sabia que *pappous* estava lá em cima, na cama. *Yaya* e eu o tínhamos banhado com água fresca e com as lágrimas dela, mais cedo. Nós o vestimos com sua melhor camisa e sua *vraka* mais elegante. As botas recém-polidas ainda estavam lustrosas. Tínhamos limpado o sangue da cabeça dele; na testa havia

dois pequenos orifícios, que ele levaria consigo para o túmulo no dia seguinte.

Nós três nos sentamos em silêncio. A certa altura Irini foi embora, e acho que eu cochilei sentada na cadeira. Acordei com o pio de uma coruja e o latido distante de um cão. Não havia sinal de *yaya*. Levantei-me, espiei na cozinha e depois subi até o quarto.

Ela estava deitada ao lado dele, na cama. Não estava chorando; seu braço estava ao redor dele, num gesto protetor. Se bem que nada mais poderia atingi-lo agora. Voltei para o andar de baixo, sentei-me à mesa e ali fiquei até o céu começar a clarear lá fora e o primeiro galo cantar.

O funeral foi bem diferente do de meu marido. Yorgo havia passado a noite trabalhando, confeccionando o caixão, que parecia uma obra de arte.

Ele havia esculpido o nome de *pappous*, Stephanos, na tampa, e tinha usado madeira da melhor qualidade. Além disso, ele tinha envernizado e dado lustro na peça, que brilhava, dourada, sob o sol.

Quando seguimos o cortejo até a igreja, parecia que o vilarejo inteiro estava ali, e até alguns homens choravam abertamente.

Eu tinha insistido com Divina para que ela ficasse em casa, porque ela estava correndo perigo. Segurei a mão de minhas filhas e fomos caminhando devagar ao lado de *yaya*. Ela estava séria e quieta, em silêncio. Era uma senhora muito discreta.

Embora o caixão estivesse aberto, eu sabia que o corpo ali dentro não era do *pappous* de quem eu me lembrava. Aquele corpo era apenas uma imitação dele; meu *pappous* estava vivo em algum lugar, e continuaria vivo no coração e na lembrança de todos nós.

Papa Costas oficiou o funeral. A igreja branca estava transbordando de gente. O padre falou afetuosamente do amor de *pappous* pelo vilarejo, de sua sabedoria e de seu caráter. Mas foi do lado de fora, onde os aldeões esperavam em fila para abraçar *yaya* e Marie Elena, irmã de *pappous*, que seu ardente patriotismo foi mencionado.

As poucas pessoas das famílias que haviam tido algum desentendimento com ele se afastaram com discrição, mas a maioria, principalmente os mais velhos, ficou para falar com *yaya* e uns com os outros, louvando o ser humano maravilhoso que ele tinha sido.

Eu ouvi várias vezes o comentário “Ele era um cretense verdadeiro e leal”.

Esses amigos se agruparam ao redor do túmulo, onde o ataúde descansava sobre três tábuas.

Panos, um dos melhores amigos de *pappous*, e parceiro no jogo de *prefa*, ficou na cabeceira, olhando para ele. Segurando o chapéu nas mãos trêmulas, ele cantou um *rembetiko*, um cântico fúnebre triste de amor e perda.

Ficamos ali, no solo úmido, olhando para o mar cintilante abaixo.

Pappous nunca havia saído da ilha, e poucas vezes saíra do vilarejo, assim como

havia feito seu único filho, meu pai.

Nem eu, pensei, mas quando as tábuas foram removidas e o caixão desceu à sepultura recém-cavada, renovei meu juramento de proporcionar às minhas filhas tudo o que eu nunca havia tido — a chance de viajar, aprender e conhecer outros lugares.

Divina

Christo agora só vem me visitar depois que anoitece. O rosto dele denuncia cansaço, e ele envelheceu dez anos da noite para o dia.

— Eles levaram Bingo e Kotso para Sítia — ele tinha me contado, na primeira noite em que viera. — Bingo foi capturado nas colinas, a menos de um quilômetro da caverna. Pelo menos eles não descobriram o equipamento de rádio. Então eu tento sintonizar pelo menos uma vez por dia.

Ele andava de um lado para o outro, na sala. Eu nunca o tinha visto tão agitado.

— Até que ponto você confia em seus vizinhos? Eu sabia por que ele estava perguntando. Sendo a única inglesa no vilarejo, eu estava em perigo.

— Acha que alguém seria capaz de traí-la? — Não consigo pensar em ninguém que fosse capaz de fazer isso — respondi, mas ao mesmo tempo que eu falava, o rosto de *papa* Yannis apareceu em minha mente, e eu mencionei o nome dele a Christo.

— Você precisa sair desta casa imediatamente.

Eu balancei a cabeça.

— Não, Christo. Eu não vou me esconder. Vou falar com o padre. Se eu for franca com ele, não acredito que ele me denuncie.

A resposta de Christo foi uma risada sarcástica.

— Não seja ingênua, Divina... Se prometerem imunidade a ele em troca de informações, ele não vai pensar duas vezes antes de contar a eles que tem uma inglesa vivendo na ilha.

Eu assenti, desamparada.

O rosto dele se enrugou numa carranca. De repente eu esqueci como era o sorriso dele. Será que algum dia eu o veria sorrir outra vez? Christo saiu, mas voltou logo em seguida e me abraçou com força.

— Lembre-se sempre de tomar muito cuidado. Eu vou tentar descobrir o máximo possível dos movimentos deles, como eles operam, e depois eu volto.

Ele partiu, e Despina e Voula correram para mim. Elas ficavam envergonhadas diante de Christo e se escondiam atrás dos móveis quando ele estava lá. Sentamos as três no chão, bem juntas umas das outras, e continuávamos na mesma posição quando Anthi chegou, mais tarde.

Preparamos um lanche para as meninas e depois as colocamos na minha cama. Elas adormeceram em poucos segundos.

Anthi vem aqui com frequência, mas as visitas dela são rápidas; ela passa a maior parte do tempo com a avó. Eu convidei as duas para passar pelo menos uns dias na minha casa, pois espaço é o que não falta, mas elas não aceitaram, e eu entendo o porquê. É importante que *yaya* fique na casa onde ela morou com o marido durante toda a vida de casada.

Nas últimas noites eu tenho dormido numa pilha de almofadas e cobertores, às vezes na sala, às vezes no meu quarto.

Na primeira noite dormi na minha cama, com as meninas, mas minha barriga está cada vez maior, e eu tenho câibras à noite, e acabava ficando desconfortável para mim e para elas. Então resolvi deixar a cama só para as meninas.

Muitas vezes Voula chora à noite, até dormir, e Despina fica abraçada a ela. A minha vontade é abraçar as duas, mas já percebi que elas preferem ficar sozinhas. É uma dor só delas, e eu tenho de respeitar.

Os dias passaram a ser todos iguais, para todo mundo. Já não faz diferença se chove ou se faz sol; os passarinhos gorjeiam para o vazio; as flores desabrocham e murcham, o mato cresce nas veredas de terra batida, onde antes o movimento de pessoas era diário. A não ser em caso de necessidade, todo mundo fica dentro de casa.

Os soldados aparecem de tempos em tempos, mas em pequenos grupos, de dois ou três somente. Eles vêm atrás de comida e mantimentos, e pegam o que querem, sem fazer perguntas e sem responder às poucas que eventualmente lhes fazem. Nós nunca mais vimos o oficial com cara de fuinha que assassinou o avô de Anthi.

Os soldados vêm até o vilarejo e passeiam pelas ruas, as armas nos cintos, as fardas enxovalhadas. Eles se apossam de tudo que podem: ovos aqui, farinha acolá, vinho, *raki* e conhaque sempre que encontram. As histórias de suas proezas percorrem o vilarejo. Anthi me contou que, em Kato Panagia, algumas mulheres escondem as galinhas, todas juntas, no porão da casa de uma delas. Até agora, elas conseguiram enganar os saqueadores. Ela me disse que, em uma das casas, à procura de mantimentos, eles encontraram peças finas de linho que a família tinha guardado para o enxoval da filha e levaram tudo.

— Imagine aqueles sujeitos asquerosos dormindo nos lindos lençóis bordados da pequena Stephanoula! — Anthi começou a chorar e eu segurei a mão dela.

Nós ficamos sabendo que, em Kato Panagia, os italianos, pelo menos a maioria deles, são gentis e respeitosos com as mulheres e meninas. Flertam jovialmente com as moças e acompanham os homens nas caçadas, chegando a lhes emprestar suas armas para atirarem em coelhos e lebres, para a refeição.

Aqui, nossa experiência não é tão branda, e somos mais desconfiados.

Eu fico em casa o tempo todo. Meu único exercício é andar na varanda, para lá e para cá. Estou bem pesada agora; tenho certeza de que é um menino, pela força com que ele chuta, principalmente quando estou deitada.

Às vezes eu converso com ele. Fico falando baixinho, contando histórias da minha infância, e quando faço isso ele se aquieta. Graças a Hans Christian Andersen! Quando meu filho nascer já vai conhecer todas as histórias de cor. Mas eu me obrigo a parar meus pensamentos por aí; ainda não sei o que vou fazer depois que o bebê nascer.

Anthi me disse que o dono da escola foi visitá-la e contou a ela o que está acontecendo em Pano Episkope e em outros vilarejos nas colinas. Todas as escolas estão fechadas. As únicas lições que as crianças aprendem são como se esconder e o que dizer se algum estranho se aproximar. Mas ele acredita que em breve elas reabrirão.

— Como podemos ensinar nossas crianças a viver em um mundo de paz se não as educarmos para isso? Certa noite, Anthi contou: — Eu vi Aphrodite hoje, ela foi me visitar na casa de *yaya*.

Ela disse que foi lá em nome de todas as mulheres de Mesa Panagia. Elas querem que nós... você e eu... saibamos que elas consideram você uma de nós, uma moradora do vilarejo, e que você está segura aqui. Elas jamais diriam qualquer coisa contra você. Você é uma pessoa muito admirada e querida em toda a Panagia, e elas se orgulham por você ter escolhido este lugar para morar.

Eu me emocionei muito com as palavras dela.

— Eu não tenho o direito de esperar que elas confiem em mim.

— Talvez não, mas elas confiam. O que aconteceu aqui deixou a todos profundamente chocados. Se podemos dizer que algo de bom resultou disso tudo, foi que nos tornamos um povo mais unido. Temos um inimigo em comum agora; não há mais espaço nem tempo para briguinhas insignificantes e querelas mesquinhas. Nem mesmo com minha mãe e minha irmã.

— Ela fez uma pausa e sorriu. Fazia tempo que eu não via Anthi sorrir.

— Elas foram à casa de *yaya* para prestar condolências, e para tomar o café de *yaya* e comer o meu bolo, e disseram que apreciavam muito a sua atenção para com minhas filhas e que jamais dirão uma única palavra sobre a sua presença aqui. Se o que aconteceu serviu para unir minha família, então eu vou passar a acreditar em milagres.

Ela riu, como a Anthi de antigamente.

— Mas não se o milagre significar que eu comece a agir como filha dela. Isso seria esperar demais, depois de tanto tempo.

O céu estava forrado de estrelas, tantas que até impressionava. Nos sentamos em silêncio por algum tempo.

Passei a mão na barriga e senti uma leve protuberância se mover sob minha palma; um pezinho, talvez? — Christo virá aqui mais tarde — Anthi me avisou. — Para contar que eu pedi a ele para me levar junto quando ele for sair com os *andartes* hoje à noite. Eles formaram um grupo de resistência e pretendem caçar e liquidar os *malakas* que vieram para cá. E eu quero fazer parte.

Anthi ergueu a mão quando viu minha expressão de dúvida.

— Nem perca seu tempo tentando me fazer desistir. Christo já passou horas fazendo isso. Já sei de todos os possíveis contratempos, inclusive o risco de passar muito frio.

Ela se levantou.

— Eu sou mulher, e por isso eles acham que sou fraca.

Mas em toda a Grécia as mulheres estão lutando ao lado de seus homens. Christo me deixou escutar um informe pelo rádio, e isso ficou muito claro para mim.

Suspirei. Eu conhecia Anthi muito bem, sabia como ela era teimosa.

E Christo sabia, tão bem quanto eu, que se ela estava decidida a ir com ele, nada a faria mudar de ideia.

— E as meninas? O que será delas se... se alguma coisa lhe acontecer? — Eu não conseguia verbalizar as palavras “se você morrer”. Era um pensamento terrível demais.

— Eu já pensei nisso. Aphrodite e Yorgo ficarão com elas, e eu conto com você e *yaya* para ajudá-los e garantir que elas tenham tudo o que eu não tive. Minha única preocupação, caso eu venha a faltar, é que minha mãe se intrometa e queira arranjar casamento para elas. Se isso acontecer, fuja com elas, Divina. Leve-as com você para Atenas, ou para a Inglaterra. Dê a elas a oportunidade ter uma vida boa e feliz, longe daqui.

Eu a abracei e percebi que ela chorava no meu ombro. Mas logo em seguida ela se afastou e enxugou os olhos com a manga puida.

— Eu preciso fazer isso, você entende, Divina? Preciso. Não posso deixar que meu *pappous* tenha morrido daquele jeito infame, como um animal, por nada.

Nós ficamos em silêncio, cada qual perdida em seus pensamentos.

Atrás de nós estendia-se o passado, o afeto compartilhado de nossa amizade, que se fortalecera tanto, que significava tanto.

Para nós duas, creio eu. E à nossa frente, um futuro desconhecido.

Eu precisava ser forte. Aquela mulher havia feito tudo por mim, tinha me propiciado uma vida e me ajudado a aprender a amar. Durante todo aquele tempo, desde que tínhamos nos tornado amigas, ela nunca me pedira nada. Por um momento, tive um vislumbre do meu futuro sem Anthi.

O que eu iria fazer? Como eu traria ao mundo uma criança sem minha amiga por perto, sem a sua sabedoria, a sua experiência, os seus conselhos? Mas eu sabia que aquela não era a hora de dar vazão aos meus medos e dúvidas.

— Eu entendo — falei por fim. — Você deve ir, e leve com você o meu afeto e a minha amizade. E é claro que você vai voltar! Nem vai dar tempo de sentirmos a sua falta, e você já estará aqui conosco outra vez. Inspirando nossas vidas, como sempre fez.

Agora vá! Fiquei observando do topo da escada enquanto ela se despedia das meninas. As duas dormiam profundamente, atravessadas na minha cama, Voula com o polegar na boca. Anthi as beijou e voltou para perto de mim.

— Você toma conta de Christo para mim? — E precisa pedir? — murmurou ela.

— Ele é um homem mudado, tenho de admitir. É um homem que aprendeu a amar.

Nós nos abraçamos e, então, sem olhar para trás, ela se foi.

Eu não tinha sido totalmente leal com Divina. Christo tentou fazer mais do que apenas me dissuadir, ele me proibiu num primeiro momento. Eu sabia que ele tinha contratado Andreas, o ferreiro, como um *andartes* e o lembrei desse fato. Ele riu.

— Andreas tem um metro e noventa e seis de altura, é um gigante. Olhe para você! O que pretende fazer, viajar no bolso dele? — Sou pequena, é verdade, mas sou forte também — insisti. — Além do mais, posso entrar em lugares onde você e Andreas não podem.

No fim, suponho que minha persistência o esgotou, pois embora relutante, ele concordou que eu fosse. Eu sabia que a missão era localizar e trazer Kotso e até Bingo de volta. Claro que isso era importante, mas eu tinha outro motivo, e Christo sabia.

— Ninguém tem o espírito de vingança que você possui. Mas não deixe que isso afete seu julgamento. Você só fará o que eu disser.

Só há um líder. Se Kotso estivesse aqui, seria ele, mas... bem, não vamos perder a esperança de trazê-lo de volta.

Depois que a última nesga de luz se apagou, saímos do vilarejo. Atrás das janelas e portas, fechadas apesar do calor, sabíamos que éramos vigiados.

Desde a ocupação, ninguém confiava em mais ninguém. Eu não sabia para onde íamos, ou que armas possuíamos, se é que tínhamos alguma, só me restava supor. Christo carregava uma sacola de palha barulhenta nas costas.

Talvez as armas estivessem ali. Mas eu sabia que, fora isso, continha um par de cantis de água e uma caixa de zinco com pão.

— Quanto menos você souber, mais segura estará — declarou Christo.

Dusk veio correndo, passando pelas oliveiras coloridas com matizes de roxo. Conhecíamos bem o terreno, nossos animais costumavam pastar por ali.

Na primeira vez que cheguei à caverna percebi que os dois homens que estavam ali se assustaram. Eu vestia um par de *vrakes* velhas de Manolis e sabia que em tempos normais isso não seria aceitável. Uma mulher com roupas de homem? Que ultraje! Comemos sentados na caverna de Christo. Reconheci um par de almofadas e um tapete da casa da Divina, e quando levantei os olhos, Christo sorriu para mim.

Andreas contou sobre o norte da ilha: — Minha irmã mora em Gálatas. — Ele fez uma pausa antes de continuar: — Acho que devo dizer que ela *morava* lá. Não se sabe o que restou da cidade.

— Lamento informar, mas dizem que não sobrou quase nada naquela região — Christo contou.

— Segundo os noticiários do rádio, Gálatas foi o último lugar a cair antes de

Chania.

Andreas baixou a cabeça, cruzou os braços e fechou os olhos. Mesmo circunspecto, a posição era imponente como uma montanha. Seu rosto vermelho tinha sempre um sorriso estampado, até agora. — Ela tinha três filhos. Dois meninos que nem cheguei a conhecer.

— Lamento muito — Christo se solidarizou, colocando a mão no ombro do amigo. — Soube que eles lutaram bravamente em campanha com os ingleses e australianos que vieram de Suda para ajudá-los. Morreram muitos inimigos.

— Mas não o suficiente, não é?

— Não, meu amigo, não mesmo. Eles passaram por Chania e atearam fogo em tudo. Bem, foi o que ouvi.

Por fim a madrugada chegou e partimos logo nas primeiras horas, rastejando por entre os arbustos. Ninguém ousou dizer uma palavra sequer.

Ficamos todos juntos como Christo havia instruído e nos movemos bem devagar. O progresso era lento. Depois de algumas horas alcançamos um grupo de árvores e fomos envolvidos pelo perfume do tomilho selvagem e pelos primeiros raios de sol. Christo acenou para que parássemos. Ali compartilhamos o que Andreas chamava de “café da manhã de pato”: um gole de água e uma olhadela ao redor.

Nós nos revezamos para descansar. Estávamos num campo aberto perto da encosta de um morro, éramos os únicos humanos na região. Não demoramos a pegar no sono, o caminho tinha extenuado até o mais forte de nós.

Na quarta noite, na metade do caminho, nossa vida tinha adquirido certo ritmo: avançávamos durante a noite e descansávamos de dia. Estávamos longe de casa. Havia chegado o momento de eu puxar a fila. Capturei o olhar de Christo quando me virei para me certificar de onde ele estava.

Ganhei um incentivo para seguir adiante e um aceno de cabeça: — Vá na frente, Andreas e eu estaremos logo atrás. Siga a trilha das cabras que corta a montanha e siga à esquerda quando chegar do outro lado.

Vamos na direção do mar. — Ele abriu um breve sorriso e prosseguiu: — Estamos a caminho do vilarejo onde morei, situado na faixa de terra que ladeia Sitia. Os italianos acamparam a um quilômetro e meio de lá.

O caminho morro acima era íngreme, e logo senti falta de ar; transpirava a ponto de molhar meu cabelo, deixando-o cheio de nós. Cristo parou logo depois de mim.

— Estamos todos aqui? — indagou ele.

Assenti, meneando a cabeça, tentando recuperar o fôlego.

— Vamos fazer uma parada. Beba água e descanse um pouco. Ainda falta um vilarejo para atravessarmos e depois seguiremos para a praia, mas precisamos recuperar nossas forças.

Nós nos sentamos. Encostei-me a uma árvore e fechei os olhos. Pensei em

Despina e Voula, e na última vez que as tinha visto, dormindo tranquilas na cama de Divina. Senti uma pontada no estômago. Será que eu estava fazendo o certo? Será que toda essa empreitada valia mesmo a pena? Bem, eu sabia que não traria meu *pappous* de volta, disse eu tinha certeza.

Quando pensei nele e em sua grande bravura, meus olhos se encheram de lágrimas.

— Chega de descanso — Christo nos chamou.

Ao lado de onde estávamos, corria um riacho de água límpida. Christo nos instruiu para encher nossas garrafas. Eu estava muito suja. Os homens não estavam muito preocupados com isso, mas eu podia sentir o forte odor do meu suor e do deles. Não pensei duas vezes para tirar a roupa e entrar na água.

Aquilo era um paraíso! Quando os homens perceberam o que eu estava fazendo, viraram-se de costas. Mergulhei a cabeça e fui presenteadada com a melhor das sensações. Eu me esfreguei inteira, debaixo dos braços e entre as pernas. Depois de banhada pelo frescor da água, enxuguei-me mais ou menos com a camisa e seguimos em frente.

Foi difícil dormir durante o dia, pois o sol nos castigava sem piedade.

Mesmo na sombra, deitamos sobre a relva, que me pinicou bastante, obrigando-me a virar de um lado para outro. Quando finalmente peguei no sono, fui acordada com os insetos embrenhando-se nos meus cabelos e formigas entrando pelas calças. Pensei como seria mais fácil se eu tivesse colocado um vestido e não aquelas calças desconfortáveis. Pelo menos estaria mais arejada.

Finalmente chegamos ao vilarejo; olhei para Christo, mas ele balançou a cabeça.

— Ainda não é aqui.

O sol já se punha no horizonte. Aproveitamos o tempo restante de luz natural e rastejamos até um grupo de casas, conforme Christo nos tinha ensinado.

Crack! Um de nós pisou em um graveto seco e um cachorro começou a latir. Continuamos em frente.

Um uivo de animal vez por outra quebrava o silêncio daqueles que deviam estar dormindo em paz. Mas era um silêncio estranho, nada se movia conforme caminhávamos para o centro do vilarejo. As casas pareciam abandonadas, com as janelas escancaradas. De uma daquelas moradias um fio de fumaça subia para o céu, mas não vinha da chaminé.

Christo parou, e nós fizemos o mesmo. Uma brisa repentina trouxe um cheiro ruim.

— É a morte — disse Christo. — O odor que sentimos é o de morte violenta.

Aquilo me trouxe uma lembrança remota. Quando eu era criança, fui visitar uma fazenda vizinha com minha mãe.

Enquanto ela conversava com a dona da propriedade, corri para onde ficavam os animais. A porteira do curral de porcos estava aberta. Eu adorava porcos, mas senti um odor putrefato.

Bem, eu tinha seis anos de idade e era curiosa. Uma porca estava deitada de lado, os filhotes famintos e desesperados sugavam-lhe as tetas. Corri para mais perto e me abaixei para acariciar a cabeça do animal. Foi então que vi que o pescoço dela estava cortado. Soube depois que o assassino tinha sido um lobo faminto vindo das montanhas.

Lembro-me de que fiquei estática, chocada com a poça de sangue no chão. No mesmo instante virei para o lado, vomitei e sai correndo. Minha mãe se assustou ao me ver chegar toda suja de terra e ralhou comigo. Eu a tinha constrangido, e isso não tinha perdão.

A imagem daquela porca dominou minha mente diante de uma realidade semelhante.

— Fique aqui — Christo me instruiu com o rosto pálido e abatido.

Como não podíamos ficar parados por ser perigoso, seguimos em frente. Espiamos dentro das casas, algumas vazias como tínhamos pensado, mas outras com corpos espalhados por todos os cantos, numa grotesca imitação do cotidiano. O cheiro putrefato da morte estava por toda parte, abalando nossos sentidos. Nada se movia, nada tinha vida.

Em uma das casas havia um casal de idosos mortos, deitados lado a lado em uma cama, provavelmente estripados enquanto dormiam. Em outra casa havia uma família inteira, marido, mulher, crianças, e até mesmo um bebê, todos amontoados no chão da cozinha, mortos.

Sob os nossos pés, o piso argiloso das casas estava coberto de dejetos e medo. Cobrimos nossas bocas e narizes, mas o fedor vencia o obstáculo.

Um ruído repentino nos assustou. Olhei para trás e deparei com um cão esquelético, segurando alguma coisa na boca.

Aqueles corpos em estado lastimável haviam deixado de ser humanos e se transformado em monstros. De alguns via-se a língua inchada e preta, pensa para fora da boca; de outros era o rosto que estava contorcido com olhos vidrados. A única coisa viva ali eram as moscas varejeiras, fartando-se da carne em decomposição.

Em um dos cantos de um quarto, um sapo gordo saiu debaixo dos corpos de uma mãe e uma criança, ainda abraçadas, os rostos desfigurados e cobertos por um fluido gelatinoso.

No centro do vilarejo, um pouco afastado das casas, havia pilhas de corpos dentro de valas comuns. Christo abaixou-se para inspecionar. Acredito que estivesse à procura de Kotso e alguns de seus amigos.

Por ali também havia o corpo de um rapaz de não mais de dezessete anos, trajado com a farda da força aérea alemã e uma suástica bordada no ombro. Uma mecha de cabelo esvoaçou, revelando os olhos esbranquiçados e focados no céu.

A primeira coisa que pensei foi que alguma mãe, como eu, em algum lugar,

aguardava notícias do filho.

Atravessamos juntos o vilarejo de Neápolis, nome comum para aquela região, mas para mim seria o sinônimo eterno da desolação, algo que eu não esqueceria jamais.

Christo parou à nossa frente com o rosto pálido, acinzentado, e depois de cruzar os dois braços sobre o abdômen, curvou-se para vomitar e não parou até que não sobrasse mais nada em seu estômago. Depois endireitou-se devagar e bateu nos braços, as mãos tremendo como folhas soltas ao vento. Por instinto, segui até ele, mas fui afastada. Ignorando-nos, ele se esforçou para andar reto dali para a frente. Aquele lapso nunca deveria ter acontecido.

A manhã já se anunciava no horizonte. Naquele lugar terrível, os pássaros cantavam da maneira mais doce possível, uma cabra solitária andava pelo pasto balançando o sino no pescoço, aguardando mais uma gloriosa manhã de verão.

Seguimos andando bem próximos uns dos outros. Por um breve período não pensamos na necessidade de nos escondermos. O canto de um pássaro foi sobrepujado pelo triste choro de Andreas.

No primeiro aglomerado de árvores, Christo parou. Naquele momento, ele estava a uma distância considerável de nós e senti que precisava ficar sozinho. Não falamos nada, mas também o que haveria para dizer? Ele se sentou, apoiando as costas numa oliveira. Nós fizemos o mesmo, exaustos.

Já era tarde quando recomeçamos a nos movimentar para seguir em frente. Christo foi o primeiro a falar: — Vocês preferem parar e voltar para casa? Balançamos a cabeça em negativa.

— Não é vergonha admitir, e desistir não tem a ver com fracasso ou derrota — ele acrescentou e olhou em volta. — O cenário que vocês viram vai se repetir por toda a Creta: cidades tomadas, qualquer ser vivo será morto e abandonado. A situação está pior no Norte, onde está o exército inimigo. Os alemães deixaram a maioria dos vilarejos sob o comando dos italianos.

Eles são fracos e roubam nossa comida, se interessam apenas em sua sobrevivência. De vez em quando acham que precisam provar alguma coisa para não sei quem e ocupam uma cidade, como fizeram com Panagia.

Para mim aquilo não fazia sentido algum, por isso protestei.

Christo encolheu os ombros.

— Isso é a guerra. Eles podem fazer o que quiserem conosco porque estão no comando. Mas, acredite, não há um lugar aonde cheguem sem enfrentar forte resistência. É sabido que nunca antes eles encontraram um inimigo tão corajoso quanto os cretenses. Ainda vão se arrepender de terem vindo para cá. — O riso de Christo ecoou no vazio dos arredores.

Lutamos para abrir caminho por entre o cerrado. O que vimos em Neápolis era um fardo difícil de carregar. Ficou evidente que Andreas não conseguiria continuar com a mesma energia de antes. Emparelhando-se comigo, apesar das

armas presas no ombro, e numa atitude bem natural, segurou minha mão e apertou-a, e percebi que seus olhos estavam rasos d'água.

— É difícil não pensar que o vilarejo de minha irmã também esteja nessas condições — disse ele, abrindo o braço para mostrar o redor. — Fico pensando que os filhos dela podem ter sido judiados como as crianças que vimos. Não restou ninguém para enterrá-los. Os corpos ficaram no sol para apodrecer até que os corvos se fartassem.

— Pare com isso! Pensar dessa forma irá levá-lo à loucura — eu falei, mas as palavras dele ecoavam em minha mente.

Lembrei-me das minhas filhas e congelei. Acredito que nenhum de nós esquecerá o que viu hoje.

Mais à frente, no final de uma ruela ladeada por oliveiras, Christo acenou para pararmos. Havia uma cabana ali. Acredito que fosse uma parada para pastores de ovelhas e cabras durante a primavera, quando os animais costumam procriar. Um bom pastor sempre deixa seus animais sozinhos na hora do parto.

Sentamos a uma sombra e bebi bastante água, antes de passar a garrafa para Andreas.

— Vamos encontrar com Kotso aqui, se é que ele não foi capturado.

A informação casual de Christo não transparecia nenhum sinal do temor que ele sentia. Contudo, estávamos cercados pelo silêncio, vez por outra interrompido pelo canto dos pássaros e pelo vento varrendo as folhas do meio das oliveiras.

Fechei os olhos e consegui relaxar. Andreas sentou-se a meu lado e desmoronou, deitando a cabeça no meu colo e fechando os olhos. Eu estava quase pegando no sono quando percebi que Christo estava de pé, não muito longe, prestando atenção. O som agudo que achei que fosse o piado de pássaros era mais afinado e claro.

Kotso tinha nos encontrado.

Naquela hora, achei que me lembraria de todos os detalhes daquela noite.

Todos os passos ecoavam em minha mente, cada som e cada reação. O pio da coruja parecia ter nos seguido por toda a jornada pela ilha, bem como a lua e as nuvens que agora passeavam graciosas pelo céu.

Christo ficou mais seguro com a chegada de Kotso. Entendi a responsabilidade que ele assumira ao trazer dois revolucionários destreinados, sendo que um deles era mulher, e a preocupação que isso havia lhe causado.

Kotso estava com uma aparência horrível. Os olhos fundos e arroxeados eram o retrato da exaustão. Ele mancava, e percebi hematomas em toda parte visível do corpo.

Ele nos contou que tinha sido arrastado pela ilha junto com Bingo até um pequeno acampamento que veríamos mais tarde. Tinham passado por interrogatórios diários.

— E todas as vezes conseguimos persuadi-los de que de fato não sabíamos de

nada. O que não adiantava nada, pois o processo todo recomeçava na manhã seguinte. A única vantagem que tínhamos era que eu conhecia bem o terreno. Eles estavam convencidos de que Bingo tinha informações sobre o paradeiro do rei e do primeiro-ministro e por isso foram cruéis.

Conforme ele prosseguia com o relato, eu pensava em Divina; ela conhecia a família dele.

— Consegui fugir ontem.

Só mais tarde descobri que não foi apenas a afeição pelo amigo que motivou Christo a ir procurá-lo. Kotso nos levou a outra cabana, maior.

Estava vazia, mas o telhado estava retalhado. E sob uma placa de metal que Andreas tinha levantado, havia um porão.

— Anthi, você é a única que consegue entrar aí.

Eu me espremi e desci no pequeno espaço malcheiroso.

Quando meus olhos se acostumaram com a escuridão, vi um saco de lona em um dos cantos. Era aquilo que procurávamos.

Assim, puxei e levantei antes de me contorcer para voltar.

Dentro do saco havia quatro armas, uma para cada um.

Christo nos fez limpá-las e manuseá-las. Todos nós já tínhamos usado armas antes. Os coelhos e outros animais que comemos tinham sido abatidos com aquele tipo de espingarda. Eu segurava uma que estava pronta para ser usada. A sensação era estranha, eu sabia que em parte era o certo a fazer, mas também estava consciente de que aquela arma mataria um homem.

Embora receosa, eu estava empolgada. Faltava muito pouco para alcançar o meu objetivo naquela missão.

Mais tarde, no meio daquele dia, Kotso me sacudiu para me acordar. Eu estava perdida em sonhos ruins e fiquei feliz em despertar.

Os cães selvagens uivavam do lado de fora da cabana, parecia uma matilha. As sombras acinzentadas de cachorros grandes e pequenos passavam perto da montanha. Ao longe ouvia-se o barulho da guerra, e um avião alemão Stuka voava baixo, cortando o céu. Sei agora que era o mesmo que eu tinha visto no primeiro dia.

Depois ouvimos um grito que mais se assemelhava a um uivo de dor do que a um gemido humano. Senti o sangue gelar nas veias.

Da extremidade do penhasco podíamos ver a praia e se havia alguém lá embaixo.

— Volte — Christo sussurrou. — Qualquer movimento e morreremos na hora. É isso que eles esperam que façamos.

Vamos esperar anoitecer.

Então voltamos e depois seguimos Kotso numa trilha pelo desfiladeiro, metro por metro, até chegarmos às sombras na base do penhasco. Bingo estava ali estirado, não sei se continuava vivo. As mãos estavam amarradas atrás das costas, e os pés

presos. O corpo musculoso reluzia de veios de sangue fresco e brilhante dos vários cortes e vergões. Bingo não tinha tido nenhuma chance de reagir. Eu estava prestes a afastar o cabelo da testa dele, quando Kotso me puxou para trás.

— Vamos para as cavernas, rápido — ordenou ele. — Eles o puseram aqui para servir de isca, pois sabiam que viríamos resgatá-lo.

Kotso olhou para cima, e ao fazer o mesmo vi um bando de abutres voando em círculo, aguardando a morte para poderem se fartar.

Christo olhou para um lado e para o outro, depois levantou a cabeça de Bingo para dar-lhe água.

O dia tinha sido longo. Nos escondemos atrás das rochas e fendas, com o corpo se contraindo em câibras. Ninguém dormiu.

Kotso e Christo se revezaram na vigília e para dar água a Bingo.

Além disso, ouvíamos os ruídos da guerra ao longe e de vez em quando o roncar de um avião.

Fiquei com muita pena de ignorar Bingo daquele jeito.

Estava quase certa de que ele não sobreviveria sem ajuda. O que eu iria dizer a Divina? Mas antes que os últimos raios de sol desaparecessem no horizonte, soubemos que não estávamos sozinhos na praia. Ao longe avistamos dois homens fardados vindo do final da encosta, furtivamente. Eles estavam armados e quando se aproximaram de Bingo, uma nesga de luar iluminou-lhes o rosto. Um deles era o assassino de *pappous*, um rosto que eu jamais esqueceria. Os dois soldados se moviam com cautela, mas não pensaram duas vezes antes de chutar Bingo.

Quando tento me lembrar do que aconteceu a partir desse momento, fico confusa. Não tenho certeza de qual de nós atirou primeiro e os derrubou.

Nós quatro nos levantamos ao mesmo tempo, miramos e abrimos fogo.

Nenhum dos dois guardas gritou, ambos caíram como pedras em um lago.

Christo puxou Bingo para trás de uma rocha, e sei que Kotso me puxou.

Eu tremia dos pés à cabeça. Pensei que ficaria esfuziante.

Afinal a missão a que tínhamos nos comprometido estava realizada. Eu já podia dizer a *yaya* que tinha vingado a morte de *pappous*. No entanto, ao contrário do que esperava, fiquei péssima, exaurida; de alguma forma, me sentia diminuída com aquelas mortes sem sentido.

Mais tarde, esgotados, caímos em um sono frustrado.

— É hora de vocês voltarem para casa — disse Christo depois de me acordar. — Você e Andreas têm família e responsabilidades. Aliás, tivemos um dia importante e podem se orgulhar por ter saído dentro das expectativas.

Concordamos com Christo e nos arrumamos para ir embora.

— Tome conta dele, não foi fácil testemunhar os estragos da guerra.

Acredito que Andreas ficou mais impressionado. Você provou ser muito útil para

nós, Anthi. Fico feliz que tenha vindo — ele disse e me deu um abraço.

Divina

Todos os dias eu fazia uma contagem regressiva dos meus dias de gravidez.

Passava horas acariciando a barriga e conversando com o bebê.

Algumas vezes eu fantasiava sobre o futuro. Meu sonho favorito era imaginar que eu ia embora de Panagia para Atenas, Londres ou Thessalonika, e comprava um apartamento.

— Perto de um parque — eu dizia ao meu pequenino. — Posso lecionar, e estaremos juntos o tempo todo. Christo terminará o treinamento como arquiteto e projetará lindos edifícios. Haverá muita demanda por esse tipo de serviço depois da devastação da guerra. Nunca ficaremos sozinhos.

Eu pousava a mão no ventre e fechava os olhos.

As mudanças físicas eram difíceis de ser superadas, mas não eram tão complicadas quanto os arrebatamentos emotivos também presentes. Quando me via emaranhada nessa teia de sentimentos, meus olhos se enchiam de lágrimas e eu me sentia sem forças e amedrontada na maioria das vezes. Como eu poderia sair de Panagia? Lembrei que odiava cidades, por não suportar a vida prosaica. Como eu pudera imaginar que Christo sobreviveria a quilômetros de distância de suas raízes e de sua família? Mas eram apenas sonhos...

O tempo mudou esta manhã. Faz três dias que temos chuvas de verão torrenciais. O céu permaneceu cinza, enquanto as valas e os canos de esgoto inundaram, de tão primitivos. As ruas se transformaram em riachos, e uma piscina se formou no meu quarto no andar de baixo.

E então, do mesmo jeito inesperado que veio, a chuva se foi. O céu voltou a ficar azul, o sol esplendoroso e o vento frio secaram a superfícies.

— Olá? Alguém em casa? Era Aphrodite, subindo os degraus da varanda com toda a sua gordura.

Nós nos encontramos na porta. Fiquei feliz em vê-la. Já fazia alguns dias que Anthi estava fora, e apesar da companhia das meninas, fiquei feliz em ver Aphrodite.

Ultimamente era raro que ela ou qualquer outra amiga viesse me visitar.

De vez em quando vinham para uma xícara de café ou de chá, mas essas visitas rareavam cada vez mais.

Agora eu me visto como uma mulher do vilarejo. Faz tempo que guardei minha roupa chique e as saias de cortina. Eu tinha de ser honesta com o meu momento e estava feliz em usar vestidos gastos que acomodavam minha barriga e minha nova identidade. Um lenço marrom ou cinza mantinha presos meus cabelos rebeldes, agora mais curtos.

Todos os aldeões que passavam por mim cumprimentavam com um “*yia*”. Até o costureiro “*kalimera*” parecia exagero, naqueles dias.

Aphrodite parou para recuperar o fôlego e olhou ao redor.

Depois esticou os braços para frente e encolheu os ombros.

— Veja só, vim de mãos vazias, desculpe-me pela falta de educação.

Eu sorri e disse que a presença dela já era um presente.

Mais uma vez ela olhou ao redor antes de se sentar. Ultimamente as pessoas andavam muito nervosas. Ofereci um refresco, mas ela recusou: — Tipota!

Aphrodite se admirou por eu estar tricotando e riu dos pontos caídos e dos arremates estranhos. Conversamos um pouco e ela quis saber sobre Voula e Despina.

— As meninas estão com a *yaya* — respondi. — Ela está fazendo um bolo de nozes e deixa as netas quebrar as nozes e misturar a massa. — Como Aphrodite se mostrou surpresa, apressei-me a explicar: — O bolo é para as meninas, *yaya* não ficará com ele.

— Nenhuma viúva faz doces para casa em uma época como esta — concordou ela.

— Elas estão com muita saudade de Anthi. E eu também.

— Vim para falar sobre o padre. *Papa Yannis*. — Franzi a testa e ela balançou a mão no ar. — Não, não quero assustá-la, mas acho que você pode ajudá-lo.

Aphrodite deve ter percebido que fiquei confusa com a informação.

— Você sabia que ele está de cama? — perguntou ela.

Tentei demonstrar pena, mas a verdade é que eu não estava nem um pouco aborrecida. *Papa Yannis* era a maior ameaça para minha segurança.

— Ele caiu na semana passada quando voltava da casa de uma família onde rezou uma missa de trinta dias de falecimento.

Aphrodite explicou quem era a família, todos notórios amantes de bebida. Como estava escuro quando o padre chegou a casa, acabou tropeçando nos degraus.

— *Papa Yannis* ficou deitado no lugar, incapaz de se mexer, pelo resto da noite. No dia seguinte, meu Yorgo e nossos dois filhos mais velhos seguiram para o campo quando ouviram os gritos. Yorgo contou que ele estava roxo, e a perna torcida. Eles o levaram para dentro de casa, mas o padre está com muita dor. A irmã dele, Sophia... você a conhece? Ela fez uma infusão de ervas curativas e um emplastro de calêndula. Não deve ter adiantado muito, pois ela veio me procurar para pedir que tentássemos convencer você a ir vê-lo. — Ela fez uma pausa e balançou a cabeça antes de prosseguir: — Ele não está bem. Yorgo foi visitá-lo e disse que a infecção está piorando, e o cheiro também. — Aphrodite fez uma careta como se estivesse sentindo o cheiro. — A morte o está rondando, mas ele está consciente, tanto que chamou por você, pois sabe que é a única que pode ajudá-lo. Não há como levar um médico montanha acima, mesmo sendo para um sacerdote.

Ficamos em silêncio. Ninguém além de Anthi e Christo sabia dos meus temores. Será que eu podia contar alguma coisa? Eu estava prestes a falar quando

Aphrodite tomou a dianteira, depois de se benzer.

— Perdoe-me, mas cá entre nós, se ele não fosse um sacerdote, muitos atravessariam a rua para evitar um encontro.

Por isso sabemos por que você se sente ameaçada. — Aphrodite se inclinou para frente e baixou o tom de voz. — Ele é o único entre nós que venderia a mãe para os alemães se o preço fosse bom.

Tentei sorrir, mas não foi fácil.

— Ouça, se você ajudá-lo agora, ele saberá que *já* jamais poderá traí-la.

— Como tem tanta certeza? — Porque ele está apavorado com a morte tão próxima. A inocência nunca fez parte da vida dele, por isso o medo de se encontrar com Deus.

Toda vez que ele bebe, acaba se lamentando para quem quiser ouvir. Ele já fez Yorgo escutar suas confissões centenas de vezes.

Eu já tinha perdido as contas de quantas vezes Aphrodite tinha feito o sinal da cruz sobre os seios fartos. Continuei ouvindo: — Ele já confessou os pecados para *papa* Costas, que se não fosse por essa guerra, já teria avisado a Igreja Ortodoxa de Constantinopla. *Papa* Yannis sabe que a morte o está rondando e que emplastos e infusões não o salvarão.

Aphrodite recostou-se na cadeira e enxugou o suor da testa com a manga do vestido.

— Sei que é difícil para você, pois estará em perigo de um jeito ou de outro, mas essa é uma chance de resolver o seu problema também.

Ah, como eu queria que Anthi estivesse aqui agora! A saudade chegava a doer. Naquele momento eu precisava muito dos sábios conselhos de minha amiga. Levantei-me, atravessei a varanda e me confortei com a paisagem diante dos meus olhos.

De um lado estavam as montanhas, na frente a imensidão do mar azul-escuro.

Onde você está agora, minha amiga querida? Que atitude me aconselharia a tomar numa hora dessas? Ah, Anthi venha para casa logo e em segurança.

Apesar dos apelos, eu sabia que precisava resolver aquele assunto sozinha.

Mas imaginei o que Anthi ou seu *pappous* teriam me dito.

Assim, voltei para perto de Aphrodite e perguntei: — Eu tenho escolha? Ela balançou a cabeça de vergar.

— Desde que você não levou para aquela demonstração da sua medicina na Igreja de S. Cosme e S. Damião, as pessoas acham que você é maravilhosa e acreditam em você. Estão todos esperando que você traga *papa* Yannis de volta.

— E se eu falhar? — Pelo menos saberão que não foi por falta de tentar.

Ninguém jamais a trairia. Aliás, o único que poderia fazer isso estará morto.

Assim dizendo, ela fez mais uns três sinais da cruz seguidos. Era difícil ir contra uma lógica tão contundente.

— Está bem, eu vou.

Eu nunca tinha ido à casa de um padre antes. Geralmente passava correndo, mas muitas vezes notei os olhos de leitão de *papa* Yannis me observando pela janela. Aphrodite me levou até a casa dele. Ela tinha um jeito ensaiado de andar, como se fossem passos de dança desajeitados, mas curtos e precisos, que desafiavam o corpo volumoso.

Antes de entrarmos, claro, ela fez mais alguns sinais da cruz. Depois destrancou a porta e chamou. Não houve resposta.

Ela olhou para mim e encolheu os ombros. Quando fechou a porta, mergulhamos numa escuridão sufocante. Ficamos imóveis até que nossos olhos se acostumassem com o escuro. As sombras daquele lugar eram aterradoras. Os armários e cômodas se agigantavam e nos assustavam. Tudo ali era muito pesado e, sobretudo, velho.

Segurei no braço de Aphrodite, que me conduziu até o quarto de *papa* Yannis. Eu a segui bem de perto, mas logo tive vontade de sair correndo. O quarto cheirava a podridão, misturado com o cheiro forte de incenso.

Paramos ao lado da cama e eu o observei. Duas velas pequenas forneciam a iluminação tremeluzente, uma delas em frente ao *iconostasis*, um biombo gigantesco. *Papa* Yannis estava deitado de barriga para cima com as mãos cruzadas sobre o peito.

A perna enferma estava esticada por cima do grosso cobertor.

Aphrodite olhou para o ferimento, fechou os olhos e murmurou uma prece, seguida de um sinal da cruz.

Naquele ambiente sombrio e sem ar, percebi que as faces dele estavam brilhantes e os olhos vidrados. Coloquei minha mão na testa molhada de suor. A febre estava tão alta que o tinha deixado com a pele ressecada, os lábios rosados e a respiração ofegante. Tomei-lhe o pulso e logo percebi que ele estava instável demais, muito doente.

Papa Yannis tentou falar, mas não conseguiu proferir mais do que um sussurro. Tive de me inclinar e me aproximar do cheiro acre do seu hálito.

— O que você pode fazer por mim, *kyria* Timberley? — perguntou ele com uma voz que oscilava entre um sussurro e um gemido.

— O senhor deve fazer o que eu disser, enquanto tento ajudá-lo a melhorar. Primeiro preciso examinar sua perna.

Aphrodite se encolheu num canto do quarto.

— Venha me ajudar — eu a chamei de volta.

— Mas não sou muito boa com essas coisas, você terá de me ensinar.

— Claro que sim. Antes de mais nada, ferva um pouco de água e encontre alguma coisa para usarmos como ataduras. Pode ser um lençol ou qualquer tecido limpo que possamos rasgar.

Eu tinha levado minha caixinha de primeiros socorros. Tive de reprimir o meu mal-estar e os calafrios para ajudá-lo a se sentar para beber um pouco de água

com uma aspirina. Eu já tinha lidado com casos piores no hospital; não muitos, mas foram de grande valia naquele momento.

Aphrodite voltou com uma bacia de zinco com água fervente e pedaços de finos lençóis de linho pendurados no braço.

Horrorizado, *papa* Yannis arregalou os olhos quando viu o que ela carregava.

— O que...

Coloquei meus dedos sobre a boca dele para silenciá-lo.

— Vamos tentar ajudá-lo, mas se não cooperar será muito difícil. Precisamos fazer ataduras com o que temos à mão.

De uma hora para outra, eu não tinha mais medo daquele homem asqueroso. Homens valentões sempre têm medo de mulheres fortes, pois na certa foram criados com as mãos de ferro de mães e governantas zelosas.

Bem, eu tinha de ser firme também.

— O senhor precisa fazer o que eu disser, está bem? Deitado sobre o travesseiro e com os olhos fechados, ele meneou a cabeça bem devagar.

— Ótimo. Aphrodite, por favor, abra as janelas. Precisamos de ar puro aqui dentro.

Ela obedeceu, e no minuto seguinte o quarto se transformou. Tenho minhas suspeitas de que a decadência daquele lugar vinha de anos de negligência e imundície. *Papa* Yannis tinha se dedicado às orações, mas pecou com a limpeza de sua casa. As mãos, o rosto e a batina eram limpas, mas as roupas de baixo estavam imundas.

Tive a impressão de que aquelas janelas não eram abertas havia anos.

Mas quando senti o vento bater-lhe no rosto, *papa* Yannis se cobriu e protestou:

— Não permita que esse vento frio toque minha perna.

— Este é o primeiro e mais importante passo do tratamento para curá-lo. O ar renovado afastará os germes e a doença. Agora vamos olhar essa perna.

Ele se deixou cair sobre a cama e aquietou-se. Chamei Aphrodite e começamos a tirar a faixa grudada na perna dele.

Estava tão apertada que precisei de um pouco de água para afrouxá-la.

Papa Yannis gemeu conforme mexíamos no ferimento, mas sabia que seria inútil se revoltar. Aos poucos, o machucado foi se revelando, e a visão não era das melhores. Virei o rosto, respirei fundo e passei os dedos sobre o lugar machucado. A ferida estava supurando, mas não havia nenhum osso quebrado. A perna estava roxa, preta e verde, e não teria salvação se eu não tivesse interferido a tempo. Na verdade, na falta de remédios mais fortes, aquilo era o máximo que eu poderia fazer e rezar para que não fosse tarde demais.

Bem, ao menos a notícia de que eu tinha tentado salvar *papa* Yannis correria depressa.

Aphrodite e eu trabalhamos o mais rápido possível, nenhuma de nós queria ficar naquele lugar horrível mais tempo do que o necessário. Enquanto isso, ele franzia

a testa e movia o maxilar como se estivesse mascando alguma coisa. Lembrei-me do hábito de colocar a ponta da língua para fora e para dentro seguidas vezes, que eu já o tinha visto repetir. Acho que ele estava rezando. Bem, toda a ajuda seria de grande valia no momento.

Pensei na vida desprezível que o padre levava, imaginando os horrores que continha em toda a sua extensão. Que o Senhor tratasse dele da forma como melhor Lhe aprouvesse. Não contive o sorriso ante o pensamento.

Aphrodite me disse que a irmã dele chegaria mais tarde e passaria a noite ali.

— Não acho que ela goste dele mais do que qualquer uma de nós, mas ela não tem escolha — comentou Aphrodite em voz baixa.

— Você precisa deixar essas janelas abertas até eu voltar amanhã, está bem? — recomendei em alto e bom som.

Aphrodite me olhou com espanto, e da cama, *papa* Yannis meneou a cabeça.

— Se insistir em fechar, não duvido que o encontrarei morto amanhã de manhã — completei a ameaça.

— Você sabe como controlá-lo, não é? — indagou Aphrodite, depois que saímos da casa de *papa* Yannis.

Voltei à casa de *papa* Yannis sozinha nos dias seguintes. As janelas permaneciam abertas, e o canto dos pássaros invadia o quarto. No final do segundo dia, o cheiro de decadência e podridão já tinha deixado o ambiente, mas estava difícil controlar a febre. Eu contava com curativos, faixas limpas e iodo, mas nenhum medicamento mais forte do que aspirina para combater a infecção. Era preciso limpar o ferimento todo dia, e isso era dolorido para *papa* Yannis. O machucado estava sobre a tíbia, onde havia poucos músculos para ajudar o sangue a circular. No quarto dia, ainda não havia progresso significativo.

Aphrodite tinha ido comigo e me ajudava a avaliar a situação.

— Oh, *Panagia mou*, isso está horrível! — exclamou ela, prendendo a respiração. Havia uma coisa que eu poderia tentar fazer, mas estava temerosa: cortar a pele e forçar o pus a sair. Era assim que tratávamos úlceras nas pernas em Greenbridge. Havia outro problema: eu não tinha bisturi. Deixei *papa* Yannis com Aphrodite e fui até minha casa. Na cozinha, procurei uma facunha de cortar frutas que pertencera à avó de Hugh.

De volta à casa do padre, pedi a Aphrodite que fervesse a lâmina. Pelo menos estaria esterilizada, o que não era garantia nenhuma que serviria para o que eu tinha em mente. Mais uma vez, não tive alternativa. E também não tinha éter. Notei, contudo, que havia um bom suprimento de bebidas no quarto. De fato, *papa* Yannis gostava de beber.

Servi uma boa dose de conhaque em um cálice, e Aphrodite ficou surpresa de como o persuadi rápido a beber. Assim que ele esvaziou o cálice, voltei a enchê-lo mais quatro vezes. No final ele mal erguia a cabeça para beber e seus olhos estavam semicerrados.

— Você terá de segurá-lo — pedi a Aphrodite, que fez o que pôde.

Assim que ele ficou quieto, ataquei a ferida, fatiando-a como se cortasse uma melancia. O procedimento deu certo, pois não demorou para que um carneção de pus e sangue saísse da ferida. *Papa* Yannis deu um salto e Aphrodite pulou de susto, mas em poucos minutos o líquido infectado já tinha saído todo, e o sangue rico e saudável corria livremente.

Papa Yannis caiu para trás uma última vez e desmaiou.

Pressionei uma compressa limpa sobre a ferida e comprimi com força até que aos poucos o sangue foi estancando. Dei uma aspirina a ele antes de sairmos. Mandeí Aphrodite para casa, afinal ela já tinha visto o suficiente por um dia.

— Não sei como você consegue fazer essas coisas — comentou ela, inclinando a cabeça para o lado.

Naquele dia fiquei por ali até Sophia chegar. *Papa* Yannis tinha bebido demais e eu não queria arriscar que ele vomitasse e morresse sufocado pela falta de alguém para ajudar.

Sophia era uma mulher miudinha, uma vítima natural. Era difícil imaginar como uma criatura tão frágil tinha conseguido sobreviver tendo *papa* Yannis como parente.

No dia seguinte tive a certeza de que ele se curaria.

— Bem, sei que a perna dele irá melhorar, mas não posso dizer o mesmo de sua alma — comentei com Aphrodite.

Minha próxima tarefa foi persuadi-lo a se levantar da cama e caminhar.

Mas, antes de tudo, era preciso limpá-lo. A febre tinha deixado veios de suor na pele, e imaginei como estaria a parte do corpo que não era visível.

Devia estar imundo. Ele não me parecia ser o tipo de pessoa asseada; havia uma bacia sobre uma cômoda no quarto, e presumo que Sophia trocasse a água de manhã e de tarde. Pelo menos dessa tarefa eu estava livre.

No terceiro dia, eu o persuadi a sair da cama e o levei até uma banheira de zinco cheia de água morna. Sophia tinha deixado o forno a lenha com labaredas altas, assim foi fácil providenciar água quente.

Eu o observei tirar a camisola de dormir e entrar na tina na minha frente. As pernas e os braços estavam bem finos, desgastados pela doença.

No entanto, a barriga estava lá, protuberante, redonda e branca, lembrando um sapo-boi.

Ele ainda tentou cobrir os genitais com as mãos trêmulas, mas não contive a curiosidade de olhar para aquelas ameixas pretas murchas e o pequeno órgão penso e inútil. Eu o esfreguei com um pedaço de pano, mas me abstei das partes íntimas. Dei a ele o pedaço de pano para que cumprisse a tarefa sozinho.

Enquanto ele se lavava, pensei que, se tivesse jeito, eu o caparia, *malaka* imundo.

Depois da carnificina que vimos e do pesar que sentimos, tudo ficou mais simples e sem importância. Respirei fundo ao atravessar Panagia. O ar recendia a sangue, vidas antigas e velhos sonhos.

Já era tarde, e o sol banhava as montanhas e permeava seus raios por entre os galhos cinza das árvores inclinadas que ladeavam o caminho.

Eu me senti tão idosa quanto as montanhas, e até mesmo a ideia de estar em casa com minhas meninas suscitou apenas um suspiro de prazer.

Kotso tinha uma filha de não mais de quinze anos, Agni, que trabalhava como mensageira para nosso grupo de *andartes*.

Era uma garota de cabelos castanhos e curtos como os de um menino. Ela tinha conseguido uma mula velha, mas robusta.

Andreas e eu a usávamos em turnos. Ele já não falava mais, limitando-se apenas a menear a cabeça quando eu dizia alguma coisa, perdido em pensamentos profundos. Acredito que ele tenha sido quem mais sofreu modificações por tudo que tínhamos visto.

Sei que sua esposa, Marina, não ficaria muito feliz se ele voltasse para casa, por isso decidi que teria uma conversa séria com ela da próxima vez em que nos encontrássemos.

Tentaria fazê-la entender o que se passava em uma guerra.

Estávamos descendo o caminho que passava em frente à casa de *papa* Yannis quando vi Divina, fechando a porta da casa.

Mas o que estava acontecendo?

Ao ouvir o som dos cascos da mula, ela ergueu o rosto e abriu um sorriso quando me viu.

— Ah, minha amiga, querida... Você voltou para casa! Desci do burrico, passei as rédeas para Andreas e saí correndo, quase caindo nos braços de Divina.

— Pronto, pronto... — Ela me confortou, como se amparasse uma criança. — E Christo? Ele não está com você? — Ele está em segurança e voltará logo. O que está fazendo aqui? — Ah, não se preocupe, vou contar tudo. Aliás, temos muito que conversar. Suas meninas estão bem e neste momento estão com *yaya*, que tem sido ótima.

Andreas acenou e seguiu seu caminho. Divina e eu nos demos os braços e andamos juntas até a casa dela. Ela estava grande e pesada por causa da gravidez.

Portas e janelas se fechavam conforme passávamos, como antes, ou seja, apesar do calor, ninguém queria se expor. Fiquei triste em encontrar meu vilarejo tão fechado e mudado. Os únicos sons eram uivos de cães e os cacarejos de galinhas magras, que caminhavam pelos jardins à procura de grãos. Era esse

o cenário da guerra, que amedrontava pessoas e as afastavam umas das outras. Comentei o assunto com Divina.

— Não se preocupe — ela procurou me confortar. — Na primavera as mulheres não ficam tanto em casa, apenas os homens.

Fomos direto para casa de Divina, e no caminho ela me pôs a par do que tinha acontecido com *papa* Yannis.

— Quer saber? Por mim, pode deixá-lo morrer — blasfemei.

Quando entramos na casa, ouvi o riso das minhas meninas e a voz suave de *yaya* dizendo: — Misture e amasse com a ponta dos dedos até virar farelo.

Isso mesmo.

Ela parecia feliz.

— Estar com as netas a ajudou a se distrair e a esquecer um pouco o pesar — Divina me contou. — Com isso, Despina está se transformando numa boa cozinheira. — Ela parou para tomar fôlego antes de continuar: — Ah, minha amiga querida, é tão bom ter você de volta! Ao subirmos as escadas, Divina colocou o dedo sobre os lábios.

— Adivinhem quem está aqui? — ela gritou, e Voula veio correndo primeiro.

— *Pappous* voltou? — perguntou ela, soltando gritinhos de animação.

Senti uma onda de tristeza e desapontamento, mas durou pouco, pois assim que Voula me viu, esticou os braços e correu na minha direção.

— Mama, mama! Eu a abracei com força e a levantei no ar, mergulhando o rosto nos cabelos cheirosos, embriagando-me do perfume de criança de sua pele. Despina ficou parada à porta, quieta.

— *Mama*, bem-vinda — disse ela, parecendo mais velha do que seus onze anos e com a voz baixa.

De repente percebi que ela tinha se transformado numa jovem mulher.

Quando nossos olhares se cruzaram, ela sorriu, mas notei como os acontecimentos do último ano a tinham afetado. Mais tarde eu veria que todas as crianças do vilarejo tinham vivenciado situações que nenhuma criança deveria sequer vislumbrar. Tenho a impressão de que a infância se perdeu, a inocência se esvaiu da noite para o dia. Lembrei então que Despina tinha sofrido mais do que a maioria, e muitas coisas ela jamais esqueceria.

— Venha, *mama*, venha ver o que fizemos — convidou Voula, pegando minha mão.

Foi então que todos repararam que eu estava usando as *vrakes* velhas de Manolis, e Voula bateu palmas, alegre.

— Agora a senhora é minha *mama* e *papa* também! *Yaya* apareceu na porta atrás das meninas, sorrindo, até me estudar melhor e cobrir a boca em seguida.

— Oh, *Panagia mou*, minha filha! — exclamou ela. — O que é isso? Eu a tinha chocado. De uma hora para outra me vi criança de novo, levando bronca. Senti meu rosto corar.

— Perdoe-me, mas achei que era o melhor... — Minha voz falhou e não consegui completar o pensamento.

— Você não pode deixar que notem sua presença — disse ela, balançando a cabeça. — O vilarejo inteiro comentará se você andar assim por Panagia. Se algum soldado a vir, será o fim. Sem contar que você é uma viúva agora.

Yaya estava de preto e se vestiria assim pelo resto da vida.

Não era preciso perguntar para saber que ela exigiria que eu fizesse o mesmo. Mas aquelas roupas tristes não eram para mim.

No dia seguinte, aprendi a lição da maneira mais difícil.

Eu estava com as mulheres do vilarejo no córrego. Éramos cinco ou seis, não mais do que isso. Marina era uma delas.

Segundo ela, Andreas não tinha aberto a boca desde o seu retorno.

— Ele fica sentado em sua cadeira a noite inteira, Anthi — contou ela. — Parece que não faz questão de ficar com as crianças. Sempre que passo por ele, faço um carinho nas costas e onde mais sei que ele gosta, mas não adianta nada.

Marina baixou a voz para prosseguir: — Os olhos de Andreas estão sempre rasos d'água e ele nem se dá o trabalho de enxugá-los. Aos poucos as lágrimas escorrem pelo rosto e caem no colo dele. Uma coisa eu lhe digo, é horrível ver um homem daquele porte chorar. — Ela estava prestes a cair em prantos também. — Essa guerra maldita! Por que tinham de vir para cá? O que possuímos de tão valioso? As outras mulheres balançavam o corpo como se cada uma tivesse vivenciado uma história de horror semelhante. Naquele instante ouvimos passadas, pesadas cada vez mais fortes. Nossos maridos jamais iriam até ali.

Ficamos imóveis, com as mãos ocupadas com as roupas, meio imersas dentro da água. Baixamos a cabeça e permanecemos em silêncio.

— Levantem-se, mulheres! — o soldado que parecia ser o líder quase latiu ao gritar: — Venham até aqui. Agora! Façam uma fileira — ordenou ele em um grego cheio de sotaque e difícil de entender.

Nós arrastamos os pés meio sem jeito, relutantes em obedecer. Os soldados estavam armados e usavam uniformes sujos e manchados. Os colarinhos estavam abertos. Eram o retrato da sujeira, com os rostos barbados e os cabelos oleosos.

Os soldados cretenses teriam vergonha de se apresentar daquele jeito. Pensar assim curiosamente me encheu de força, e eu me senti superior.

O líder dos soldados gritou alguma coisa, talvez uma ordem, mas nenhuma de nós entendeu. Ele repetiu, já bem alterado, furioso por o estarmos desacatando em frente a seus homens. Como continuávamos imóveis, ele puxou a mulher que estava mais perto e rasgou-lhe a blusa.

Era Marina. Ela gritou e tentou cobrir os seios.

O soldado agitou os braços, fazendo um gesto que incluía todas nós.

— Você, você, todas! — gritou.

Logo pensei que não éramos surdas para precisarem gritar conosco como se fôssemos animais.

Meus dedos se recusavam a obedecer rapidamente, além de os botões também não cooperarem muito. Todas estavam com dificuldades para tirar a blusa. Olhamos umas para as outras cheias de medo. O que pretendiam fazer quando estivéssemos nuas? Bem, eu só podia pensar em uma coisa.

Minhas mãos tremeram mais ainda, e com o canto dos olhos vi que todas compartilhavam o mesmo pensamento.

Ficamos apenas com as roupas de baixo, nossas blusas molhadas nas poças das roupas lavadas.

— Rápido, rápido! — gritou o líder, apontando o rifle para nós.

Depois falou com os outros soldados em uma língua que não entendemos, e todos abriram um sorriso falso e cheio de malícia. Continuamos a nos movimentar devagar e desajeitadas até que ficarmos totalmente nuas da cintura para cima. Fechei os olhos para não ser testemunha da vergonha das minhas vizinhas.

Acredito que nenhuma de nós jamais havia imaginado algo semelhante. Do meu lado, Marina murmurava uma prece. Seus seios eram grandes e bonitos. A esposa de Pano, Myrto, a mais velha de todas nós, chorava copiosamente, tentando cobrir seus seios tristes que caíam quase até a cintura como pequenos sacos.

— Verifiquem os ombros! — o líder voltou a gritar, e dessa vez eu entendi. — *Examinem os ombros.* Imaginei se alguma delas teria o ombro marcado por ter carregado uma arma.

Os soldados estudaram uma a uma de nós. Claro que não observavam apenas nossos ombros. Marina fechou os olhos e manteve a cabeça erguida.

As mais jovens chamavam mais atenção, tanto que não resistiam em tocar-lhes os seios e puxar os mamilos.

Ficamos ali em pé por cerca de meia hora, em pleno sol da manhã.

Olhei para os lados e vi que, como eu, estavam todas suando. Myrto estava prestes a desmaiar. Sei que eu era a única que já tinha manuseado uma arma, mas não por tempo suficiente para deixar marcas.

E foi isso o que aconteceu. Tudo o que aqueles soldados queriam saber era se já tínhamos carregado rifles e se éramos *andartes*.

Eles limparam as botas nas pedras que usávamos para esfregar a roupa e usaram nossos lençóis para se deitar. Depois foram embora, tão depressa quanto tinham chegado.

Assim que sumiram por entre os ciprestes, eu caí sentada no chão.

— *Malakas* — blasfemei e bati no chão.

Uma a uma, as mulheres se juntaram para bater no chão e gritar em uníssono:

— *Malakas, malakas!* Porcos imundos!

Divina

Atualmente existe um horário para se recolher em toda a Grécia. Muitos membros da resistência foram perseguidos nas montanhas, mas lutaram para não serem capturados. Eles costumavam viajar à noite, a escuridão como seu único disfarce.

Faz dias que não tenho notícias de Christo. Exausta de tanto me preocupar, além de perturbada também com o calor e com a gravidez, sentei-me no terraço para admirar a lua e as estrelas, ouvindo as cigarras cantar e os sapos coaxar, tentando planejar um futuro sem muita esperança.

Depois que Anthi voltou, fomos juntas até a pequena Igreja de S. Cosme e S. Damião e fizemos uma faxina. A única coisa de que eu tinha certeza ultimamente era que meu bebê nasceria ali, longe dos olhares do vilarejo. Varremos tudo e tiramos o pó. Levei lençóis e mantas e o que tinha restado dos meus medicamentos.

Despina e Voula tinham vindo conosco e se encarregaram da decoração.

Elas tinham trazido algumas flores, que misturaram com alguns galhos e ramos, completando os arranjos com pequenos laços. Foram momentos felizes.

E então Christo voltou para mim.

A noite o ajudou a chegar despercebido, mas estava muito abatido e mudado por tudo o que tinha presenciado. Do mesmo jeito que Anthi chegara com olheiras e linhas de ansiedade ao redor da boca, Christo também parecia ter adquirido alguns anos a mais. Algo como se tivessem roubado sua juventude.

Deitamo-nos na minha cama e ele contou um pouco do que tinha visto. Acredito que ouvi uma versão censurada. Ele mantinha os olhos fechados enquanto falava e me disse que de agora em diante as lembranças fariam parte de sua vida. Aquelas imagens de morte e destruição não sairiam jamais de sua memória.

— No centro da ilha vi um vilarejo queimar até o chão — contou ele com a voz baixa e rouca. — Homens, mulheres e crianças foram alvejados e jogados em uma vala comum, cavada pelos executores. — Christo interrompeu o relato algumas vezes para tossir e clarear a garganta, e suas mãos tremiam sem cessar. — Diante da menor suspeita de que alguém estava abrigoando um *andarte*, sua casa era incendiada e os moradores fuzilados.

Aqueles bastardos chegaram a estuprar as mulheres. — A voz dele foi baixando até se tornar um sussurro apenas. Precisei me esforçar para ouvir, pois parecia importante para ele. — Essa violência toda era executada na frente de pais e crianças. Como é que esses jovens vão se recuperar dessa experiência? — A voz dele estava alterada pela emoção e pela raiva. — Quando não é assim, as pessoas são chutadas como se fossem cachorros e largadas sem esperança de sobreviver.

Eu o acariciei na cabeça, mas nada o confortaria naquela noite. Acho que se conseguisse ao menos chorar, aliviaria um pouco a dor. Ele deve ter cochilado enquanto eu passava os dedos por seus cabelos, mas minutos depois estava acordado de novo.

— Eles não vão nos derrotar, Divina. Acredito que os cretenses sempre foram os lutadores mais ardorosos do mundo.

Não foram todos que doaram suas armas ou rifles de caça, graças a Panagia, e aqueles que ainda as mantêm saíram do esconderijo para lutar. Esses homens andaram de quatro, dia e noite, passando sobre espinhos, mato, pedras e riachos, e estão cheios de energia, determinados a eliminar qualquer *malaka* que tente dominar nossa ilha, nossa Creta.

— Quem são esses lutadores? De onde eles vêm?

— São garotos das montanhas que viviam no campo pastoreando as ovelhas da família desde pequenos. Há centenas deles na ilha inteira. Eles estão sempre dispostos a fazer qualquer coisa, o que for preciso. Divina, você não acreditaria, mas não são apenas os meninos e homens, as mulheres também participam! Quem tem uma boa condição física e não esteja tomando conta de casa está lutando. Certa noite, eu seguia um grupo, rastejando pela vegetação baixa, e quando nos erguemos percebi que a líder era uma senhora de talvez noventa anos. Ela carregava um punhal afiado na cintura, pronta para agir. Tenho a impressão de que eles são capazes de farejar o inimigo onde quer que esteja, e para isso se escondem em cavernas, sob pedras ou entre arbustos, e estão dispostos a lutar até a morte.

— Não temos gente assim na Inglaterra — comentei, balançando a cabeça.

— A Inglaterra nunca foi invadida, nem ficou totalmente sob o comando do inimigo. Se... — A voz de Christo sumiu.

Fiquei contente por ele ter parado de tremer. Falar sobre seus amigos *andartes* o animara.

— No meio do campo de batalha circulam mensageiros, que levam informação de um grupo a outro de nossos aliados ou amigos. Os britânicos, australianos e neozelandeses só conseguem agir com essa ajuda camuflada.

Lembra-se de Agni? A menina que trabalhava ao lado de Kotso? — Claro que sim! Eu nunca questioneei quem ela era ou o que fazia, simplesmente assumi que era a namorada de Kotso.

— Ela é uma das melhores corredoras da ilha — contou Christo, rindo do meu comentário. — Pode até ser que Kotso a quisesse aquecendo sua cama, mas ela está sempre ocupada demais ajudando os *andartes*.

Ele me fez um carinho no ventre e adormeceu. Finalmente acho que estava em paz. Entretanto, volta e meia seu sono era interrompido por gritos. Houve um momento em que ele se sentou repentinamente e fez gestos fortes com as mãos, com uma agressividade que não lhe pertencia.

— Shh — sussurrei para acalmá-lo, passando a mão na testa suada.

Acordamos com os passarinhos cantando, as melodias parecidas com o balbuciar de amigos íntimos.

Christo saiu antes de o sol se levantar, mas antes segurou minha mão e disse: — Dentre todo o horror que tenho visto, e sei que ainda vivenciarei muitas tragédias, existe alguém que me mantém lúcido, minha Divina. E esse alguém é você. — E, acariciando meu ventre, continuou: — Esta criança é o fruto do nosso amor. Estarei sempre perto de vocês. É por isso que vivo.

E ele se foi de novo.

Eu sabia que nos encontraríamos no final do dia na capela- hospital.

Christo e Kotso tinham vindo acompanhados por Bingo e um garoto neozelandês, um soldado. Ambos necessitavam de muita atenção.

Tudo indicava que os alemães haviam deixado Bingo e o menino neozelandês na praia onde tinham sido encontrados. Com a ajuda de Agni e seu burrico, eles tinham conseguido chegar a Panagia. A perigosa viagem só foi possível porque as nuvens encobriram a lua, tornando a escuridão uma forte aliada.

Na lua cheia tive vontade de ir para as montanhas, mas quando estava para sair e buscar Anthi, Aphrodite chegou.

— Você precisa vir comigo até a casa de *papa* Yannis — informou ela, quase sem ar, mas batendo no peito como se isso a ajudasse a se recuperar.

— Por quê? Ele já está curado, e Sophia está lhe fazendo companhia.

— Ele quer agradecer a você pessoalmente — ela finalizou, deixando-se cair numa cadeira. — Eu acharia bom se você viesse comigo só mais esta vez. Ele precisa falar com você.

Eu me forcei a levantar e segui a trilha toda lamentando cada segundo perdido que poderia ter ficado na montanha com os homens feridos.

Quando cheguei, *papa* Yannis estava sentado em uma cadeira, não sei se esperando por mim ou por Deus. A vermelhidão de seu rosto tinha sumido, o cabelo estava mais fino, mas as faces e o pescoço pareciam ter engrossado.

Eu estava diante do retrato da decadência. A pele do rosto parecia escorregar dos ossos e formar bolsas, salientando veias, rugas e manchas gordurosas. Ali estava um homem de muita idade.

Ele esticou o braço e, com a mão trêmula, indicou que eu me sentasse.

Obedeci com cuidado. O banquinho oferecido era muito baixo e pequeno para propiciar algum conforto para meu corpo imenso; por isso tive esperança de que ele me liberasse logo.

— Devo minha vida a você, *kyria* Timberley. Nunca me esquecerei disso.

Talvez enquanto ainda se lembrar do meu nome, pensei.

— Como deve supor, não tive uma vida irrepreensível.

Procurei não censurá-lo com nenhum gesto ou careta.

— Pensei que, por estar diante da morte, eu deveria me confessar diante de

Deus. Rezei pela minha redenção, *kyria*, e sei que para consegui-la preciso ser uma pessoa melhor daqui até o último dos meus dias.

Acredito que, se existe mesmo um Deus, não deve ser tão fácil assim se redimir à Sua presença. Mas este mundo é muito estranho. Eu estava desconfortável naquele banquinho, e o bebê parecia estar jogando futebol dentro da minha barriga, por isso comecei a me levantar.

Aphrodite me olhou rapidamente e eu levantei uma sobrancelha. Sei que *papa* Costas tinha feito uma visita ali havia alguns dias, e Yorgo tinha dito que jamais vira *papa* Yannis tão temeroso. Eu me forcei a apertar a mão trêmula. A língua dele continuava a fazer ligeiras aparições por entre os lábios, mas acredito que estou a salvo de uma possível traição, assim me despedi tranquila.

Aphrodite e eu saímos da casa e tomamos caminhos diferentes. Eu mal tinha chegado em casa, quando Yorgo apareceu. Ele estava bufando tal como a esposa costumava ficar, afinal estava mais gordo do que quando trabalhara na minha casa. Era estranho, mas enquanto o resto do vilarejo sofria a recessão, Yorgo tinha certa fartura.

— Venha, Divina... digo, *kyria* Divina. Aphrodite disse que você precisa vir imediatamente, por favor. O latoeiro chegou à nossa casa.

— Ah, não preciso dele hoje. Tenho de ir à Igreja de S.

Cosme e S. Damião cuidar dos doentes que estão lá.

— *Kyria*, venha por alguns minutos apenas, por favor? — pediu Yorgo, falando rápido. Ele parecia confuso. — Aphrodite disse que preciso levar você.

O homem que estava na casa de Yorgo e Aphrodite era um estranho para mim. Era um senhor de idade com um burrico mais velho ainda. A pele do rosto, enrugada como uma noz, era prova de ter passado a maior parte da vida ao ar livre, sob a ação do vento e do sol. Yorgo me disse que ele era um latoeiro tal como o pai e o avô e que costumava viajar pelos vilarejos vizinhos, polindo potes de cobre, amolando facas e até consertando sapatos. Sei que sapateiros, tanoeiros e latoeiros têm o costume de pegar no ar fragmentos de uma história, ou algumas vezes até nacos de um escândalo, e repassar pelas cidades visitadas. Se bem que viajar pelas montanhas em época de guerra, com horários para se recolher, era bem arriscado. Mas aquele latoeiro em especial vinha de Atenas, onde o irmão estivera no começo do ano, e trazia novidades que Yorgo e Aphrodite achavam que eu deveria saber.

A história não foi muito bonita de se ouvir. Havia fome nos distritos mais pobres da cidade. Corpos jaziam esquecidos nas ruas, aguardando ser coletados pelo serviço público. O retrato da cena remetia aos horrores medievais.

Uma bandeira com a cruz suástica tremulava no Partenon.

Todos os edifícios oficiais estavam fechados: museus, a assembleia ateniense e as embaixadas estavam trancafiadas, mas, mesmo assim, alguns prédios tinham sido invadidos.

— É chocante — lamentou Yorgo.

Eu não me preocupava muito com antiguidades, mesmo que fossem de valores inestimáveis, diante de tanto sofrimento humano.

Depois da descrição geral, o latoeiro passou a contar novidades sobre a família real.

Fazia alguns meses que ele tinha passado por uma cidade montanhosa no norte de Creta, Therissos. A aldeia estava em polvorosa porque o rei, a família real e até o primeiro-ministro estavam ali procurando abrigo, antes de seguirem para os Alpes.

O rei e o primeiro-ministro tinham dormido na leiteria, enquanto os outros se arrumaram sob as árvores, amontoando-se em sacos de dormir ou lençóis rasgados.

No princípio as mulheres do vilarejo os tinham afugentado, pois que homens seriam aqueles que não estavam lutando? Mas, quando perceberam o engano, passaram a tratá-los como reis literalmente.

Havia alguns estrangeiros na caravana: neozelandeses, soldados gregos, polícia local e cretenses, velhos e jovens. Junto com eles vieram alguns prisioneiros do cárcere de Aghyia: libertados por invasores e que viajavam sem destino. Estes tiveram de partir um dia depois do rei. Segundo o latoeiro, as mulheres, mais uma vez, não foram muito receptivas, enxotando-os com vassouras e pedaços de pau. O relato seguinte versou sobre “um inglês bem-apegoado”, vestido com roupas sociais e que escoltara o grupo para Agia Roumeli, e depois para Sphakia.

— De lá — continuou o latoeiro —, eles seguiram de navio para o território inglês no Egito. Chegaram até a oferecer asilo para os aldeões que procuravam segurança. Mas claro, todos preferiram ficar e lutar — finalizou ele, tomando um gole grande de vinho e limpando a boca com a manga da camisa.

— Esse inglês, Divina, só pode ser seu marido! — exclamou Aphrodite, tão animada que as palavras saíram aos borbotões de sua boca.

— Não há dúvida de que era You — concordou Yorgo, também exaltado com tantas novidades. Parecia até que tinha sido ele a atravessar os Alpes. — You é um homem corajoso. O engraçado é que se trata de alguém do nosso povoado, nosso amigo, e que agora está acompanhando o rei pelos Alpes no inverno. O que você acha disso tudo? Balancei a cabeça para voltar à realidade. Eu estava perdida em pensamentos sobre Hugh no Egito.

— Bem, claro que as notícias são boas. Quando você acha que foi isso? — Estava frio, só pode ter sido no inverno. Em maio ainda faz frio no Norte, e há neve nas montanhas até a época da colheita das videiras, então não é possível precisar.

Eu já tinha ouvido tudo o que queria, assim pedi licença e saí apressada.

Era impossível não sentir orgulho do que Hugh tinha conseguido.

Imaginei-o no Cairo flertando com lady Troutbecke seus amigos. Ele devia estar orgulhoso de si mesmo, e com direito já que demonstrara ter a coragem de um

herói. Fiquei feliz em saber que ele tinha sido condecorado.

Encontrei Anthi e as meninas no caminho para a capela.

Ela havia se encontrado com Kotso, soube o que estava acontecendo e veio oferecer ajuda. As portas e janelas estavam abertas, e havia um cheiro de doença dentro do nosso pequeno hospital.

Lembro-me do dia em que fomos até ali com as crianças e seus pais brincar de enfermeiros e pacientes. A lembrança era uma agradável recordação, comparada à realidade cruel daquele momento. Dois homens sujos estavam deitados em camas improvisadas. Eles tinham atravessado o país sem parar nenhuma vez, portanto sem tempo para tomar banho ou lavar as roupas, mas pelo menos estavam vivos, mesmo que parcamente.

Anthi tinha mandado as meninas encher canecas e baldes de água limpa. Não tínhamos como ferver, por isso usávamos água fria mesmo.

Olhamos com o canto dos olhos para o neozelandês. Ele iria sobreviver, por isso pedi que Anthi o limpasse.

Fui até onde Bingo estava e me ajoelhei meio sem jeito a seu lado. O rosto daquele rapaz querido estava cortado e com hematomas, os cabelos duros de sangue seco. Os olhos estavam saltados e inchados, por isso ele mal conseguiu abri-los. Quando me aproximei, ele se esforçou para abrir um sorriso tímido.

— Olá, enfermeira. Será que pode me desculpar por não me levantar? — Nem tente — eu disse e pousei a mão no ombro dele. — Primeiro precisamos tratar sua saúde para poder ficar em pé, depois pensaremos nas boas maneiras.

— Essa é a condição, não é? — murmurou ele, por entre os lábios rachados.

Bingo estava com dificuldade para respirar, arfando e assobiando a cada tentativa. Tive medo de ele estar com pneumonia, decorrente do longo período de falta de cuidados.

Fazia tempo que precisava de ajuda. Virei o rosto para que ele não percebesse minha ansiedade e apreensão. Não tinha ideia de quanto poderia ajudá-lo, o que me deixou com lágrimas nos olhos.

— Enfermeira... estou com frio, enfermeira. — Ele estava tremendo de febre.

— Meu nome é Divina, Bingo, lembra-se? — Muito frio, enfermeira, frio demais...

Percebi que não tinha sido reconhecida.

Chamei Despina e pedi mais água. Ela veio andando com todo o cuidado, esforçando-se para não derramar nenhuma gota no chão.

Não sei se eu deveria tê-la poupado de presenciar o estado em que aquele pobre rapaz estava. Mas, assim que ela chegou, ajoelhou-se do meu lado. Fiquei observando-a e me comovi quando ela afastou uma mecha de cabelo da testa dele com os dedos delicados. Bingo fechou os olhos e percebi que ele tinha se acalmado bastante. Despina esforçava-se para não machucá-lo.

Respirei fundo e enfiei o pedaço de pano, que Anthi e eu tínhamos preparado, no

balde para umedecê-lo.

— Muito bem, Despina — sussurrei. — Você se lembra direitinho do que ensinei. Reparei que o soldado que Anthi estava ajudando estava tranquilo e mais limpo. Ela estava mais ágil e eficiente do que nós. Ao lado dela, Voula olhou para a irmã e imitou-lhe o movimento, acariciando a testa do soldado neozelandês também.

Com todo o cuidado e o mais devagar possível, lavei o rosto de Bingo.

Olhei para baixo e sabia que teria de cortar a camisa para examinar o restante dos ferimentos. Como se tivesse adivinhado meus pensamentos, Despina começou a desabotoar os botões com dedos ágeis e rápidos. Logo ele estava com o peito nu, e eu hesitei, mas ela não pareceu ter notado os ferimentos, puxando as mangas da camisa até livrá-lo da peça de roupa. No minuto seguinte ela corria como uma gazela, atravessando o salão até a pilha de roupas.

Trabalhamos juntas, limpando e torcendo o pano dentro da água. Logo Despina se levantou e levou a bacia de zinco para fora, jogou a água, abriu a torneira na parede e encheu a bacia de novo.

Mas a febre judiava de Bingo, não importava o quanto tentássemos banhá-lo com água fria, a febre teimosa se recusava a deixá-lo. Ele oscilava entre a consciência e a inconsciência, e a pele já tinha adquirido o azul característico da morte.

Tentei levantar a cabeça dele, mas não consegui que seus lábios ficassem abertos por tempo suficiente para beber água.

De repente uma câibra nas costas me pegou desprevenida; tive de soltar Bingo e, com as mãos na cintura, me alonguei algumas vezes, mas não deu certo, precisei me levantar e andar um pouco. A sensação era de que minha barriga estava mais pesada do que o normal. Para aliviar um pouco a pressão, segurei-a com as duas mãos enquanto andava de um lado a outro da capela.

Despina tinha achado uma folha grande em algum lugar e agora abanava o ar no rosto de Bingo em mais uma tentativa de resfriá-lo.

Fui até onde Anthi estava com o outro soldado.

— Este é Jack — ela me apresentou.

— Como vai, enfermeira? — o rapaz me cumprimentou, olhando na minha direção. — Eu já estou no céu, ou vocês são anjos residentes aqui na Terra? Anthi tinha feito um trabalho muito bom ao limpá-lo, e, apesar das grandes manchas roxas ainda prevalecerem, ele já estava bem melhor do que quando tínhamos começado.

Sorri quando vi Voula encolhida, dormindo ao lado dele.

— Ela parece um dos meus filhotes — ele comentou, acariciando-lhe os cabelos.

— Minha cadela deu cria pouco antes de sermos convocados para a guerra. Minha mãe ficou furiosa, mas eu disse a ela: “Mãe, tenho de ajudar a combater velho sr.

Hitler, então a senhora terá de cuidar dos bebês sozinha”.

Enquanto ele falava, Anthi puxou o cobertor e eu vi as pernas de Jack.

Uma delas estava muito machucada, mas ao menos estava limpa. Não havia sinal de infecção, e eu sabia que se a mantivéssemos asseada, haveria grandes chances de cura.

Meneei a cabeça em um sinal afirmativo e ela cobriu a perna de Jack de novo. Ele adormeceu, e Anthi se levantou para se espreguiçar também, olhando ansiosa para Despina, que cantava doce e suavemente para Bingo.

— Ela está bem, Anthi, está trabalhando direitinho — procurei tranquilizá-la.

Jack dormiu pelo resto da tarde. O sono era o melhor remédio. Eu bocejei, e Anthi me persuadiu a descansar também.

Nada tiraria Despina do lado de Bingo e da tarefa de cantar e abaná-lo sem demonstrar nenhum sinal de cansaço.

Devo ter cochilado, mas acordei com um grito. Levantei com certa agilidade e logo estava ao lado de Bingo. Do lado de fora o sol já se escondia atrás das montanhas, enquanto Voula brincava com uma boneca que tinha levado.

— Pronto, está tudo bem — ela dizia.

Sentei-me ao lado de Bingo. Bastou um olhar mais atento para saber que seria muito difícil que ele melhorasse. A febre o consumia aos poucos, e ele lutava em desespero a cada respiração agonizante. O chiado do peito estava mais alto, e o fôlego difícil.

— Como posso ajudar? — Despina me perguntou com os olhos refletindo sua dor.

— Não há muito mais que se fazer agora, pequenina.

A morte não era gentil e chegava bem devagar. De súbito ele arregalou os olhos e esticou a mão quente, que Despina pegou e afagou.

— Enfermeira, enfermeira... — O chamado não passava de um fraco sussurro.

— Sinta o perfume das rosas.

Não havia rosas ali. Bingo lutava para respirar, mas mesmo assim sorriu.

— Que rosas adoráveis, mãe... — disse ele, antes de dar o último suspiro.

— Ele morreu? — perguntou Despina.

Pensei em responder de uma maneira delicada, mas não tinha como suavizar o inexplicável.

— Sim, querida, ele se foi.

— Todo mundo morre — ela comentou com amargura e correu para fora da capela.

Cerca de dois dias depois, acordei com uma cólica estranha. As dores começaram suaves, mas depois se tornaram insistentes o suficiente para me despertar totalmente. Eu estava sonolenta, tanto que não sabia dizer quem eu era ou onde estava.

Será que era noite ou dia? Algumas vezes o sono chegava e me levava por horas,

entretanto, em outras ocasiões eu passava a noite toda acordada, mal conseguindo fechar os olhos. O sol ainda estava alto no horizonte, por isso deduzi que deviam ser umas cinco horas da tarde.

Já não era mais segredo que eu morava na caverna de Christo. Eu tinha desistido de ir e vir da minha casa até o hospital, e a caverna ficava mais próxima. Era preciso poupar energia se eu queria ajudar aqueles homens feridos e doentes que tinham sido trazidos até nós.

O dia estava lindo quando deixei minha casa. O sol da manhã trouxera uma brisa leve das montanhas, e o céu azul completava a paisagem perfeita.

Naquela tarde andei bem devagar ao redor da casa que eu chamaria de lar dali para a frente. Lembro-me da primeira vez que estive ali, e tinha sido amor à primeira vista. Sonhei que teríamos filhos que correriam pelos arredores, crianças minhas e de Hugh, que estariam sempre sorrindo.

Agora ali estava eu, com a barriga grande com um filho de Christo e sem nenhuma perspectiva para o futuro. Eu estava parada perto do velho lagar de vinho, respirando o forte perfume de romãs. Meus olhos se encheram de lágrimas de tristeza pela casa, ainda conhecida em Panagia como a antiga moradia de Orfanoudakis. Todos os lugares diferentes onde vivi nos outros anos de minha vida se perderam na minha memória.

Tinha sido ali que deixei Evadne e encontrei Divina.

Deitei-me um pouco, cochilando e me deixando levar, mas as contrações estavam cada vez mais fortes e minha barriga estava apertada e repuxando para baixo. Bastou eu me levantar para que uma torrente de água saísse de mim, molhando minha camisola, deixando-me ilhada. Bem, finalmente tinha chegado a hora.

Eu tinha desistido de contar os dias, já que vivia esquecendo quando tinha começado. Mas eu estava imensa, e a gravidez parecia ter durado uma eternidade. Cada dia parecia não ter fim nunca. Cada vez que sentia uma contração, ou um espasmo, achava que tinha chegado a hora, e fosse noite ou dia, eu me levantava. Não demorava muito para voltar a relaxar...

alarme falso.

Tive de pensar rápido no que fazer. Eu havia lutado bastante para conquistar toda a minha nova independência, mas nem por isso queria dar à luz sozinha.

Eu precisava de Anthi e de Christo, dos dois. Em resposta às minhas súplicas, ouvi alguém assobiar do lado de fora da caverna. Christo! Sem esperar por resposta, ele foi entrando e chamando meu nome.

— Estou aqui — respondi.

Eu estava imóvel, ainda assimilando o que estava acontecendo. Christo veio até mim e, ignorando a poça, envolveu-me em seus braços fortes e mergulhou o nariz nos meus cabelos.

— Chegou a hora? Já tínhamos falado algumas vezes sobre o que faríamos

quando chegasse a hora. De nada adiantou, pois eu tinha esquecido tudo. Minha cabeça parecia vazia, povoada por apenas um pensamento, uma ansiedade.

— Ajude-me, Christo... Você pode ficar comigo? — Você tem alguma dúvida? — perguntou ele, intrigado.

Ele nunca me disse nada sobre como se sentia diante de sangue, e eu também nunca perguntei. Acho que é uma coisa particular que compete a ele apenas. Anthi me contou que ele tinha vomitado ao ver sangue, em uma das aldeias.

— Foi horrível, estávamos congelados de medo — dissera ela. — Christo era o nosso líder, e não sei por quê, mas tive a impressão de que ele era o que mais se impressionava. Não sei...

Naquele momento ele me olhava com atenção.

— É natural que você esteja preocupada. Pensei em como seria esse momento e estou muito emocionado. Com todo esse horror que está acontecendo, uma coisa linda virá a este mundo cruel. Minha criança, meu bebê, e vou fazer parte disso junto com você.

As dores pioraram e estavam mais regulares, a cada cinco minutos.

— A mula de Agni está lá fora. Anthi está no hospital, e acabo de vir de lá. O dia hoje está calmo, não há muita coisa acontecendo em lugar algum. Acho que estão todos tentando aproveitar o máximo possível da colheita antes que as tempestades ameaçadoras cheguem até nós.

Ele me colocou em cima da sela, meio empurrando, meio levantando, e franzi a testa sentindo o movimento brusco. Vi que ele estava tremendo ao pegar as rédeas.

Nossa viagem montanha acima demorou o dobro de tempo, cada movimento eu solavanco me fazia sentir dor, tanto que não consegui conter os gritos que vinham de minha alma.

Acho que Christo nunca esteve próximo a uma mulher em trabalho de parto. Mas também, por que estaria? — É tão ruim assim? O que posso fazer? — perguntou ele, com o medo refletindo no olhar.

— Nada, tudo isso é normal. Não se preocupe — eu tentei confortá-lo entre uma contração e outra.

Finalmente avistei a torre branca do sino da capela e implorei a Christo para que me deixasse andar o resto do caminho. No entanto, os últimos passos me fizeram urrar de dor, e quanto mais eu tentava contê-los, mais Christo ficava rígido de tensão. Ele me segurava sob um dos braços, enquanto segurava as rédeas com a outra mão. Mesmo baixinho, eu o ouvi rezando e pedindo ajuda para Panagia, algo que eu nunca havia presenciado antes.

— *Mama! Mama!* Divina chegou e está machucada! — gritou Despina, que estava do lado de fora da igreja e foi a primeira a me ver.

Tentei gritar, mas o esforço hercúleo me fez cair de joelhos, fraca e prestes a desmaiar.

— Despina, pegue as rédeas — ouvi Christo chamar do meio do nevoeiro imaginário em que eu me encontrava, e no minuto seguinte ele me pegou no colo e entramos na igreja.

O bebê de Divina, um menino, nasceu com o mesmo peso de um saco de figos, no calor do mês de agosto, em uma noite de lua cheia.

Christo ficou ao lado dela, mas sei como foi difícil para ele vê-la com tanta dor. Ela estava deitada em uma das camas improvisadas, com um lençol cobrindo o corpo nu. Os intervalos entre as contrações eram cada vez menores. Claro que ela sabia o que fazer e arfava a cada novo espasmo.

Ofereci um pouco de chá de *dictamus*, que ela deu um jeito de tomar quando a dor lhe dava uma trégua.

De vez em quando ela saía da cama e, para espanto de Christo, ficava de quatro, ainda arfando. Tentei me transportar ao que tinha acontecido comigo, porém por mais que tentasse lembrar de Voula, era o pequeno Constantinos que vinha à minha mente. Já fazia sete anos que aquele infortúnio tinha acontecido, e não havia um dia sequer que eu não pensasse nele e em como já estaria crescido.

Por sorte, a parte mais quente do dia já tinha passado.

Uma brisa perfumada de sálvia e tomilho se fez presente para deleite de Divina, que aspirava como se fosse um remédio milagroso. Estávamos sozinhos na capela.

Christo e outros dois aldeões tinham levado os últimos doentes embora um dia antes. Não havia mais Bingos e mortes; bem, pelo menos ainda não, não ali.

Christo me contou que havia milhares de mortos por toda a Creta.

Lembrei-me de Neápolis, como acontecia todo o dia; eu sabia que havia outros vilarejos em estado de calamidade pública, e estes consistiam no pano de fundo dos meus pesadelos. A cada hora mais mulheres enviuvavam, mais crianças perdiam os pais, mais mães eram violentamente afastadas dos filhos e crianças eram afastadas de seus amados *pappous*.

Christo tinha ficado ao lado de Divina, enquanto ela apertava sua mão e mordida o lábio num esforço para não gritar.

Do outro lado estava minha Despina, resoluta em não abandonar o posto.

— Eu sei o que é preciso fazer, *mama*, e além disso sou tão forte quanto a senhora.

— Duvido, *koritsaki mou*, mas vamos deixar que Divina decida.

— Ela disse que eu podia, *mama*! Eu disse a ela que se sou uma enfermeira suficientemente boa para ajudar alguém a morrer em paz, por que não posso ajudar uma nova vida a nascer? E Divina me disse que não tinha resposta para isso — defendeu-se ela, enquanto banhava o rosto de Divina com água fresca.

Voula fazia companhia para minha *yaya*. Graças às meninas, ela não teria uma velhice solitária, embora eu não soubesse precisar até quando. Ela convivia com a crueldade da morte de *pappous*, os horrores tinham deixado sulcos

permanentes em seu rosto. Apesar das netas, que lhe arrancavam sorrisos, o negro do luto não a deixava com uma aparência muito melhor.

Eu não queria nem ousar pensar o que aconteceria com aquele bebê.

No momento, Divina estava morando na caverna de Christo, por ser mais perto do hospital, onde ela costumava ficar a maior parte do tempo. A solução parecia fazer sentido; na verdade, a ideia tinha sido de Aphrodite e, sendo assim, as mulheres que costumavam se encontrar no córrego concordariam com a atitude. Aos olhos delas, Divina não faria nada de errado, pois sabiam o quanto ela se empenhara em ajudar os *andartes* e que tinha salvado a vida de *papa* Yannis, evitando que ele fosse bater às portas do Céu.

Todos sabiam que Christo tinha dado espaço para Bingo, o operador de rádio, em sua caverna, e ele próprio dormia por onde estivesse ao cair da noite.

— Você não se importa em não ter um lar? — perguntei.

— Meu lar é onde Divina estiver.

Jack, o soldado neozelandês, foi o último a deixar o hospital. Depois de curado, ele passou a nos ajudar. Voulá o adorava e o seguia como se fosse uma sombra, até Despina ficava com o riso fácil quando ele estava por perto.

Ela o tinha ensinado a jogar gamão com o tabuleiro que *pappous* tinha feito. Em troca, Jack lhe ensinara algumas mágicas. Ele nos fazia rir muito, junto com Divina e *yaya*. *Yaya* reconheceu que fazia muito tempo que não me via tão bem.

— Você está sempre feliz — comentou Divina.

Bem, faz muito tempo que ninguém me elogia, especialmente um homem. Os olhos azuis de Jack brilhavam, e com um sorriso ele me chamava de “anjo”.

— As duas formam um belo par: Divina e Anjo — disse ele certa vez, e o apelido pegou.

Jack não era muito alto, mas era forte e cheio de uma energia impressionante.

Ele estava longe de ser o menino que achei a princípio, era um homem feito, e talvez até mais velho que eu. Muito gentil, ele não nos deixava levantar nada muito pesado.

— Divina carrega um bebê, e você, Anjo, leva o mundo nas costas.

Tentei algumas vezes dizer que aquele era o meu jeito.

— A vida é assim, estou acostumada com isso.

— Bem, então será diferente quando eu estiver por perto.

Você é bonita demais para carregar todo esse fardo.

Eu sabia que devia estar vermelha até a raiz dos cabelos.

— Você está corada, Anjo — Divina comentou e começou a rir.

Jack era um homem corajoso, que não temia pela própria segurança.

Christo tinha dito que ele era um bom mensageiro para os *andartes*, e ficava tão à vontade nas montanhas como se estivesse em seu país.

— Você adoraria a Nova Zelândia, Anjo.

O céu estava todo pontilhado de estrelas, e a lua brilhava esplendorosa entre elas.

Voula dormia no colo de Jack e as mãos grandes acariciavam-lhe os cabelos.

— Trabalhei com animais a minha vida toda — ele me contou, quando toquei no assunto. — Tínhamos mil ovelhas, e o rebanho estava aumentando. Eu sei, Anjo, temos de viver um dia de cada vez. — Eu já tinha mencionado aquilo a ele algumas vezes quando ouvia seus sonhos. — Mas posso ter esperanças.

Vamos acabar logo com essa guerra sangrenta e mandar esses alemães para casa.

Jack teve a ideia de transformamos em camas algumas portas antigas que achamos no vilarejo. A madeira estava em boas condições, embora coberta de terra e até mesmo vegetação, mas era melhor do que nada.

Aphrodite, seus vizinhos e amigos, pediram roupas de cama a alguns aldeões para forrar os novos leitos.

— Qual a utilidade de um enxoval se ninguém vai usá-lo, não é? — indagou um vizinho.

Jack se acomodou em uma das cavernas perto do mar. Seu regimento neozelandês, o vigésimo segundo batalhão, tinha deixado a baía de Suda para voltar para casa.

— Eles devem ter concluído que estou morto — disse ele, contente.

Yaya tinha dado a ele algumas *vrakes* de *pappous* e uma antiga capa de marinheiro. O rosto de Jack estava coberto por uma barba fina e preta, mas com alguns fios prateados, o que lhe conferia a aparência de um pescador.

— Enquanto ninguém insistir para que eu abra a boca, é o que farei. Vejo você mais tarde, Anjo, vou voltar.

Eu morria de saudade dele.

Mas a guerra continuava. Aqueles que tiveram esperança de durar apenas três semanas ou meses para os hunos voltarem para casa já não estavam mais tão convencidos. Nós procurávamos dimensionar a guerra como se fosse apenas um sonho ruim.

Quando uma noite um pequeno grupo chegou a Panagia — cinco ou seis homens deitados em macas, com ferimentos tenebrosos, gemendo e chamando por suas mães ou esposas, trazidos não se sabe de onde pelos *andartes*, a realidade chegou à nossa aldeia.

O silêncio mortal baixou sobre todos que saíram de suas casas para dar uma olhada naquelas sombras de seres humanos.

As mulheres levavam as mãos à boca com espanto e mordiscavam o lábio inferior. Acho que todos se sentiram inúteis e envergonhados pelo sentimento de alívio por não se tratar de um parente, marido ou filho ali deitado.

Horas se passaram até que todos fossem levados morro acima até o hospital.

— Seria mais rápido se os abrigássemos nas casas dos vilarejos — comentou alguém.

— Se fizermos isso, eles estarão mortos até o final do dia — contestou Christo.

Sabíamos que ele tinha razão. O inimigo enviava patrulhas de surpresa e sem aviso prévio à procura de alimento. Não, a capela e as cavernas próximas eram os únicos lugares confiáveis para se esconder soldados, pois a dificuldade de se chegar até lá era uma garantia de segurança.

A notícia de que havia um hospital improvisado se espalhou como fogo em capim seco pelos *andartes* daquela parte da ilha, mas ninguém sabia onde estava localizado. Não sei como, mas Christo conseguiu uma caixa grande com suprimentos médicos, e ele e Yorgo a carregaram até o hospital escondida no meio de um feixe de feno sobre um dos burros de Yorgo.

Eu ia até o hospital quase todos os dias. Achei que minhas filhas já tinham visto doença e morte suficientes para uma vida inteira, mas Voula não se mostrava muito preocupada, e Despina estava sempre ansiosa por ajudar. E sua presença era de grande valia. Ela cuidava dos ferimentos com muita eficiência e não parecia se importar com um machucado ensanguentado.

Como se não bastasse, ela e Jack traziam água fresca a toda hora, vinda do rio que corria ao lado da capela.

Aphrodite, *yaya* e até Irini tinham se oferecido para ajudar, mas preferíamos mantê-las afastadas. Mesmo porque elas tinham mais trabalho do que podiam suportar na aldeia. Como a maioria dos homens estava na guerra com os *andartes*, as mulheres acumularam tarefas, e quando necessário ainda se ajudavam mutuamente.

Um grito sacudiu a capela toda e acho que Divina estava quase dando à luz.

Empurrei Christo para o lado e assumi o lugar dele.

— Não há espaço para um homem aqui — eu disse, abaixando-me para beijar a testa da minha amiga.

Relutante, ele obedeceu e foi se sentar do lado de fora do quarto. Ficamos só Despina e eu. Apesar de estar pálida de cansaço, sei que ela não vai sair e deixar de presenciar o milagre que está por ocorrer diante de seus olhos.

Divina sorri para mim com o rosto ensopado de suor, o cabelo grudado na cabeça e algumas mechas espalhadas sobre o travesseiro. Impaciente, ela chuta para longe o lençol que eu tinha jogado para cobrir-lhe o corpo nu.

— Aahhh! — ela grita, com o rosto sardento todo contraído de tanta força.

Divina está exausta, mas mesmo passando por todas as contrações e transtornos de um parto, continua linda como sempre.

— Empurre com mais força! Força! — eu a incentivo. — Está quase...

— Olhe, *mama*, olhe! Os olhos de Despina se arregalam de espanto quando ela vê a coroa da cabeça de uma criança que chega ao mundo. Por enquanto é possível apenas ver o cabelo escuro empapado. Mais alguns segundos e, com um grito final, o bebê termina de sair, ensopado, direto para minhas mãos e as de Despina.

— Você tinha razão, é um menino. — Fui interrompida pelo choro forte daquele

novo e pequeno ser humano.

Os olhinhos embaçados se abriram por baixo de longos cílios pretos, e ele piscou para todas nós. A cor azulada de seu corpinho minúsculo logo ficou cor-de-rosa depois de respirar.

Divina não conseguiu esperar muito mais para pegá-lo e colocá-lo, mesmo molhado, escorregadio e cheio de manchas de sangue, para mamar, rindo e chorando ao mesmo tempo.

Christo voltou correndo para o quarto e fitou o filho e a mulher. Estávamos todos chorando de alegria e da emoção do momento.

— Ele vai se chamar Constantinos em sua homenagem, minha querida amiga Anjo — Divina me falou.

E assim temos agora um Constantinos entre nós, um bebê lindo, saudável, cercado do amor e carinho que meu filho nunca conheceu.

Mas eu gostaria muito de saber, apesar da grande alegria que tomou conta do nosso pequeno hospital, o que seria de Divina daqui para frente? E Christo, o pai por acidente? E, acima de tudo, qual seria o futuro de Constantinos?

Divina

Faz quase uma semana que não vemos Christo na caverna.

A mensageira, Agni, encolhe os ombros quando perguntamos por ele. A maneira como ela enrugou a testa me preocupa, mas também, o que há de bom fora daqui? E então, à noite, ele chega sob a luz do lampião, que não resplandece tanto quanto meus olhos, tamanha a minha alegria.

Ele está mancando e percebo como está esgotado e magro.

Quando pergunto a razão de tanto cansaço, ele me dispensa com um gesto de mão.

Ele se deixa cair no chão, e quando nosso bebê sorri, ele o abraça e o pega no colo.

Acho que Constantinos conhece o perfume de Christo como eu. É um cheiro de montanha mesclado com tomilho, alho- selvagem, alecrim e cipreste, tudo misturado com o suor do trabalho.

Sempre que estamos juntos, eu o encorajo a contar alguns dos horrores por que passou. Ouvir tudo aquilo é devastador, mas acredito que compartilhar comigo alivia a pressão que deve lhe comprimir o peito.

Esta semana, outro vilarejo foi queimado, e todos os homens com mais de quinze anos de idade foram alinhados e fuzilados. Christo me disse que ouviu dizer que há mais vilarejos como esse na Grécia. Às mulheres restam apenas as cinzas de suas casas, sem comida para os filhos ou água para beber. Elas precisam se arrastar para longe e procurar refúgio em algum outro lugar.

— Hoje encontrei um bebê do tamanho do nosso Constantinos, deitado no chão e com a respiração bem fraca. A mãe devia estar morta, é difícil dizer, pois não vi ninguém por perto. — Ele fez uma pausa, com a respiração entrecortada e os lábios colados na cabeça de Constantinos. — Ele morreu nos meus braços. Enterrei-o da melhor maneira que pude.

Eu o enlacei e puxei para bem perto de mim.

— Espero nunca mais ter de enterrar outra criança.

Mais tarde, depois que Constantinos adormeceu alimentado entre nós dois, Christo também pegou no sono. De madrugada ele acordou e, depois de dar um beijo na cabeça do filho e outro em mim, foi embora.

Agora aqui estamos, vivenciando nossas últimas horas juntos numa caverna no alto de uma montanha. É tudo muito simples, mas este recanto se tornou o nosso lar.

Fomos presenteados por um dia de outono que misturava tons de vermelho e amarelo como se o céu fosse a paleta de um pintor. Ontem à noite, um vento frio varreu a região. O silêncio perfumado e profundo parecia descer das alturas sobre nós.

Constantinos faz doze semanas hoje e é um bebê rechonchudo e saudável. Seus olhos são azuis como os de Christo, e os cabelos pretos e cacheados possuem um tom de castanho nas pontas. Dentre tantas coisas para puxar de mim, ele escolheu justamente os cabelos. Quando eu dou banho nele, os fios secam e ficam frisados como os meus. No entanto, o sorriso é do pai, um gesto que ilumina o ambiente onde estiver.

Ele quase não chora, mas quando decide chorar, é um som que parte o meu coração.

É muito perigoso levá-lo para o vilarejo, depois de viver no meio dessas montanhas, assim decidimos nos mudar para o meio do caminho entre a caverna e o hospital. Constantinos está sempre no meu colo ou nas minhas costas. Anthi me deu seu xale grande que ganhou de *yaya* e que já foi usado para carregar o pai dela, depois Despina e Voula. Foi com uma criança amarrada às costas com aquele xale que conheci Anthi.

No entanto, meu Constantinos passava a maior parte do tempo nos meus braços. Eu não tinha coragem de largá-lo. Claro que havia vezes em que não era possível, quando eu precisava ajudar alguém que nos procurava.

A maioria eram *andartes*, meninos da aldeia e homens que deixavam as mulheres para cuidar das ovelhas e trabalhar com muito afinco e pouco descanso.

Todos paravam quando viam meu bebê chegar, pegavam no seu queixo pequenino ou davam o dedão para que ele chupasse.

Aquele era um dos raros momentos em que, apesar da dor, as pessoas sorriam.

— Acho que estar com Constantinos é o melhor remédio — Anthi comentou certo dia. — Ele representa o futuro. É para o bem de todos os bebês do país que seus pais estão nessa guerra.

Esses pacientes ficavam conosco um dia, o período mais longo que alguém já tinha permanecido internado fora uma semana; e, apesar de Anthi e eu nunca termos tocado no assunto, sabíamos que talvez muitos deles jamais voltariam de novo para casa, deixando suas esposas e mães cuidando dos rebanhos por muito tempo ainda.

Voula acompanhava a mãe diariamente e contentava-se em ficar sentada sorrindo. Acredito que ela estivesse tão encantada com Constantinos quanto eu. Ele adorava brincar com os dedos dela. Voula tentava ensiná-lo a chupar o dedinho, mas ele se recusava, tirava a mão da boca e produzia uma ou duas bolhas de saliva, para nossa alegria.

Constantinos não demonstrava ter necessidade de outro conforto além do meu peito quando estava com fome e de vez em quando que lhe trocassem as fraldas molhadas.

Pensei que conhecesse o amor. Amei Hugh e, oh, meu Christo, como eu o adorava! Mas nada na vida tinha me preparado para essa magia que vivencio

atualmente; meu bebê, meu filho, meu Constantinos.

Algumas vezes me esquecia até de respirar, de tão inebriada pela intensidade do meu amor por aquela coisinha miúda, mas uma breve tontura me trazia de volta à Terra. Eu respirava fundo, deixando-me invadir pela doçura suave do meu bebê. Ele fazia parte de mim.

Eu sabia que aquele dia seria o mais difícil e doloroso da minha vida: eu teria de dizer adeus a Constantinos. Christo viria assim que o sol raiasse e depois eu sabia que nunca mais veria meu menino.

Como fui ter essa ideia se nem sabia ao certo se suportaria a dor? Mas a única coisa que eu podia dar a meu filho era a vida, por isso eu teria de suportar a dor.

Lembro-me das moças que vinham para Greenbridge ter seus nenês e depois os doavam para o orfanato ou para adoção.

Nossa chefe dizia que era mais fácil se as jovens mães não vissem o bebê nunca, se ambos já se separassem na sala de parto.

Lembro-me bem da dor dessas garotas, que choravam copiosamente noite após noite, implorando para segurar os filhos ao menos uma vez.

Será que se eu nunca tivesse visto Constantinos, nunca o tivesse pegado no colo, nunca o tivesse amamentado, seria mais fácil me separar dele? Além de Christo, as únicas pessoas que sabiam da existência de Constantinos eram Anthi e as meninas e os soldados itinerantes. Nós o tínhamos carregado para a caverna na montanha. Despina e até mesmo Voula sabiam que ele era um bebê secreto. Despina entendia bem de segredos, do alto de seus doze anos. Depois de muito tempo, Anthi me contou dos horrores pelos quais aquela criança havia passado.

Quanto a Voula, a guerra e as coisas terríveis que já tinha presenciado fizeram-na amadurecer bem mais do que seus sete anos de idade. Um dia ela me disse: — Sonhei com Panagia, e ela me pediu para nunca falar sobre Constantinos com ninguém, nem mesmo se atrasassem em mim. E não falarei nada, Divina, nunca. Christo e eu tínhamos conversado por noites a fio e havíamos decidido que seria esse o futuro do nosso filho.

Anthi chorou bastante quando contei a ela a minha decisão, mas acredito que eram lágrimas de alívio e não de tristeza apenas. Tinha sido ela a me alertar da impossibilidade de qualquer alternativa que considerássemos.

Se ele morasse aqui comigo e sobrevivêssemos à guerra, deveríamos partir assim que terminasse. Aquela era a casa de Hugh, e ele bem sabia que não tinha nenhum filho.

Se eu decidisse fugir com ele agora, como viveríamos e para onde eu iria? Imagine se há chances para uma mulher inglesa na costa selvagem de Creta? O inimigo estava por toda parte.

Seríamos capturados e mortos em pouco tempo.

E se eu o levasse para a Inglaterra? Eu já tinha me feito essa pergunta centenas de vezes. Não, lá também não haveria espaço para ele. A única pessoa que eu

tinha para recorrer era minha mãe, que não deixaria passar por sua porta o filho bastardo de, como Anthi dizia, um trabalhador braçal sem emprego fixo. Além do mais, ele era cretense, como o pai, e não teria acesso a tudo o que eu atualmente acho importante. Eu queria que ele crescesse nessa ilha maravilhosa e fizesse parte de sua história, sua herança.

Se eu pudesse, daria o sol para iluminar os dias de meu filho, ou o presentearia com as águas mornas do mar Egeu para nadar. Gostaria que Constantinos corresse pelas alamedas de oliveiras, subisse em ciprestes, descansasse à sombra dos pinheiros e amasse este lugar tanto quanto Christo e eu.

Se eu o mantivesse comigo, ele não teria nenhuma dessas experiências.

Seria levado para um vilarejo à beira da praia, para além de Sitia. A distância não era grande, mas havia duas cadeias de montanhas no meio, muito difíceis de transpor.

A mãe adotiva, Sophia, será a esposa feliz de um pescador, e ele será seu único filho. O irmão dela, tio Christo, iria visitá-lo todos os dias e tomaria conta dele para o resto de sua vida.

Também seria seu padrinho de batismo e nunca o abandonaria.

A irmã de Christo desejava muito uma criança, porém ela já sofrera vários abortos e não conseguiria mais conceber. Para os vizinhos, a história seria que Constantinos era um órfão de guerra. Havia outros, apesar de muitos terem morrido por não terem sido adotados em lares como o da irmã de Christo.

No dia em que Constantinos nasceu, Anthi foi até o riacho.

Todas as mulheres do vilarejo reuniam-se ali.

— Estavam lá mais para se confortar do que para lavar roupa — disse ela.

Na madrugada do dia anterior tinha acontecido outro ataque, outra lição para ser apreendida pelos aldeões. Dessa vez os bárbaros pertenciam ao Exército alemão. Christo tinha dito que ouvira dizer que eles achavam que os italianos, que ocupavam a maior parte de Creta, eram muito condescendentes conosco! Condescendentes? Será que a morte de *pappous* tinha sido um jogo? Então aquilo tinha sido para instigar os italianos contra nós.

Os alemães tinham marchado pela cidade até a praça principal, onde tomaram três homens como prisioneiros, amarrando-os pelos pés e pelas mãos. Pararam no mesmo lugar onde *pappous* tinha morrido e atiraram nas novas vítimas.

Um deles era Andreas.

— Ele morreu por nada — disse Aphrodite, chorando. — Qual a lição que devemos tirar disso? — Apenas que nenhum de nós está a salvo — comentou Anthi, com o rosto banhado em lágrimas.

A esposa de Andreas, Marina, estava derrotada, já sem lágrimas para chorar.

— Ele já estava para morrer com as coisas que estão acontecendo na ilha — disse ela. — Para ser honesta, acho que ele ficou feliz com esse destino.

Apesar de todos terem expressado as condolências a mim quando Anthi disse que

meu filho não tinha sobrevivido, estavam todos muito envolvidos com a própria dor e portanto não dispensariam mais do que um pensamento para mim.

— Eles farão apenas uma prece para Panagia e uma promessa de acender uma vela para você, nada mais do que isso.

É assim que os cretenses procedem — explicou Anthi. — Você bem sabe que eles não têm mais tempo para mais doenças e problemas. As superstições estão tão enraizadas que eles de fato acham que terão má sorte caso se aproximem demais dos mortos.

Fique tranquila, seu Constantinos estará a salvo.

Então, algumas semanas depois de seu nascimento, voltei para minha casa, sozinha, deixando Constantinos com Anthi e as meninas. Andei pelo vilarejo, me mostrei e ofereci meu pesar.

Papa Yannis veio fazer uma visita e se mostrou muito agradável. Ele era só pele e osso. Anthi me contou que a fonte dos suprimentos de alimentos de luxo, que sempre davam um jeito de entrar pela porta dos fundos da igreja, tinha se esgotado.

— Os subornos e chantagens não funcionam mais — disse Anthi.

— Há muito pouco para ser dividido por muitos, por isso as pessoas nem se lembram mais dele.

Com muita má vontade, servi o copo de água que ele me pediu, enquanto se abanava com um lenço de limpeza duvidosa.

Fiquei em pé e não o convidei para se sentar. Então ele se virou e, mesmo ofegante e suado, foi embora.

Eu ia ao hospital quase todos os dias, mas não havia muitos casos que necessitassem do meu cuidado. A maioria dos leitos era usada pelos *andartes* para descansar. Alguns deles estavam longe de casa e não tinham onde dormir.

— Eles estão acostumados a se cobrir com um lençol e deitar-se sob a sombra de uma árvore — disse Christo certa vez.

— Não será preciso enquanto tivermos camas vazias por aqui — respondemos.

Mas era na caverna de Christo que eu passava a maior parte do meu tempo. Constantinos dormia bem e em paz em uma caixa de madeira de tomates, forrada com um xale antigo de Despina e Voula. Eu me sentava ao lado dele durante horas, encantada com a perfeição gloriosa de seu corpinho.

Quando eu estava sozinha, as meninas tomavam conta dele para mim.

Ele nunca ficava sozinho. Eu o amamentava a cada quatro horas, meus seios estavam pesados de tanto leite. Christo adorava se sentar e nos olhar sempre que podia.

Agora, enquanto espero Christo chegar, meus seios doem, mas estão macios.

Preciso esquecer e esperar que o leite seque naturalmente, meus seios não são mais tão vitais.

A irmã de Christo achou uma ama de leite em seu vilarejo, uma mulher que tem

leite suficiente para duas crianças.

Sophia é um nome bonito para a mãe de Constantinos, e eu me policio para não ter ressentimentos e para pensar em coisas boas e reconfortantes para Constantinos e Christo.

Ah, Christo, meu amor, há uma coisa que ainda não sei e que pedi para que você não me contasse... Será que você vai voltar para mim depois de ter colocado Constantinos nos braços de sua nova mãe? Tenho certeza de que, como ele é padrinho também, conforme prometeu, estará sempre ao lado do menino.

Além do mais, sei que tenho de voltar a ser a esposa de Hugh. Tenho de considerá-lo meu futuro. Tento me recordar da manhã em que ele partiu e me chamou de Divina. Espero que, com minha ajuda, ele mude o jeito de me chamar. Sempre me lembrarei do quanto o amei, e isso terá de ser suficiente para o resto dos meus dias. Contudo, no momento, mal posso considerar uma vida sem os dois, meu filho e meu amor. A perda do meu filho já foi suficiente, mas eu disse a Christo que não era eu que tinha de escolher, e ele sabe que parte de mim quer que ele permaneça a salvo na caverna, para o bem de Constantinos. Christo sabe que há muito trabalho para ser feito se o povo da nossa ilha quiser sobreviver, e o mesmo acontece na vila de onde ele veio, como em Panagia.

A noite foi longa, e a cada momento tento capturar uma memória para levar comigo para sempre: o nascimento de Constantinos, o sorriso, a minúscula bolha nos lábios de tanto sugar, o doce cheiro de amêndoa dos cabelos e aquela sensação maravilhosa, extraordinária de amamentá-lo. O único som que ouço é dos cascos de uma mula sobre os cascalhos da trilha.

De longe vejo Christo chegando sob o luar.

Nós nos beijamos durante minutos preciosos e eu o abraço com força.

Depois dou a ele o meu bebê, Constantinos, já embrulhado num xale e dormindo em paz.

Minutos depois eles já tinham partido.

Fico parada na entrada da caverna, com a brisa da madrugada balançando meu vestido, observando-os se afastar.

Christo está na sela com uma mão protetora sobre Constantino, acomodado à sua frente.

Tenho de ser forte. Tenho de ser corajosa. Não deve haver lágrimas.

Continuo ali até vê-los como um ponto no horizonte e me viro, sozinha, sentindo cada passo como se fosse uma punhalada no coração.

Eu tinha de dizer adeus.

Epílogo

Ruratoga, próximo a Auckland, Nova Zelândia

JANEIRO DE 1972

Anthi

Sempre que posso, mantenho contato com Panagia Sta.

Perivolia. Aphrodite escreveu dizendo que ela e Yorgo pretendem vir me visitar logo. Mas ela diz isso há anos e sempre acontece alguma coisa com uma das crianças que os impede de vir. Sei que ambos têm vidas atribuladas. Um deles se tornou cirurgião cardiologista em Atenas.

Sou feliz vivendo aqui. Moramos na casa da fazenda de ovelhas da família de Jack. O pai dele morreu há alguns anos, e os irmãos quiseram morar longe, então meu Jack cuida de tudo.

Eu trabalho com ele, há muito que se fazer por aqui.

Contratamos mais de vinte vaqueiros e camponeses, e ele acha que preciso descansar mais. Mas Jack me diz isso desde o primeiro dia em que nos encontramos, então já deve saber de cor que vou encolher os ombros e dizer: — É a vida...

Acho impossível ficar sentada sem fazer nada. Leio bastante, mas nunca durante o dia, pois eu me sentiria culpada demais.

Temos três crianças. Despina e Voula, claro, mas temos também um menino. Jack sugeriu que eu o chamasse de Constantinos Costas, mas eu não podia fazer isso. Os tristes acontecimentos passados já viraram história.

Além do mais, já existe outro Constantinos, não é? O nome do meu filho é Stephanos, como *pappous*, claro, mas todos o chamam de Stefan, que também é bonito. Ele começou a fazer faculdade de agricultura na Tasmânia, mas se cansou depois de três meses e voltou para casa.

— Vou trabalhar com papai — ele anunciou. — Vou aprender muito mais desse jeito.

Minhas meninas estão ótimas, correspondem a tudo o que sonhei.

Despina é professora na Universidade de Medicina de Harvard nos Estados Unidos. Desde os dias em nosso hospital improvisado ela desejava ser médica, todos aqueles procedimentos eram muito naturais para ela. Desde então, Despina se manteve firme no propósito de ser uma profissional da saúde; ela é uma garota muito inteligente. Ela nos visita uma vez por ano e é uma moça muito

séria. Não se casou ainda, o que não me surpreende.

Voula é professora em Auckland. Ela ama o que faz, mas deu um jeito de ter quatro filhas, todas meninas. Casou-se com um pediatra, cretense, Yannis, que veio de Heraklion para estudar e, quando a conheceu, nunca mais voltou para casa. A família toda vem nos visitar no Natal e na Páscoa. Eu adoro as meninas, e Jack as mima demais. Ele é incapaz de contrariá-las, por isso não é surpresa que elas o amem, ainda mais porque ganharam um par de cavalos do “avô”, que mantemos no estábulo da nossa fazenda. Eles convivem bem e felizes com os cavalos da fazenda, e com meu alazão particular, Astrape. Não resisti a nomeá-lo assim.

Voula e a família visitam Creta de dois em dois anos, mas na maioria das vezes vão para o Norte. De vez em quando penso que ela poderia ir até Panagia, só para uma visita, mas por que ela voltaria? Panagia era apenas o reduto de memórias, a maioria triste.

E como foi que tudo começou?

Jack tinha conseguido sobreviver como um peixeiro até a guerra terminar.

Depois de um tempo passou a vir a Panagia sempre que podia e começamos a nos conhecer melhor. Pensei que jamais olharia para outro homem na vida, mas comecei aos poucos a descobrir como as visitas dele me enchiam de alegria. Aquele não era mais apenas um sentimento de amizade. Eu sentia saudade quando ele estava fora e contava os dias até seu retorno. As meninas deixavam claro seu amor por ele também. Assim, quando *yaya* morreu, logo após o fim da guerra, não havia mais nada que me prendesse àquela cidade. Bem, claro, havia minha mãe e Ririca. Mas eu não me preocupava muito porque elas não ligavam para mim, na verdade, nunca se importaram e moravam em Chania. Acredito que elas tenham uma vida miserável, mas não faço ideia se estão vivas ou mortas.

Papa Yannis morreu, era um homem solitário, antes de a guerra terminar.

A irmã o encontrou morto na cama, certa manhã. Que alívio! A princípio foi difícil sair do vilarejo, mas eu tinha prometido que daria uma vida melhor às minhas filhas. Então parti, para o bem delas.

Depois da guerra, Panagia sobreviveu, assim como todos os aldeões.

Os alemães se renderam aos ingleses, eles não toleravam os gregos. Quando o restante da Europa caiu, a Inglaterra e a Grécia foram deixadas sozinhas diante do inimigo. Jack me trouxe um livro da história neozelandesa sobre a guerra em Creta, de que gostei muito. Disseram a ele para nem consultar livros ingleses porque nosso povo nem sequer é mencionado.

Parece impossível acreditar que morreram seis mil homens dos dois lados, assim como o *pappous*, Andreas e Bingo. E deve ter havido muitos outros. Nós que estivemos lá jamais os esqueceremos.

Hoje sei que o espírito de esperança e paz, que *pappous* sempre me disse que

estava no futuro, morreu junto com a guerra. Mal tínhamos expulsado o último alemão das nossas terras quando a Grécia se dissolveu em uma guerra civil, e mais uma vez irmãos lutaram contra irmãos e pais contra filhos.

Revivemos toda aquela dor, nada tinha mudado.

E então havia Divina. Ah, minha querida e amada Divina.

Ela vinha para nosso pequeno hospital todos os dias e voltava à noite para a caverna de Cristo. Fui até lá certa vez e a encontrei sentada, olhando para as estrelas com lágrimas escorrendo pelo rosto, agarrada a uma das almofadas de Cristo, envolta num dos xales de Constantinos. Eu me abaixei e a abracei com força. Acho que era o que faltava para ela irromper em um pranto sofrido; tive a impressão de que seu coração se desmancharia de tanta dor.

Acho que naquela noite minhas meninas tinham ficado com *yaya*. Sei que fiz companhia a Divina até o amanhecer, segurando-a e acariciando suas costas.

Christo não voltou a Panagia. Eu sabia que isso aconteceria, porque ele tinha me contado que não suportaria ficar com Divina, sabendo que ela voltaria para o marido assim que a guerra terminasse. No entanto, prometeu a ela que estaria sempre presente para o filho. E sempre esteve mesmo.

Não sei dizer se algum dia ela se recuperou da perda de um amor tão imenso em sua vida. De alguma maneira, ela ia vivendo um dia após o outro. Havia sempre pessoas precisando de nossos cuidados. Kosto ficou encarregado de conduzir os *andartes* até as montanhas e tirá-los de lá. O professor reabriu a escola e voltamos a trabalhar. Divina ficou muito envelhecida depois do final da guerra, a dor e o pesar estavam bem marcados nas finas linhas de seu rosto.

Hugh voltou como uma espécie de herói. Em um momento de maior intimidade e riso, Divina me contou que ele lutou na Alexandria e no Egito.

Claro que eles voltaram juntos para Atenas, moraram lá por alguns anos e depois partiram para a Tailândia. Recebi muitas cartas e cartões-postais, que guardo com muito carinho.

O cartão que mais me surpreendeu, e acredito que tenha sido o que mais gostei, veio de Panagia. Ela e Hugh tiveram um filho, William. Por isso ela ficou mais tempo no vilarejo enquanto o menino crescia. É óbvio que mais tarde ele irá para a Inglaterra frequentar a antiga escola de Hugh.

Divina teve uma menina também, Angel.

— Ela deu esse nome em sua homenagem — disse Jack, mas eu disse a ele que parasse de ser tolo.

Divina continuou a me mandar fotografias, novidades e as fofocas do vilarejo. Todo mundo lá já tinha se esquecido de sua primeira gravidez. Acho até que nem se lembravam mais que ela era inglesa! Ela podia ser feliz em Panagia por quanto tempo quisesse.

Há duas semanas recebi uma carta de Aphrodite.

— Não sei se você ficou sabendo — escreveu ela —, mas nossa querida Divina

faleceu no dia vinte e um de setembro. Acho que ela estava doente fazia um ano. Hugh, William e Angel estavam com ela e enterraram-na pela manhã perto da Igreja de S. Cosme e S. Damião, no topo da montanha. Você se lembra que era onde ficava seu hospital durante a guerra? Foi um dia muito triste, pois tivemos de ir a Sitia para o funeral do sobrinho de Yorgo, Christo. Ele morreu de ataque cardíaco. Sei que você o conhecia bem quando morava aqui. Ele nunca se casou. Chorei a morte dos meus dois amigos por dias, foi como se eu tivesse perdido metade da minha alma. Eu sempre a amei demais. E a vida de Christo ficou muito vazia sem Divina.

Tento ser positiva e olhar para a frente, pois sei que em algum lugar estão Constantinos, William e Angel.

Assim é a vida.

Fim